

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

**TELENOVELA E A IDENTIDADE FEMININA DE
JOVENS DE CLASSE POPULAR**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Lírian Sifuentes

**Santa Maria, RS, Brasil
2010**

TELENOVELA E A IDENTIDADE FEMININA DE JOVENS DE CLASSE POPULAR

por

Lírian Sifuentes

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Área de Concentração em Comunicação Midiática, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Comunicação**.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Veneza Mayora Ronsini

**Santa Maria, RS, Brasil
2010**

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Programa de Pós-Graduação em Comunicação**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado

Elaborada por
Lírian Sifuentes

Como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Comunicação

Comissão Examinadora

Veneza Mayora Ronsini, Dr^a (UFSM)
(Presidente/Orientadora)

Ana Carolina Damboriarena Escosteguy, Dr^a (PUCRS)

Silvia Helena Simões Borelli, Dr^a (PUCSP)

Santa Maria, 2 de março de 2010.

AGRADECIMENTOS

Agradeço

à professora Veneza, que não poderia ter sido melhor orientadora. Exigente e amiga, esteve sempre a meu lado, indicando-me os caminhos, dando-me segurança e dedicando seu tempo para fazer crescer esta dissertação e esta jovem pesquisadora. Após os aprendizados no grupo de pesquisa, monografia e mestrado, sigo daqui com os generosos ensinamentos compartilhados;

às professoras Ana Carolina Escosteguy e Heloisa Buarque de Almeida, pela participação no exame de qualificação. Ofereceram indicações preciosas, que verdadeiramente contribuíram na construção do trabalho. À professora Sílvia Borelli, por aceitar tão simpaticamente o convite para avaliar este trabalho e vir até a interiorana Santa Maria participar da defesa;

às jovens entrevistadas, pelas histórias de vida divididas, pela confiança em me receberem em suas casas para assistir à novela e pela paciência para conversar tantas horas, tornando possível este trabalho.

aos professores do Poscom, pelos ensinamentos, muitos participando de minha formação desde a graduação em Jornalismo;

aos colegas: de mestrado, pelos momentos de alegria e ansiedade compartilhados, com união e companheirismo; e de grupo de pesquisa, especialmente Laura e Renata, pelas frutíferas discussões e incentivo emocional;

à Capes, pela bolsa de mestrado, que permitiu dedicar-me integralmente ao trabalho de dissertação;

a minha família, pela paciência, pelo afeto e pela confiança. A meus pais, Tânia e Olírio, zelosos e desafiadores, possibilitaram-me chegar até aqui, oferecendo o suporte necessário. A minhas irmãs, Joice e Maúcha, amigas em tantas horas e, agora, colegas mestres.

ao Charles, pelo amor, e pela preciosa revisão, participando ativamente dos momentos mais angustiantes de conclusão do trabalho, prestando valiosas contribuições e fazendo-me querer oferecer o melhor. Enfrentou como poucos esse período de dedicação ao estudo, oferecendo carinho e incentivo. Mais quatro anos o aguardam.

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Comunicação
Universidade Federal de Santa Maria

TELENOVELA E A IDENTIDADE FEMININA DE JOVENS DE CLASSE POPULAR

AUTORA: LÍRIAN SIFUENTES
ORIENTADORA: VENEZA MAYORA RONSINI

Santa Maria, 02 de março de 2010.

O objetivo deste trabalho foi compreender como os embates e complementaridades entre a audiência da telenovela e os demais elementos do cotidiano – família, escola e classe social – conformam a identidade feminina de jovens mulheres de classe popular. Os Estudos Culturais são adotados como modelo teórico-metodológico, especialmente no que se refere à teoria das mediações culturais (Jesús Martín-Barbero) e ao modelo *Encoding and Decoding* (Stuart Hall). A amostra desta pesquisa foi composta por 12 jovens com idade entre 16 e 24 anos, moradoras do bairro Urlândia, periferia de Santa Maria-RS. O estudo configurou-se como uma etnografia da audiência e as técnicas de coleta de dados são constituídas por observação do espaço doméstico, com registro em diário de campo, aplicação de formulário sociocultural, realização de entrevistas semi-dirigidas e assistência da telenovela na casa das informantes. Os resultados da pesquisa apontam a imposição da classe social sobre as identidades femininas dessas jovens. A carência econômica define as vivências e os modos de ser mulher, seja pela gravidez na adolescência, pelo trabalho, pelo abandono da escola ou pela televisão como principal forma de lazer. O papel da telenovela também é essencial, pois, além de (re)produzir um padrão de gênero – em que a maternidade e o casamento são as prioridades femininas – faz chegar, ao menos de forma esparsa, uma ideologia da igualdade de gêneros, que, mesmo sendo problemática, é maior do que na realidade que as cerca. Apesar desse discurso pouco se concretizar em prática, é fundamental, pois também constitui a identidade feminina.

Palavras-chave: Identidade feminina, Classe Popular, Recepção, Telenovela.

ABSTRACT

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Comunicação
Universidade Federal de Santa Maria

TELENOVELA AND THE FEMININE IDENTITY OF YONG WOMEN FROM WORKING CLASS

AUTHOR: LÍRIAN SIFUENTES
ADVISER: VENEZA MAYORA RONSINI

Santa Maria, March 02th, 2010.

The aim of this paper was to comprehend how the conflicts and complementarities between the audience of *telenovela* and other elements of daily life - family, school and social class - form the feminine identity of young women from working class. Cultural Studies are used as theoretical and methodological model, especially as regards the theory of cultural mediation (Jesús Martín-Barbero) and the *Encoding and Decoding* model (Stuart Hall). The sample was composed of 12 young female aged between 16 and 24 years, residents of the neighborhood Urlândia, outskirts of Santa Maria-RS. The study was a ethnography of the audience and the data collection techniques used are participant observation, with register in a field diary, application of socio-cultural forms, a semi-directed interview and by watching *telenovela* in interviewers' home. The results of this research point to the imposition of social class in the identities of these young women. Material shortage defines the daily life experiences and ways of being a woman, by teenage pregnancy, by the work, by dropping out of school or by television as the main form of recreation. The role of *telenovela* is also essential, once that, in addition of (re)producing a pattern of gender - that motherhood and marriage are the women's priorities - there is, at least in a scattered way, an ideology of gender equality, which, even problematic, is greater than the reality that surrounds them. Despite this speech hardly result in a practice, it's crucial because it also contributes to the feminine identity construction.

Key words: Feminine Identity, Working Class, Reception, *Telenovela*.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Mapa das Mediações Comunicativas da Cultura	26
FIGURA 2 – Evolutivo da audiência da telenovela das 21h na década de 2000	69
FIGURA 3 – Frente da casa de Bruna e Camila	115
FIGURA 4 – Casa de Emanuele	119
FIGURA 5 – Máquina de lavar roupas de Emanuele	119
FIGURA 6 – Beco onde ficam as casas de Letícia, Natiele e Natália	120
FIGURA 7 – Cama de Letícia	120
FIGURA 8 – Cama de Natiele	121
FIGURA 9 – Casa de Lucielen e Raquel	123
FIGURA 10 – Quarto de Lucielen e Raquel	124
FIGURA 11 – Quarto/ sala de Natália	125
FIGURA 12 – Cozinha de Paola	126
FIGURA 13 – Frente da casa de Rafaela	127
FIGURA 14 – Cama de Rafaela	128
FIGURAS 15 e 16 – Televisão, aparelhos de som e de DVD de Bruna e Camila	178
FIGURA 17 – Televisão e videocassete de Carol	178
FIGURA 18 – Televisão, videocassete e computador da casa onde Cauane está morando	179
FIGURA 19 – Televisão e aparelho de som de Emanuele	179
FIGURAS 20 e 21 – Televisão, aparelhos de som e de DVD de Letícia	179
FIGURA 22 – Televisão e aparelho de DVD de Lucielen e Raquel	180
FIGURA 23 – Televisão e aparelho de som de Paola	180
FIGURAS 24 e 25 – Televisão e aparelho de som de Rafaela	180

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – As 10 maiores audiências da telenovela brasileira.....	69
TABELA 2 – A carreira de Glória Perez.....	75
TABELA 3 – Ocupações das mulheres em <i>Caminho das Índias</i>	89
TABELA 4 – Ocupações dos homens em <i>Caminho das Índias</i>	90
TABELA 5 – Ocupações e classes sociais em <i>Caminho das Índias</i>	98-99
TABELA 6 – Dados pessoais.....	112
TABELA 7 – Consumo de TV e outras mídias	113
TABELA 8 – Crítica acerca da pobreza.....	172
TABELA 9 – Crítica acerca das relações de gênero.....	173

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. O ESTUDO DA RECEPÇÃO E A CENTRALIDADE DAS MEDIAÇÕES ..	16
1.1. MEDIAÇÕES: CULTURA E COMUNICAÇÃO	20
1.2. REGISTROS METODOLÓGICOS	30
2. GÊNERO, CLASSE SOCIAL E OS ESTUDOS CULTURAIS	40
2.1. SER MULHER: UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL	40
2.1.1. Identidade(s) feminina(s)	46
2.1.2. O feminismo e a pesquisa de audiência	50
2.2. APONTAMENTOS SOBRE O ESTUDO DA CLASSE SOCIAL NA PESQUISA DE RECEPÇÃO	57
2.2.1. Feminismo X Marxismo?	61
3. TELENOVELA: A ESTRELA DA TV BRASILEIRA	64
3.1. TELENOVELA COMO OBJETO DE ESTUDO	64
3.2. INSTITUCIONALIDADE: ASPECTOS DA PRODUÇÃO DA TELENOVELA	67
3.2.1. Sobre Glória Perez	71
3.2.2. Rede Globo apresenta: <i>Caminho das Índias</i>	76
3.3. TECNICIDADE: OS DISCURSOS DE GÊNERO E CLASSE EM <i>CAMINHO DAS ÍNDIAS</i>	82
3.3.1. As representações das relações de gênero	83
3.3.1.1. Família e amigos	83
3.3.1.2. Trabalho e escola	85
3.3.1.3. Relacionamento homem-mulher/ Sexualidade	91
3.3.2. As representações das relações de classe social	97
3.4. IDENTIDADE FEMININA NA TELENOVELA	105

4. SOCIALIDADE: JOVENS MULHERES E A VIDA EM SOCIEDADE	109
4.1. PERFIS	109
4.2. FAMÍLIA E AMIGOS	128
4.3. TRABALHO E ESCOLA	136
4.3.1. Jovem pobre e jovem rico	146
4.4. RELACIONAMENTO HOMEM-MULHER/ SEXUALIDADE	153
4.5. REPRESENTAÇÕES DAS RELAÇÕES DE GÊNERO E DE CLASSE SOCIAL	163
5. RITUALIDADE: A RECEPÇÃO DA TELENVELA	177
5.1. ESPAÇOS, MODOS DE VER E LER: A TV NO COTIDIANO	177
5.2. LEITURAS DA TELENVELA	185
5.2.1. A recepção das representações femininas	191
CONCLUSÃO	200
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	208
APÊNDICE A – Entrevista aplicada I	218
APÊNDICE B – Entrevista aplicada II	222
APÊNDICE C – Formulário sociocultural	223
APÊNDICE D – Ficha técnica de telenovelas citadas nas entrevistas	229
ANEXOS	230

INTRODUÇÃO

A construção de um trabalho acadêmico requer esforços abrangentes. Dominar a literatura de referência, empreender a pesquisa de campo, relacionar a teoria e os dados empíricos são alguns dos passos para se produzir uma dissertação. Esse foi o esforço empreendido para tornar possível responder aos objetivos propostos. O principal desses objetivos é compreender como os embates e complementaridades entre a audiência da telenovela e as mediações empíricas família, escola e classe social constituem a identidade feminina de jovens mulheres de classe popular.

Para responder a tal questão, traçamos objetivos mais específicos: apresentar um quadro do consumo cultural e das condições socioeconômicas do grupo pesquisado; analisar como a telenovela representa o feminino e as classes sociais; descrever de que forma se caracteriza a socialidade das entrevistadas, especialmente relacionada a família, escola e classe social; avaliar as representações efetuadas pelas jovens acerca das relações de gênero e de classe social.

O interesse em estudar as relações entre as apropriações da mídia e o gênero feminino nasce da comprovada insuficiência de pesquisas que abordem o gênero como categoria teórica e explicativa para a recepção televisiva no âmbito dos Estudos Culturais latino-americanos (ESCOSTEGUY, 1998, 2001, 2002). Além disso, alguns estudos têm mostrado, como aponta Charles (1996), que os meios de comunicação social têm papel importante na construção das identidades femininas, pois difundem representações que servem como parâmetros às espectadoras, seja por sua identificação ou pelas comparações com as realidades contrastantes. Para Charles, os estudos de recepção ainda precisam conhecer mais profundamente como as mulheres se apropriam das propostas femininas apresentadas na mídia.

É também central pensar os aspectos da dominação masculina no Brasil, a qual tem sido encoberta sob a capa das conquistas femininas, apesar da submissão feminina ainda permear as relações homem-mulher. A importância do estudo das questões feministas também tem relação ao que afirma Stolke (2004, p. 78), para a qual “as relações de gênero são fenômenos socioculturais que estruturam a percepção da vida humana em sociedade.”

Uma pergunta que nos fazemos é se é possível estudar apenas a mulher e falar em “gênero”. Pensamos que sim. A questão de gênero dá-se sempre por meio de uma experiência

relacional: na existência do gênero feminino está o masculino, pois, culturalmente, um sexo fundamenta-se no contraste com o outro. Ademais, o feminino é também o não-masculino (BOURDIEU, 2007). Por isso, de alguma forma, o masculino está sempre presente no ser e no viver o feminino. Seria diferente vislumbrar a comparação da recepção entre os dois gêneros e as apropriações específicas de homens e mulheres. No entanto, aqui, o objetivo é captar de que forma a recepção televisiva contribui para a constituição da identidade feminina.

Na relação entre a questão feminina e o estudo da classe social, Mattos (2006, p. 185) acredita que existe um abismo entre o discurso das mulheres de classe popular e suas atitudes, isto é, “uma ideologia da boca para fora”. Para a autora, a ideologia da mulher moderna atinge essa classe apenas de forma residual, sendo mais concreta entre as mulheres de classe média. A reflexão de Mattos se confirma entre as entrevistadas desta pesquisa? Os discursos das jovens são atravessados por esses novos valores? E suas práticas, evidenciam essa ideologia? Ou, de fato, verifica-se um “ideal normativo, um dever ser, distante de sua realidade factual”? Buscamos responder a essas questões ao longo do trabalho.

Segundo Mattos, haveria, portanto, uma divergência no modo de viver as relações de gênero por mulheres de classe popular, por um lado, e de classe dominante, por outro. Assim, a posição social não é uma mediação entre as demais, mas a que articula os elementos identitários (MARTÍN-BARBERO, 2002a). A relevância do estudo sobre classe social justifica nossa opção por destacar essa mediação como estruturante dos modos de vida.

Além dessas justificativas para o campo da comunicação, explico meu empenho em compreender essas questões pelo envolvimento com o estudo da recepção televisiva por jovens, com ênfase na classe social, iniciado e mantido no grupo de pesquisa *Mídia, recepção e consumo cultural*, coordenado pela professora Veneza Ronsini, do qual faço parte desde agosto de 2006. O tema também foi abordado em meu trabalho de conclusão de curso.

Esta dissertação alinha-se às teorias desenvolvidas pelos Estudos Culturais, pois considera que a “pesquisa de comunicação não é a que focaliza estritamente os meios, mas a que se dá no espaço de um circuito de consumo da cultura midiática.” (JACKS; ESCOSTEGUY, 2005, p. 39). Para Lopes, Borelli e Resende (2002, p. 29):

Os Estudos Culturais permitem uma problematização mais elaborada da recepção, em que as características socioculturais dos usuários são integradas na análise não mais de uma difusão, mas sim, de uma circulação de mensagens no seio de uma dinâmica cultural. O pólo de reflexão é deslocado dos próprios meios para os grupos sociais que estão integrados em práticas sociais e culturais mais amplas.

A vertente latino-americana dos Estudos Culturais é central neste trabalho, pois adéqua as investigações iniciadas na Inglaterra à realidade da América Latina. Os latino-americanos Jesús Martín-Barbero e Guillermo Orozco Gómez são referências da linha no subcontinente, e seus estudos, em maior ou menor medida, servem como norteadores deste trabalho. Da escola inglesa, Stuart Hall, por meio da pesquisa de representações e identidades culturais, e do modelo *Encoding and Decoding*, traz valiosas contribuições.

A versão latino-americana tem início nos anos 1980, motivada pelas recorrentes denúncias de imperialismo cultural norte-americano e europeu no subcontinente. Além disso, esse nascimento deve-se à insuficiência dos modelos teóricos importados inadapáveis para o contexto da redemocratização em que viviam os países até então afetados por ditaduras militares (JACKS; ESCOSTEGUY, 2005). Entre as diferenças dos vieses dos estudos realizados por latino-americanos e britânicos, destaca-se, na Inglaterra, uma forte influência semiológica para a análise da mensagem consumida. Contrariamente, na América Latina, há até certa crítica a esse instrumental (ESCOSTEGUY, 2001). Também se observa que nos estudos britânicos são mais numerosas as pesquisas que versam sobre o feminino, enquanto aqui o tema ainda carece de desenvolvimento.

Em 1987, com a obra “De los medios a las mediaciones”, Martín-Barbero apresenta uma nova perspectiva para pensar a comunicação, apresentando um modelo de mediações que é largamente seguido em trabalhos de recepção. Na década seguinte, o autor dá continuidade a seu estudo, desenvolvendo um “novo mapa das mediações”¹, o qual fazemos uso nesta pesquisa. Neste, destaca as mediações da *institucionalidade*, da *tecnicidade*, da *socialidade* e da *ritualidade*, às quais dedicaremos importâncias diferentes, de acordo com os objetivos deste trabalho. A institucionalidade é abordada teoricamente, destacando aspectos da produção da telenovela. Apesar da análise da tecnicidade não ser central, consideramos que descrever de que forma as relações de gênero e de classe social são representadas na telenovela *Caminho das Índias* faz-se necessário para compreender o papel do melodrama nas apropriações das entrevistadas. Não se pretende executar uma apreciação aprofundada do produto por dois motivos: existe um número considerável de trabalhos com esse viés, mostrando como as mulheres são representadas na telenovela e em outros produtos

¹ O novo mapa foi apresentado pela primeira vez em 1998, no prefácio à quinta edição castelhana. Traduzido para o português, o prefácio e, de tal forma, o novo mapa, aparecem, pela primeira vez, em 2001. Aqui, a obra referida é de 2008 (MARTÍN-BARBERO, Jesús. Prefácio à 5ª Edição Castelhana. In: *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2008 [1998]). No entanto, como uma exceção, as citações irão se referir a 1998 para tornar mais fácil à visualização da trajetória de Martín-Barbero com a teoria das mediações.

mediáticos, os quais serão aqui aproveitados; focamos a recepção, de modo a operacionalizar e permitir a investigação empírica, objetivo de menor número de trabalhos. Uma hipótese que será averiguada é a de que a telenovela “apresenta uma codificação predominantemente preferencial no que diz respeito às relações entre as classes, mas negociada no tocante aos costumes.” (RONSINI *et al.*, 2009, p. 127). As mediações da socialidade e da ritualidade, por sua vez, são foco nesse estudo, uma vez que se encontram no eixo da recepção, referindo-se ao contexto social e de apropriação da mídia.

Metodologicamente, a pesquisa se configura como uma etnografia da audiência, em que se busca no cotidiano, nas experiências de vida e no contexto de apropriação da mídia o conhecimento para compreender a recepção da telenovela. Como instrumentos de coleta de dados, fazemos uso da entrevista semi-dirigida, do formulário sociocultural, da observação do espaço doméstico e da assistência de telenovela na casa das informantes, com registro no diário de campo. A etapa empírica iniciou em novembro de 2008, com visita ao bairro Urlândia, Santa Maria-RS, do qual proveem as 12 jovens entrevistadas, e estendeu-se até dezembro de 2009. A escolha por apenas um bairro deu-se para permitir um “mergulho” na realidade local e construir uma amostra relativamente homogênea.

A amostra da pesquisa é composta por 12 jovens mulheres com idade entre 16 e 24 anos. A delimitação etária segue a divisão do IBGE, que define entre 15 e 24 anos a faixa em que estão inseridos os jovens. A classificação social das entrevistadas foi definida mediante a metodologia da estratificação sócio-ocupacional, na qual a família é classificada a partir do membro melhor situado economicamente. Os grupos resultantes são reunidos em quatro camadas (QUADROS; ANTUNES, 2001): alta (proprietários e alta classe média); média (média classe média e proprietários de pequeno negócio urbano); média baixa (baixa classe média, operários e trabalhadores autônomos); baixa (camada inferior de operários, assalariados populares e trabalhadores autônomos, empregados domésticos e não ocupados). Essa divisão serviu como ponto metodológico de partida para a busca de entrevistadas que fizessem parte do estrato social pretendido por esta pesquisa, classes baixa e média baixa. No entanto, nossa compreensão de classes/ grupos populares vai além do que se define pela profissão do pai, da mãe ou do marido², ou mesmo pela posse de bens materiais. Além da importância da ocupação e da renda familiar, consideramos que as classes populares possuem uma cultura específica, um *habitus* de classe que conforma os modos de agir e pensar.

² Nenhuma das entrevistadas é a principal responsável pela renda familiar.

As condições econômicas do grupo são bastante limitadas, refletidas em casas simples e pequenas, em que moram de duas a nove pessoas; as famílias não têm carro ou os carros são de modelos antigos; pais e irmãos, além das próprias garotas, têm baixo grau de escolaridade, normalmente ensino fundamental incompleto. Atualmente, três entrevistadas trabalham fora (babá, empregada doméstica e monitora/ empregada doméstica) e as demais são exclusivamente estudantes e/ ou donas de casa. Dentre as 12 jovens, cinco são mães, sendo que dessas, quatro têm um menino e uma tem um casal de filhos.

Para a análise dos dados, tanto do *corpus* composto pela telenovela *Caminho das Índias*, quanto coletados na pesquisa de campo, com as entrevistadas, aplicamos o modelo *Encoding and Decoding*, de Hall (2003). O pesquisador propõe três formas de decodificação da mídia efetuada pelos receptores: preferencial/ hegemônica, negociada e opositiva. No terceiro capítulo, em que se analisa a codificação da telenovela, usamos o modelo para compreender se as representações femininas e de classe apresentadas na novela são hegemônicas, negociadas ou opositivas. No capítulo quatro, fazemos uso da adaptação do modelo de Hall desenvolvida por Ronsini *et al.* (2009) para verificar se as entrevistadas são críticas, pouco críticas ou acríicas acerca das relações de gênero e das causas da pobreza.

Os cinco capítulos desta dissertação estão divididos da seguinte forma: os dois primeiros apresentam o referencial teórico utilizado; o terceiro mescla questões teóricas e o estudo empírico da telenovela; e, o quarto e o quinto expõem a análise empírica das mediações referentes à recepção. No primeiro capítulo, é exposta nossa leitura dos estudos de recepção e o papel das mediações nesta linha de investigação. Dentro da compreensão que temos sobre a pesquisa de audiência, as mediações devem ser tratadas de forma a se destacar a relevância do contexto social do grupo estudado. Para isso, na seção “1.1. Mediação: cultura e comunicação”, debruçamo-nos sobre a teoria das mediações, apresentando uma trajetória da pesquisa que relaciona comunicação e mediações, especialmente através das contribuições de Guillermo Orozco Gómez e Jesús Martín-Barbero. Concluindo o capítulo, descreve-se a metodologia empregada na pesquisa, sintetizando o caminho metodológico percorrido, as técnicas de coleta de dados e o modelo de análise dos dados utilizado.

No segundo capítulo, refletimos sobre o gênero e a classe social na pesquisa de audiência. Destaca-se a relevância desses dois elementos para a compreensão das apropriações televisivas efetuadas por jovens mulheres de classe popular. Um breve histórico dos estudos feministas, principalmente relacionados à identidade e à recepção midiática, tem espaço nesse capítulo. Na sequência, apresentam-se apontamentos sobre o estudo da classe

social na pesquisa de recepção, destacando a centralidade da mediação da classe, não como objetivo desta investigação, mas como determinante das vivências sociais dos indivíduos.

O terceiro capítulo aborda o avanço da telenovela no Brasil, como produto e como objeto de pesquisa. Estudam-se as mediações institucionalidade e tecnicidade (MARTÍN-BARBERO, 1998), relativas à produção e ao discurso midiático. O exame dos produtos melodramáticos foca as relações de classe social e, fundamentalmente, de gênero, vividas pelas personagens principais em *Caminho das Índias*. A análise parte das categorias *família e amigos, trabalho e escola e relacionamento homem-mulher/ Sexualidade*, inspiradas na literatura de gênero (MATTOS, 2006; BOURDIEU, 2007).

O quarto capítulo versa sobre a socialidade das informantes, com destaque para as mediações empíricas *família, escola e classe social*, que também são analisadas por meio das categorias mencionadas acima. O quinto capítulo trata da ritualidade, investigando os modos de ver e ler a televisão e a telenovela. Nesse espaço, estuda-se a recepção do gênero melodramático, buscando compreender as leituras das jovens acerca das representações de gênero e de classe social apresentadas na telenovela.

Na conclusão, buscamos relacionar a conformação da identidade feminina com as mediações família, escola, classe social e telenovela. Compreendemos que a telenovela, embora (re)produza um modelo tradicional de mulher, relacionado aos papéis de mãe e esposa, principalmente, é, entre as mediações estudadas, a que mais se aproxima de uma ideologia de igualdade dos gêneros. Essa ideia, que já não é predominante na telenovela, é apropriada de forma ainda mais residual pelas entrevistadas. Ademais, acaba sendo absorvido predominantemente como discurso, não sendo transposto para as práticas cotidianas das garotas. Mesmo assim, alimenta a reflexão de que as mulheres podem tanto quanto os homens, e cria nelas um ideal de relação, menos desigual.

Enfim, o esforço empreendido dá-se para compreender a relação entre família, escola, classe social e telenovela na conformação da identidade feminina dessas jovens. Nosso objetivo é compreender as vivências, a relação com a telenovela e o papel desta na constituição identitária de um grupo específico: jovens mulheres de classe popular, moradoras de um bairro periférico de um município de médio porte do interior do Rio Grande do Sul.

Capítulo 1

O ESTUDO DA RECEPÇÃO E A CENTRALIDADE DAS MEDIAÇÕES

As últimas décadas testemunharam uma “virada cultural”, uma revolução no pensamento humano sobre a cultura (HALL, 1997b). A partir dessa ruptura, a cultura passou a ter um peso explicativo na ciência. Hall deixa claro que não considera que não exista nada fora da cultura. Para ele, pensar dessa forma seria a mera substituição do materialismo ou do socialismo econômico por idealismo cultural. “O que se argumenta, de fato, não é que ‘tudo é cultura’, mas que toda prática social depende e tem relação com o significado: consequentemente, que a cultura é uma das condições constitutivas de existência dessa prática” (Ibid., p. 33).

Na década de 1960, essa virada cultural passou a ter influência sobre a vida acadêmica, especialmente com Lévi-Strauss, Roland Barthes, Raymond Williams e Richard Hoggart, sendo os dois últimos membros-fundadores do Centre of Contemporary Cultural Studies (CCCS), criado em 1964, na Universidade de Birmingham, Inglaterra. A partir dessa revolução, surgem os Estudos Culturais, um novo campo essencialmente interdisciplinar (JOHNSON, 1999; ESCOSTEGUY, 2001; HAMBURGER, 2005), que tem a cultura como eixo central, como peça-chave, constitutiva e determinante, e não como uma variável de menor importância.

Esses estudos recorrem a abordagens identificadas, entre outras, com as disciplinas de antropologia e sociologia, além da própria comunicação, para compreender as apropriações da mídia. Nesse sentido, a investigação dos papéis dos meios de comunicação para pessoas ou grupos torna obrigatório o estudo da cultura, por isso a necessidade de empregar os conhecimentos de outras disciplinas.

A comunicação e as relações sociais constituem todo fenômeno humano. Segundo Peruzzolo (2006, p. 28), “estudar a comunicação como fenômeno humano é compreendê-la como fenômeno cultural. Portanto, comunicação e cultura [...] são o mesmo corpo: um, o sangue (a comunicação) e o outro, o sistema arterial (a cultura)”. Assim, a cultura torna-se matriz codificadora/ decodificadora dos sentidos e dos significados das relações de comunicação.

Inserida nesse contexto, a pesquisa de recepção pode ser qualificada como o estudo empírico de audiência dos Estudos Culturais (ANG, 1985; RADWAY, 1991; RONSINI,

2000). Na década de 1980, essa corrente, que teve início anos antes na Inglaterra, emerge na América Latina como uma nova forma de pesquisar a cultura de massas, alternativa aos estudos funcionalistas, semióticos e frankfurtianos, então predominantes (LOPES, 1999). Com os estudiosos da Escola de Frankfurt, maiores representantes de uma forma de pensar a mídia como manipuladora e alienante, perguntava-se “o que os meios fazem conosco?”, considerando o público uma massa de indefesos e alienados. Reformulando o questionamento frankfurtiano, a recepção indaga “como se realiza a relação entre público e mídia?”. O foco, nessa nova forma de pensar a comunicação, é deslocado para os receptores, atentando para seu entorno, ou seja, passa dos meios às mediações (MARTÍN-BARBERO, 1987).

Thompson (1998, p. 31), indo nessa direção, discorda do uso do termo “massa” quando se estuda os meios de comunicação, pois a expressão sugere que a audiência seja formada por indivíduos passivos e ingênuos. Dessa forma, para que as investigações possam oferecer novas perspectivas para as pesquisas em comunicação, é essencial “abandonar a ideia de que os destinatários dos produtos da mídia são espectadores passivos cujos sentidos foram permanentemente embotados pela contínua recepção de mensagens similares.”

Nesse sentido, a pesquisa empírica da recepção midiática reconhece a existência de receptores reais, que deixam de ser apenas imaginados e “compreendidos” pela análise dos produtos midiáticos, e passam a ser ouvidos e estudados com profundidade. Dar voz à audiência pode ser, “para o objetivismo funcionalista, uma heresia que ninguém poderia levar a sério no altar da ciência; para a ortodoxia marxista, uma ingênua tentativa de provar que nem só de alienação vive o homem.” (RONSINI, 2000, p. 26). No entanto, para os Estudos Culturais, enxergar a recepção é essencial para que a experiência midiática tenha sentido.

A reflexão gramsciana sobre hegemonia é uma colaboração fundamental para apreender os sentidos da recepção. Gramsci desvinculou o conceito de hegemonia da concepção de ideologia. Esta, inserida no marxismo estruturalista de Althusser, enxergava os meios de comunicação como aparelhos ideológicos agindo em prol de interesses dominantes e fazendo prosperar a falsa consciência (WILLIAMS, 1979). Assim como o conceito de hegemonia não se restringe ao de ideologia, ele vai além da noção de cultura:

Ultrapassa o de cultura porque indaga sobre as relações de poder e alcança a origem do fenômeno da obediência e da subordinação; ultrapassa o conceito de ideologia porque envolve todo processo social vivo percebendo-o como práxis, isto é, as representações, as normas e os valores são práticas sociais e se organizam como e através de práticas sociais determinantes e determinadas. Pode-se dizer que, para Gramsci, a hegemonia é a cultura numa sociedade de classes. (CHAUI, 1986, p. 21).

O uso da hegemonia como referencial explicativo, acompanhado pela ideia de contra-hegemonia, possibilitou compreender mecanismos complexos, como o jogo de interesses de dominantes e dominados. A dominação – seja da mídia sobre o público, de uma classe sobre outra, do homem sobre a mulher, do branco sobre o negro – dá-se por um processo contínuo em que o dominador “seduz” o dominado. O conceito de Gramsci faz pensar um movimento social dinâmico, em que há tanto reprodução quanto resistência ao sistema de comunicação (ESCOSTEGUY, 2001).

Foi com a perspectiva da resistência, ou seja, de que existem diferentes formas de leituras da mídia e interpretações variadas das mesmas mensagens, que Hall (2003) desenvolveu o modelo *Encoding and Decoding*. Nessa proposta, supõe-se que há uma leitura “dominante” ou “preferencial”, onde o sentido da mensagem é decodificado segundo as referências da sua construção; uma leitura “negociada”, em que o sentido da mensagem entra em negociação com as condições particulares dos receptores; e, por fim, uma leitura de “oposição”, que se dá quando o receptor entende a proposta dominante da mensagem, mas a interpreta segundo uma estrutura de referência alternativa.

Segundo Lopes; Borelli; Resende (2002, p. 28), “o conceito gramsciano de hegemonia é usado no modelo codificação/ decodificação (Hall) para examinar os modos concretos pelos quais os significados dos meios podem ser negociados ou até eventualmente subvertidos por audiências específicas.” Uma das discussões cabíveis a esse modelo é se, conforme considerava Hall, a mídia expõe sempre um ponto de vista hegemônico sobre os temas abordados, ou se há também nos produtos midiáticos indícios de discursos que não servem apenas para reproduzir o sistema social vigente³.

Entendendo ser possível tanto o conformismo quanto a resistência ao dominador, como explica o conceito de hegemonia, os estudos de recepção, assim como não concordam com as definições de um sujeito passivo, admitem o poder exercido pela mídia: “Resistência e passividade andam de mãos dadas.” (RONSINI, 2000, p. 65). Ou, como tece Hall (apud ESCOSTEGUY, 2001), os meios de comunicação *definem*, não simplesmente *reproduzem*, a “realidade”.

É por ressaltar o poder exercido pelos meios de comunicação que Douglas Kellner cunha a expressão *cultura da mídia*, avaliando que meios de comunicação são os principais responsáveis pela difusão da cultura contemporânea. A mídia “é, portanto, a forma dominante e o local onde se travam batalhas pelo controle da sociedade. [...] ajuda a conformar nossa

³ Essa possibilidade será estudada no capítulo 3.

visão de mundo, a opinião pública, valores e comportamentos.” (KELLNER, 2001, p. 54). Mesmo assim, não deixa de considerar a possibilidade de oposição ao discurso midiático, tal como indicam Gramsci e Hall, buscando, contudo, fugir do que chama de *fetichismo da resistência* da recepção. O ideal, na perspectiva de Kellner, e com a qual concordamos, é procurar um equilíbrio entre reconhecer o poder da emissão e ter em vista as variadas possibilidades de leitura.

Com essa perspectiva em vista, entendemos que estudar a recepção através das mediações (Martín-Barbero) configura-se como uma forma válida de destacar essa autonomia relativa do receptor, compreendendo quais as fontes que atuam nas leituras da mídia. A preocupação em investigar os papéis da família, da escola, da classe social e da telenovela na conformação da identidade feminina deve-se ao entendimento de que essas são instituições/referentes que afetam profundamente a socialização e a formação dos sujeitos. “Pertencer simultaneamente a várias instituições resulta em um referencial múltiplo e inter-relacionado, uma vez que cada instituição luta para impor sua produção de significados como a mais legítima.” (JACKS, 1999, p. 55).

Estudar o contexto social é uma forma de combater a supervalorização do papel da mídia na socialização. Considerar que os meios de comunicação exercem poder na formação de opinião e na conformação identitária não é o mesmo que dizer que são os únicos responsáveis. Nas palavras de Thompson:

Dizer que a apropriação das mensagens da mídia se tornou um meio de autoformação no mundo moderno não é dizer que é o *único* meio: claramente não é. Há muitas outras formas de interação social, como a existentes entre pais e filhos, entre professores e alunos, entre pares, que continuarão a desempenhar um papel fundamental na formação pessoal e social. Os primeiros processos de socialização na família e na escola são, de muitas maneiras, decisivos para o subsequente desenvolvimento do indivíduo e de sua autoconsciência. (THOMPSON, 1998, p. 46).

Com essas considerações em vista, abordaremos, no próximo tópico, a teoria das mediações, expondo o modo como será aplicada neste trabalho.

1.1. MEDIAÇÕES: COMUNICAÇÃO E CULTURA

Nos Estudos Culturais, a comunicação de massa é vista como integrada às demais práticas da vida cotidiana. Na América Latina, Martín-Barbero desenvolveu esse pensamento ao avaliar que a comunicação se dá sempre dentro de uma cultura. Nos estudos de comunicação, o paradigma, perspectiva ou modelo das mediações foi um avanço para a compreensão da relação *cultura – meios de comunicação – sociedade*.

No que concerne à origem do conceito de mediações, Orozco (1994) indica autores que usaram de formas variadas essa noção⁴. Para McQuail, mediação seria sinônimo de filtro; na perspectiva de Keltner, uma intervenção explícita entre sujeito e fragmento de informação; conforme Martín-Serrano, define-se como o resultado do controle social na produção do real para a audiência dos meios; e, segundo Martín-Barbero, configura-se como uma instância cultural a partir da qual o público produz e se apropria do significado e do sentido do processo comunicativo.

O conceito de mediações é tão complexo que Martín-Barbero não oferece uma definição clara, nem situa as origens do mesmo. Essa categoria, segundo Signates (2006), é citada 37 vezes em “De los medios a las mediaciones” (MARTÍN-BARBERO, 1987), em cinco sentidos diferentes: a) como construto ou categoria teórica; b) como discursividade específica; c) como estruturas, formas e práticas vinculatórias; d) como instituição ou local geográfico; e) como dispositivo de viabilização e legitimação da hegemonia.

Buscando colaborar com essa compreensão, Signates (2006, p. 60-61) aponta o que *não* é mediação. Mediação não é intermediação, pois a ideia de intermediação “[...] *separa as suas categorias em partes tidas por preexistentes e independentes entre si e que, por isso mesmo, necessitam de outras categorias, externas a cada uma delas, para cumprir o papel de intermediárias e garantir as ligações que as tornam interdependentes*”. Mediação não é tampouco “filtro”, pois esse termo reduz o significado ao remeter especificamente à seleção de conteúdos. No entanto, o que conclui em seu estudo é que “permanece de certa forma a dúvida inicial sobre o grau de precisão teórica e de aplicabilidade empírica do conceito de

⁴ McQUAIL, Denis. *Mass communication theory: an introduction*. Londres: SAGE Publications, 1983; KELTNER, John W. *Mediation, towards and civilized system of dispute resolution*. Estados Unidos, 1987; MARTÍN-SERRANO, Manuel. La producción de comunicación social. In: *Cuadernos del CONEICC*, n. 2. México, 1989. MARTÍN-BARBERO, Jesús. *De los medios a las mediaciones*. México: G. Gili Ed., 1987.

mediação. Parece claro que a necessidade de uma discussão teórica mais profunda ainda é presente.” (Ibid., p. 75).

Orozco, realizando o mesmo empenho, expõe sua definição de mediação:

Mediação é entendida aqui não como um filtro, mas sim como um processo estruturante que configura e orienta a interação das audiências e cujo resultado é o outorgamento de sentido por parte dessas aos referentes midiáticos com os que interatuam. (OROZCO, 2001, p. 23).

Antes de nos determos em Martín-Barbero, autor em cujas reflexões será embasada a análise da comunicação e da cultura neste trabalho, parece importante indicar a percepção de Guillermo Orozco Gómez sobre a teoria das mediações. Apesar de não empregarmos aqui seu modelo teórico-metodológico, os estudos de Orozco servem para facilitar a compreensão dos escritos de Martín-Barbero, visto que aquele torna empiricamente manejáveis os conceitos deste.

No modelo que desenvolve, em texto de 1991, partindo das ideias apresentadas por Martín-Barbero no artigo “De los medios a las practicas” (1990), Orozco elenca cinco grupos de mediações: *videotecnológica*, *cognoscitiva*, *situacional*, *institucional* e de *referência*. Durante a década de 1990, Orozco aprimora seu modelo, sem, no entanto, operar grandes modificações.

A televisão é pensada como mediação *videotecnológica* ou *massmediática*, produtora de significados, pois “além de ser um meio tecnológico de reprodução da realidade, também a produz, provocando reações racionais e emocionais nos receptores.” (JACKS; ESCOSTEGUY, 2005, p. 69). Orozco expõe, assim como Martín-Barbero (1990), que a tecnologia exerce uma mediação, pois o próprio meio propõe sentidos diversos, já que é diferente, por exemplo, ver TV ou escutar rádio.

A mediação *cognoscitiva* surge do sujeito, e leva em conta fatores que influenciam na percepção, processamento e apropriação de elementos/ acontecimentos que estão diretamente relacionados com a aquisição de conhecimento. A mediação de *referência* (1997) diz respeito à influência de idade, sexo, religião, escolaridade, estrato sociocultural, etnia, nacionalidade, etc, que conformam a maneira de pensar e agir do receptor.

A *situacional* está relacionada com o momento da recepção, destacando a importância de se estar sozinho ou acompanhado, com atenção exclusiva ou dispersa. As mediações *institucionais*, tais como escola, igreja, partido político e família, são consideradas centrais porque “medeiam a relação do sujeito com o discurso televisivo, pois com elas o

sujeito interatua, intercambia, produz e reproduz sentidos e significados.” (JACKS, 1999, p. 55).

Como será explorado adiante, as mediações de Orozco são aplicações das de Martín-Barbero de 1990 – ritualidade, tecnicidade e socialidade –, e colaboram para nossa “tradução metodológica” do “novo mapa das mediações”. (MARTÍN-BARBERO, 1998).

Martín-Barbero é um dos teóricos que mais colaboram com a pesquisa de recepção na América Latina, traduzindo para a realidade do subcontinente o que estava sendo pensado pelos britânicos, suprindo as deficiências comuns da importação de modelos teóricos criados em outros – e para outros – contextos socioculturais. Sua principal contribuição é o estudo dos fenômenos de comunicação através das mediações. Martín-Barbero “indica a entrada ao campo pelo estudo das instituições, organizações e sujeitos, pelas diversas temporalidades sociais e multiplicidade de matrizes culturais” (JACKS, 1999, p. 32), reservando, portanto, papel central à cultura como mediadora dos processos de recepção.

Pensando a comunicação a partir da cultura, Martín-Barbero (1987) desloca o estudo dos meios para concentrar-se no entorno, nos artefatos, ou seja, nas *mediações*. As mediações configuram-se em articulações entre matrizes culturais distintas, e podem ser os meios, os sujeitos, os gêneros (televisivos) e os espaços (cotidiano familiar, trabalho, escola). Elas encontram sua razão de existir na fuga do dualismo, superando a bipolaridade ou a dicotomia entre produção e consumo (JACKS; ESCOSTEGUY, 2005).

Para a perspectiva que centraliza seus trabalhos no estudo das mediações, o interesse maior está nas relações entre textos, grupos sociais e contextos. Desse modo, a recepção é considerada um processo no qual interagem *receptor – mediações – meios de comunicação*. Ser receptor modifica o vínculo entre os indivíduos e as fontes tradicionais de formação, como a família, a escola, o bairro, o trabalho: “As janelas das casas vão sendo suplantadas pelas telas dos televisores e computadores.” (OROZCO, 2001, p. 24).

A concepção da teoria das mediações, segundo Lopes; Borelli; Resende (2002, p. 43), teve o mérito de relacionar mais profundamente a pesquisa em comunicação e a cultura, fugindo do mediacentrismo a que a área estaria confinada.

O primeiro [mérito] é o de ter exposto o determinismo mediático ou o *mediacentrismo* a que os estudos de comunicação estavam confinados, o que não quer dizer que o meio (*médium*) não tenha importância, antes pelo contrário, a cultura como *perspectiva de análise* permite perceber os meios em sua real e multifacetada importância. O segundo mérito é o de ter descentralizado e pluralizado teoricamente a análise da comunicação, inserindo-a na ordem das práticas culturais.

É importante ter em vista que no processo de investigação faz-se necessário compreender os contextos em que as relações *produtor – mensagem – receptor* ocorrem, visto que não há uma relação direta entre eles, e sim uma série de mediações que incidem sobre essa interação (OROZCO, 1997). Charles (1996, p. 45) expõe relação semelhante: “A recepção de mensagens implica um processo individual em que se põe em jogo a interação simbólica com o universo cultural particular do receptor, mas seus conteúdos provocam interações que permitem uma ressemantização coletiva de significados.”

Em “De los medios a las mediaciones” (1987), Martín-Barbero aponta três *lugares* de mediação, que destaca como centrais para o estudo da comunicação e da cultura: a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural. Para o teórico, a família ainda é a unidade básica de audiência na América Latina, visto que representa a situação primordial de reconhecimento. Assim, o modo como a TV interpela a família não pode ser entendido sem investigar a *cotidianidade familiar*, “âmbito de conflitos e de fortes tensões” e um dos poucos lugares “onde os indivíduos se confrontam como pessoas e onde encontram a possibilidade de manifestar suas ânsias e frustrações.” (MARTÍN-BARBERO, 1999, p. 6). Ronsini (2007, p. 70) entende por cotidianidade familiar a “organização espacial e temporal do cotidiano em diferentes classes sociais, isto é, o *locus* da sociabilidade” entre os sujeitos e a partir do qual são definidas as relações de poder.

No que se refere à *temporalidade social*, pode-se dizer que essa relaciona o tempo do capital, produtivo, acelerado, valorizado economicamente, com o tempo da cotidianidade, repetitivo, fragmentado, que conforma a rotina diária. A televisão liga os dois tempos, colocando em contato o ritual e a rotina domésticos com o mercado. O tempo da TV trabalha com “a variação do idêntico”, conjugando “a descontinuidade do tempo do relato com a continuidade do tempo relatado.” (MARTÍN-BARBERO, 1999, p. 9).

Por *competência cultural* definem-se as formas de pensar, agir e sentir a experiência social, sendo etnia, cultura regional e classe social alguns de seus principais conformadores. A competência cultural, na teoria da reprodução social de Bourdieu, está relacionada com a categoria de *habitus* (RONSINI, 2007). Nos estudos de recepção, o *habitus* de classe constitui-se como a mediação estrutural que perpassa as demais. Souza ressalta que o *habitus* concretiza escolhas valorativas e culturais, fazendo-as visíveis em “carne e osso”.

O conceito de *habitus* [...] permite tanto a percepção dos efeitos sociais de uma hierarquia atualizada de forma implícita e opaca – e por isso mesmo tanto mais eficaz – quanto a identificação do seu potencial segregador e constituidor de relações naturalizadas de desigualdade em várias dimensões, variando com o tipo de sociedade analisado. (SOUZA, 2006, p. 63).

Cabe ressaltar que a classe social é tratada, neste trabalho, como uma mediação central para a pesquisa de recepção, conforme pregam autores que defendem seu estudo como “a” mediação, e não como uma entre as demais (MARTÍN-BARBERO, 2002a; LOPES; BORELLI; RESENDE, 2002; RONSINI, 2007).

Dando continuidade à exposição da trajetória intelectual de Martín-Barbero, chegamos à década de 1990, quando o autor desenvolve sua proposta de estudo da comunicação, realizando modificações em seus apontamentos sobre a relação entre meios e mediações. Mesmo com as atualizações das duas décadas seguintes, é o trabalho de 1987 que repercute até hoje, sendo a obra mais citada do autor e referência para muitos trabalhos.

Em “De los medios a las practicas” (1990), Martín-Barbero destaca a necessidade de descentralizar a comunicação, rompendo com: a) o *comunicacionismo*, em que a tendência é pensar a comunicação como o lugar onde a humanidade revelará sua “essência mais secreta” ou mesmo como o motor de toda interação social; b) o *mediacentrismo*, que resulta da identificação da comunicação com os meios, seja desde o culturalismo McLuhiano, segundo o qual os meios fazem a história, seja desde o ideologismo Althusseriano, que pensa os meios como aparato do Estado; c) o *marginalismo do alternativo* e sua crença de que a comunicação autêntica se produzirá intocada pela contaminação do tecnológico/ mercantil dos grandes meios.

A descentralização da comunicação está relacionada com a proposta do estudo das mediações. Nesse texto, Martín-Barbero (1990, p. 12-13) expõe três novas mediações, que possibilitam esboçar uma entrada às práticas sociais. A primeira delas, *socialidade*, o autor define como aquilo que excede à razão institucional na sociedade, “é a trama formada pelos sujeitos e atores em suas lutas para redesenhar a ordem, mas também suas negociações cotidianas com o poder e as instituições.”

Na segunda, o autor avalia que as práticas sociais duradouras necessitam de forma, ou seja, de uma rotina que regularize sua ocorrência, a que chama de *ritualidade*. Essa seria, então, a repetição das práticas sociais, impondo regras ao jogo da significação por meio de uma *gramaticalidade*.

A terceira mediação de que fala Martín-Barbero é a *tecnicidade* (termo cunhado pelo antropólogo Mauss), um “organizador perceptivo”, que articula a inovação tecnológica à discursividade. O comunicólogo considera que as inovações da técnica teriam consequências na transformação do *sensorium*, ou seja, dos modos de percepção e de experiência social. Desse modo, a tecnicidade é mais do que artefato, é uma “competência da linguagem”.

Assim, Martín-Barbero começa a desenvolver um novo modelo de mediações, que será ratificado em 1998, quando, no prefácio à quinta edição castelhana de “De los medios a las mediaciones”, dá continuidade às ideias de 1990. Nesse texto, o teórico traça o “novo mapa das mediações”, onde figuram as novas complexidades que constituem as relações entre comunicação, cultura e política. Por motivos teóricos, políticos e empíricos, a centralidade da proposta está na ênfase aos meios de comunicação no estudo de processos comunicativos, sem deixar, contudo, de considerar os demais componentes do cotidiano do receptor (JACKS; MENEZES; PIEDRAS, 2008).

Nesse mapa, estão em relevo as já conhecidas mediações da socialidade, ritualidade e tecnicidade (1990), e a nova mediação da institucionalidade. A essas “novas mediações” chama de “comunicativas da cultura” (2002b), enquanto aquelas lançadas em 1987 define como “culturais da comunicação”. O autor admite seu giro teórico: “Inverto meu primeiro mapa e proponho as ‘mediações comunicativas da cultura’”, que são a tecnicidade, a institucionalidade, a socialidade e a ritualidade. “De alguma maneira, nesse momento, aceito que muda o lugar a partir do qual estava olhando.” (MARTÍN-BARBERO, 2009a, p. 151-152). Adiante, destaca que a grande mudança é reconhecer que a comunicação está “mediando todos os lados e as formas da vida cultural e social dos povos. Portanto, o olhar não se invertia no sentido de ir das mediações aos meios, senão da cultura à comunicação.” (Ibid., p. 153).

O destaque oferecido à comunicação, contudo, já fazia parte de suas reflexões 20 anos antes, quando afirmava que “hoje a comunicação aparece constituindo uma nova cena de mediação e reconhecimento social” (MARTÍN-BARBERO, 1990, p. 14), uma vez que “a inscrição da comunicação na cultura deixou de ser mero assunto cultural, pois tanto a economia como a política estão inseridas diretamente no que aí se produz.”

No modelo em que Martín-Barbero (1998) coloca a comunicação em destaque, move-se entre um eixo diacrônico, também chamado histórico de longa duração – constituído por Matrizes Culturais e Formatos Industriais – e outro sincrônico – formado por Lógicas de Produção e Competência de Recepção. As relações entre os componentes de cada eixo são conectadas por diferentes mediações. As interações entre Matrizes Culturais e Lógicas de Produção são mediadas pela institucionalidade. A tecnicidade é a mediação entre Lógicas de Produção e Formatos Industriais. As relações entre Matrizes Culturais e Competências de Recepção são mediadas pela socialidade. A ritualidade dá-se no entremeio dos Formatos Industriais e Competências de Recepção.



Figura 1 – Mapa das Mediações Comunicativas da Cultura

A *socialidade*, gerada na trama da vida cotidiana, é “lugar de ancoragem da *práxis comunicativa* e resulta dos modos e usos coletivos de comunicação, isto é, de interpelação/ constituição dos atores sociais e de suas relações (hegemonia/ contra-hegemonia).” (MARTÍN-BARBERO, 1998, p. 17). A *socialidade* é composta por uma multiplicidade de modos e sentidos, em que a coletividade se cria, e pelas diversas interações sociais. Assim como a mediação da competência cultural (1987), a socialidade tem relação com a construção do *habitus* do indivíduo. Da socialidade dos sujeitos fazem parte instituições e referentes, como classe social, família, escola, gênero e geração.

Orozco (1994) adaptou a socialidade às mediações institucional, individual e de referência, pois considerou que essas são as grandes instâncias socializadoras dos sujeitos. Por sua vez, na comparação da mediação da socialidade com aquelas apresentadas em “De los medios a las mediaciones”, pode-se afirmar que a socialidade engloba a competência cultural e a cotidianidade familiar.

Ritualidade diz respeito aos cenários e rotinas de recepção, constituintes de uma forma de ver, assim como modos de ler, em que ocorrem a negociação de sentidos. É tudo aquilo que compõe o ritual de, por exemplo, assistir novela, incluindo desde o espaço em que a assistência se dá, a companhia com que se executa a atividade, a forma de atenção dispensada ao momento, a interferência de outros elementos, a fixação de normas para a audiência. A combinação desses elementos gera uma *gramática de ação*, isto é, regula a interação entre os espaços e tempos da vida cotidiana e os espaços e tempos que conformam os meios.

A *ritualidade* medeia as competências de recepção e os formatos industriais, visto que se dá no contato direto dos consumidores com os produtos que chegam a suas casas, ou seja, entre as jovens mulheres e a telenovela *Caminho das Índias*, por exemplo. Isso implica que os formatos industriais sejam pensados de modo a impor regras, criando rotinas e fidelizando a audiência.

Orozco traduziu a ritualidade, exposta por Martín-Barbero em 1990, como mediação situacional, mantendo o mesmo sentido. Ao desenvolver essa mediação, Martín-Barbero torna mais concreto e de mais fácil aplicação empírica o que havia definido como temporalidade social, que possuía significado semelhante.

A *tecnicidade* leva em conta que cada gênero de programa televisivo tem uma espécie de gramática própria, através da qual seu conteúdo adquire sentido, uma vez que aparece com forma própria. Cada meio de comunicação, além de uma linguagem específica e de um potencial midiático intrínseco, sedimenta-se tecnicamente de maneira particular (OROZCO, 2001). Assim, a tecnicidade exige dos receptores uma aprendizagem adequada ao meio consumido, isto é, uma competência de linguagem.

Neste trabalho, relaciona-se o estudo da mediação da tecnicidade à análise das representações da telenovela, considerando a afirmação de Martín-Barbero (2009b, p. 14) em que liga a “tecnicidade ao que está se movendo na direção da identidade”. Dessa maneira, essa mediação tem mais a ver com o conteúdo do que com a forma, ou seja, é menos “assunto de aparatos” do que de “organizadores perceptivos” e habilidades discursivas.

A tecnicidade pode ser entendida, então, pelo modo como o produto é apresentado por um meio técnico, o que inclui desde os cenários e figurinos, até o discurso⁵, as mais diversas representações que chegam ao receptor através do vídeo. Como organizadora da

⁵ Faremos uso de “discurso” e “texto” indiferentemente, não realizando uma discussão sobre o uso dos termos.

percepção, a tecnicidade é a ponte entre instituição e público, entre as lógicas de produtos e os formatos industriais, ou ainda, entre a Rede Globo e a *Caminho das Índias* que vai ao ar.

O estudo da tecnicidade foi pouco aprofundado empiricamente por Orozco, uma vez que é um pesquisador essencialmente dedicado à recepção. No entanto, não deixa de pensá-la, e o faz através da mediação vídeo-tecnológica/ massmediática. No arranjo de Martín-Barbero de 1987, a técnica não era pensada de forma tão destacada.

Entende-se a *institucionalidade* como uma mediação repleta de interesses e relações de poder, responsável pela regulação dos discursos midiáticos, envolvendo questões essencialmente econômicas e políticas. Orozco (1991, p. 55) destaca a importância dos produtores e emissores para a constituição das representações veiculadas nos meios. É preciso ter em mente que a televisão (meio focado neste trabalho) é uma instituição social, com história, objetivos e interesses próprios.

Orozco (1994, 1997, 2001) pensou a mediação institucional mesmo antes de Martín-Barbero, mas de modo distinto. Em seu modelo das multimediasções, Orozco refere-se à incidência de instituições sociais, como a escola, a Igreja e o bairro, na conformação de sentidos pela audiência. Diferentemente, a institucionalidade refere-se ao por de trás dos discursos midiáticos e às estratégias pensadas pelo emissor. Essa mediação não tem correspondência com nenhuma do modelo apresentado em “De los medios a las mediaciones”, uma vez que o eixo da produção não ganhou destaque na obra de Martín-Barbero.

Ter ciência da nova proposta de Martín-Barbero e aventurar-se a estudá-la é um desafio, uma vez que o modelo recente demonstra que o autor segue refletindo sobre o tema e procurando aperfeiçoar sua teoria. Essa busca contínua realça a inconstância do conhecimento, em permanente construção, pois precisam acompanhar a evolução da sociedade.

Consideramos que as mediações pensadas por Martín-Barbero (1987; 1998) nos diferentes momentos são, na realidade, complementares. As mediações culturais da comunicação continuam importantes para o estudo da audiência, pois a cultura, sem dúvida alguma, medeia a relação dos receptores com os meios de comunicação. No estudo proposto, as mediações culturais – como classe social, família e escola, conformadoras das competências de recepção e do sentido da vida cotidiana – servem para pensar o contexto do receptor estudado, que não está isolado ao ter contato com a TV. Por outro lado, as mediações comunicativas da cultura significam pensar a cultura como mediada pela mídia na contemporaneidade, o que vai ao encontro do objetivo central deste trabalho, o de

compreender o papel da telenovela (mediação comunicativa) na conformação de identidades femininas.

Nosso esforço neste trabalho é possibilitar que as mediações de Martín-Barbero constituam um instrumento para a pesquisa empírica, visto que ainda encontramos poucos estudos de comunicação balizados por esse modelo. Uma exceção é a tese de doutorado de Ângela Felippi (2008), que aplica empiricamente as mediações da institucionalidade e da tecnicidade – nível da produção e do texto –, e toma, em nível teórico, a competência da recepção, para o estudo da construção da identidade gaúcha em Zero Hora.

Propomos aplicar o “novo mapa das mediações” de Martín-Barbero, analisando as mediações da ritualidade, socialidade, tecnicidade e institucionalidade no que se referem à telenovela⁶. O uso do modelo vem ao encontro do que almejamos com esta pesquisa, pois possibilita um estudo mais amplo do processo receptivo. Tomamos as críticas feitas aos estudos de recepção (GOMES, 2004; ESCOSTEGUY, 2007, 2008) não como uma sugestão de desistência dos estudos que focam a recepção midiática, tampouco como uma necessidade de estudo empírico de cada instância comunicativa, mas como o apontamento da necessidade de problematizar a abordagem desses estudos no que se refere à “autonomia” do sujeito receptor. Conforme Escosteguy (2008, p. 3), muitos estudos de recepção têm omitido “as relações de poder e a regulação das esferas do pessoal e do privado pela própria mídia. Em outros termos, há um apagamento da relação inversa – dos textos midiáticos e das lógicas culturais sobre os receptores.”

Assim, destaca-se o imperativo de uma consciência do processo comunicativo como um todo, o que pensamos significar, principalmente, a valorização do contexto das relações, repletas de interesses – dos produtores aos receptores –, em que essa recepção ocorre. Com isso em vista, propomos a realização de um trabalho em que o receptor é o foco, considerando, no entanto, sua inserção na teia em que a comunicação ocorre, não diminuindo a importância dessa corrente de estudos, e empenhando-se na tentativa de qualificar suas investigações.

Na aproximação com o grupo estudado, *família, escola e classe social* destacaram-se no contexto social e no cotidiano das jovens, constituindo relações centrais. Por esse motivo, elegemos essas como as fontes principais de mediação. Além dessas, abordamos a *telenovela* como uma mediação essencial na constituição da identidade de gênero, pois transmite, diariamente, o que é ser mulher, como agir, o que desejar, o que pode e o que não pode fazer.

⁶ A aplicação metodológica do mapa das mediações será explicitada a seguir, na indicação dos registros metodológicos.

O gênero feminino não é estudado como uma mediação, pois é o objeto central desta pesquisa, sobre o qual incidem as mediações supracitadas. Isso significa que, ao objetivar investigar os embates e complementaridades entre a telenovela e as mediações família, escola e classe social na conformação da identidade feminina das jovens, são as mediações referidas que interferem na construção do feminino.

1.2. REGISTROS METODOLÓGICOS

A metodologia de um estudo de recepção é verdadeiramente complexa. Fazer perguntas aos receptores ou assistir à novela com eles não é suficiente. Os métodos precisam ser combinados de forma coerente para uma compreensão abrangente do que significa a telenovela para cada pessoa ou para um grupo. Nesse sentido, a escolha da amostra, a forma de aproximação, as técnicas de coleta de dados e o tratamento das informações serão os principais pontos abordados nesta seção. Posteriormente, será explicitado o modo de aplicação do mapa das mediações de Martín-Barbero (1998), que estrutura a análise da comunicação e da cultura nesta dissertação.

Este trabalho configura-se como uma etnografia da audiência (LEAL, 2002). Para falar sobre esse método de pesquisa, primeiramente, é interessante apresentar o conceito de audiência aqui empregado, “entendida como conjunto segmentado, a partir de suas interações midiáticas, de sujeitos sociais, ativos e interativos, que não deixam de ser o que são enquanto travam alguma relação sempre situada com o referente midiático, seja esta direta, indireta ou diferida.” (OROZCO, 2001, p. 23).

Praticar a etnografia, conforme expõe Geertz (1989, p. 15),

é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. Mas não são essas coisas, as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento. O que define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma ‘descrição densa’.

Unindo os dois conceitos, entendemos que a etnografia da audiência constitui-se do conhecimento originado na descrição do contexto de apropriação da mídia e refere-se a descrever os meandros do consumo midiático, realizando uma análise atenta ao cotidiano, no que se refere ao bairro, à casa, às práticas, buscando observar a produção de sentidos a partir do receptor (RONSINI, 2007). Para alcançar esse objetivo, fazem parte das técnicas de coleta

de dados a entrevista semi-dirigida, o formulário sociocultural, a observação do espaço doméstico e a assistência conjunta da telenovela, com registro em diário de campo, que serão explicitadas adiante.

O debate sobre o termo mais apropriado para cunhar os estudos etnográficos que relacionam TV e os receptores ainda não foi suficientemente desenvolvido, carecendo-se de argumentos para eleger chamar “etnografia da recepção” ou “etnografia da audiência”. Leal (2002, p. 120), considera a escolha de um termo ou outro problemática, e opta por “etnografia da audiência”.

Não posso, me parece, falar em etnografia da recepção, e sim em etnografia da audiência. Primeiro, porque audiência remete melhor à ideia de coletivo [...]. Além disso, dentro dos estudos já existentes na área de comunicação, em contraposição à etnografia da produção, pode-se falar em audiência, e não exatamente em recepção. Recepção opõe-se à emissão, não ao processo de produção de um bem da indústria cultural. *Recepção* refere-se à recepção de qualquer mensagem em um processo comunicativo, não indica a especificidade dos meios de comunicação de massa. [...] Em se tratando de um procedimento etnográfico, *recepção* nos dá uma ideia de processo individualizado.

Ao nos vincularmos à etnografia da audiência, temos ciência do esforço crucial em que se constitui a pesquisa de campo, a qual se torna tão rica quanto trabalhosa e pessoalmente marcante. Sua relevância é de tal forma acentuada que pode exigir a mudança de objetivos ou objetos de estudo. Iniciei⁷ o período de investigação empírica, em novembro de 2008, com a intenção de realizar uma comparação entre as apropriações da telenovela por jovens mulheres de diferentes classes sociais: classe popular, de um lado, e classe média alta, de outro. Essa opção acabou sendo descartada pelo impeditivo que representou encontrar garotas de classe média alta dispostas a participar das entrevistas, ante inúmeras tentativas frustradas. O curto período de realização do mestrado não permitiu que se insistisse por muito tempo e logo se focou a pesquisa apenas na classe popular, mais receptiva. Remodelamos objeto e objetivos, o que resultou numa transformação significativa, porém, não retirou a relevância do estudo e nem o interesse em investigá-lo.

Os contatos com as informantes ocorreram a partir de indicações feitas por professoras da Escola Municipal Alfredo Winderlich (Santa Maria-RS) e contou ainda com a colaboração das próprias entrevistadas, que me levaram a uma tia, irmãs e amigas. No

⁷ Na atual seção e no relato da assistência da telenovela com as entrevistadas, no capítulo 5, empregamos a primeira pessoa do singular, pois faz referência à pesquisa de campo realizada individualmente pela autora do trabalho. No restante do texto, fazemos uso da primeira pessoa do plural, uma vez que as ideias são construídas em conjunto por orientanda e orientadora.

entanto, as especificidades para a constituição da amostra de classe popular – estar matriculada nos ensinos médio, superior ou profissionalizante e não ser mãe – foram abolidas após tentativas infrutíferas de encontrar garotas com esse perfil. O que ouvi muitas vezes no bairro foi: “Aqui é difícil encontrar meninas dessa idade que não sejam mães.” Dessa forma, busquei mulheres entre 15 e 24 anos, de classe popular, moradoras do bairro Urlândia – Santa Maria-RS.

Optamos por investigar apenas um bairro, o que possibilitou entender melhor a realidade local. Não conhecia a Urlândia antes da pesquisa, e necessitei da colaboração das entrevistadas e de moradores para chegar às residências. As que moravam nos pontos mais afastados, como em becos, ofereceram-se para buscar-me na parada de ônibus na primeira visita, pois compreendiam a dificuldade de encontrar suas casas. Os elementos que caracterizam a Urlândia como um bairro de periferia, em que a infraestrutura ofertada é precária e a maior parte dos moradores vive em condições socioeconômicas restritas, foram os principais motivadores para a escolha desse local.

Santa Maria é a principal cidade da região central do Rio Grande do Sul, com uma população de cerca de 270 mil habitantes, segundo dados de 2007 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), além de 30 mil habitantes “flutuantes”, especialmente jovens que se instalam por pouco tempo para estudar na cidade. A base econômica do município é composta, essencialmente, pelo setor de serviços, que responde por mais de 80% dos empregos, destacando-se o comércio, a educação e a administração pública, defesa e seguridade social. Essas são características importantes para compreender alguns posicionamentos das entrevistadas. A profissão mais ambicionada pelas jovens, por exemplo, é a carreira militar, em grande parte influenciadas pelo significativo contingente militar da cidade. Além disso, apesar da pouca escolaridade das jovens e de seus familiares, expressam o desejo de cursar uma faculdade, o que pode ser relacionado com uma cultura de ensino superior que há na cidade, visto que esta conta com uma universidade federal e seis faculdades particulares presenciais, atraindo jovens de todo o Rio Grande do Sul e de outros estados.

O bairro Urlândia, composto por quatro vilas, é uma área de periferia de Santa Maria, que se desenvolveu a partir dos anos 1960. Sua população, de cerca de 10 mil moradores, é constituída por habitantes predominantemente de classe popular, visto que 45% dos responsáveis pelos domicílios recebem no máximo dois salários mínimos, e 48% têm quatro anos ou menos de estudo (SOUZA, 2006). O bairro conta com uma infraestrutura pouco desenvolvida. São oferecidos serviços como posto de saúde, mercados (pequenos), escolas e

centro comunitário, sendo a existência deste, desconhecida por várias entrevistadas. As duas escolas do bairro são municipais de ensino fundamental, não havendo nenhuma de ensino médio ou profissionalizante. Como parte do bairro foi formada a partir de uma ocupação urbana irregular, não foram estruturadas áreas de lazer e de comércio, como praças, parques, ginásios ou centros comerciais. Estabelecimentos como banco, agência dos Correios, hotel ou farmácia também são ausentes, e lojas, bares, lancherias e restaurantes, pouco comuns.

Após quatro meses de campo, a amostra da pesquisa estava consolidada, sendo composta por 12 entrevistadas⁸: Bruna, Camila, Carol, Cauane, Emanuele, Letícia, Lucielen, Natália, Natiele, Paola, Rafaela e Raquel⁹. A justificativa para a delimitação da amostra ao número de 12 tem relação com a ponderação de Gaskell (2002, p. 71): “A fim de analisar um *corpus* de textos extraídos das entrevistas e ir além da seleção superficial de um número de citações ilustrativas, é essencial quase que viver e sonhar com as entrevistas – ser capaz de relembrar cada ambiente”, o que não permite que o número de entrevistas se estenda.

A pesquisa de campo trouxe a aproximação com variadas experiências de vida e com uma realidade social distante. O percurso transcorrido na iniciação científica e no trabalho de conclusão de curso colaborou para uma “naturalidade” diante das diferenças. Contudo, não esmaeceu as reflexões geradas pelas histórias de vida compartilhadas. Carência econômica, adoção, gravidez na adolescência, namorados violentos, depressão, abuso sexual, ausência de mães e pais – uns por doenças, como AIDS e câncer, outros por alcoolismo, outro assassinado –, irmãos entregues a outras famílias, religiosidade, esperança, sonhos (uns ambiciosos, outros humildes), visões críticas e pensamentos conformistas fizeram parte de relatos angustiados e angustiantes durante toda a pesquisa empírica.

Como naturalmente ocorre, a relação de pesquisador e informante variou de um caso para outro. De forma geral, foram receptivas, o que inclui toda a família, respondendo às questões com boa vontade. No entanto, em alguns casos, encontrei empecilhos, como para a aplicação do formulário sociocultural com Natália, que só pôde ocorrer após dois meses de tentativas, devido à jornada de trabalho e ao envolvimento da jovem no cuidado da mãe doente (cálculo na vesícula). Outro caso em que o acesso foi dificultado se deu com Carol, que engravidou durante os meses de realização da pesquisa. Após saber da gravidez,

⁸ Quatro jovens deixaram de compor a mostra por motivos variados. Uma delas mudou-se do bairro após o primeiro encontro e deixou de fazer parte de perfil pretendido. A irmã da informante Natália foi entrevistada, mas não está incluída na amostra porque não assistia a *A Favorita*, novela em exibição quando iniciaram as entrevistas. A irmã de Emanuele, filha de seu pai adotivo e que mora em outra casa, e outra jovem do bairro não se enquadraram como pertencentes à classe popular.

⁹ Nomes fictícios escolhidos pelas entrevistadas.

transcorridos três meses de contato com a entrevistada, ela mudou-se para a casa da família do namorado e, desde então, o acesso à informante tornou-se difícil, talvez por vergonha da gravidez, ou por proibição do parceiro, que sempre se mostrou ciumento e possessivo.

Assistir à telenovela com as jovens mostrou-se um desafio, alcançando êxito com quatro delas. Apesar de já me conhecerem há alguns meses, houve resistência/impossibilidade por parte de algumas entrevistadas. No caso de Lucielen e Raquel, o pai delas bebe rotineiramente ao chegar do trabalho, estando alcoolizado no horário da novela, e por isso as garotas não quiseram me receber em casa à noite¹⁰; Bruna, Cauane, Lucielen, Natiele e Paola estudam à noite e estavam em aula no horário da novela, assistindo apenas ao final dos capítulos; Carol passou a morar na casa do namorado, que não a permite receber amigas em casa¹¹. Assim, assisti à telenovela com Camila, Letícia, Rafaela e Carol.

A observação etnográfica resultou em um diário de campo com as impressões da pesquisa. Conforme expõem Lopes; Borelli; Resende (2002, p. 54), o espaço doméstico é observado a partir de três perspectivas: *temporal*, que se refere às rotinas familiares; *espacial*, relacionada à infraestrutura da moradia e distribuição de objetos, especialmente midiáticos; e *das práticas*, referentes a atividades familiares corriqueiras e à audiência da telenovela.

Outra ferramenta metodológica utilizada foi o formulário sociocultural, instrumento complementar que permite ter acesso a dados mais objetivos sobre as condições socioeconômicas do grupo e o consumo cultural, tanto da mídia quanto de outras expressões culturais. Tal como foi assumido na pesquisa de “Vivendo com a Telenovela”, com essa ferramenta temos o objetivo de “reconstruir o *mapa do consumo doméstico* por meio de um conjunto de indicadores empíricos.” (Ibid., p. 55).

A entrevista do tipo semi-dirigida foi um importante recurso empregado, pois concede liberdade ao entrevistado para contar histórias ou tecer comentários de qualquer espécie, seguindo, no entanto, uma série de questões consideradas necessárias para alcançarmos os objetivos estipulados. A primeira delas, com 72 perguntas, abordou temas como: consumo de mídia, impressões sobre classe social, relações familiares e de amizade, experiências na escola, momentos de lazer, apropriações sobre telenovelas e modos de ver a feminilidade, contrastivamente ao masculino. A segunda, após o exame de qualificação, contou com 28 questões complementares sobre *Caminho das Índias* – ainda pouco popular entre as mulheres nos primeiros dois meses de exibição, mas bastante assistida nos meses finais – e suas impressões sobre a vida feminina.

¹⁰ Fato relatado por Lucielen.

¹¹ No entanto, já havia assistido à novela uma vez com a jovem enquanto ela morava com os pais.

Todas as entrevistas foram realizadas nas residências das informantes, normalmente na sala, mas também na cozinha e no pátio da casa. Eram poucos os momentos de privacidade total, principalmente por causa da movimentação das crianças, sendo que as mães precisavam atender aos filhos em atividades corriqueiras. No entanto, não houve impedimentos que as deixassem constrangidas ou sem atenção à entrevista. Da mesma forma, o gravador, usado nas entrevistas, não pareceu significar inibição, pois pequeno e colocado sobre algum móvel, não as incomodava.

Houve também diversos momentos de conversas informais, que não eram gravadas, durante as visitas. Um desses, apenas para exemplificar, deu-se de forma involuntária, quando, no momento de ir embora da casa de Rafaela, após assistir à telenovela com ela, fui acompanhada até a parada de ônibus pela entrevistada e seu marido, que havia chegado em casa pouco antes. Precisamos ficar mais de uma hora esperando, momento proveitoso para falarmos de diversos assuntos, até a chegada do ônibus, às 23h45.

As visitas às entrevistadas estenderam-se de novembro de 2008 a dezembro de 2009, somando 14 meses de pesquisa de campo, que pode ser dividida em duas fases: antes do exame de qualificação, por sete meses, entre novembro de 2008 e maio de 2009; e depois do exame, por cinco meses, entre agosto e dezembro de 2009. A necessidade de diversas visitas, abordagens variadas e complementação de metodologias relaciona-se ao que Lopes; Borelli; Resende afirmam:

Uma das maneiras de a metodologia qualitativa enfrentar a questão da subjetividade dos dados é tentar *objetivá-los*, ou seja, levá-los à condição de *dados de confiança* e de afirmação através de um *processo de saturação de sentido* de um fato, não apenas fazendo o informante voltar a ele por meio da *repetição*, mas pelo *preenchimento* de sentido ao fazê-lo retornar ao fato através de outro ponto de vista. (LOPES; BORELLI; RESENDE, 2002, p. 53).

Sobre a relevância da entrevista neste estudo, é oportuno destacar a reflexão de Morley, a qual concerne ao rico universo que se abre diante do pesquisador durante as conversas com seus informantes.

[...] em meu ponto de vista, é preciso defender o método da entrevista não só porque permite que a investigação tenha acesso às opiniões e declarações conscientes das pessoas entrevistadas, mas também porque nos dá acesso a termos e a categorias linguísticas [...] em virtude dos quais as pessoas entrevistadas constroem seus mundos e a própria compreensão de suas atividades. (MORLEY, 1996, p. 261).

Em termos éticos, os cuidados tomados foram: a explicitação mais fiel possível dos fins para os quais estavam sendo entrevistadas; a não identificação nominal das entrevistadas,

que escolheram nomes para serem usados em substituição aos seus; e o preenchimento da autorização de cessão dos dados, especificamente em relação à entrevista e às fotos feitas, assinada também pela mãe das menores de idade.

Cabe ressaltar que a exposição do interesse em entrevistá-las e o âmbito no qual o trabalho insere-se fez parte de um “padrão de apresentação”. Contudo, entrevistadas e familiares não se interessavam em saber mais informações sobre o estudo, sendo raros os questionamentos – as exceções foram a mãe de Emanuele, que fez questão de ler atentamente a autorização e pedir outros esclarecimentos, e a família de Carol, cujos pais já haviam sido entrevistados para uma pesquisa de conclusão de curso.

Após a transcrição de todas as entrevistas, procedeu-se à tabulação artesanal das respostas, etapa importante para a absorção das impressões de cada garota. A essa etapa seguiu-se a descrição e a interpretação dos dados, com base nas mediações empíricas – *família, escola, classe social e telenovela* –, organizadas nas categorias *família e amigos, trabalho e escola e relacionamento homem-mulher/ Sexualidade*.

No que se refere ao estudo da recepção, Orozco (1997), embora não apresente uma “receita infalível”, sublinha que observar as *redundâncias* presentes nas falas dos entrevistados é um passo imprescindível para realizar a interpretação. A partir da apreensão dos elementos que se repetem, é possível captar quais são os aspectos mais relevantes das entrevistas.

A análise, contudo, nunca será objetiva, visto que não nos filiamos à ideia de retrato transparente da realidade, pretensão das pesquisas nas ciências exatas e mesmo de alguns estudos das ciências sociais e humanas. Os resultados das investigações empíricas, portanto, são “sempre, necessariamente, uma representação (não é o reflexo transparente de uma realidade preexistente), e as informações sobre o que as pessoas fazem com a televisão sempre incluem alguma interpretação.” (MORLEY, 1996, p. 258). Segundo Lopes (2005, p. 152), isso não se configura como um problema, e sim como uma especificidade da área de conhecimento na qual nos incluímos. Somente através da “elaboração interpretativa dos dados que se pode atingir um padrão de trabalho científico unificado na área de conhecimento da comunicação.”

Além da investigação empírica da *socialidade* das entrevistadas e da *ritualidade* do assistir telenovela, empreendeu-se a análise do *corpus* de pesquisa com base na mediação da *tecnicidade* e, sucintamente, da *institucionalidade*. O *corpus* está composto pela telenovela *Caminho das Índias* (19/01/2009 – 12/09/2009), especialmente por capítulos distribuídos por todo o período de exibição da telenovela: 01 (primeiro), 10, 50, 90, 150 e 203 (último). Para a

análise, realizamos o *download* dos capítulos no site *Globo Downloads*¹². Além de *Caminho das Índias*, a análise empírica contempla cenas e aspectos da recepção de *A Favorita*, visto que essa novela estava no ar no início da pesquisa de campo e apresentou elementos interessantes sobre as questões de gênero e de classe social.

A importância de estudar a codificação da telenovela, para depois compreender sua decodificação, é defendida por Hall. Buscando destacar tal reflexão, Morley (2006, p. 11-12) expõe que “certamente, poucos parecem ter notado a posição de Hall (...), ele insiste que a ‘leitura preferencial’ é, sem dúvida, uma propriedade do texto – a qual pode (e deve) ser identificada por uma análise cuidadosa do próprio texto.”

O exame de *Caminho das Índias* incidiu sobre cada capítulo selecionado para o *corpus*, em que se analisou as relações de classe social e de gênero, assim como pelo estudo da trajetória de personagens femininas. Tomamos como referência para a análise as mesmas categorias que organizaram a descrição da recepção, inspiradas na literatura sobre gênero (MATTOS, 2006; BOURDIEU, 2007):

- *Família e amigos*: posicionamento sobre maternidade; o papel de mãe; relação com filhos, pais, irmãos e amigos; educação familiar;
- *Trabalho e escola*: posicionamento entre esfera pública e esfera privada; espaço do trabalho; história escolar; importância da escola; independência financeira; vida profissional; e
- *Relacionamento homem-mulher/ Sexualidade*: relação com marido/ namorado; comportamento sexual; virgindade; relações sexuais fora do casamento; atributos para conquista do sexo oposto.

Para a análise dos dados, tanto do *corpus* composto pela telenovela *Caminho das Índias*, quanto coletados na pesquisa de campo, com as entrevistadas, aplicamos o modelo *Encoding and Decoding*, de Hall (2003). O pesquisador propõe três formas de decodificação da mídia efetuada pelos receptores: preferencial/ hegemônica, negociada e opositiva, conforme exposto no início deste capítulo. Morley (2006, p. 14) expõe que, apesar do modelo de Hall apresentar problemas, “ainda tem muito a oferecer”, permanecendo aberto a novas formulações.

¹² Endereço eletrônico: <http://globodownloads.ipbfree.com>.

Ronsini *et al.* (2009), cientes da capacidade de desenvolvimento do modelo, adaptaram-no para pensar a recepção da telenovela por jovens urbanos. Fazemos uso da tradução operada pelas pesquisadoras para verificar se as entrevistadas são críticas, pouco críticas ou acríticas acerca das relações de gênero e das causas da pobreza. Do mesmo modo, utilizamos o modelo para a análise do produto, ou seja, observamos a codificação das representações femininas e de classe na telenovela, classificando-as como hegemônicas, negociadas ou opositivas. Para isso, destacamos categorias de análise e determinamos, a partir da literatura de base, o que é o hegemônico e o opositivo na codificação e na decodificação das representações das relações de gênero e de classe social.

Originalmente, Hall considerou o texto midiático como presumidamente hegemônico, de forma que apresentar ponto de vista divergente desse discurso significaria uma leitura opositiva. Empiricamente, no entanto, percebe-se que nem sempre as representações da telenovela são hegemônicas. Isso é percebido, por exemplo, quando o receptor opõe-se ao produto midiático crítico, como aquele que prega a igualdade racial, não podendo, desse modo, ser considerado um leitor “opositivo”.

O trabalho empírico, conforme exposto, estruturou-se no modelo das mediações comunicativas da cultura de Martín-Barbero (1998), tanto em termos da forma do relato, como do conteúdo. Levou-se em consideração a análise da produção (institucionalidade), da mensagem (tecnicidade) e da recepção, seja em relação às mediações que colaboram na conformação dos sentidos da telenovela (socialidade), seja no que se refere ao assistir e negociar as leituras do gênero melodramático (ritualidade). Desse modo, as mediações de Martín-Barbero foram empregadas da seguinte maneira:

- *Institucionalidade*: Refere-se ao estudo da produção, aos interesses econômicos e políticos do emissor. Revela-se na competitividade e na busca constante por melhores índices de audiência, objetivo de produtores, diretores e autores, isto é, da Rede Globo. A análise foca entrevistas da autora, Glória Perez, dados de outras novelas escritas pela autora¹³, divulgação de índices de audiência, repercussão da telenovela e os perfis dos personagens, apresentados pela emissora. O estudo dessa mediação é complementar nesta pesquisa;

¹³ As principais fontes são Folha Online, revista Veja, blog de Glória Perez, o site oficial da novela e o site Memória Globo, com informações sobre cada telenovela já apresentada pela Rede Globo.

- *Tecnicidade*: É o estudo do produto que chega à casa dos receptores. Entre as diversas características que podem ser observadas no produto telenovela – *Caminho das Índias* –, destacamos a análise das representações do feminino e da classe, questões mais relevantes nesta pesquisa. Reconhecemos que o estudo do texto é de grande importância para a compreensão das negociações do receptor com o discurso da telenovela, no entanto, não é objetivo central desta investigação, pois focamos a perspectiva do receptor;
- *Socialidade*: Entende-se como o estudo da cultura que conforma o cotidiano e a socialização das entrevistadas, que terá incidência na recepção e apropriação dos produtos midiáticos. Foi realizado o estudo do contexto social por meio da aplicação de entrevistas semi-dirigidas, de formulário sociocultural e da observação etnográfica. Ressaltaram-se as mediações empíricas família, escola e classe social como socializadoras centrais dos sujeitos;
- *Ritualidade*: Investigou-se o “ritual” que compõe o assistir à telenovela, observando-se o local da TV na casa, quais as companhias das entrevistas no momento da recepção, a distribuição física dos receptores, o compartilhamento de opiniões, a atenção dispensada ao programa, as atividades paralelas, as reações e as relações de poder. De forma mais ampla, busca captar a forma de negociação das receptoras na conformação dos sentidos que destinam à telenovela.

Capítulo 2

GÊNERO, CLASSE SOCIAL E OS ESTUDOS CULTURAIS

2.1. SER MULHER: UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL

A preocupação em estudar o gênero como uma categoria analítica tem início na última metade do século XX. As feministas organizaram-se no período pós-guerra em um movimento que buscava transformar as relações entre homens e mulheres e “construir uma nova identidade capaz de definir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, de buscar a transformação de toda a estrutura social” (CASTELLS, 2000, p. 24), o que, para Castells, caracteriza uma identidade de projeto.

Franchetto, Cavalcanti e Heilborn (1981) apontam que o movimento feminista inicia na década de 1960 no chamado “Novo Feminismo”, que ganhou espaço em países de capitalismo avançado - Estados Unidos, França, Alemanha, Itália e Inglaterra. As lutas das mulheres por direitos iguais, porém, tiveram origem cem anos antes, na segunda metade do século XIX, com as campanhas pela concessão do voto feminino. Todavia, é possível buscar ainda mais longe as origens da problemática enfrentada pelas feministas, visíveis no clássico “A origem da família, da propriedade privada e do Estado”, de 1884, em que a opressão feminina é exposta.

A monogamia não surge absolutamente na história como uma espécie de reconciliação entre o homem e a mulher, e menos ainda como a forma mais elevada de família. Comparece em cena sob a forma da sujeição de um sexo ao outro, da proclamação de um conflito entre os sexos até aquele momento desconhecido na história. Num velho manuscrito inédito, elaborado em 1846 por Marx e por mim, encontro a seguinte frase: “A primeira divisão do trabalho é a que tem lugar entre o homem e a mulher para a procriação dos filhos”. E hoje posso acrescentar: o primeiro antagonismo de classe a surgir na história coincide com o desenvolvimento do antagonismo entre o homem e a mulher em regime monogâmico, e a primeira opressão de classe se manifesta com a opressão do sexo feminino por parte do masculino. (ENGELS, 1987, p. 78).

Outro interessante registro do pensamento feminista data de 1897, quando Goldman (apud STOLKE, 2004, p. 80) escreveu “Eu exijo a independência da mulher, seu direito a manifestar-se, seu direito a manter a si mesma, a amar a quem ela quiser ou a tantos quantos ela quiser.”

A publicação de “O Segundo Sexo”, de Simone de Beauvoir, em 1949; a fundação, por Betty Friedan, do National Organization of Women, maior organização feminista independente dos Estados Unidos, em 1966; e a primeira Conferência Mundial da Mulher, convocada pela ONU e realizada em 1975 na Cidade do México, representando a mundialização do movimento, são marcos do feminismo. Vale também destacar os estudos de Margareth Mead, que, em 1935, já defendia que as condutas sexuais variavam segundo os contextos socioculturais, inaugurando, em 1949, o uso do termo *gênero* (STOLKE, 2004).

Segundo Franchetto, Cavalcanti e Heilborn (1981), o desenvolvimento das reivindicações femininas por igualdade entre os sexos tem relação com a ascensão do individualismo, conceito desvinculado do emprego do termo pelo senso comum. As autoras explicam que nas sociedades modernas, onde a totalidade social, própria das sociedades tradicionais, perde força, a categoria *indivíduo* passa a normatizar as instituições. Nesse contexto, entre outros eventos, destaca-se a Declaração dos Direitos do Homem como precursora dos movimentos de luta pela igualdade entre homens e mulheres, uma vez que declarava a liberdade e a igualdade dos indivíduos, princípio tomado pelas feministas.

É interessante notar que o movimento feminista e os estudos sobre gênero desenvolveram-se paralelamente, e, mais do que isso, grande parte das feministas são teóricas que pesquisam a opressão feminina e, concomitantemente, reivindicam uma transformação na posição da mulher na sociedade.

Foi nos anos 1980 que a diferenciação entre *sexo* e *gênero* ganhou força, especialmente na literatura sociológica e psicológica dos Estados Unidos. Haraway (2004) comprova essa expansão a partir da comparação entre dois períodos: décadas de 1960/70, de um lado, e 1980, de outro. *Gênero* não aparecia nenhuma vez como palavra-chave de artigos científicos nos “Sociological Abstracts” entre 1966 e 1970, e passa a contar com 724 registros entre 1981 e 1985; da mesma forma que nos “Psychological Abstracts” o termo passa de 50 aparições para 1.326, no mesmo período.

Na caminhada percorrida pelos estudos feministas, os conceitos de sexo e gênero foram sempre fundamentais, apesar de compreendidos de maneiras distintas ao longo do tempo e em diferentes contextos. As dificuldades do uso do conceito *gênero* iniciam pelo emprego da própria palavra, que possui variações de significados em diferentes línguas. O termo inglês *gender*, diferenciado de *genre* e *sex*, apresenta ambiguidades quando traduzido para outros idiomas. Stolke (2004) expõe que, em alemão, *Geschlecht* designa igualmente o sexo biológico e o gênero social. Em português e em línguas irmãs, *gênero* refere-se a uma classe ou ordem de algo e ao gênero gramatical, tornando o termo ainda mais polissêmico. É

igualmente comum pensar gênero como sinônimo de mulher, restringindo a desigualdade de gênero a um problema exclusivo das mulheres.

O ponto de partida para os atuais estudos de gênero é comum: o pensamento de Simone de Beauvoir sobre a construção social do significado de ser mulher.

Apesar de importantes diferenças, todos os significados modernos de gênero se enraízam na observação de Simone de Beauvoir de que ‘não se nasce mulher’ e nas condições sociais do pós-guerra que possibilitaram a construção das mulheres como um coletivo histórico, sujeito-em-processo. Gênero é um conceito desenvolvido para contestar a naturalização da diferença sexual em múltiplas arenas de luta. A teoria e a prática feminista em torno de gênero buscam explicar e transformar sistemas históricos de diferença sexual nos quais “homens” e “mulheres” são socialmente constituídos e posicionados em relações de hierarquia e antagonismo. (HARAWAY, 2004, p. 211).

Um aspecto criticado no pensamento de Beauvoir é que a autora reivindica a centralidade da cultura, mas, na realidade, não se desprende de aspectos relacionados ao corpo, considerados universais pela pesquisadora. A autora e outras estudiosas destacam que as diferenças nas relações de poder entre homens e mulheres referem-se a aspectos culturais, a uma construção histórica. Por outro lado, devido à histórica dominação masculina, organiza-se uma relação de comunhão entre as mulheres, buscando realçar os aspectos comuns da submissão feminina. Dessa forma, o que acaba em realce é uma categoria de mulher anterior a seu contexto social. Assim, algumas feministas procederam a uma reunião das características femininas, tornando-as mais naturais do que sociais, e, ao mesmo tempo, afirmaram que as diferenças entre os gêneros são culturais. Scott (1986, p. 1065) refere-se a essa contradição e critica a afirmação de que “mulheres pensam e escolhem desse modo porque são mulheres”, considerando-a uma noção a-histórica e mesmo essencialista. “Insistindo em diferenças fixas [...] feministas contribuem para um tipo de pensamento que elas querem opor.”

Esse pensamento exposto por Scott não se caracteriza propriamente como um *determinismo biológico*, uma vez que se recorre, muitas vezes, a profundas explicações sobre a importância do social para a diferenciação de homens e mulheres. Nicholson (2000) chama esse raciocínio de *fundacionalista biológico*, uma vez que a mulher é vista como uma, independente do contexto social. Na verdade, para pensar a mulher na sociedade, não se pode apagar as diferenças entre as mulheres.

O problema do fundacionalismo biológico pode ser notado na teoria do “sistema sexo/ gênero”, uma influente discussão sobre gênero desenvolvida por Gayle Rubin em estudo de 1975. De forma resumida, nessa teoria, *sexo* diz respeito ao que é natural, e, *gênero*, ao que

é cultural. Em “The Traffic in Women”, Rubin difunde a expressão “sistema sexo/ gênero” e definia-a como “o conjunto de acordos sobre os quais a sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana, e nos quais essas necessidades sexuais transformadas são satisfeitas.” (RUBIN apud NICHOLSON, 2000, p. 3). Nicholson (Ibid.) crítica esse pensamento, pois, nele, “o biológico foi assumido como a base sobre a qual os significados culturais são constituídos. Assim, no momento mesmo em que a influência do biológico está sendo minada, esta sendo também invocada.”

Esse modo de ver *sexo* e *gênero* foi característico das décadas de 1960 e 1970, quando fugir do determinismo biológico para refletir sobre a mulher parecia suficiente. Mais recentemente, as pesquisas abandonaram essa perspectiva e, de forma crescente, *gênero* tem sido usado também para a construção do sentido dos corpos femininos e masculinos. Percebeu-se, portanto, que a sociedade forma também uma interpretação para os corpos, para além da personalidade e do comportamento.

Outra feminista que promoveu um giro teórico-político no pensamento sobre as relações de gênero foi Judith Butler, com sua teoria da performatividade. Butler faz uso das ideias de Foucault acerca do caráter discursivo da sexualidade, desafiando a noção estática da identidade de gênero. Em *Gender Trouble*, de 1990, propõe que o gênero é um efeito discursivo e o sexo é efeito do gênero. Assim, o gênero converte-se em “algo que se faz em vez de algo que é.” (STOLKE, 2004, p. 100). A questão central para Butler está em como as pessoas escolhem e exercem sua sexualidade e sua identidade sexual, e não propriamente no gênero. Stolke reconhece as contribuições de Butler, mas aponta que a autora não problematizou as circunstâncias em que as pessoas precisam estar inseridas para desafiar tão profundamente as normas heterossexuais. Também indaga se é necessário que os indivíduos se desprendam tão completamente da materialidade sexual para usufruir de liberdade.

Com a sofisticação das pesquisas feministas, o foco passou a ser os contextos históricos e culturais concretos nos quais os gêneros conformam seu significado. Preocupados com as culturas concretas e diminuindo as universalizações, os estudos caminham para a investigação de contextos particulares. A profunda compreensão da afirmação de Beauvoir (1980) de que “Não se nasce mulher, torna-se mulher”, no ponto de vista de Franchetto; Cavalcanti; Heilborn (1981, p. 32-33), implica na “percepção de que não existe a Mulher, e sim mulheres”.

Representante de uma análise de gênero atual e reconhecida por seu modo de encarar a categoria de forma historicizada, Joan Scott propõe uma definição de gênero em que destaca dois aspectos centrais: “gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas em

diferenças percebidas entre os sexos, e gênero é uma forma primária de significar relações de poder.” (SCOTT, 1986, p. 1067). Os elementos envolvidos em sua definição de gênero são: 1) as múltiplas representações culturais, que envolvem símbolos masculinos e femininos; 2) os conceitos normativos, que dão significado às representações simbólicas, expressos por meio da religião, da educação, da ciência, das leis e doutrinas políticas; 3) as instituições sociais, como família, trabalho, sistema educacional e política e; 4) identidade subjetiva. Esses pontos, segundo a historiadora, devem ser estudados em conjunto e servem também para discutir questões de classe, raça, etnicidade ou qualquer outro processo social.

No que se refere às relações de gênero como espaço primário em que o poder é articulado, Scott vale-se do pensamento de Bourdieu, para o qual as diferenças biológicas e a divisão de trabalho na procriação e reprodução operam como a melhor das ilusões coletivas. Baseadas em referências “objetivas”, as diferenças de gênero estruturam as percepções de toda a sociedade. “Na medida em que essas referências estabelecem distribuições de poder, o sexo torna-se implicado na concepção e construção do próprio poder.” (SCOTT, 1986, p. 1069). Dito de outra forma, as diferenças sexuais/ físicas legitimam a dominação masculina.

Essa ideologia refere-se diretamente ao pensamento patriarcalista, o qual, segundo Castells (2000, p. 169), “é uma das estruturas sobre as quais se assentam todas as sociedades contemporâneas. Caracteriza-se pela autoridade, imposta institucionalmente, do homem sobre mulher e filhos no âmbito familiar.” Os relacionamentos interpessoais e, conseqüentemente, as identidades, são marcados pela dominação originada na cultura patriarcalista, muitas vezes impregnada de violência simbólica. A família patriarcalista, no entanto, vem perdendo força. Na perspectiva de Castells, a crise do patriarcalismo está fundamentada no enfraquecimento do modelo familiar baseado na autoridade exercida pelo homem sobre toda a família.

A família patriarcal, base fundamental do patriarcalismo, vem sendo contestada neste fim de milênio pelos processos, inseparáveis, de transformação do trabalho feminino e da conscientização da mulher. As forças propulsoras desses processos são o crescimento da economia informacional global, as mudanças tecnológicas no processo de reprodução da espécie e o impulso poderoso promovido pelas lutas da mulher e por um movimento feminista multifacetado [...]. A incorporação maciça da mulher na força de trabalho *remunerado* aumentou o seu poder de barganha *vis-à-vis* o homem, abalando a legitimidade da dominação deste em sua condição de provedor da família. (CASTELLS, 2000, p. 170).

O autor assegura que estamos vivendo um processo irreversível, intensificado nos últimos 25 anos, em que as mulheres adentraram definitivamente no mercado de trabalho e lutam contra a opressão, em medidas diferentes, dependendo dos contextos sociais. O autor

elencando dados que mostram as mudanças transcorridas nas últimas décadas, em termos de: 1) economia e mercado de trabalho; 2) ciências, que permitem o controle da mulher sobre seu corpo; 3) crescimento dos movimentos sociais e; 4) cultura globalizada, que difunde informações com agilidade e tece uma teia de relacionamentos.

Fique claro que a crise do sistema patriarcalista tem relação com a libertação da mulher na sociedade, mas não significa o fim da dominação masculina. Assim como prova, por 100 páginas, os avanços alcançados pelas mulheres, Castells afirma que “o patriarcalismo dá sinais no mundo inteiro de que ainda está vivo e passando bem, apesar dos sintomas de crise que procurei salientar.” (Ibid., p. 278).

A descrição de Bourdieu (2007) da naturalização da relação de subordinação da mulher é bastante atual e está presente no cotidiano feminino e masculino desde o nascimento. Dessa forma, as conquistas femininas não podem esconder as graves desigualdades que persistem. Para o sociólogo, as relações entre os gêneros, tais como as conhecemos hoje, parecem ter sido sempre assim. Esse trabalho de “eternização” é de responsabilidade de instituições como a família, a igreja e a escola, que permanecem ditando as normas sobre os comportamentos de homens e mulheres. O “sempre assim” da dominação masculina transformou a história em natureza, “o arbitrário cultural em *natural*”, resultado de um “longo trabalho coletivo de socialização do biológico” (BOURDIEU, 2007, p. 9). Há, portanto, um *habitus*¹⁴ de gênero, não-consciente para homens e mulheres, que se portam “naturalmente” como indica seu sexo, de acordo com esquemas de percepção, de pensamento e de ação. Dessa forma, “a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la.” (Ibid., p. 18).

Nos últimos anos, a crença de que o feminismo está ultrapassado e não tem mais razão de ser tem colaborado para a persistência do modelo vigente de relações de gênero. As mulheres teriam conquistado seus direitos, liberdade plena sobre seus atos e seus corpos e independência dos homens. Esse pensamento é conhecido como “pós-feminismo”, o qual McRobbie (2006) define como encarar o feminismo como ultrapassado e pensar a mulher em “outro patamar”. Coexistem, no pós-feminismo, os valores chamados por McRobbie de neo-conservadores, em relação à sexualidade, vida familiar e gênero, com os fluxos de liberação, no que se refere à escolha e à diversidade sexuais, nas relações domésticas e de parentesco.

¹⁴ O conceito de *habitus* de Bourdieu refere-se a ações que possuem um senso prático e não são regidas por um cálculo racional, são não-conscientes. O *habitus* é estruturador de práticas e representações, é pessoal e próprio de cada pessoa, no entanto, grupos ou classes são fontes que conformam um sistema de disposições semelhantes, um código comum.

2.1.1. Identidade(s) feminina(s)

O trabalho de “fazer as coisas significarem”, necessário para a compreensão daquilo que se recebe por meio dos produtos midiáticos, ocorre através das *representações*, que implicam no “trabalho ativo de selecionar e apresentar, de estruturar e dar forma: não simplesmente de transmitir um significado já existente, mas o trabalho mais ativo de *fazer as coisas significarem*.” (HALL apud ESCOSTEGUY, 2001, p. 62). Conforme Hall, as representações são fundamentais para que nós e aquilo que experienciamos tenham sentido. Dessa forma, “representação é parte essencial do processo pelo qual o significado é produzido e intercambiado entre os membros de uma cultura.” (HALL, 1997a, p. 15).

Nesse sentido, cabe ressaltar o conceito de representação empregado neste trabalho, uma vez que essa possui papel fundamental no processo de construção identitária. Tomamos a definição de Hall de que representação é:

o processo através do qual os membros de uma cultura fazem uso da linguagem (geralmente definida como qualquer sistema que dispõe de signos, qualquer sistema de significação) para produzir sentido. Esta definição, por sua vez, carrega a importante premissa que as coisas – objetos, pessoas e eventos do mundo – não têm neles nenhum significado final ou verdadeiro. Somos nós, na sociedade – dentro de culturas humanas – quem fazemos as coisas ter sentido, significar. (HALL, 1997a, p. 61).

O autor avalia que a “revolução cultural-comunicacional” tem importância para a estrutura e para a organização de toda a sociedade atual. A revolução da informação e as novas tecnologias colaboram para a expansão dos meios de produção, circulação e troca cultural. A mídia eletrônica pode ser apontada como uma das principais, se não a principal responsável pelas mudanças culturais globais. Como argumenta Paul du Gay (apud HALL, 1997b), meios como a TV e a Internet possibilitam que ocorram relações sociais independentemente do tempo e do espaço, anulando a distância e criando uma sensação de “presente perpétuo”. No entanto, du Gay salienta que isso não significa o fim da vida local, mas a interdependência do local e do global.

Neste sentido, Canclini (1997) fala de uma crise das identidades locais e nacionais, destacando que não há a desaparecimento dessas identidades, mas um enfraquecimento, que se manifesta de forma mais clara entre os jovens. A principal ideia defendida por García Canclini é de que a cultura contemporânea é híbrida, pois não possui um caráter “nem culto, nem popular, nem massivo”. O pesquisador entende que a cultura abarca “o conjunto dos

processos de significação, ou, para dizer de um modo mais complexo, a cultura abarca o *conjunto de processos sociais de produção, circulação e consumo da significação na vida social.*” (CANCLINI, 1997, p. 35), ou, ainda, que “a cultura é a aréola percebida por um grupo quando entra em contato com outro e quando observa a outro.” (Ibid., p. 39). A hibridização cultural, de que fala Canclini (2001), além de resultar das migrações físicas de um país a outro, é consequência da difusão dos meios de comunicação de massa mundo afora.

Hall tem posicionamento semelhante, pois, apesar de concordar que a proliferação das grandes redes transnacionais favorece a transmissão de produtos culturais padronizados, destaca que as consequências da globalização cultural não são a conformação de identidades tão uniformes como se pensa. Mesmo analisando-se a cultura pelo ponto de vista do mercado, as diferenças são desejáveis e são estimuladas a continuarem existindo. Portanto, Hall avalia que “é mais provável que se produza ‘simultaneamente’ novas identificações ‘globais’ e novas identificações locais do que uma cultura global uniforme e homogênea.” (HALL, 1997b, p. 19).

Assim, as transformações culturais são percebidas na vida cotidiana, seja nas mudanças relativas ao tempo para a família, no declínio do casamento ou nas longas carreiras de trabalho. O aumento do número de divórcios, dos relacionamentos fluidos e da flexibilidade no emprego são temas abordados por Bauman. Em “Identidade”, o autor cita conselhos de revistas que glorificam aqueles que “deixam as portas sempre abertas” e que “não se prendem a ninguém”. Sua ideia é de que “em nossa época líquido-moderna, em que o indivíduo livremente flutuante, desimpedido, é o herói popular, ‘estar fixo’ – ser ‘identificado’ de modo inflexível e sem alternativa – é algo cada vez mais malvisto.” (BAUMAN, 2005, p. 35). Para Hall (2000b), em tempos anteriores, cada sujeito era identificado com uma identidade, unificada e estável, enquanto hoje não é possível relacionar o indivíduo com uma única identidade; costumam ser diversas e fragmentadas, às vezes contraditórias e mal resolvidas.

Woodward (2000) avalia que a globalização produz basicamente dois resultados, em termos de identidade: primeiramente, o mercado global produziria uma homogeneidade cultural que levaria a um distanciamento da identidade local; por outro lado, o contato com a cultura difundida pela globalização pode resultar em resistência e fortalecimento da identidade local. Esse segundo tipo é mais dificilmente observado.

A autora destaca que uma das questões centrais sobre a identidade é a tensão entre as concepções essencialista e construcionista. A primeira baseia-se especialmente em apelos a antecedentes históricos e nas marcas naturais. Para os construcionistas, as identidades se

constroem em nosso cotidiano, a partir de todas as relações sociais nas quais estamos inseridos, variando significativamente conforme a posição que ocupamos nessas relações, se de subordinação ou de dominação. Para Hall, “nossas identidades são, em resumo, formadas culturalmente” (HALL, 1997b, p. 26) e “não são relacionadas tanto com o ‘retorno às raízes’, mas sim com uma negociação com nossa ‘rotas’.” (HALL, 2000a, p. 109). Portanto, ele não nega que a identidade tenha uma “origem”, mas pensa que é a forma como nos relacionamos com esta que constrói quem somos. Desse modo, deve-se pensar a identidade por meio de sua construção no interior da representação, da cultura.

Para Castells (2000, p. 23), identidade é a fonte de significado de um povo, com base em atributos culturais relacionados que prevalecem sobre outras fontes. A identidade é entendida, pelo autor, como um processo construtivo na vida das pessoas e “vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e pelos aparatos de poder”.

Entre autores que focam o estudo das identidades, como Bauman, Castells, Hall e Woodward, é consenso que as identidades estão sempre em construção e, portanto, nunca estão prontas e tampouco são fixas. Além disso, diversos aspectos, como demonstra a afirmação de Castells, são levados em consideração nesse processo de constituição identitária. Escosteguy (2001, p. 142) resume essa ideia: “[...] a identidade é uma busca permanente, está em constante construção, trava relações com o presente e com o passado, tem história e, por isso mesmo, não pode ser fixa, determinada num ponto para sempre, implica movimento.”

Pensar a identidade como distante de uma fixidez também se adéqua ao masculino e ao feminino. Refletindo sobre a conformação das identidades de gênero, Scott ressalta a instabilidade das mesmas, que, para serem como as conhecemos, exigem uma separação nítida e determinada entre homens e mulheres, o que é ilusório.

A identificação, embora pareça sempre fixa e coerente, é, na verdade, bastante instável. Como as próprias palavras, as identidades subjetivas são processos de diferenciação e distinção, exigindo a supressão de ambiguidades e elementos opostos para assegurar (e criar a ilusão de) coerência e entendimento comum. [...] Além disso, as idéias de masculino e feminino não são fixas, pois variam de acordo com o contexto de uso. [...] Esse tipo de interpretação faz das categorias ‘homem’ e ‘mulher’ problemáticas, sugerindo que masculino e feminino não são características inerentes, mas subjetivamente (ou ficcionalmente) construídas. Essa interpretação também significa que o subjetivo está em um constante processo de construção. (SCOTT, 1986, p. 1063-1064).

A clara distinção de papéis de homens e mulheres na cultura é um elemento essencial na conformação identitária dos gêneros. Para a antropóloga Mary Douglas (apud WOODWARD, 2000), a marcação da diferença é base na cultura porque a realidade ganha sentido por meio da atribuição de diferentes posições em um sistema classificatório. Woodward enfatiza que essa classificação é aplicada por meio de um princípio de diferença que permite discriminar ao menos dois grupos opostos: nós e eles. Essa oposição traz à tona o desmerecimento de uma das partes, visto que não há um equilíbrio de poder entre os elementos em contraste. Assim, os sistemas classificatórios relacionam-se, de uma forma muito direta, com a cultura e ganham destaque quando se versa sobre questões de gênero, uma vez que a mulher é claramente o lado “fraco” dessa divisão.

Para Bourdieu (2007), a identidade de uma mulher é constituída desde muito cedo, de modo que possa aprender a agir e pensar como uma mulher. A aprendizagem ganha eficiência por ser tácita e incessante. Por serem as identidades, feminina e masculina, definidas como antagônicas, aquilo que para eles é incentivado, para elas é continuamente reprimido: uma moça deve sentar de pernas fechadas, não pode expor determinadas partes do corpo, deve ser delicada, vaidosa e servir às outras pessoas, pois, desse modo, todos aprovarão seu comportamento.

De forma convergente, Lamas afirma que a maneira como os papéis de cada gênero se estrutura é tão forte que se torna “natural”. Isso fica claro quando se fala em mulheres e maternidade. Ao envolverem-se de forma destacada na geração dos filhos, especialmente por carregá-los por nove meses no ventre e ainda amamentá-los, as mulheres possuem, historicamente, uma menor mobilidade, pois necessitam ficar mais tempo em casa no cumprimento dessas tarefas. Essa demanda acarretou uma associação “natural” entre a maternidade e as tarefas de casa. Assim, o envolvimento das mulheres com as crianças na primeira infância é compreensível, todavia “daí a considerar o trabalho doméstico como o trabalho ‘natural’ das mulheres, há muito caminho. Não é por ter a capacidade de ter filhos que as mulheres nascem sabendo passar e costurar.” (LAMAS apud MATA, 1996, p. 69).

Em “Um amor conquistado. O mito do amor materno” (1985), Badinter demonstra, por meio de inúmeros indícios – como os exemplos das mães frias que tendiam a abandonar os filhos, na França urbana dos séculos XVII e XVIII –, que o amor materno inato é um mito. Esse cuidado é, na realidade, uma construção social. Porém, faz parte do imaginário da mulher do nosso século acreditar que tal amor nasce conosco e que, portanto, possuímos um “instinto materno”.

D’Incao (1997) destaca que, no Brasil, esse modelo feminino desenvolve-se no século XIX, idealizando a mulher como aquela dedicada à maternidade e à vida doméstica, ideia da família “burguesa e higienizada” que se espalha como o padrão feminino. Os meios médicos, escolares e a imprensa são relacionados pela autora como os que mais serviram a essa educação da mulher para o papel de “guardiã do lar e da família”. D’Incao cita o romance “Os dois amores”, de 1848, escrito por Joaquim Manoel de Macedo, para expor que, nesse período, a maternidade não era ainda um sonho para a mulher. A literatura, que tem como uma de suas marcas retratar a história da época em que é escrita, serve para fazer ver que a valorização da maternidade foi construída historicamente.

Conforme Franchetto, Cavalcanti e Heilborn (1981, p. 16), identidade de gênero refere-se “à construção social do sexo, ou seja, aos papéis e valores que o constituem em dado momento histórico, em uma sociedade particular, englobando o sexo biológico.” A questão “o que é ser mulher?” carece de respostas definitivas, uma vez que esse significado não é dado universalmente, e sim por meio de contextos concretos, particulares a cada cultura de que se faz parte. “A mulher, como sujeito social que se afirma, não é uma realidade homogênea e monolítica, mas vive, existe na concretude das diferenças sociais e culturais que a constituem.” (Ibid., p. 43).

2.1.2. O feminismo e a pesquisa de audiência

O feminismo inseriu-se como temática dos Estudos Culturais na década de 1970, sendo a coleção “Women Take Issue” (1978) a primeira publicação que realmente divulga os trabalhos feministas do Centre for Contemporary Cultural Studies. Para Hall (2003, p. 208-209), os estudos sobre gênero, apesar de não saber especificar exatamente quando ocorreu sua entrada nos Estudos Culturais, representaram uma ruptura teórica determinante. “A intervenção do feminismo foi específica e decisiva para os Estudos Culturais. [...] É difícil descrever a importância da abertura desse novo continente nos Estudos Culturais.” O autor resume os aspectos centrais de influência do feminismo sobre a corrente de estudos:

Primeiro, a proposição da questão pessoal como político – e suas consequências para a mudança do objeto de estudo nos estudos culturais – foi completamente revolucionário em termos teóricos e práticos. Segundo, a expansão radical da noção de poder, que até então tinha sido fortemente desenvolvida dentro do arcabouço da noção do público, do domínio público, com o resultado de que o termo *poder* – tão central para a problemática anterior da hegemonia – não pôde ser utilizado da mesma maneira. Terceiro, a centralidade das questões de gênero e sexualidade para a compreensão do próprio poder. Quarto, a abertura de muitas questões que julgávamos ter abolido em torno da área perigosa do subjetivo e do sujeito, colocando essas questões no centro dos estudos culturais como prática teórica. Quinto, a reabertura da “fronteira fechada” entre a teoria social e a teoria do inconsciente – a psicanálise. (HALL, 2003, p. 208-209).

Hall conta, em entrevista a Kuan Hsing Chen, que ele e Michael Green convidaram algumas feministas para comporem o Centre for Contemporary Cultural Studies, uma vez que os Estudos Culturais estavam sensíveis à política feminista. O autor mostra, assim, sua influência para o desenvolvimento dos estudos de gênero relacionado ao CCCS, assim como seu reconhecimento à importância de tal linha.

No entanto, muitas feministas não concordam com a forma como Hall expõe a participação do feminismo na temática dos Estudos Culturais. É o caso de Brunsdon (apud ESCOSTEGUY, 1998, p. 2), que nega a versão de Hall. “Na primeira vez em que li essa explicação, eu imediatamente quis ‘deslê-la.’” Para a autora, o desenvolvimento dos estudos de gênero, no Centro de Birmingham, pode ser notado a partir de 1973-1974, com publicações como: “Images of women”, de 1974; “Girls and subculture”, de 1975; além de “Women take issue”, de 1978, todos textos inseridos no que Brunsdon chama de uma primeira fase da relação entre feminismo e CCCS, que teria como marco final “Feminism for girls”, de 1981. Na primeira metade da década de 1970, o principal eixo de pesquisas era a emergência das subculturas. Na segunda metade, ganham força os trabalhos sobre os meios de comunicação. Em 1976, preocupadas com sua posição relativa no Centro, as feministas criam um grupo de estudos próprio, dentro do CCCS.

Outra pesquisadora que contesta a definição “oficial” para o processo de inclusão do feminismo nos Estudos Culturais é Ann Gray (apud MESSA, 2006). Gray afirma que os estudos feministas não foram devidamente valorizados pelos Estudos Culturais, que teriam subestimado seu potencial. Um reconhecimento maior só foi obtido através de insistência e trabalho das feministas de Birmingham, que batalharam pela inserção de discussões que relacionassem política e poder na esfera doméstica.

O olhar feminista da cultura contribuiu para a valorização do estudo de programas de entretenimento, como as *soap operas*, visto que, até então, apenas programas noticiosos e

políticos eram vistos como dignos de pesquisa. Destaca-se, a partir daí, a importância do estudo da cultura do ponto de vista do espaço familiar e do cotidiano. Nesse contexto, o interesse pelo estudo dos programas melodramáticos se deu por diversos motivos: tinham como público-alvo as mulheres; faziam interagir as esferas pública e privada, destacando-se o lema feminista “o pessoal é político”; retratavam e eram consumidos no contexto cotidiano; e eram desprestigiados, assim como quem os consumia.

As primeiras análises feministas, contudo, destacavam os aspectos negativos da influência dos “programas femininos” sobre as mulheres. Segundo esses primeiros trabalhos, as representações femininas, estando relacionadas com as funções tradicionais e opressoras da mulher no ambiente doméstico, gerariam um conformismo da posição ocupada por elas, enfraquecendo, assim, reivindicações por mudanças. Ou então, o melodrama estaria tão distante da realidade que seria apenas um escapismo, fantasia pura, que levava as espectadoras ao mundo romântico das mocinhas. Avaliação dessa espécie foi desenvolvida por Radway (1984), para a qual o romance melodramático destinado ao público feminino seria prejudicial à transformação da situação da mulher na sociedade, pois sua leitura poderia desarmar o ímpeto por mudanças. Por outro lado, a autora considerava que esse tipo de narrativa poderia oferecer fantasias de uma vida diferente às mulheres, conferindo-lhes poder.

Para Ang (1996), Radway deixava de fora de sua análise o prazer que o consumo desses produtos propiciava às mulheres. Em seu estudo de 1985, Ang ressaltou esse aspecto proporcionado pela *soap opera* americana *Dallas*, que fez sucesso em diversos países. Tania Modleski foi precursora nesse enfoque, com “The search of Tomorrow in Today’s Soap Operas”, de 1979, pois argumentou que o prazer propiciado pelas narrativas populares precisa ser compreendido, e não renegado (MESSA, 2008).

A temática do prazer ganha espaço na década de 1980, sendo vista como cerne do interesse feminino por determinados tipos de programas e, portanto, digna de investigação. Passaram a ser cada vez mais comuns os estudos que fugiam da condenação ao consumo do melodrama, assim como da celebração do mesmo. Os trabalhos com esse enfoque são principalmente realizados pelos pesquisadores da recepção, área que também toma forma nesse período.

Com essa perspectiva, ganha valor acadêmico o estudo da *soap opera*/ telenovela, programa de relevância ímpar no Brasil. Contudo, aqui, a investigação sobre tal relação tarda a principiar, o que tem relação com o desprestígio do programa e do próprio público consumidor, as mulheres. Essa “demora” destaca a evolução tardia das pesquisas que cruzam gênero e Estudos Culturais no âmbito brasileiro, e latino-americano de forma geral. O

intervalo entre a exibição da primeira novela brasileira – *Sua Vida me pertence* (1950) – e o primeiro estudo sobre o assunto – “Imitação da vida: pesquisa exploratória sobre a telenovela no Brasil”, de Sônia M. P. de Barros – foi de 23 anos (BORELLI, 2001). Foi, ademais, um caso isolado, pois um desenvolvimento real da área iniciará dez anos depois. Ainda hoje, quando se busca a inter-relação entre os tópicos telenovela e o gênero feminino, nota-se a escassez da pesquisa sobre a temática no Brasil.

Assim, enquanto a trajetória dos Estudos Culturais feministas anglo-americanos inicia na década de 1970, consolidando-se na década de 1980 e permanecendo como um campo notável de estudos, na América Latina, a pesquisa que relaciona gênero e audiência ainda não pode ser considerada consolidada. Nos anos 2000, esse quadro mostra modificações e nota-se, recentemente, um desenvolvimento dos estudos sobre gênero e mídia, que pode ser verificado no número de trabalhos sobre a questão apresentados em publicações e congressos de comunicação (MEIRELLES, 2009), e em teses e dissertações defendidas nos programas de pós-graduação em comunicação. Entre 1992 e 1999, das 1589 teses e dissertações defendidas em programas de pós-graduação em comunicação, apenas 29 foram classificadas como estudos de gênero e comunicação. Já no período de 2000 a 2002, em apenas três anos, o número de trabalhos defendidos foi de 1665, sendo 36 abordando gênero (UFRGS, 2009). Se analisarmos esses números em termos de porcentagem, a evolução não foi tão significativa no que se refere à representatividade dos estudos de gênero e mídia em relação aos trabalhos defendidos na área da comunicação. No levantamento da década de 1990, os estudos representavam 1,82%, e nos três primeiros anos da década de 2000, constituem 2,16%. Em números absolutos, no entanto, significam um aumento real de pessoas estudando a temática e colaborando para sua compreensão.

Em levantamento realizado por Meirelles (2009), três questões destacam-se nos trabalhos brasileiros sobre melodrama e gênero: o estudo das representações femininas apresentadas na televisão, e a relação entre as mulheres ficcional e real; o estudo das leituras efetuadas pelas consumidoras acerca de tais representações; e, a influência de agentes institucionais/ estruturais na confecção do produto, como a publicidade.

É importante ressaltar que, se o número de trabalhos que abordam gênero e comunicação, de modo geral, é reduzido, a pesquisa brasileira sobre a recepção feminina da mídia é ainda menor. Pouco se busca compreender a leitura feminina da mídia e o papel das apropriações dos meios de comunicação na constituição das identidades das mulheres brasileiras. O que se verifica com frequência é que a mulher aparece em estudos de recepção

apenas como uma variável sociodemográfica, e não como uma categoria teórica e explicativa (ESCOSTEGUY, 2002).

Em revisão dos estudos de audiência da telenovela entre 1970 e 1993, McAnany e La Pastina (1994) apontam 13 trabalhos latino-americanos com uma perspectiva culturalista, sendo que seis investigam exclusivamente mulheres e cinco estudam a família, usando as mulheres como fonte principal. Como se vê, a espectadora feminina é central. Mesmo assim, o gênero, nesses estudos, serve apenas como uma distinção sexual entre homens e mulheres e como um recurso metodológico facilitador da pesquisa, visto a familiaridade feminina com o melodrama e sua maior disposição para contar impressões ou mesmo para narrar histórias (GIDDENS, 1993). Diferentemente, a pesquisa de recepção que revela um debate de gênero, conforme Charles, busca entender o sentido da mídia na vida feminina, a razão das mulheres buscarem os meios de comunicação e que implicâncias essa relação acarreta.

Estudar a recepção a partir de uma perspectiva de gênero implica conhecer como e por que a mulher se aproxima de diferentes meios de comunicação, em que contexto recebe suas mensagens e que uso faz delas em sua vida. Isto permite acentuar a interação dos meios com a realidade social e cultural das receptoras, conhecer seus gestos e preferências, assim como as razões que fazem com que elas se apropriem dos meios. (CHARLES, 1996, p.43).

Segundo pesquisa de Escosteguy e Messa (2008), que tomam como base teses e dissertações defendidas em programas brasileiros de pós-graduação em comunicação, entre os anos de 1992 e 2002, o cruzamento dos estudos da recepção com os de relações de gênero ocorre somente a partir 1998, com os trabalhos de Dumont, “O imaginário feminino e a opção pela leitura de romances de série”, e de Corazza, “Comunicação e relações de gênero em práticas radiofônicas da Igreja Católica no Brasil”.

Os estudos de recepção que abordam a questão de gênero, mais comuns, portanto, no contexto anglo-americano, permitiram conhecer com mais profundidade a realidade cultural da mulher. Embora menos desenvolvido, na América Latina também houve colaborações nesse sentido, oferecendo ao menos pistas para entender as apropriações midiáticas das latino-americanas. A investigação do grupo social em que essas mulheres estão inseridas foi fundamental para tornar isso possível, fazendo notar a importância da pesquisa de outras mediações juntamente com o gênero, tais como a classe social, a etnia e a geração, umas vez que são essas estruturas que fornecem as ferramentas para que possam concordar, resistir, criticar, interpretar ou reelaborar os discursos sobre o feminino que chegam a elas.

Outra temática importante é constituída por trabalhos que focam as representações femininas no melodrama. Os produtores midiáticos se empenham em realizar uma representação da realidade atual utilizando-se de recursos de verossimilhança, apresentando ao menos um mínimo de aspectos que relacionem ficção e atualidade. Tratar de questões contemporâneas da política, da economia e do cotidiano¹⁵, apresentar tecnologias atuais sendo usadas pelos personagens¹⁶, assim como estar em consonância no que diz respeito às relações pessoais¹⁷, fazem parte desse trabalho de referência ao contemporâneo. As representações femininas e das relações entre homem e mulher não fogem a esse modelo.

Nesse sentido, vale destacar a presença de valores pós-feministas nas publicações de ficção, e mesmo de não-ficção, como revistas. O estudo de McRobbie (2006), que analisou o filme *Bridget Jones*, assim como o exame do seriado *Sex and the city*, de Messa (2006), concluíram que os produtos apresentam representações de uma mulher que está “além” das questões feministas. Os produtos são endereçados a mulheres inteligentes o suficiente para compreender que conquistaram tudo o que desejavam e que têm as rédeas de suas vidas em mãos, representações enganosas.

Apesar de uma aparência de liberdade feminina e de uma ilusória igualdade de gêneros, pesquisas anteriores (LEAL, 1983; SARQUES, 1986; ALMEIDA, 2003; HAMBURGER, 2005; MEIRELLES, 2009) apontam que os modos de representar a mulher na mídia não tiveram mudanças reais nas últimas décadas, e reproduzem modelos conservadores de comportamento feminino. A telenovela, produto ímpar para pensar as representações femininas, apresenta algumas aberturas ideológicas no tocante às relações pessoais e oportuniza a discussão de assuntos considerados tabus, como o sexo. Ao mesmo tempo, não sugere outro papel feminino que não o ocupado pela mulher historicamente. A novela apresenta, portanto, inovações na abordagem de alguns temas, sem, no entanto, apontar novas formas de relações entre homens e mulheres, que sejam de fato mais igualitárias.

¹⁵ Os exemplos são diversos, como a discussão acerca do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra que se passava no Senado Federal em *O Rei do Gado*; os comentários econômicos sobre a crise mundial tecidos pela jornalista de *Viver a Vida*; e as vítimas de violência urbana em *Mulheres Apaixonadas*.

¹⁶ Como o perigoso uso da internet feito por alunos em *Caminho das Índias*, novela que também retratou o congelamento de óvulos para tratamentos de fertilização. A autora da obra, Glória Perez, é conhecida por trazer assuntos atuais e do futuro para suas tramas, como em *O Clone*.

¹⁷ As telenovelas estão repletas de casais divorciados e com novos arranjos familiares, temática que algumas vezes, que servem como pano de fundo e em outras, torna-se enredo, como a separação de casal vivido por Débora Evelin e Ângelo Antônio em *Páginas da Vida*.

A participação dos veículos de comunicação como uma das instituições produtoras/reprodutoras dos valores femininos é visível em texto destacado do jornal *Gazetinha*, de 1898. Em uma coluna do jornal, são expressas recomendações sobre como as mulheres deviam agir:

1) Fala pouco, escuta muito, não interrompas nunca; 2) conserva naturalidade no tom e nos pensamentos; 3) que a tua voz não seja muito baixa que aborreça quem te ouça, nem muito alta que incomode; 4) fala a cada um sobre o que ele sabe melhor ou gosta mais: não avances nada adiante de quem não conheces; 5) se contares alguma coisa, que as tuas narrativas possam interessar a todos. Aconselho-te a que afastes delas minúcias ociosas; 6) mostra-te benévola sem lisonja, sincera sem grosseria; 7) busca antes agradar que brilhar, evita pôr-te em cena, excetua-se dos elogios que distribuis e não mostres que os fazes para que te os paguem; 8) não sejas rigorista nem licenciada. Não rias muito alto; 9) preocupa-te em não ofender ninguém, usa pouco da zombaria, nunca da maldade; 10) poupa opiniões alheias, aceita boamente a contradição e, se refutares, não disputes. (PEDRO, 1997, p. 300).

As mensagens destinadas às mulheres estavam inseridas na construção dos modelos de homens e mulheres buscados na época, como explica Pedro (1997, p. 281): “Os jornais pareciam veicular um projeto civilizador com pretensão de construir novos homens e mulheres, divulgando imagens idealizadas para ambos os sexos. É interessante acompanhar, nas diferentes épocas, as mudanças dos papéis sexuais.” A autora ressalta que a imprensa fazia parte de uma cadeia de instituições (re)produtoras dos padrões masculinos e femininos, da qual também participavam a literatura, os sermões das missas, a escola, as tradições locais, etc.

Esses relatos de representações femininas nos meios de comunicação mostram de que forma os estereótipos estão presentes no discurso midiático, que se soma aos discursos de outras instituições socializadoras – ou outras mediações – para oferecer estruturas de sentido para a construção da identidade feminina. Esses discursos – hegemônicos – são impostos de forma invisível e não se apresentam como imposições, mas como algo agradável, que serve a alguns interesses femininos, conquistando, assim, a cumplicidade das mulheres para sua própria subordinação (CHARLES, 1996; BOURDIEU, 2007). A pesquisa que relaciona gênero e comunicação visa a explicar e compreender o papel da mídia na conformação do padrão feminino de diferentes épocas.

2.2. APONTAMENTOS SOBRE O ESTUDO DA CLASSE SOCIAL NA PESQUISA DE RECEPÇÃO

Uma noção que acompanha os Estudos Culturais desde suas origens é a valorização da classe social como um elemento definitivo na experiência cultural, coerente com a influência marxista. Há, no entanto, uma preocupação em não usar a classe de forma reducionista. Sobre a “relatividade” da classe social, Escosteguy (2001, p. 60) afirma que é fundamental “compreender a cultura na sua ‘autonomia relativa’, isto é, ela não é dependente, nem reflexo, das relações econômicas, mas tem influência e sofre consequências das relações político-econômicas.”

Os Estudos Culturais investigam uma multiplicidade de objetos, destacando-se temas vinculados às culturas populares e aos meios de comunicação de massa. Mais recentemente, ganharam espaço as pesquisas sobre identidades, sejam de gênero, classe, etnia ou geração (Ibid.). Especialmente na década de 1990, nota-se uma preocupação nos Estudos Culturais em não realizar um reducionismo de classe, de forma que as explicações não sejam fornecidas somente pelo pertencimento a um grupo social. O foco crescente em investigações sobre etnia, gênero, gerações, religião, parte desse princípio de busca de uma interpretação mais ampla para os fenômenos comunicacionais.

Certamente, essa complementaridade é fundamental na tentativa de se realizar reflexões mais complexas. No entanto, essa preocupação tem feito com que, cada vez mais, a classe social perca importância nas teorizações e explicações, passando a ser tratada como aspecto secundário ou mesmo sendo deixada de lado. Concordando com o posicionamento de Lopes; Borelli; Resende (2002, p. 45), o uso da noção de classe social, nesta pesquisa, serve para complexificar o tratamento dos dados, não como uma “determinação em última instância”, mas como uma mediação que não pode ser nivelada às demais.

Para Martín-Barbero (2002b, p. 14), “a recepção é parte tanto de processos subjetivos quanto objetivos, de processos *micro*, controlados pelo sujeito, e *macro*, relativos a estruturas sociais e relações de poder que fogem ao seu controle.” É considerando essa necessária relação entre o micro e o macro que o próprio Martín-Barbero teoriza mediações como a da cotidianidade familiar – que foca a pesquisa na família, na escola, no bairro – e da competência cultural, que tem na classe social um pilar. Apesar de desempenharmos múltiplos papéis em nosso dia-a-dia, todos eles estão atravessadas pela classe social a que

pertencemos, constituinte fundamental de nossas identidades. O autor tece uma crítica ao nivelamento entre a classe social e outras mediações:

[...] a “marca” singular e hegemônica dos atuais estudos de recepção diz respeito ao “esquecimento da classe social” produzido pelo *nivelamento de todas as categorias*: etnia, gênero, idade, estrato social. É o processo mesmo de recepção que resulta *desestruturado*, sem fundamentação no “processo social de construção de sentido”. A diferença de classe, ainda que mediada pela multiplicidade de distinções introduzidas pela etnia, gênero, idade, entre outras, não é uma *diferença a mais*, mas, sim, aquela que articula as demais a partir de seu interior e expressa-se por meio do *habitus*, capaz de entrelaçar os modos de possuir, de estar junto e os estilos de vida. (MARTÍN-BARBERO, 2002b, p. 14).

Assim, a situação de classe é um aspecto fundamental de significação. Ronsini (2007, p. 48) justifica o emprego do conceito de classe social em sua pesquisa afirmando que, no plano empírico, a classe permanece um princípio organizador da sociedade capitalista, da mesma forma que pauta diferenças profissionais, de renda, de educação, de acesso a bens culturais e a centros de poder. A autora afirma ainda que o uso do conceito parece ser ainda mais adequado em uma sociedade desigual e excludente como a brasileira. Ronsini, contudo, distingue o modo como insere a classe social em suas observações do sentido tradicional marxista: “As análises hodiernas não se encaixam na teoria das classes como uma teoria da luta entre duas classes antagônicas pelo monopólio dos meios de produção”, pois admitem que os conflitos não são pelo controle desses, mas pela inclusão dos sujeitos no capitalismo.

Mattos (2006) destaca a relevância da dimensão sociocultural da classe social, e não só do aspecto econômico, que normalmente é ressaltado através de variáveis como renda e escolaridade. É dessa forma complexa que o uso da classe social nos Estudos Culturais parece mais coerente. A autora também realiza uma diferenciação do modo como utiliza o conceito em relação ao marxismo clássico, filiando-se ao pensamento de Bourdieu.

Segundo Bourdieu, o conceito de classe não está ligado tão-somente ao lugar que o indivíduo ocupa na produção, ou seja, a uma dimensão econômica, mas também a uma dimensão sociocultural que está relacionada a determinadas percepções de mundo. Sendo assim, existe uma dimensão “simbólica” na situação de classe. Enquanto em Marx a luta de classes se tornaria evidente a partir da tomada de consciência da classe operária e, portanto, da tematização política, para Bourdieu, a luta de classes opera no mundo moderno segundo critérios de distinção opacos e pré-reflexivos e é eficaz justamente por não ser articulada politicamente. [...] A luta de classes atualmente se desenvolve na dimensão simbólica pelo acesso diferenciado de uma classe e de suas frações a bens culturais escassos. A distinção entre as classes é baseada no julgamento estético. (MATTOS, 2006, p. 162-163).

Conforme Souza, a dominação de classe se reproduz cotidianamente e se faz permanente por meio de redes invisíveis de crenças compartilhadas, motivadas por representações como as que se fazem presentes nas telenovelas.

A versão moderna desta “ralé”, portanto, não é mais oprimida por uma relação de dominação pessoal que tem na figura e nas necessidades do senhor de terras e gente seu núcleo e referência. No contexto impessoal moderno, também periférico, são redes invisíveis de crenças compartilhadas pré-reflexivamente acerca do valor relativo de indivíduos e grupos, ancorados institucionalmente e reproduzidos cotidianamente pela ideologia simbólica subpolítica incrustada nas práticas do dia-a-dia que determinam, agora, seu lugar social. (SOUZA, 2006, p. 65).

A influência da posição de classe na telenovela brasileira da Rede Globo tem início na composição social dos produtores do programa (HAMBURGER, 2005), uma vez que autores e diretores oferecem ao público um repertório da classe média alta, da qual fazem parte, legitimando e difundindo o modo de vida de uma parte pequena e privilegiada da sociedade. Almeida (2003) também constata a ênfase na vida das camadas médias e altas dos grandes centros urbanos no horário nobre da televisão. A autora afirma que a exposição diária dessa realidade, tão distante para tantos, acaba se naturalizando, e, cada vez mais, moradores de vilas, favelas ou de comunidades rurais conhecem e, até mesmo, passam a se identificar com a vida dos ricos, que entram diariamente nas suas casas, através da telenovela. A inserção na narrativa de personagens de diferentes grupos sociais, faixas etárias e estilos de vida é uma estratégia para facilitar esse reconhecimento.

A ideia de ser pobre ou rico dá-se, em grande parte, pela comparação que os sujeitos fazem entre o seu modo de vida e o das pessoas da televisão. Assim, muitas vezes, é pela comparação com o luxo da telenovela que se define a ideia de ser pobre, um estatuto relativo (ALMEIDA, 2003). Do mesmo modo, é ao ver a miséria de tantos outros, especialmente nos telejornais, que algumas entrevistadas se reconhecem como pertencentes à classe média. Isso foi verificado por Ronsini; Sifuentes; Neves (2007) ao perceberem que a classificação da posição social, para os jovens entrevistados, refere-se, primordialmente, aos signos do consumo, fator pelo qual se distanciam dos “pobres”.

Para Hamburger (2005), esse padrão imposto pela televisão estabelece a ideia de que a inclusão social plena se dá por meio do consumo. Canclini igualmente reflete que a cidadania e o pertencimento são hoje determinados pelo consumo.

Homens e mulheres percebem que muitas das perguntas próprias dos cidadãos – a que lugar pertencem e que direitos isso me dá, como posso me informar, quem representa meus interesses – recebem sua resposta mais através do consumo privado de bens e dos meios de comunicação de massa do que pelas regras abstratas da democracia ou pela participação coletiva em espaços públicos. (CANCLINI, 2006, p. 29).

Em um dos estudos pioneiros de recepção, “The ‘Nationwide’ Audience”, de 1980, Morley revelou que a posição social não se relacionava diretamente com as decodificações elaboradas pela audiência. As interpretações opositivas, negociadas ou dominantes dos grupos das diferentes classes variavam muito de acordo com o tema apresentado e abordagem fornecida pelo telejornal transmitido pela BBC. Por mais de duas décadas, o estudo de Morley foi citado como uma justificativa-chave para o não-uso da categoria classe social nos estudos sobre comunicação e cultura. Por seu peso nos Estudos Culturais e pela seriedade do trabalho que desenvolveu, Morley era usado como “prova” que desvalorizava a posição de classe.

Recentemente, contudo, alguns trabalhos passaram a questionar os resultados do pesquisador, procurando mostrar o papel central da classe social. O artigo de Sujeong Kim, “Rereading David Morley’s *The ‘Nationwide’ Audience*” (2004), trouxe dados manipulados por um software, que mostram o equívoco cometido por Morley ao não enxergar a relevância da posição social em “The ‘Nationwide’ Audience”. Kim (2004, p. 1) afirma:

[...] fazendo uso de um método estatístico, esse trabalho demonstra que as decodificações do programa [Natiowide] feitas pela audiência, apresentadas por Morley, são na verdade claramente determinadas pelas posições sociais. [...] os resultados parecem restaurar a importância da classe social no processo interpretativo, a qual tem sido deslocada e ignorada em muitos estudos midiáticos atuais.

As palavras de Kim ratificam o que se quer afirmar aqui: a desvalorização, ou mesmo a exclusão da classe social como princípio explicativo para o processo de apropriação das mensagens realizado pela audiência, são tão ou mais inadequados nos estudos de recepção quanto o determinismo marxista e o reducionismo de classe. Em artigo de 2006 (p. 10), Morley reconhece a centralidade da posição de classe, afirmando que, “apesar das alegações de muitas teorias pós-estruturalistas, classe continua muito presente, em formas novas e em constante transformação”.

Fonseca (2006) salienta essa recusa em estudar a classe social na antropologia, indo de encontro com a centralidade da classe para as relações sociais. É possível inferir desse silenciamento que talvez não seja politicamente correto falar em classe social, ou em pobres, pois, dessa forma, se ressalta algo que se quer acobertar, a desigualdade social.

2.2.1. Feminismo X Marxismo?

Apesar das especificidades da subordinação feminina ao poder masculino nas relações de gênero, o marxismo não diferenciou a relação de poder dos homens perante as mulheres daquela da burguesia para com a classe operária. A dominação masculina seria apenas uma variação de uma relação que tem origens econômicas, na luta de classes. Por esse motivo, conforme Scott, a inserção dos estudos feministas dentro do marxismo é complexa, uma vez que os marxistas encararam as desigualdades das relações entre homens e mulheres como um “subproduto” da estrutura econômica capitalista, ou seja, o gênero não teve *status* analítico independente.

Franchetto, Cavalcanti e Heilborn (1981, p. 7-8) destacam duas principais formas de pensar o lugar da mulher na sociedade, ambas marcadas pela “opressão, subordinação, exploração em relação ao mundo masculino e/ ou em relação à sociedade de classe”. Uma dessas visões entende a posição de subordinação feminina como atributo social específico do ser mulher, que não pode ser visto como menor que outros, como a classe social ou a etnia. O outro modo encara a hierarquia homem/ mulher como inserida em uma relação maior de opressão, a de classe. O verdadeiro dominador seria, assim, o capitalismo. O desequilíbrio nas relações de gênero só acabaria, portanto, com o fim da dominação de classe.

No entanto, diferentemente de autores que relacionam a submissão feminina diretamente ao capitalismo, Beauvoir (1980) assegura que o materialismo histórico não responde à questão sobre a origem da opressão feminina. O que se dá é a apropriação dessa submissão por parte do capitalismo. A autora afirma que regimes socialistas não mudaram as relações de gênero.

Assim como o marxismo não deu destaque às questões propriamente femininas, os estudos feministas, inicialmente realizados por mulheres majoritariamente brancas de classe média, deixaram de abordar aspectos relacionados às mulheres negras e de classes populares. Stolke (2004) fala de uma miopia de raça e classe entre as estudiosas feministas. Trabalhos sobre etnia e classe social ganharam destaque apenas nas últimas duas décadas, com o objetivo de dar voz às mulheres que não se encaixavam nos modelos que costumavam representar os estudos de gênero: mulheres brancas, ocidentais e de classe média. Esse interesse convergente em classe, etnia e gênero reflete um comprometimento com a reflexão sobre a história, repleta de diferentes formas de opressão (SCOTT, 1986).

Neste trabalho, a raça/ etnia será tratada empiricamente de forma breve, destacando especialmente os preconceitos sofridos pelas entrevistadas, negras em sua maioria. Já a classe social é um dos aspectos centrais nesta pesquisa. Bell Hooks chama a atenção das feministas para refletir sobre a centralidade da posição de classe e da exploração do trabalho feminino, sugerindo que as maiores oprimidas não são as donas de casa confinadas no lar.

Quando as mulheres brancas ‘emancipacionistas’ definiram o trabalho remunerado como caminho para a liberação, não prestaram atenção àquelas mulheres que são as mais exploradas na força de trabalho americana. Se tivessem reconhecido a penúria das mulheres da classe trabalhadora, sua atenção teria se deslocado das donas de casa que possuíam uma educação superior e desejavam incorporar-se a força de trabalho da classe média e alta. Se tivessem prestado atenção às mulheres que já trabalhavam e que eram exploradas como força de trabalho de reserva barata na sociedade americana, teriam deixado de romantizar a busca das mulheres brancas de classe média de um emprego que lhes satisfizesse. Enquanto que a incorporação das mulheres no mercado de trabalho não impede sua resistência contra a opressão sexista, para uma grande parte das mulheres americanas o trabalho fora do lar não foi uma força libertadora. (HOOKS apud STOLKE, 2004, p. 92).

Preconceitos de raça e de classe e a opressão da mulher se entrecruzam e ficam visíveis no resgate que Stolke (2004) faz sobre os critérios de classificação sociopolítico introduzidos no ocidente durante o século XVIII. A “qualidade racial” passa a ser usada como justificativa para a posição social, e a pureza da raça é buscada como meio de preservar as vantagens econômicas e políticas. O matrimônio endogâmico de classe e raça torna-se imperativo para as elites brancas, sendo obtido através da disciplina dos corpos das mulheres de “boa família”. Deslizes femininos significariam manchas na reputação familiar. É de conhecimento geral que as práticas sexuais masculinas não significavam ameaça para as famílias e sua pureza racial, econômica, social e política, ficando os homens livres para usufruir de sua sexualidade da forma como lhes conviesse.

Miliband (1990, p. 440) procura realizar uma conciliação entre as esferas das dominações de classe, gênero e etnia e seus pesos na conformação da identidade. O autor considera que, em primeiro lugar, é preciso ter consciência de que, de qualquer modo, as mulheres são membros de uma classe e estão situadas em algum ponto da estrutura social. Essa posição será determinante para sua identidade social, assim como o fato de ser mulher. Miliband tem como legítimo que as feministas considerem que o gênero esteja “por cima de tudo” na constituição do ser social, o que não significa deixar de salientar o caráter central da

classe social na constituição identitária: “seu sentido de uma identidade particular não reduz a importância da classe enquanto componente intrínseco de seu ‘ser social’.”

Conforme o autor, não se pode perder de vista que o sujeito social é uma “entidade complexa e contraditória”, “um conjunto de elementos múltiplos” que coexistem, o que será mais visível à medida que se analisar indivíduos concretos. A discriminação, a exploração e a opressão de gênero e classe social não se anulam, somam-se.

Ao concluir o tema, Milband reflete que a abolição da sociedade de classes, caso viesse a se concretizar um dia, não terminaria de uma vez com a opressão que sempre se fez presente na vida em sociedade. O fim da discriminação de gênero, assim como de etnia, é um empreendimento à parte, que, contudo, seria beneficiado pela criação de uma sociedade igualitária, sem classes.

Capítulo 3

TELENOVELA: A ESTRELA DA TV BRASILEIRA

3.1. TELENOVELA COMO OBJETO DE ESTUDO

Mesmo com antigas ou novas mídias competindo pela atenção do público, a televisão continua a preferência nacional. O espaço privilegiado da televisão na vida das famílias brasileiras é demonstrado por Assis; Tavares (2007, p.1) com números do IBGE: “num país de dimensões continentais, a TV alcança praticamente todos os municípios (99,84%) e está presente em 91,4% dos domicílios.” Os autores ressaltam que, mesmo que no Brasil muitas moradias não possuam geladeira ou camas para todos os moradores, os brasileiros não deixam de possuir um televisor, onipresente e, muitas vezes, entronizado na sala da casa. Em sua pesquisa, Leal (1983, p. 33) percebeu essa valorização do aparelho: “As casas na vila têm sempre a televisão como peça de frente.”

Segundo Martín-Barbero, a importância de estudar a televisão deve-se a esse espaço conquistado pelo veículo nos países da América Latina:

[...] nos encante ou nos dê asco, a televisão constitui hoje ao mesmo tempo o mais sofisticado dispositivo de modelamento e deformação dos gostos populares e uma das mediações históricas mais expressivas das matrizes narrativas, gestuais e cenográficas do mundo cultural popular. (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 50).

A internet, cada vez mais, apresenta-se como uma adversária de peso. No entanto, tudo leva a crer que ainda precisará de muito tempo para, de fato, popularizar-se no país. Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), de 2005, divulgados em 2007 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), indicam que acessar a web ainda é privilégio para poucos: apenas 13,7% dos domicílios pesquisados possuem computador com acesso à internet.

A notoriedade da televisão no Brasil, porém, só se concretizou mais de duas décadas após sua implantação. O sucesso da telenovela dentro da TV que nascia, além do mais, não era esperado. Quem poderia imaginar que um programa de ficção seriada, produzido para o público feminino e patrocinado por companhias de sabão, teria a maior audiência da televisão brasileira e ditaria moda e costumes para todo um país? Pois, no Brasil, a telenovela conseguiu isso: é “palco privilegiado da problematização da nacionalidade” há mais de 30

anos e dominou “o horário nobre do meio de comunicação mais importante de uma indústria que se situa confortavelmente entre as 10 maiores economias do mundo.” (HAMBURGER, 2005, p. 27). Ademais, as telenovelas brasileiras são exportadas para diversos países, ganharam as primeiras páginas de jornais diários e a audiência de todas as classes sociais, além de já terem sido tema de debates no Senado Federal, como na época da novela *O Rei do Gado* (1996), quando a Reforma Agrária era abordada no horário nobre da Rede Globo.

A reflexão de Martín-Barbero serve para definir a telenovela na contemporaneidade latino-americana. Segundo o autor, o gênero “catalisa o desenvolvimento da indústria televisiva latino-americana, ao mesmo tempo em que reúne novas tecnologias audiovisuais com anacronias narrativas e destempos que constituem a vida cultural desses povos.” (MARTÍN-BARBERO apud JACKS, 1999, p. 175). Do mesmo modo, “relato de uma ‘modernidade tardia’”, a telenovela “mistura a sagacidade do mercado – no momento de contar histórias que envolvem as maiorias – com a persistência de sua matriz popular, ativadora de competências culturais inerentes a ela.” (MARTÍN-BARBERO, 2002a, p. 15).

Para Lopes, uma das principais estudiosas brasileiras do tema, as telenovelas “são, antes de tudo, importantes por seu significado cultural. Como bem o demonstra o filão de estudos internacionais, a ficção televisiva configura e oferece material precioso para entender a cultura e a sociedade de que é expressão.” (LOPES, 2004, p. 125).

O estilo *soap opera*¹⁸ nasce nos Estados Unidos, na década de 1940. Alguns anos depois, com a implantação da TV no Brasil, surge a primeira novela brasileira: *Sua vida me pertence*, de Walter Fonseca, exibida em 1950. Por sua vez, a primeira novela diária da TV brasileira data de 1963, *2-5499 ocupado*. Nessa época, e ainda por algum tempo, esse gênero televisivo era considerado “menor”, tanto por financiadores quanto por aqueles envolvidos em sua produção (ORTIZ; BORELLI; RAMOS, 1989, p. 45).

Na década de 1970, com a entrada de intelectuais de esquerda para o time de escritores de televisão, dentre outros fatores, o gênero passou por uma nova fase, uma vez que autores, como Dias Gomes, deram-lhe prestígio e legitimação. Foi a partir desse momento de crescente reconhecimento artístico e social que teve início a legitimação acadêmica da telenovela. O primeiro estudo brasileiro na área é de Sônia Miceli Pessoa de Barros, de 1973 (BORELLI, 2001). Na década seguinte, surgem os primeiros trabalhos que abordam a

¹⁸ Algumas características separam a *soap opera* da telenovela, como o caráter durador daquela, que chega a ser exibida por anos, enquanto as novelas não ficam no ar hoje mais do que nove meses; a verossimilhança e contemporaneidade dos temas, característica do produto brasileiro; e o caráter nobre alcançado pela telenovela, transmitida, diferentemente da *soap opera*, no horário mais valorizado da televisão no Brasil.

recepção da telenovela, realizados por Sarques (1986) – dissertação defendida em Comunicação na UnB em 1981 – e Leal (1986) – dissertação defendida em Antropologia Social na UFRGS em 1983.

Na Inglaterra e nos Estados Unidos, onde tiveram mais expressividade, os estudos sobre ficção seriada ressaltam-se na década de 1980. Nesse contexto, a crítica feminista foi determinante para o desenvolvimento do campo, pois buscava compreender, entre outros aspectos, as razões do prazer causado pelo melodrama. Mesmo quando os estudos na área não estavam relacionados com o feminismo, como no Brasil, eles serviam para valorizar a causa feminina, pois destacavam a investigação de um programa destinado e consumido majoritariamente por mulheres.

A pesquisa em telenovela consolida-se no Brasil na década de 1990, com o delineamento de pressupostos teóricos e metodológicos e com iniciativas que organizam os estudiosos do tema. Entre essas, destaca-se a fundação do Núcleo de Pesquisa em Telenovela, da USP, e do Núcleo de Pesquisa de Ficção Seriada da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), além de, mais recentemente, a criação do Observatório Ibero-Americano de Ficção Televisiva (Obitel).

Conforme sistematização de Meirelles (2009, p. 142), que investigou a constituição da área de estudos do melodrama no Brasil, três critérios servem para reconhecer a conversão da telenovela em objeto de pesquisa legítimo: “1) o objeto tratado tem indiscutível relevância social; 2) já há parâmetros teóricos imponentes que balizam uma aventura intelectual livre pelo território da telenovela; 3) houve um percurso histórico de publicação ininterrupta de trabalhos sobre o tema.”

Hoje, no estudo da telenovela, convivem pesquisadores consagrados e novos investigadores, que, por um lado, garantem rigor aos trabalhos e, por outro, renovam o campo. Conforme Martín-Barbero (2002a, p. 12), somente no Brasil

é comum que alguns dos melhores e mais radicalmente críticos escritores, artistas, roteiristas, diretores de cinema e de teatro, façam telenovela. Do mesmo modo que alguns dos mais bem conceituados pesquisadores sociais tenham dedicado livros inteiros, e não artigos circunstanciais, a estudar a complexidade sociocultural e política da televisão.

3.2. INSTITUCIONALIDADE: ASPECTOS DA PRODUÇÃO DA TELENÓVELA

Diferentemente do atraso notado no Brasil em diversos setores, a televisão aqui possui nível técnico comparável ao dos países de Primeiro Mundo. A Rede Globo, com sua experiência na produção de telenovelas com alto padrão de qualidade, pode ser considerada a responsável pela posição de destaque em que se encontra a TV brasileira internacionalmente. Manter o padrão, porém, custa caro: na década de 1980, a produção de uma hora de novela da Globo custava de US\$20 mil a US\$30 mil; em 2000 o preço se eleva e um capítulo custa de US\$80 mil a US\$100 mil (CAPARELLI; LIMA, 2004).

Contrariando as expectativas de que a televisão tornaria o Brasil mais estrangeiro, a importação de produtos não é significativa na TV aberta, especialmente pelo caráter nacional das produções da Globo. “Em 1978, 48% da programação exibida na televisão brasileira eram de origem estrangeira e 52% nacional [...]. Vinte anos depois, em 1997, [...] a produção brasileira era de 79,55%.” (Ibid., p. 108).

A consolidação da Rede Globo coincide com uma fase de destacado desenvolvimento econômico do país, nos anos 1970 e 1980. Ainda com a TV Tupi como grande concorrente, o canal investiu em tecnologia, ponto de partida para seu crescimento. Nessa fase, também esteve entre as estratégias da emissora aliar-se ao interesse do Estado autoritário em desenvolver uma “identidade nacional”, assim como em “elevar o nível cultural” da programação. “A telenovela funde-se, dessa forma, com uma proposta simplista que concebe a televisão como serviço de utilidade pública.” (ORTIZ; BORELLI; RAMOS, 1989, p. 88).

Nas décadas de 1970 e 1980, a Globo torna-se líder, expande seu número de sucursais e o alcance de seu sinal¹⁹, desbancando Tupi e Excelsior e permanecendo, daí em diante, muitos anos sem concorrente à altura no mercado brasileiro. Desde essa época, são veiculadas, pela emissora, três telenovelas diárias – no início desse período, às 19h, 20h e 22h – e a duração das tramas se estabiliza em torno dos oito meses. Dessa forma, o produto se torna o carro-chefe da programação da soberana da TV.

Ainda nos anos 1970, a emissora carioca cria e difunde o “padrão Globo de qualidade”, caracterizado por uma política interna de produção de programas com tecnologia

¹⁹ Segundo o Atlas da Cobertura 2008, da Rede Globo, a emissora atinge 5.477 municípios brasileiros, o que representa 98% da cobertura de televisão do país.

avançada e acabamento padronizado. A margem de erro foi drasticamente reduzida, e improvisos e informalidades passaram a não ser permitidos (HAMBURGER, 2005).

A soberania da Rede Globo, contudo, vê-se ameaçada em dois momentos. Primeiro, na década de 1990, com o crescimento do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT). E, mais recentemente, a Rede Record de Televisão faz frente à Globo, implementando tecnologia avançada e investindo na programação, passando a produzir telenovelas diárias. Nesse contexto de grande competitividade, o ano de 2009 foi marcado por uma “dança das cadeiras”, um troca-troca de profissionais, principalmente entre SBT e Record. Jornalistas e atores da Globo também são costumeiramente assediados pelas outras emissoras, ocasionando a saída de nomes tradicionais do canal para outras redes.

Segundo Caparelli; Lima (2004, p. 99), a concorrência traz consequências negativas para o padrão Globo de qualidade, notando-se uma queda no nível dos produtos ofertados pela emissora a partir da década de 1990.

Instituindo um padrão de qualidade, leva em consideração questões técnicas, éticas e estéticas, tornando seus produtos reconhecidos pela audiência. Esse padrão funciona como diretor, normalmente conhecido como Padrão Globo de Qualidade. Nem sempre ele é observado, porém. Pode manter-se tecnicamente, mas perde sua aura ética e estética, no momento em que os outros canais ameaçam de alguma forma a primazia da rede. [...] a Rede Globo mantém um padrão técnico de qualidade e recria programas próximos do grotesco escatológico em versão chic.

A queda no padrão ético e estético é estimulada pela impregnada “mentalidade-índice-de-audiência”, de que fala Bourdieu (1997, p. 37): “Por toda parte, pensa-se em termos de sucesso comercial”. A busca constante pelo primeiro lugar no Ibope²⁰ é comprovada por Hamburger (2005) ao trazer informações sobre como se dão as pesquisas de audiência na Rede Globo, quantitativas e qualitativas, realizadas permanentemente, e influenciando nos rumos das telenovelas e dos demais programas.

Embora mantenha a qualidade técnica, a telenovela da Globo vê seus índices de audiência diminuírem novela após novela. A tabela (Tabela 1) e a figura (Figura 2) mostram isso. Entre as maiores audiências da telenovela brasileira, a mais recente a figurar entre as dez maiores é *O Rei do Gado*, de 1996, ou seja, há quase 15 anos uma telenovela não atinge 52 pontos de audiência média. Na década de 2000, a queda é contínua desde 2005.

²⁰ Algumas matérias sobre os índices de audiência das telenovelas *A Favorita* e *Caminho das Índias* estão expostas em anexo.

Tabela 1 – As 10 maiores audiências da telenovela brasileira

Novela	Audiência
1. Roque Santeiro (1985)	67 pontos
2. Tieta (1989)	63 pontos
3. O Salvador da Pátria (1989)	62 pontos
4. Renascer (1993)	60 pontos
5. Rainha da Sucata (1990)	59 pontos
6. Pedra sobre Pedra (1992)	57 pontos
7. Fera Ferida (1993)	56 pontos
8. Vale Tudo (1988)	56 pontos
9. O Rei do Gado (1996)	52 pontos
10. De corpo e alma (1992)	52 pontos

Fonte: Canal 1 – UOL, 2009

Figura 2 – Evolutivo da audiência da telenovela das 21h na década de 2000



Fonte: Veja, 2008

A explicação para tal fenômeno, segundo Hamburger (2005, p. 36), está relacionada à diversificação da programação televisiva, que vive, nos últimos dez anos, uma fase de redemocratização. A disseminação das antenas parabólicas, da TV a cabo e da internet também ampliam as opções de consumo midiático. “Embora a Globo ainda domine o novo mercado, o período é de transição e o futuro é incerto. Mesmo que as novelas da emissora permaneçam na liderança da audiência do horário nobre, já não alcançam os índices superiores a 50% que detinham anteriormente.”

A competição pelos níveis de audiência incide sobre toda a equipe de produção da telenovela, recebendo pressão extra quando o Ibope marca números menores que do produto anterior. Por isso, “a rotina de escrever, produzir, gravar e editar é acelerada. Atividade econômica estratégica no seio de uma indústria poderosa, são poucos os feriados para quem trabalha em novela.” (Ibid., p. 42). Assim, cada vez mais, o gênero se configura por um fenômeno “proto-interativo”, com os capítulos sendo escritos no decorrer da telenovela e obrigando o autor e a direção a reformularem a trama de acordo com a aceitação do público, fomentando a característica folhetinesca do gênero na atualidade.

Apesar disso, a Globo mantém o reconhecimento mundial como produtora da melhor telenovela do mundo, o que esteve em destaque com o prêmio Emmy Internacional de melhor novela de 2009, recebido por *Caminho das Índias*. Ademais, a capacidade das telenovelas de gerar lucros e promover produtos permanece enorme, assim como sua presença no cotidiano de famílias de todo o país, organizando rotinas, suscitando temas para debate e constituindo um conjunto de referências nacionais. Segundo Lopes; Borelli; Resende (2002, p. 36), a “*telenovela cumpre funções de agenda setting*: sujeitos compartilham experiências públicas e privadas (dramatizações) a partir de *leituras* da telenovela.”

Conforme Orozco (2001), em toda a América Latina, assistir à telenovela é uma tradição e o público criou hábitos de audiência, como guiar seus horários da rotina pela programação televisiva. O autor destaca que os telespectadores desenvolvem costumes em torno disso. Por esse motivo, em muitos casos, há um grau mínimo de seletividade pela audiência, pois estar em frente à telinha já é, antes que uma escolha consciente, um hábito.

Lopes (apud CAPARELLI; LIMA, 2004) distingue as características de cada telenovela de acordo com os horários em que são transmitidas, conforme o modelo construído pela Globo. Resumidamente, pode-se definir a “novela das seis” como a mais propícia para apresentação de tramas históricas ou românticas; a “das sete” retrata questões atuais e se passa em grandes cidades, focando os jovens e a comédia; a do horário nobre, a “novela das oito”, expõe temáticas consideradas sociais com assuntos sempre contemporâneos. Conforme

Hamburger (2005), a abordagem apresentada pelas “novelas das oito” sofreu modificações desde o início da década de 1990. A autora chama de novelas de intervenção aquelas produzidas atualmente e que, como Lopes também salienta, passaram a abordar temas sociais.

A importância indiscutível da telenovela no país inspirou Conrad Kotak (apud HAMBURGER, 2005) a chamar o Brasil de “sociedade do horário nobre”, título que faz jus ao caráter “noveleiro” dos brasileiros, independentemente de sexo, idade ou classe social, sejam do campo ou da cidade.

3.2.1. Sobre Glória Perez²¹

Glória Perez – autora de *Caminho das Índias* – nasceu em 1948, no Rio de Janeiro, mas viveu, dos três meses de idade até os 16 anos, em Rio Branco, no Acre. Depois, morou em Brasília, em São Paulo, e voltou para o Rio de Janeiro. cursou Direito e Filosofia na Universidade de Brasília, e formou-se em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Seu interesse em trabalhar como escritora para a TV esteve sempre relacionado, segundo a novelista, ao desejo de aproveitar a abrangência da televisão para “levar cultura às classes que não tinham poder aquisitivo para pagar um ingresso de teatro ou de cinema, para comprar um livro.” (PEREZ, 2009a, p. 425).

Iniciou sua carreira como autora de telenovelas em 1983, quando foi colaboradora de Janete Clair, em *Eu prometo*. A autora principal, com problemas de saúde, precisou se distanciar da trama, e Glória ficou responsável pela novela do capítulo 60 em diante, supervisionada por Dias Gomes.

No ano seguinte, assinou, com Aguinaldo Silva, a novela *Partido alto*, que marcou a estreia de ambos como autores-titulares. Glória Perez terminou de escrever essa trama sozinha, após a dupla se desentender. Em 1987, como escritora da Rede Manchete, levou ao ar a polêmica e bem sucedida *Carmem*, que focou personagens femininas do Rio de Janeiro.

²¹ A maior parte das informações aqui apresentadas foram obtidas através do site Memória Globo – Dramaturgia. São também referências: PEREZ, Glória. Glória Perez. Entrevistadora: Ana Paula Goulart *et al.* In: AZEVEDO, Camila *et al.* **Autores**. Histórias da Teledramaturgia. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2009a; PEREZ, Glória. Dias de Glória. Glória Perez, a mais polêmica novelista brasileira, fala sobre TV e como superar a morte. Entrevistador: Ricardo Calil. **Revista Trip**, São Paulo, 10 ago. 2009b.

Em 1990, de volta à Globo, escreve o seriado *Desejo*, em que a protagonista vive um triângulo amoroso com seu marido e um jovem.

Barriga de aluguel, de 1990, foi um grande sucesso e trouxe à cena um enredo composto pelo que viria a ser uma das marcas de Glória Perez: novidades da ciência balizando a história. Na trama, um casal que não consegue ter filhos propõe a uma jovem que ela alugue seu ventre para a gestação.

Os bem sucedidos trabalhos anteriores levaram-na a estrear como autora de novela das oito, com *De corpo e alma*, de 1992, marcada pela trágica morte da filha de Glória. Daniela Perez, atriz que trabalhava na telenovela escrita pela mãe, foi assassinada pelo colega de cena Guilherme de Pádua. Dois dias após o acontecimento, a escritora retornou ao trabalho e continuou a escrever, sozinha, a história até o final.

Escrever os capítulos sem a colaboração de outros escritores é uma especificidade da autora. Desde *Partido alto*, ela não escreve histórias em coautoria ou com colaboradores. Sobre essa preferência, justifica: “Eu não sei escrever com outra pessoa, dividir esse momento da imaginação, que para mim é solitário. A pessoa que trabalha com colaboradores tem que discutir o que vai ser feito. Não sei discutir isso, não sei sequer fazer escaleta.” (PEREZ, 2009b, p. 2).

Ainda em *De corpo e alma*, começam a chamar a atenção as campanhas sociais que viriam a ser outra marca da autora. O *merchandising social* da trama foi a doação de órgãos, que repercutiu na sociedade brasileira. Na semana de estreia da novela, o Instituto do Coração, em São Paulo, recebeu nove órgãos para transplante, depois de dois meses sem uma única doação²².

Em *Explode coração*, de 1995, a autora abordou os costumes do povo cigano, sendo a primeira, de uma série de novelas suas, em que apresenta as culturas de povos pouco conhecidos pelo público brasileiro. A inovação tecnológica apresentada foi a internet, ainda pouco difundida no Brasil, usada na trama como meio pelo qual o casal protagonista se conheceu. Hoje essa é uma prática comum, na época, no entanto, o contato pela rede de computadores pareceu, a muitos, fantasia da autora.

Glória relaciona as novidades da ciência, que apresenta em suas novelas, como o motivo para ter recebido rótulo de inverossímil, contra o qual se opõe.

²² Informação do site Memória Globo.

Minha etiqueta nasceu com *Barriga de aluguel*. Acharam inverossímil que uma mulher pudesse carregar o filho de outra em sua barriga. Na sequência também acharam inverossímil transplante de coração, troca de bebês na maternidade, costumes muçulmanos, clonagem humana, internet, cultura indiana, brasileiro atravessando o deserto pra chegar aos EUA. Nada disso existia, era tudo invenção da minha cabeça! Acho que o coro mais forte foi quando escrevi *Explode coração* em 96. Gritaram que a internet era pura invenção minha. Não é incrível? (PEREZ, 2009b, p. 2).

Antes do início de *Caminho das Índias*, críticos da telenovela já se preparavam para as inúmeras “licenças poéticas” que seriam usadas por Glória Perez. Um dia antes de a trama ter início, Laura Mattos (2009, p.1), da Folha de São Paulo, afirmava: “Por mais que qualquer telenovela em algum momento despreze a verossimilhança, nenhum autor da Globo hoje é páreo para o ‘despudor’ de Gloria Perez, que assina a trama.” A colunista afirmou ainda que “a herdeira do estilo de Janete Clair voltará a disparar seu arsenal de ‘licenças poéticas’, no qual, só para ficar em um exemplo, as viagens entre o Brasil e as cidades indianas onde se passam as histórias são rápidas e simples como a ponte-aérea Rio-São Paulo.” Glória (PEREZ, 2009b, p. 2) indigna-se com esse tipo de críticas, pois não concorda com a exigência de certas formas de verossimilhança, que não permitiriam o desenvolvimento da história. A autora considera o cúmulo reivindicar, por exemplo, “que uma novela seja falada em hindi, com legendas, para que seja verossímil”.

Confirmando seu engajamento com temas sociais, em *Explode coração*, apresentou uma campanha de utilidade pública em benefício de menores desaparecidos. Ao longo da novela, foram apresentadas fotografias reais de crianças que haviam desaparecido. Ao término de *Explode coração*, mais de 60 crianças foram encontradas por seus pais.

Conforme Hamburger (2005), o espaço que Glória Perez dedica a causas sociais nas novelas que assina são de fato uma forte marca autoral, sendo ela uma das principais representantes da telenovela de intervenção, que ganha espaço a partir da década de 1990. Segundo Glória, ela inaugura os depoimentos reais mesclados à trama ainda em 1987, com *Carmen*, quando falou sobre AIDS.

A autora considera que levantar discussões sociais é um importante papel da telenovela: “Penso que uma obra de tamanho alcance, capaz de suscitar discussões nacionais sobre o destino amoroso das personagens, pode ser usada também para levantar debates que tragam benefícios à população.” (PEREZ, 2009b, p. 1). Porém, não considera obrigatória a apresentação de temáticas sociais na telenovela. Para ela, “toda a história que nos encante, que nos distraia, já tem por si só uma função. Todos nós precisamos sonhar. Sonhar faz parte das

necessidades básicas do ser humano. Se a novela cumpre essa função, já faz o seu papel.” (PEREZ, 2009a, p. 444).

A problemática social se repete em 1998, com o *remake* de *Pecado capital*, escrita originalmente por Janete Clair em 1975. Duas são as formas utilizadas: depoimentos reais sobre a impunidade no Brasil; e o drama vivido por personagem com câncer, o que, para a autora, servia ao objetivo de fazer com que as pessoas lidassem melhor com a doença, especialmente as crianças. Na ocasião, a personagem com câncer raspa a cabeça, cena que se tornou clássica na representação da doença em 2001, em *Laços de Família*.

Na década de 2000, Glória Perez se consolida com uma das principais escritoras de telenovela do Brasil. Todas as marcas autorais de Glória fazem-se presentes em 2001, em *O clone*: a representação de uma cultura distinta da brasileira, a muçulmana; o debate acerca das inovações da ciências, a clonagem humana²³; e o *merchandising social*, os perigos das drogas. O sucesso da trama fez com que, além de altos índices de audiência no Brasil, *O clone* fosse exportado para mais de 60 países²⁴. Em 2005, *América* seguiu receita semelhante, com temas polêmicos como imigração ilegal, homossexualidade e cleptomania. Obteve uma das maiores audiências da história da TV brasileira, já em meio às quedas no Ibope que atingem a Globo.

Chegamos, assim, a 2009, quando vai ao ar *Caminho das Índias*. Segundo Glória Perez, a ideia de escrever uma novela sobre a Índia surgiu em 2008, em uma feira de TV em Cannes, onde lançou a minissérie *Amazônia*. “A festa do evento era indiana. Eu olhei aquelas pessoas, aquelas roupas. Fiquei encantada. Toda a curiosidade que eu sempre tive com a Índia aflorou ali. Pensei: vou escrever a novela porque quero saber mais sobre isso.” (PEREZ, 2009b, p. 1). Para escrever *Caminho das Índias*, a autora possui um “ritmo industrial” de produção, afinal, “são 32 páginas por dia e há uma equipe inteira, uma máquina de produção que só entra em movimento depois que elas chegam. Então há que escrever!”.

A tabela (Tabela 2) a seguir resume as obras em que a Glória Perez participou como autora, coautora ou colaboradora.

²³ O tema da clonagem humana ganhou as primeiras páginas de jornais de todo o mundo quando o médico italiano Severino Antinori anunciou que faria o primeiro clone humano em novembro de 2001, exatamente um mês após a estreia da novela.

²⁴ O sucesso da novela rendeu a Giovanna Antonelli e Murilo Benício, protagonistas da história e casal também fora das telas, o título de casal mais famoso do mundo em 2002, de acordo com versão hispânica da revista *People*.

Tabela 2 – A carreira de Glória Perez

Telenovelas	Minisséries e seriados
Eu prometo (1983)	Desejo (1990)
Partido alto (1984)	Hilda Furacão (1998)
Carmen ²⁵ (1987)	Mulher (1998)
Barriga de aluguel (1990)	A diarista (2003)
De corpo e alma (1992)	Amazônia (2007)
Explode coração (1995)	
Pecado Capital (1998)	
O clone (2001)	
América (2005)	
Caminho das Índias (2009)	

Fonte: AZEVEDO, Camila *et al.* **Autores**. Histórias da Teledramaturgia. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2009a.

Sobre a imagem feminina nas tramas de Glória Perez, percebemos indícios de uma representação negociada das mulheres. Em *De corpo e alma*, destaca-se a personagem de Beatriz Segall, *Stella*, mulher liberal que se envolve com dois homens muitos anos mais jovens que ela e de classe social inferior, trabalhadores do *Clube das Mulheres*. Esse clube representou uma inovação, uma vez que apresentou uma inversão dos papéis comuns dos gêneros, pois, nele, eram as mulheres que pagavam para os homens fazerem *strip-tease*. Além disso, a novela falou sobre as aspirações do homem contemporâneo, mais vaidoso e sensível, tema pouco abordado no início da década de 1990. Por outro lado, a passividade feminina era representada pela personagem de Betty Faria, uma esposa traída. A falta de atitude perturbou as telespectadoras, mas Glória Perez manteve o perfil da personagem, pois considerava que o que incomodava às mulheres era verem-se, de alguma forma, representadas.

Em *Explode coração*, enquanto a regra entre as mulheres ciganas era estudar apenas o mínimo necessário, *Dara*, a cigana protagonista, fazia cursinho pré-vestibular, sonhava em trabalhar e ser independente, questionando a ordem patriarcal. A personagem realizava suas atividades escondida de seu pai, que impunha a manutenção da tradição cigana. Burlar as ordens impostas pelos pais e não seguir à risca as tradições de sua cultura também marcaram

²⁵ Único trabalho realizado fora da Rede Globo. Foi exibido pela TV Manchete.

as atitudes de *Jade*, em *O clone*, e *Maya*, em *Caminho das Índias*. Porém, nos dois casos, as aspirações das jovens diziam respeito ao direito de escolher o marido, não havia a aspiração por independência, como as visíveis em *Dara*.

O relacionamento entre uma mulher mais velha e um homem mais jovem também esteve presente em *Explode coração*, com o casal formado pelos personagens de Rodrigo Santoro e Renée de Vielmond, ex-mulher do padrasto do rapaz e cerca de 20 anos mais velha que ele. Os dois viveram os problemas e as inseguranças da diferença de idade, numa relação que causou polêmica entre o público. No final da novela, a personagem de Renné de Vielmond engravidou, e o casal terminou feliz a trama.

3.2.2. Rede Globo apresenta: *Caminho das Índias*

Caminho das Índias estreou dia 19 de janeiro de 2009 e, após 203 capítulos e oito meses no ar, terminou em 12 de setembro de 2009. A trama foi escrita por Glória Perez e dirigida por Marcos Schechtman. Em seu elenco, nomes importantes da TV brasileira. No núcleo indiano, destacaram-se: Tony Ramos, Lima Duarte, Laura Cardoso, Osmar Prado, Nívea Maria, Eliane Giardini, José de Abreu, Juliana Paes, Marcio Garcia, Rodrigo Lombardi, Caio Blat e Cléo Pires. No Brasil: Stênio Garcia, Elias Gleizer, Letícia Sabatella, Débora Bloch, Christiane Torloni, Humberto Martins, Alexandre Borges, Bruno Gagliasso, Dira Paes, Vera Fischer, Tania Khalill e Vitor Fasano.

A influência do Ibope e da aceitação do público sobre a trama pode ser notada claramente ao menos em dois momentos da trama. Um deles refere-se aos trajes usados pelo sacerdote *Pandit* (José de Abreu). Após uma sondagem com os telespectadores, esses demonstraram se incomodar com o personagem exibindo o tronco nu, que passou a não mais exibi-lo, aderindo a uma túnica²⁶.

No outro caso, o destino da trama principal foi alterado. A ideia inicial de Glória Perez era ter *Maya* (Juliana Paes) e *Bahuan* (Márcio Garcia) como o casal protagonista, que enfrentaria as adversidades de provirem de castas diferentes, e acabariam juntos. No entanto, como casal, *Maya* e *Raj* (Rodrigo Lombardi) conquistaram a simpatia do público, que não se interessou pela história do amor proibido. A autora se adequou a vontade do público, e o casal

²⁶ Folha de São Paulo, 1º abr. 2009.

original, embora tivesse um filho juntos, não teve nenhuma chance de se reconciliar²⁷. Com duas horas de duração, o episódio final reservou pouco mais de três minutos ao desfecho daquele que, inicialmente, seria o mocinho da novela de Glória Perez, *Bahuan*.

Como resultado das adaptações ao gosto dos receptores, a novela melhorou suas marcas no Ibope em relação às primeiras semanas da história. Embora a estreia de *Caminho das Índias*, com 39 pontos, tenha superado a antecessora, *A Favorita*, sua média geral foi inferior – 39,5, de *A Favorita* e 38,6, de *Caminho das Índias* –, registrando a segundo pior audiência de novelas das oito da década, ficando à frente somente de *Esperança* (2002)²⁸. A média seria menor, não fosse o sucesso da novela em suas últimas semanas. O último capítulo atingiu significativos 55 pontos, e a marca de 77% de sintonia dentre as TVs que estavam ligadas no horário.

É importante destacar que os números divulgados pelo Ibope referem-se apenas à Grande São Paulo, como ressalta Almeida (2003, p. 89):

Muitas vezes, nem sequer é esclarecido que tais dados referem-se apenas a São Paulo, e parecem estar discutindo a audiência de todo o país. O uso da Grande São Paulo como referência pelas emissoras e pelo Ibope, ainda que polêmico, definiu-se a partir de 1996. É só nesta praça que o instituto faz pesquisas minuto a minuto, que exigem equipamento eletrônico instalado nos domicílios pesquisados. Trata-se do uso do “peoplemeter” em 660 domicílios da Grande São Paulo. Embora o aparelho esteja presente em algumas outras regiões metropolitanas do país, apenas em São Paulo o instituto permite aos seus clientes o acesso “em tempo real” que costuma ser usado pelas emissoras para destacar seus sucessos de público.

É comum haver grandes diferenças de aceitação de uma novela em diferentes regiões do país. Foi na cidade gaúcha de Passo Fundo que *Caminho das Índias* registrou sua maior audiência, extraordinários 70 pontos²⁹. Já *A Favorita* marcava 52 pontos em seu segundo mês de exibição em Porto Alegre, enquanto a média nacional era de 37 pontos³⁰, diferença que mereceria um estudo aprofundado para sua compreensão.

A venda para outros países é outra forma de avaliar o desempenho de uma telenovela. Em novembro de 2009, *Caminho das Índias* já estava vendida para Rússia, Romênia e Panamá, países nos quais a trama deve ser exibida em 2010³¹. Segundo Ricardo Scalamandrê, em entrevista ao jornal Folha de São Paulo, os valores das negociações oscilam

²⁷ Folha de São Paulo, 18 mar. 2009.

²⁸ Folha de São Paulo, 10 set. 2009.

²⁹ É possível que esse número tenha sido ainda maior, já que a matéria não incluiu o último mês de exibição da novela. Folha de São Paulo, 1º ago. 2009.

³⁰ Folha de São Paulo, 14 jul. 2008.

³¹ Folha de São Paulo, 13 nov. 2009.

bastante no mercado. As novelas da Globo já tiveram capítulos vendidos por US\$ 800, outros por até US\$ 70 mil, dependendo principalmente do país comprador. Outra forma de reconhecimento internacional da produção foi a conquista do prêmio Emmy Internacional de melhor telenovela na 37ª edição da cerimônia, realizada em 23 de novembro de 2009, em Nova York. Foi a primeira vez que o Brasil ganhou um prêmio internacional no Emmy.

Destaca-se, em *Caminho das Índias*, a marca da autora nas representações presentes na trama. As inovações da ciência foram representadas pelo congelamento de óvulos, que permite à mulher escolher quando engravidará, e a inseminação artificial, que já havia sido abordada em *Barriga de aluguel*. Assim como em *Explode coração*, a internet também se fez presente. Os jovens mostraram bastante envolvimento com o meio, *Indra*³² (André Arteche), mantinha um blog, e os colegas da escola, amigos de *Zeca* (Duda Nagle), faziam uso de ferramentas da internet com o objetivo de prejudicar professores e colegas. *Camila* (Isis Valverde) e *Ravi* (Caio Blat) conheceram-se pela internet, assim como o casal protagonista de *Explode coração*. Após um período de conversas por *webcam*, o jovem veio ao Brasil conhecer a futura esposa. A transmissão de vídeos pelo celular também era comum entre *Ravi* e *Camila*, como na ocasião em que *Ravi* transmitiu, pelo aparelho, as imagens do espetáculo das luzes, na Índia. Diferentemente do impacto que causou com a ideia da “barriga de aluguel”, em 1990, com a inserção da internet em *Explode coração*, em 1995, e com a abordagem da clonagem humana em *O clone*, em 2001, os temas expostos em *Caminho das Índias* foram bem aceitos e inseriram-se sem problemas no contexto atual da sociedade brasileira.

No entanto, o congelamento de óvulos, com taxa de aproveitamento aceitável, ainda não é uma realidade. Em matéria repercutindo a questão levantada por *Ruth* (Cissa Guimarães), que congelou seus óvulos e engravidou por inseminação artificial, especialistas criticam o modo como a temática foi abordada, pois passa às telespectadoras a falsa ideia de sucesso garantido com a técnica. No artigo publicado no *Jornal Saúde e Lazer*, Joji Ueno, especialista em tratamentos de restauração da fertilidade, afirma que “além de *Ciça* (Aninha Lima), a personagem e a novela influenciaram milhares de telespectadoras, que ao assistirem

³² *Indra* era um jovem indiano que veio para o Brasil pequeno. Sofria *bulling* de *Zeca* e seus amigos, na escola. Mantinha um blog na trama, que existia na realidade também: o blog do Indra - <http://blogdoindra.com.br/indra>.

a novela – muito superficial na abordagem da reprodução humana assistida – compram a ideia equivocada de ‘congele os seus óvulos, hoje, e garanta o seu bebê no futuro’.”³³

O *merchandising social* foi representado por dois temas: as doenças mentais e a falta de limite dos jovens. Esquizofrenia e psicopatia foram assuntos longamente tratados na trama, o primeiro através de *Tarso* (Bruno Gagliasso) e *Ademir* (Sidney Santiago), e o segundo, com *Yvone* (Letícia Sabatela). *Dr. Castanho* (Stênio Garcia), psiquiatra, fez longos discursos sobre as doenças durante a história, explicando as características de ambas. Abordar a esquizofrenia, na opinião de Glória Perez (2009a, p. 479), serve para essas pessoas mostrarem que “são capazes de fazer muitas coisas bacanas. No entanto, são vistas como incapazes de tudo, como gente que se tem que jogar para debaixo do tapete.”

Por outro lado, ao tratar de jovens como *Zeca*, que tornam a vida de professores um “inferno”, aprontando confusões com suas turmas e não respeitando colegas e professoras, a autora chamou a atenção para a falta de imposição de limites pelos pais. “O desrespeito é tanto que muitos professores estão até abandonando as salas de aula por conta da agressividade e da indiferença dos alunos. [...] Sabe o tipo de pai que tudo que o filho faz está certo? São dois temas interligados: a educação na escola e dentro de casa.” (Ibid.).

A cultura indiana apresentada na trama fez parte de um momento mundial de grande curiosidade sobre a Índia, bem aproveitado na novela. Assim como as tradições ciganas e muçulmanas, as indianas são pouco conhecidas no Brasil. O uso cotidiano de *are baba*, *firangi*, *baldi*, *sari*, *tik tik*, *atchá*, *chalo* e *baguan kelie* demonstraram a repercussão que teve a novela. Em alguns episódios, eram exibidas verdadeiras aulas sobre as tradições indianas, proferidas principalmente por *Opash* (Tony Ramos) e *Pandit*, o sacerdote. A presença das crianças, que aprendiam sobre a cultura, era a forma de inserir esse assunto na trama. As roupas não chegaram a ser moda, devido a sua difícil utilização, mas acessórios e, principalmente, expressões lingüísticas em híndi fizeram sucesso por todo o Brasil.

Tendo esses elementos em vista, antes de avançarmos para a análise do discurso da telenovela, apresentamos uma sinopse da trama de *Caminho das Índias*. Primeiramente, a novela é dividida em dois grandes núcleos: o oriental e o ocidental, que por diversos momentos estarão em contato.

É da Índia que vem a trama central, o amor dos jovens *Maya e Bahuan*. Ela é filha de *Manu* (Osmar Prado) e *Kochi* (Nívea Maria), pertencentes à respeitada casta dos

³³ Jornal Saúde e Lazer. Fora das telas de TV: reprodução humana assistida na vida real. Rio de Janeiro, 3 set. 2009. Disponível em: <http://www.saudelazer.com/index.php?option=com_content&task=view&id=8281&Itemid=49>. Acesso em 9 jan. 2010.

comerciantes. Ele, um dalit, um ser considerado inferior na cultura indiana, que foi adotado, ainda na infância, por *Shankar* (Lima Duarte), da casta dos sacerdotes, que lhe garantiu acesso à educação de melhor qualidade, diferente do destino comum de um dalit. Logo após *Maya* e *Bahuan* apaixonaram-se, a garota fica sabendo da condição do amado, mas supera o preconceito para viver o relacionamento. Indo contra as tradições, *Maya* mantém relações sexuais com o dalit, o que resulta em sua gravidez.

Durante o relacionamento com *Maya*, *Bahuan* decide aproveitar uma oportunidade de trabalho nos Estados Unidos, dando continuidade a seus planos profissionais. *Maya* tenta ir junto, mas o jovem não permite, e, logo após a partida dele, ela fica sabendo que está grávida. Com medo de que sua gravidez seja descoberta e sentindo-se desamparada, já que, desde que *Bahuan* viajou, não se comunicava com ele, *Maya* acaba aceitando o destino imposto por sua família: casar-se com um homem proveniente da mesma casta. O escolhido é *Raj Ananda*.

Raj é filho de *Opash* e *Indira* (Eliani Giardini), irmão de *Amithab* (Dalton Mello), *Ravi* e *Chanti* (Carolina Oliveira). O jovem tem uma namorada no Brasil – aonde costuma ir com frequência para tratar de negócios – *Duda* (Tania Khalill), gerente de loja que divide apartamento com a amiga *Chiara* (Vera Fischer). Buscando cumprir as tradições da família, *Raj* aceita romper com *Duda*, a quem já havia prometido matrimônio, e casa-se com *Maya*. Conforme a ideia original da autora de *Caminho das Índias*, o casamento de *Maya* e *Raj* não deveria terminar em final feliz. No entanto, a aproximação do casal teve grande receptividade do público, diferentemente do percebido entre a jovem e o dalit.

Ravi, um dos irmãos de *Raj*, é outra personagem que merece destaque no núcleo indiano. *Ravi* conhece, pela internet, a brasileira *Camila*, uma jovem romântica que há pouco havia passado por desilusões amorosas. O relacionamento cresce, e ele viaja da Índia ao Brasil, aproveitando uma das viagens do irmão ao país, para conhecê-la pessoalmente. Posteriormente, em viagem de férias, ela vai à Índia, acompanhada da amiga, *Julinha* (Vitória Frate) e da irmã *Leinha* (Júlia Almeida), esta interessada em fazer mais um documentário. *Camila* acaba casando-se nessa viagem, permanecendo na Índia com o marido, *Ravi*. Casada com um indiano, precisa se adaptar aos costumes locais, o que alcança após uma série de problemas.

No núcleo brasileiro, a mãe de *Camila* e *Leinha*, *Aída* (Totia Meirelles), é uma mulher de 40 anos, psicóloga, divorciada, que sofre insucessos nos relacionamentos amorosos. No desenvolver da trama, ela se envolve com *Dario* (Vitor Fasano), um executivo da empresa *Cadore*. *Dario* havia namorado, ao mesmo tempo, *Camila* e *Ciça*, esta colega de trabalho de *Aída* na clínica psiquiátrica, e que também não tem êxito nas relações amorosas.

Aida havia sido casada com *Cesar* (Antonio Calloni), advogado “trambiqueiro”, que, após a separação, se casou com a “perua” *Ilana* (Ana Beatriz Nogueira), com quem teve *Zeca*, um jovem de péssimo comportamento, que não recebe limite dos pais.

A clínica em que *Aida* e *Ciça* trabalham é coordenada pelo psiquiatra *Dr. Castanho*, futuro marido de *Suellen* (Juliana Alves), e responsável pelos inúmeros esclarecimentos sobre doenças mentais apresentados na novela. *Suellen* é uma jovem de classe popular, negra, balconista, que se mostra sempre alegre, sendo figura confirmada na gafeira, onde exhibe seu talento para a dança. Decidida, a balconista casa-se com o psiquiatra somente depois de ele cumprir as exigências que a jovem lhe impõe. No bairro em que *Suellen* trabalha, vive o casal formado pela dona de casa *Norminha* (Dira Paes) e pelo guarda de trânsito *Abel* (Anderson Muller), caracterizado pelas inúmeras traições da esposa. Na última metade da história, ela é descoberta por ele, mas acaba sendo perdoada, e continua sendo infiel.

Compondo a história central do núcleo brasileiro estava a rica família *Cadore*. Os irmãos *Raul* (Alexandre Borges) e *Ramiro* (Humberto Martins), responsáveis por administrar a empresa criada por *Seu Cadore* (Elias Gleizer), pai deles, não mantêm um bom relacionamento e, constantemente, travam disputas pelo comando da empresa. *Raul* é casado com *Silvia* (Débora Bloch), mulher elegante e dedicada à família, e pai de *Julinha*, mas acaba se envolvendo com a psicopata *Yvone*, amiga de adolescência de sua esposa. *Yvone* se aproveita do momento de fragilidade e estresse por que passava *Raul*, frustrado com o trabalho. Convencido por *Yvone*, ele se passa por morto e foge para Dubai com a psicopata, levando o dinheiro que havia desviado da empresa.

Ramiro é casado com *Melissa* (Christiane Torloni) – “perua” que se dedica, quase exclusivamente, aos cuidados com sua beleza – e pai de *Tarso* e *Inês* (Maria Maya). Esta possui um estilo alternativo, usando roupas e maquiagens escuras e empregando gírias pouco conhecidas, sendo uma decepção para sua mãe. *Inês*, apesar de aparentar o contrário, é dedicada à família e competente nos negócios. Por sua vez, *Tarso* inicia a história como o orgulho de sua mãe, visto que é um rapaz bonito e inteligente. Contudo, passa a apresentar traços de esquizofrenia. Seus pais, *Melissa* e *Ramiro*, não sabem lidar com a doença, que se assevera durante a novela. *Tônia* (Marjorie Estiano), sua namorada, é quem lhe fornece mais suporte. A jovem estuda medicina e tem um futuro profissional promissor, do qual abdica para cuidar do namorado. Ela é irmã de *Murilo* (Caco Ciocler), executivo da *Cadore* que, após a “morte” de *Raul*, casa-se com a “viúva” *Silvia*.

3.3. TECNICIDADE: OS DISCURSOS DE GÊNERO E CLASSE EM *CAMINHO DAS ÍNDIAS*

Este trabalho empenhou-se em analisar a telenovela *Caminho das Índias*, transmitida no horário das 21h (novela das oito) pela Rede Globo. O estudo foi realizado a partir de: a) análise de seis capítulos - 01 (primeiro), 10, 50, 90, 150 e 203 (último), permitindo observar e exemplificar codificações hegemônicas, negociadas e opositivas; b) acompanhamento diário da telenovela, levando-se em conta a trajetória dos personagens ao longo de toda a trama, suas relações sociais e afetivas.

O estudo atenta para as relações de classe social apresentadas no programa e, principalmente, as relações de gênero. No que diz respeito às relações de classe, examinou-se como se constitui o *habitus popular* e o *habitus não popular* na novela. Ainda nessa temática, foi avaliada a representação da ideologia do desempenho, em que, em síntese, é apresentado que a ascensão social depende exclusivamente de esforço e mérito pessoal, desconsiderando questões estruturais e a desigualdade social.

No que se refere às relações de gênero, foram destacadas as seguintes categorias de análise:

- *Família e amigos*: posicionamento sobre maternidade; o papel de mãe; relação com filhos, pais, irmãos e amigos; educação familiar;
- *Trabalho e escola*: posicionamento entre esfera pública e esfera privada; espaço do trabalho; história escolar; importância da escola; independência financeira; vida profissional;
- *Relacionamento homem-mulher/ Sexualidade*: relação com marido/namorado; comportamento sexual; virgindade; relações sexuais fora do casamento; atributos para conquista do sexo oposto.

Esses aspectos foram analisados em variadas cenas da novela e por meio de uma síntese sobre as personagens principais da trama, indicando quais são as imagens preferenciais, negociadas e opositivas (HALL, 2003) das mulheres em *Caminho das Índias*.

Apontamentos de outras novelas, principalmente *A Favorita* (02/06/2008 – 16/01/2009), que estava no ar durante o início da pesquisa de campo deste trabalho, também

serão destacados. As relações de gênero e classe, apesar de algumas variações, seguem um padrão dentro da telenovela brasileira e essas outras referências servem para mostrar isso, além de indicar aspectos que não foram visíveis em *Caminho das Índias*. Pesquisas sobre as representações, na telenovela, da classe social (RONSINI *et al.*, 2009) e da mulher (LEAL, 1986; SARQUES, 1986; ALMEIDA, 2003; HAMBURGER, 2005; MEIRELLES, 2009) demonstram que há uma forma mais ou menos fixa de representar as classes e os gêneros, que sofre poucas modificações, e que serão explicitadas a seguir.

3.3.1. As representações das relações de gênero

3.3.1.1. Família e amigos

A obrigação de ser uma boa mãe, e mesmo de ser mãe, é constante na telenovela. Um exemplo disso pode ser percebido com a personagem *Ruth*, uma mulher independente, diretora de uma importante escola, solteira e satisfeita com sua vida, que foi tomada por um grande desejo de tornar-se mãe. Não ser casada e mesmo não estar em uma idade ideal para engravidar não foram impeditivos. A personagem havia congelados seus óvulos em uma clínica de fertilização, e levantou o tema da reprodução independente. As ideias propagandeadas por *Ruth* influenciaram sua amiga *Ciça*, que decidiu também congelar seus óvulos.

A busca da maternidade pela diretora gerou opiniões divergentes, seja entre os personagens ou entre os receptores. *Ruth* encontrou um doador de espermatozóides para a fecundação artificial, mas fez com que o futuro pai de seu filho assinasse um contrato garantindo que não participaria da vida da criança. No entanto, durante a gravidez, *Guto* (Marcelo Brou) queria fazer parte desse momento, ao que a mãe mostrou-se sempre contrária.

A trama mostrou uma questão contraditória, pois ao mesmo tempo em que *Ruth* era moderna e estava decidida a ter um filho mesmo não tendo um companheiro ou idade adequada para isso, destacava a importância da maternidade na vida feminina. Como um desejo instintivo, a mulher vai atrás do sonho de ser mãe, para poder tornar-se uma mulher plena.

Apesar do pensamento dominante que reproduz o mito do amor materno (BADINTER, 1986), o discurso da novela também apresentou um viés contra-hegemônico, que é o da mulher não necessitar de um homem para ser mãe e ser feliz. Embora *Ruth* não

fosse uma das protagonistas de *Caminho das Índias* e não estivesse entre as “mulheres-modelo”, também podia servir de inspiração para muitas mulheres.

Melissa era uma caricatura da mulher contemporânea que não seguia o padrão materno. Fútil, obsessiva por beleza e alheia à realidade, estava sempre cuidando da pele e do corpo. Quando o assunto era o problema psiquiátrico (esquizofrenia) de seu filho, *Tarso*, mostrava-se preconceituosa e não admitia a doença. Ao tratar das traições de seu marido, aproveitava as ocasiões para tirar vantagem, conseguindo presentes caros em troca da aceitação das aventuras extraconjugais de *Ramirinho*, como em um acordo velado.

Era um “anti-modelo” de mulher, o retrato de alguém a não ser seguido. Seu “instinto materno” era pouco desenvolvido, visto que não aceitava a filha por seu estilo diferente de vestir e falar, e orgulhava-se do filho apenas antes dele revelar seus problemas, envaidecendo-se, até então, da beleza do rapaz, e fazendo questão de “exibi-lo”. Nos momentos de crise dele, escondia-o, envergonhada. A personagem redime-se no final da novela ao comparecer à apresentação de seu filho na clínica psiquiátrica e mostrando aceitar sua doença.

Camila, por outro lado, dedicou-se ao amor durante toda a trama, representando a típica mocinha de novela. Largou tudo por amor, levando-se pela emoção e indo atrás de *Ravi* na Índia. Sua aposta no amor deu certo: casou com o indiano e teve filhos gêmeos. Antes de seu final feliz, viveu as dificuldades da adaptação a uma nova cultura, o que foi possível através da dedicação de quem “quer fazer o casamento dar certo”. Conquistou, assim, seu objetivo, exposto ainda no primeiro capítulo, quando a jovem, filha de um casal separado, disse à mãe *Aida* que não seria como ela, ou seja, quando se casasse seria “para a vida inteira”. A valorização do casamento e da família fica nítida na trajetória da personagem.

Todavia, amor e zelo pela família também são exigidos dos homens. *Raul* optou por uma mudança radical em sua vida, enganando sua família, passando-se por morto e mudando-se, com a amante, para fora do país. Foi castigado com a pobreza e a solidão. *Bahuan* mostrou que seu objetivo principal era conseguir muito dinheiro e o respeito de quem o humilhou. Mudou-se para os Estados Unidos atrás disso. Seu orgulho, inveja e ambição passaram a se destacar, sendo maior que o amor por *Maya* e por seu pai adotivo, *Shankar*. Acabou perdendo a jovem para o rival *Raj*, que, por respeito à família e às tradições indianas, casou-se com a mulher designada pelos pais e largou a estrangeira, tornando-se o grande mocinho da história.

É recorrente nas telenovelas que o prêmio das mulheres esteja vinculado ao amor, geralmente representado pelo casamento. Esse exemplo pode ser obtido pela análise da trajetória da personagem *Duda*, o primeiro amor de *Raj* em *Caminho das Índias*. *Duda* era

uma mulher bonita, de classe média, que trabalhava como gerente de loja e residia em uma grande cidade. Apesar de uma aparência de mulher moderna, dependia de um relacionamento amoroso para ser feliz. Seu objetivo inicial era casar-se com *Raj*, seu namorado no início da trama. Quando, no primeiro capítulo de *Caminho das Índias*, ele a pede em casamento, após dois anos de namoro, ela não titubeia em aceitar, mesmo que isso signifique deixar sua cidade, seus amigos e seu trabalho e mudar-se para a Índia. Ao ser questionada sobre quanto tempo precisaria para estar pronta para mudar de país, ela responde que um dia seria suficiente. Apesar do relacionamento de *Duda* e *Raj* ter acabado, ela encontra outro grande amor, o médico *Lucas* (Murilo Rosa). Esse se mostrou um homem “perfeito”. Profissional bem sucedido e companheiro amoroso, fez questão de assumir o filho de *Duda* com o indiano, tomando para si o papel de pai.

Outra personagem que largou tudo por amor foi *Tônia*. Estudante de medicina, teve a oportunidade de estudar na Alemanha, mas desistiu da viagem de estudos quando já estava a caminho do aeroporto. O motivo para sua desistência foi o namorado *Tarso*, pois não queria viver longe do amado, aceitando o desafio de conviver com a doença dele.

Em seu estudo sobre a novela *Os Gigantes* (1979-1980), Jane Sarques (1986) destaca o modo negativo como era representada a mulher que colocava seus interesses profissionais como prioridade de vida. Era o caso da personagem *Paloma*, a quem o autor da novela pretendia apresentar como uma mulher diferente, ousada, à frente de seu tempo. No decorrer da trama, contudo, foi obrigado a mudar o rumo da protagonista, que não havia conquistado a simpatia do público, e menos ainda de anunciantes e emissora. A jovem casou-se e tornou-se mãe, passando, assim, a seguir o modelo feminino mais tradicional. No final da história – quando o autor original havia sido desligado da telenovela pela Globo devido a declarações em uma entrevista – *Paloma* suicidou-se e a mensagem final foi de que era neurótica, justificando sua conduta imoral (sexo antes e fora do casamento, independência, falta de desejo de ser mãe).

3.3.1.2. Trabalho e escola

O trabalho pode ser considerado a maior fonte de reconhecimento social da mulher moderna, como aponta Mattos (2006). É o trabalho o alicerce de sua identidade, forma pela qual adquire reconhecimento e autonomia. Para a maior parte das personagens da novela, o trabalho era secundário ou mesmo inexistente, o que significa, seguindo a reflexão de Mattos, que as mulheres de *Caminho das Índias*, com algumas exceções, não podem ser consideradas

modernas. Seguem, na verdade, o modelo tradicional de comportamento feminino. Nas classes médias, as mulheres largaram o emprego para dedicarem-se à família.

Maya, apesar do erro que cometeu, ao casar-se com *Raj* estando grávida de *Bahuan* e não contando isso ao marido, foi apresentada como um modelo de mulher. Bonita e educada, fluente em inglês, a jovem parecia evoluída para os costumes indianos. Duas características serviam para aproximá-la do público, mostrando uma protagonista com a qual poderiam se identificar, apesar da distância geográfica: trabalhava em um *call center* e perdeu a virgindade antes do casamento.

Como esposa, *Maya* mostrou significativas virtudes, pois estava sempre bela e era dedicada à família. Ao casar-se deixou o emprego para cuidar da casa, do filho e do marido e estava disponível para acompanhá-lo em viagens de negócios. Enquanto *Raj* permaneceu dedicado a seu trabalho – mantendo o mesmo comportamento profissional após se casar, e, mesmo assim, sendo retratado como um excelente marido – *Maya* largou tudo, de sua família a seu trabalho, para viver a vida do marido.

Para mostrar que esse não é um modelo feminino exclusivamente indiano, destacamos características muitas semelhantes às de *Maya* em *Silvia*, outra mulher “exemplar”. Após se casar com *Raul*, deixou de lado a docência e passou a ser esposa e mãe em tempo integral. O fim de seu casamento e a decadência financeira fizeram com que ela voltasse a trabalhar e enfrentasse uma fase difícil em sua vida. Mostrou-se uma mulher batalhadora e mãe dedicada, apesar dos problemas enfrentados com a rebeldia da filha *Julinha*. O prêmio de *Silvia* não foi encontrado no trabalho, mas sim em um novo amor. O casamento com *Murilo* significou o recomeço e a felicidade para a personagem.

Fonseca (1997) aponta que essa dedicação exclusiva da mulher da elite à casa e à família (*Silvia*, *Melissa* e *Maya*) é histórica, consolidando-se durante o Brasil Colônia, a partir de um modelo europeu. D’Incao (1997) garante que esse modelo feminino representava o ideal de retidão para as mulheres. Esse modelo, hegemônico no Brasil até há pouco tempo, exigia da mulher estar desvinculada de qualquer trabalho para conformar um sólido ambiente familiar.

O caminho contrário, da esfera privada para a pública, foi feito por *Catarina* (Lília Cabral), de *A Favorita*, personagem que, diferentemente das citadas acima, pertencia à classe média/ média baixa. Após anos de um casamento infeliz e com os filhos maiores, foi convidada a trabalhar no restaurante da amiga *Estela* (Paula Bulamarque), e aceitou. A entrada no mundo profissional marcou um novo momento na vida da personagem e forneceu novo ânimo à ex-dona de casa, que havia acabado de se separar do marido. Seu divórcio foi

justificado pela violência física e psicológica que sofria do marido. Ademais, *Catarina* não deixou de se dedicar aos filhos.

Suellen e *Chanti* não seguiram à risca o comportamento esperado das mulheres. A carioca conquistou o psiquiatra *Dr. Castanho*, mas mostrou que não iria se subordinar ao noivo. Ela sempre teve preconceito contra doentes psiquiátricos, mesmo assim, o médico tentou realizar a cerimônia na clínica em que trabalhava. Ao saber do plano, *Suellen*, já vestida de noiva, desistiu do casamento. Algum tempo depois o casal fez as pazes, por iniciativa do homem, e casou-se. Além disso, apesar de ter ascendido socialmente, a jovem preferiu continuar em seu trabalho de balconista e manteve alguns hábitos de solteira, como o de dançar com diversos rapazes na gafeira, o que não foi apresentado como algo errado.

Já a indiana *Chanti* sempre dizia que não queria se casar, seu sonho era estudar fora da Índia. Quando sua família considerou que ela já estava na idade de casar e começou a preocupar-se com sua amizade com um colega, decidiu encontrar um marido para a garota. Decidida a não se casar, fez teste para tornar-se atriz de Bollywood e, após ser aprovada, gravou um filme no Brasil, fugindo de casa. *Chanti* representou, assim, uma jovem mulher decidida que não tinha como objetivo de vida o casamento, rompendo com a cultura na qual foi educada.

Outras duas representações que desvinculam a mulher da necessidade de estar com um homem para alcançar a felicidade foram oferecidas por *Inês* e *Leinha*. Na trama, estiveram sempre solteiras e felizes, e os prêmios finais vieram através de conquistas profissionais. *Inês* foi anunciada como a futura presidente da empresa da família *Cadore*, e *Leinha* recebeu proposta para trabalhar como produtora em Hollywood, tendo sua dedicação aos trabalhos audiovisuais reconhecida.

No último capítulo da novela, *Seu Cadore* contou ao filho *Ramiro* que encontrou a futura presidente ideal para a empresa da família. O nome anunciado foi da neta *Inês*, uma jovem com “estilo mais alternativo”³⁴, que, ao mesmo tempo em que chamava a atenção por seu estilo de vestir e de falar, mostrou-se inteligente e ajudou o avô a desvendar problema envolvendo verba da empresa. *Ramiro* surpreendeu-se com o anúncio, mas acabou concordando. A intenção inicial do empresário era de que *Tarso*, seu outro filho, fosse seu substituto, mas, após a descoberta de que o jovem sofria de esquizofrenia, a opção tornou-se inviável. A opção por *Inês* foi compreensível, já que era a mais preparada entre os três

³⁴ Site de Caminho das Índias: <http://caminhodasindias.globo.com>. Acesso em 11 jan. 2010.

herdeiros da *Cadore*³⁵. Contudo, a decisão, anunciada em uma festa na clínica psiquiátrica em que *Tarso* recebia tratamento, fugiu do esperado, uma vez que a jovem, além de ser mulher, possuía um perfil muito diferente do de uma executiva.

Os casos de *Inês* e *Leinha* chamam a atenção para o fato de as mulheres que alcançam o sucesso profissional não possuírem uma vida amorosa. Ambas as jovens não tiveram nenhum envolvimento amoroso durante toda a trama. Da mesma forma, *Aída*, *Ciça*, *Ruth* e *Gabi* (Ana Furtado), todas mulheres profissionalmente bem sucedidas, não são casadas nem têm namorado. *Aída* é divorciada e na metade final da novela envolve-se com o ex-namorado da filha e da amiga, *Dario*, relacionamento que demora a dar certo. *Gabi* é amante de *Ramiro*, mas não demonstra um envolvimento afetivo com ele. *Ciça* namorou *Dario*, que a traía com a filha da melhor amiga, e teve um breve envolvimento com *Bahuan*, que nunca pensou em ter um relacionamento sério com ela. *Ruth* não teve nenhum namorado e não quis nem mesmo ser amiga do homem que doou sêmen para sua “produção independente”.

O que se percebe, em *Caminho das Índias*, é que a relação entre mulher e trabalho é apresentada de forma positiva: voltar a trabalhar é o início da “volta por cima” de *Silvia*; o emprego de *Maya*, em um *call center*, mostrou que a jovem tinha costumes mais modernos que as demais mulheres indianas; os trabalhos de *Aída* e *Ciça* na clínica psiquiátrica têm espaço na trama e fazem parte da caracterização de duas mulheres bem resolvidas; *Ruth* é uma diretora dedicada que busca melhorar a escola onde trabalha; e a falta de uma ocupação produtiva por *Melissa* colabora em seu retrato como uma mulher fútil.

Por outro lado, o trabalho não é central para nenhuma das personagens principais da trama, e é a dedicação à família que caracteriza as personalidades femininas. Já entre os homens, o destaque oferecido à profissão é maior: *Opash* e seus filhos, assim como *Manu* e o filho, são retratados, em muitos momentos, trabalhando nas lojas de suas famílias; *Ramiro* e *Raul Cadore* viviam para a empresa que o pai fundou, assim como *Murilo* era frequentemente mostrado trabalhando; *Raj* permanece sendo um homem ideal, marido e pai amoroso, mesmo com a dedicação ao trabalho, que lhe exige diversas viagens, enquanto a mulher deixou de trabalhar para ficar em casa.

Cena de *Bahuan*, no capítulo 50, demonstra a valorização do trabalho pelos homens. Enquanto está nos Estados Unidos, para onde foi com o objetivo de evoluir profissionalmente, o indiano conversa com um amigo e justifica-se por não telefonar nem dar notícias à *Maya*: “As mulheres são muito caprichosas, não entendem que nós temos que dedicar nosso tempo

³⁵ A terceira é *Julinha*, que se envolve com criminosos após a suposta morte do pai e a falência da família.

para outras coisas também.” A mensagem, assim, é de que é melhor nem falar com ela, já que a moça pedirá para ele voltar, pois não entende os motivos racionais para as escolhas de *Bahuan*.

De tal forma, o modo como homens e mulheres, na telenovela, são ligados ao trabalho é divergente, permanecendo a representação do feminino vinculado ao espaço privado e do masculino, ao público. Thompson expõe da seguinte forma as divisões das esferas pública e privada e a inserção de homens e mulheres nessas:

A esfera pública foi geralmente entendida como o domínio da razão e da universalidade cuja participação era reservada somente para os homens, enquanto as mulheres, seres (supostamente) inclinados a particularidades e conversas frívolas e afetadas, se supunham comumente mais indicadas à vida doméstica. (THOMPSON, 1998, p. 71).

Para tornar mais visível os diferentes pesos dedicados, por homens e mulheres, ao trabalho, e também a corriqueira separação das profissões ditas femininas das masculinas, apresentamos, a seguir, dois quadros com as profissões exercidas pelos personagens de *Caminho das Índias*.

Tabela 3 – Ocupações das mulheres em *Caminho das Índias*

Personagem	Ocupação
Maya	Atendente em call center ³⁶ / Dona de casa
Sílvia	Dona de casa/ Professora de inglês
Yvone	(Falsa) Médica
Melissa	Dona de casa
Norminha	Dona de casa
Nanda	Dona de casa
Indira	Dona de casa
Surya	Dona de casa
Kochi	Dona de casa
Camila	Estudante/ Dona de casa
Tônia	Estudante
Julinha	Estudante
Suellen	Balconista
Duda	Gerente de loja/ Secretária em clínica de estética
Chiara	Sócia de clínica de estética
Ilana	Sócia de clínica de estética

³⁶ Apenas no primeiro mês de novela.

Ruth	Diretora de escola
Berê	Professora
Dayse	Massagista
Aída	Psicóloga
Ciça	Psicóloga
Leinha	Documentarista
Inês	Estilista/ Advogada
Gabi	Advogada
Wal	Secretária
Cema	Empregada doméstica
Ondina	Empregada doméstica
Sheila	Empregada doméstica
Durga	Empregada doméstica

Tabela 4 – Ocupações dos homens em *Caminho das Índias*

Personagem	Ocupação
Opash	Comerciante
Ravi	Comerciante
Amithab	Comerciante
Manu	Comerciante
Raj	Executivo
Bahuan	Executivo
Murilo	Executivo
Dario	Executivo
Ramiro	Empresário
Raul	Empresário/ Catador de lixo
Seu Cadore	Empresário aposentado
Cesar	Advogado
Tarso	Estudante
Zeca	Estudante
Indra	Estudante
Lucas	Médico
Dr. Castanho	Médico
Abel	Guarda de trânsito
Gopal	Motorista

A separação mais marcante entre funções femininas e masculinas refere-se aos cuidados da casa, de um lado, e o trabalho no meio público, como comerciantes e médicos, de outro, havendo nítidas diferenças de reconhecimento social e salarial entre os dois pólos. Outra separação comum está relacionada à hierarquia (BOURDIEU, 2007), visto que, de um lado, estão chefes, como os executivos e empresários, e, de outro, as secretárias e empregadas domésticas.

Comumente associado às mulheres está o trabalho de cuidado dos mais frágeis, relativo ao aspecto maternal feminino. Cabem às mulheres as profissões de professora e enfermeira, por exemplo. O trabalho de psicóloga, diretamente relacionado à emoção e aos aspectos subjetivos dos indivíduos, é igualmente representado por mulheres, enquanto o psiquiatra, que é médico, é homem.

A exceção foi o cargo ocupado por *Gabi*, advogada da empresa da família *Cadore*, que tinha sua competência reconhecida e não era inferior aos homens com que trabalhava. Isso pôde ser notado pelo respeito que recebia dos colegas, como *Dario* e *Murilo*, que ocupavam funções semelhantes a sua e não possuíam *status* superior. Soma-se a essa representação opositiva de *Gabi* o fato de ela não se envolver afetivamente com *Ramiro*, seu chefe e amante. Em nenhum momento ela expressa a vontade de tornar-se “a esposa”, não demonstrando interesse em um relacionamento sério. Apresenta, assim, um comportamento geralmente associado aos homens: sucesso profissional e frieza na vida pessoal/amorosa. Cabe lembrar que a personagem tem pouco destaque na trama e não é apresentada como modelo feminino.

3.3.1.3. Relacionamento homem-mulher/ Sexualidade

Convergindo para o reconhecimento dos valores relacionados à família, a telenovela comumente critica a infidelidade dentro do casamento, seja de homens ou mulheres. Há, todavia, uma condescendência com os casos de traição masculina, o que não se percebe para com as mulheres. Mesmo assim, os homens infieis não são apresentados como o modelo masculino. Respondem pelos casos de infidelidade em *Caminho das Índias* os irmãos *Ramiro* e *Raul*, a *socialite Nanda* (Maitê Proença) e a dona de casa *Norminha*.

Ramiro era o “mulherengo” por natureza, representava a figura do empresário que avisa para a esposa que chegará tarde em casa por causa do trabalho quando, na verdade, está com outra mulher. Suas “puladas de cerca” não resultavam em consequências concretas para seu relacionamento, e sua esposa, *Melissa*, apesar de saber das traições do marido, nunca

sugeriu separar-se dele. A personagem descontava sua raiva nas amantes do marido, *Gabi* e *Yvone*. A esposa traída aproveitava-se das situações para tirar vantagens, como, por exemplo, na ocasião em que armou para conseguir joias e o carro do marido. Nunca conversou abertamente com *Ramiro* sobre as traições. O empresário terminou a novela ainda mantendo o caso com *Gabi*, o que dá a entender que aquela situação continuaria dessa forma, desde que *Melissa* tivesse suas recompensas materiais.

Raul retratou uma traição mais frequentemente representada como feminina, pois foi infiel a sua mulher num momento de fragilidade, quando estava depressivo e vivia uma crise no casamento. A psicopata *Yvone* envolveu-se com o empresário, que era marido de sua melhor amiga, para tirar vantagem da situação, fazendo-o separar-se e fingir-se de morto para ter uma nova vida com ela, longe do Brasil. O fim de *Raul* é trágico, mas não somente como consequência por ter traído a mulher, mas pelo modo como enganou sua família, especialmente seu pai e sua filha.

Entre as traições realizadas por mulheres, *Nanda*, assim como *Raul*, foi seduzida em um momento de insatisfação no casamento. *Mike* (Odilon Wagner), o amante, contou com a ajuda de *Yvone* para conquistar a esposa de um empresário rico, a qual sofria com a falta de atenção do marido. A personagem representou uma imagem costumeiramente vinculada às mulheres, pois, levada pela emoção, foi facilmente enganada, iludida por um homem romântico. *Nanda*, como mãe de um menino e possuidora de uma vida cheia de mordomias, não foi totalmente perdoada pelo que fez. Sua traição colocou sua família em uma situação complicada, em virtude de constantes chantagens do amante, pedindo dinheiro para não divulgar a traição na imprensa. *Nanda* foi expulsa de casa, proibida de ver o filho, largada pelo marido e pelo amante, e acabou sozinha.

Caminho das Índias também apresentou *Norminha*, uma personagem pouco comum. Dona de casa, casada com o guarda de trânsito *Abel*, que não desconfiava das traições da esposa, *Norminha* teve diversos casos extraconjugais por divertimento, mesmo parecendo gostar do marido, retratando uma esposa que “não teria motivos” para trair. Assim, foi a típica “safada”, como aludia a letra de sua música-tema: “Você não vale nada, mas eu gosto de você”³⁷. Mesmo assim, após descobrir o que a esposa aprontava, alertado por cartas anônimas, *Abel* a perdoou. A novela terminou mostrando que a dona de casa não havia mudado, e continuaria com seus hábitos contrários às regras do casamento.

³⁷ Música “Você não vale nada”, de autoria de Dorgival Dantas, interpretada pelo grupo Calcinha Preta. Em artigo do jornal Estadão, Roberto DaMatta realiza uma relação entre a música, sucesso com *Caminho das Índias*, e a sociedade brasileira. Anexo F.

A representação de *Norminha* pode ser considerada opositiva ao padrão das telenovelas no que se refere à sexualidade, pois a personagem era infiel ao marido, sem “motivos”, e, mesmo assim, era composta de forma a ser simpática ao público. Além disso, apesar da traição ser um ato abominável para a valorização do casamento, a personagem teve um bom final. Mesmo quando o marido descobriu as traições, o único a sofrer foi ele, ela apenas esperou que fosse chamada para voltar para casa. A imagem que ficou foi de *Norminha* como “piranha” e de *Abel* como “trouxa”. Foi o aspecto cômico do casal que permitiu sua aceitação.

Essa foi uma imagem de traição divergente, por exemplo, do que foi representado com *Dedina* (Helena Ranaldi), de *A Favorita*. Movida pelo desejo sexual, a mulher do prefeito de *Triunfo*, envolveu-se com um funcionário da fábrica de celulose, traindo o marido que a amava e a tratava muito bem. A atitude imoral da primeira-dama foi paga com sua morte. Após parecer estar louca por vários capítulos, ficou doente repentinamente e teve uma morte dolorida e triste. *Damião* (Malvino Salvador), o amante, embora demonstrasse algumas tentativas de fugir das investidas, sempre cedia à sensualidade de *Dedina*, apesar de namorar *Greice* (Roberta Gualda). Ele também teve sua punição, ficou algum tempo paraplégico, após uma briga com o marido traído. Teve, porém, um final feliz, recuperado do problema físico e junto com *Greice*.

Em comum, *Norminha* e *Dedina* têm uma sensualidade pouco usual entre as mulheres das telenovelas. Ambas são movidas pelo desejo sexual e nada tem a ver com a representação das mocinhas que agem por amor. Representação intermediária entre a protagonista inocente e virgem, cada vez menos comum, e a “mulher fogosa”, não aceita como a heroína, é *Lara* (Mariana Ximenes), de *A Favorita*. A garota passou a imagem de uma contemporânea jovem urbana de classe dominante: estudava, gostava de festas e era livre em relação a sua sexualidade.

Lara, a mocinha, namorou *Cassiano* (Tiago Rodrigues) e *Halley* durante a trama, possuindo vida sexual ativa com os dois. Entre suas demonstrações de liberdade sexual, esteve levar o namorado a um motel e dormir com ele na casa dos avós. O que permitiu que, mesmo assim, *Lara* não fosse mal vista pelo público e não deixasse de ser a heroína, foi o fato de a jovem agir movida pelo amor, estando o sexo vinculado a esse sentimento. Além disso, não traiu nenhum dos garotos, namorando um de cada vez. É, assim, uma caracterização negociada, uma vez que apresenta avanços na sexualidade de uma jovem solteira, sem chocar, pois seus relacionamentos carregavam as virtudes do amor e da fidelidade. Cabe ressaltar que

ambos os garotos têm outro tipo de sexualidade, pois tiveram relações sexuais com outras jovens por desejo, e não por amor.

Conforme destaca Bourdieu (2007), as práticas e representações sexuais de homens e mulheres não são simétricas, seja no que se refere aos pontos de vista dos gêneros sobre o ato sexual, pensado geralmente enquanto conquista para os homens, seja pela preparação social de homens e mulheres para o sexo. As mulheres entendem a sexualidade como uma experiência mais íntima, pensamento originado da forma como são educadas.

Para MacKinnon (apud HARAWAY, 2004, p. 231-232), a sexualidade “é esse processo social que cria, organiza, expressa e direciona o desejo, criando os seres sociais que conhecemos como homens e mulheres, do mesmo modo como suas relações criam a sociedade.” A autora compara a sexualidade feminina com o trabalho da classe operária, pois considera que, assim como a exploração da força de trabalho para benefício de outros define essa classe, a expropriação da sexualidade feminina para uso dos homens define o sexo mulher.

Representações negociadas da sexualidade feminina são encontradas em diferentes personagens de *Caminho das Índias*. Duda aparecia em cenas sensuais com Raj, embora não fosse casada com ele e ocupasse um dos papéis de mocinha da história. Após o término de seu relacionamento, descobriu que estava grávida, mas não sofreu nenhuma discriminação por ser mãe solteira. Engravidou também do novo namorado, e não recebeu crítica nenhuma por isso. Tônia, apesar de jovem e ainda dependente do irmão, após pouco tempo de namoro com Tarso, mudou-se para um apartamento com ele, atitude corriqueira na realidade atual, mas ainda pouco apresentada nas novelas.

Aida e *Ciça* foram retratadas como mulheres bem resolvidas sexualmente e financeiramente independentes, características da mulher moderna. Mesmo assim, ambas sofriam pela falta de um namorado, ou seja, para conseguirem a felicidade plena, precisavam de um homem ao lado. Essa representação tem relação ao que Messa (2006) verificou em estudo sobre as mulheres do seriado americano *Sex and the City*. A autora avalia que a ideia inicial do programa era retratar mulheres modernas, independentes e livres sexualmente. Com o passar das temporadas, contudo, ganharam importância os relacionamentos sérios e o final do seriado acabou sendo mais comum do que se imaginava: “todas alcançam a ‘felicidade’ na relação afetiva ao (re)encontrar seus pares (masculinos).” (MESSA, 2006, p. 87). A ideia central do estudo sobre *Sex and the City* é a de que “a busca pelo prazer, assim como seu poder de compra, são uma espécie de resistência ao poder masculino, mas, por trás desta independência e desprendimento, a mulher tem medo de ficar sozinha.” (Ibid., p. 84).

Outra representação negociada da sexualidade verifica-se com *Maya*, que, mesmo vivendo na rígida cultura indiana, perdeu a virgindade, com o dalit *Bahuan*, antes do casamento. Engravidou do dalit e acabou casando-se com outro homem, o executivo *Raj*. O mais recriminável na personagem não foi o seu relacionamento anterior e sim iniciar um casamento mentindo para o marido. A jovem penitenciou-se durante toda a novela e sofreu muito no final, especialmente nas cenas do último capítulo em que entrega seu filho para ser criado por *Bahuan*. Depois de tanto sofrimento, *Maya* alcançou a redenção.

Antes de casar, *Maya* apenas contou a *Raj* que não era mais virgem, temendo a reação do noivo, que poderia negar-se a seguir adiante com o relacionamento. Ele mostrou-se compreensível com relação ao passado da noiva, fato explicável pelo contato que mantinha com a cultura ocidental. No capítulo 50, o executivo diz a *Maya* que o fato dela ter mantido relacionamento sexual anteriormente “não é motivo para não haver mais casamento e muito menos para você se atirar no Ganges, Maya.” (Raj – capítulo 50). A novela deixou claro, com esses exemplos, que atualmente a virgindade não é mais obrigação para as mulheres.

D’Incao (1997, p. 235) indica o motivo histórico para a valorização da virgindade feminina. A autora destaca que a virgindade era requisito fundamental para os casamentos nas classes dominantes, pois funcionava para manter o “*status* da noiva como objeto de valor econômico e político, sobre o qual se assentaria o sistema de herança de propriedade que garantia linhagem da parentela.” Desse modo, entre as classes populares não haveria justificava para tal costume, uma vez que não possuíam bens para herdar. Mesmo assim, o modelo dominante foi imposto também às mais pobres.

Na contemporaneidade, segundo Giddens (1993, p. 11), a “transformação da intimidade”, ou seja, as mudanças na vida afetiva e o maior poder da mulher sobre sua sexualidade, “poderia ser uma influência subversiva sobre as instituições modernas como um todo. [...] As mudanças que atualmente afetam a sexualidade são, na verdade, revolucionárias e muito profundas.”

Percebe-se, portanto, que a sexualidade não é um problema para as mulheres da novela, e que a virgindade deixou de ter a importância de antes. O modo como homens e mulheres encaram o sexo, porém, permanece diferente. O número de parceiros femininos é reduzido, as boas mulheres fazem sexo apenas por amor e são fiéis a seus maridos.

Outro aspecto presente nas relações homem-mulher na telenovela é a valorização da beleza feminina, relacionada, muitas vezes, à sensualidade, como em *Maya*, *Suellen* e *Norminha*, atributos de conquista femininos. Para o homem, por seu turno, a conquista está relacionada à racionalidade, e os predicados masculinos valorizados são, basicamente, a

inteligência, a competência e a posição social. Ou seja, o que atrai em *Ramiro*, para *Gabi* e *Melissa*, não é sua beleza, mas o fato de ser um homem bem sucedido, que lhes oferece segurança e uma atraente impressão de poder.

Interessante destacar as orientações que *Kochi* dá à filha *Maya* no capítulo 50. Enquanto a jovem prepara-se para o jantar em que conheceria melhor o noivo *Raj*, *Kochi* divide sua sabedoria com a filha, ensinando-a como se comportar perante um homem. A fala de *Kochi* alude ao que foi exposto no capítulo anterior deste trabalho, sobre as recomendações de um jornal do fim do século XIX.

Fale pouco e escute tudo que ele disser. Os homens gostam mais das mulheres que escutam do que das que falam. E se você tiver que dizer alguma coisa, pense bem se o seu silêncio não é melhor que a sua palavra. Não discorde das ideias dele, os homens gostam de ser admirados. (Kochi – capítulo 50).

Apesar da distância cultural entre Brasil e Índia, muito do apresentado na novela acerca do país serviu como exemplo para os brasileiros. Isso se mostrou mais nitidamente em relação ao respeito aos idosos, o que, segundo as entrevistadas desta pesquisa, deveria ser seguido pelos jovens daqui, uma vez que consideram que não há essa valorização dos mais velhos no Brasil.

Essa forma de retratar a Índia como um exemplo estendeu-se à beleza. Vaidosa, preocupada em mostrar-se bonita para o marido, *Maya* estava sempre impecável, maquiada, com roupas bonitas e cheia de joias. Em cena do primeiro capítulo, a mãe de *Maya* a ensina que uma mulher deve se cuidar sempre: a pele tem que ser “macia como uma pétala” e é preciso usar muitos enfeites “para trazer a Deusa que existe dentro dela”.

Nesse sentido, aparecem as obrigações da mulher com a beleza, atributo da conquista. Essa sensualidade feminina se opõe à racionalidade masculina, representada nas diversas figuras bem sucedidas na novela, como *Raj* – que, mesmo amoroso, mantém a razão como guia – *Ramiro*, *Murilo*, *Opash* e outros. Conforme Giddens (1993, p. 218), “a identificação das mulheres com a irracionalidade, seja em uma tendência séria (loucura) ou de um modo supostamente menos consequente (as mulheres como criaturas caprichosas), transformou-as em suboperárias emocionais da modernidade.”

O tema beleza foi constantemente apresentado através da personagem *Melissa*. Seu modo de encarar a aparência foi usado como uma crítica à preocupação excessiva das mulheres com o corpo. Não se trata de afirmar que a beleza era pouco importante na novela,

mas sim de valorizar “um cuidado de si” e uma “beleza natural”. Aparece aqui o politicamente correto (SEMPRINI, 1999), em que a escravidão pela aparência é criticada.

A “beleza natural” pode ser encontrada em algumas mocinhas da novela, como *Duda*, *Silvia* e *Camila*, mulheres bonitas, mas que, em nenhum momento, demonstram esforços ou exageros para isso. Do lado oposto está *Melissa* e também *Ilana*, “peruas” que usam muitas joias, roupas elegantes e mostram-se constantemente preocupadas com a pele e o corpo. É diferente do que se percebe na Índia, onde a regra é usar muitas joias e roupas extravagantes (para o padrão brasileiro). A exceção, contudo, confirma a regra, pois a forma como a beleza feminina das indianas, como *Maya*, era exposta relaciona-se a um “cuidado de si” e uma dedicação ao marido, e não um esforço exagerado ou uma obsessão pela beleza.

3.3.2. As representações das relações de classe social

Primeiramente, é importante ter em vista a classe social que é prioritariamente representada em *Caminho das Índias*. O que se verificou em estudos anteriores (ALMEIDA, 2003; HAMBURGER, 2005) sobre as telenovelas da Rede Globo é a usual preponderância da representação das classes médias altas, havendo um núcleo popular separado. Ademais, os personagens de diferentes classes convivem entre si, constituindo um apagamento das desigualdades sociais, que será abordado ainda neste tópico. Como exposto no capítulo 2, a preponderância das classes altas tem início na composição daqueles que irão produzir a telenovela, e colaborará para legitimar e difundir o modo de vida de uma parte pequena e privilegiada da sociedade.

Com o objetivo de se verificar tal predomínio, adaptaremos as tabelas referentes às ocupações de homens e mulheres para examinarmos a classe a que pertencem os personagens da história. As classificações serão (QUADROS; ANTUNES, 2001): alta, média alta, média, média baixa e baixa³⁸.

³⁸ QUADROS; ANTUNES (2001) dividem as classes em quatro camadas de acordo com a ocupação do membro melhor posicionado economicamente: média alta, média, média baixa e baixa. Na classe média alta, diferencia os assalariados e os proprietários empregadores. Com isso em vista, e visando deixar as diferenças mais claras, acrescentaremos a classe alta, formada pelos proprietários empregadores.

Tabela 5 – Ocupações e classes sociais em *Caminho das Índias*

Personagem	Ocupação	Classe social
Maya	Atendente em call center ³⁹ (filha de comerciante)/ Dona de casa (casada com executivo)	Alta
Kochi	Dona de casa (casada com comerciante)	Alta
Manu	Comerciante	Alta
Raj	Executivo	Alta
Opash	Comerciante	Alta
Ravi	Comerciante	Alta
Amithab	Comerciante	Alta
Bahuan	Executivo	Alta
Indira	Dona de casa (casada com comerciante)	Alta
Surya	Dona de casa (casada com comerciante)	Alta
Seu Cadore	Empresário aposentado	Alta
Ramiro	Empresário	Alta
Melissa	Dona de casa (casada com empresário)	Alta
Tarso	Estudante (filho de empresário)	Alta
Inês	Estilista/Advogada (filha de empresário)	Alta
Sílvia	Dona de casa (casada com empresário)/ Professora de inglês (casada com advogado)	Alta/ Média alta
Julinha	Estudante (filha de empresário/ enteada de advogado)	Alta/ Média alta
Raul	Empresário	Alta/ baixa
Camila	Estudante (filha de advogado)/ Dona de casa (casada com comerciante)	Média alta/ Alta
Leinha	Documentarista (filha de advogado)	Média alta
Aída	Psicóloga	Média alta
Ciça	Psicóloga	Média alta
Nanda	Dona de casa (casada com advogado)	Média alta
Yvone	(Falsa) Médica	Média alta
Lucas	Médico	Média alta
Dr. Castanho	Médico	Média alta
Tônia	Estudante (irmã de advogado)	Média alta
Murilo	Advogado	Média alta
Dario	Advogado	Média alta
Gabi	Advogada	Média alta
Duda	Gerente de loja/ Secretária em clínica de estética	Média alta
Chiara	Sócia de clínica de estética	Média alta
Ilana	Sócia de clínica de estética	Média alta
Cesar	Advogado	Média alta
Zeca	Estudante (filho de advogado)	Média alta
Ruth	Diretora de escola	Média alta
Berê	Professora	Média
Wal	Secretária	Média

³⁹ Apenas no primeiro mês de novela.

Norminha	Dona de casa (casada com guarda de trânsito)	Média
Abel	Guarda de trânsito	Média
Suellen	Balconista (casada com médico)	Média baixa/ Média alta
Dayse	Massagista	Média baixa
Gopal	Motorista	Média baixa
Cema	Empregada doméstica	Baixa
Ondina	Empregada doméstica	Baixa
Sheila	Empregada doméstica	Baixa
Durga	Empregada doméstica	Baixa

A tabela (Tabela 5) confirma o pensamento de Almeida (2003) e Hamburger (2005). São 18 personagens de classe alta e 18 de média alta, somando-se 36 membros das camadas altas, dos 47 personagens destacados. Pertencentes às classes baixa e média baixa são apenas quatro e três, respectivamente, além de quatro de classe média. Isso significa que 75% dos personagens mais importantes pertencem às classes mais abastadas (alta e média alta), e 15% são de classe baixa e média baixa. Esses números salientam a preponderância, incoerente para a sociedade brasileira, de “ricos” na telenovela. O modo como as diferentes classes são representadas em *Caminho das Índias* é analisado a seguir.

Na cena inicial do primeiro capítulo de *Caminho das Índias*, é apresentada a divisão de castas na Índia. O tom de como essa temática seria abordada em toda a trama ficou demonstrado nesse momento. De um lado, *Opash* não permite que seus filhos cheguem perto de um pequeno dalit órfão, *Bahuan*, evidenciando a inferioridade do jovem de outra casta. As aparências dos meninos os distinguem bastante: enquanto *Bahuan* está sem camisa e um pouco sujo, *Raj* e *Amithab* estão bem vestidos, com roupas claras e limpas.

Opash ensina aos filhos o significado de ser um dalit. Para isso, faz uso da história de Brahma, criador do mundo no pensamento hinduísta. A explicação do personagem é esta:

Quando Brahma fez o mundo, ele dividiu os homens em quatro castas, em quatro qualidades de gente. De sua boca, o Brahma tirou os brâmanes, que são os sacerdotes, os professores, aqueles que trabalham com a cabeça. Dos seus braços nasceram os xátrias, que são os políticos, antes, os militares. Depois disso, Brahma tirou de suas coxas os vaicias, os comerciantes, aqueles que fazem a riqueza, a prosperidade. Dos seus pés, Brahma tirou os párias, são aqueles que trabalham com os braços, com a força física, lavrando a terra, tirando água dos poços. Os dalits não nasceram de Brahma. (*Opash* – capítulo 1).

Essa relação *superior – racionalidade – classe alta*, em contraposição a *inferior – força física – classe baixa* é comum na sociedade ocidental de classes. Os dalits nem ao menos formam uma casta, são os excluídos, “a poeira embaixo dos pés”, como fala *Opash*. No mundo ocidental, seriam o “lixo humano” a que se refere Bauman (2005, p. 47), pessoas que “não mais necessárias ao perfeito funcionamento do ciclo econômico e, portanto, de acomodação impossível numa estrutura social compatível com a economia capitalista”.

A apresentação dessa diferenciação de classes serviu igualmente à afirmação corriqueira na novela de que classe não importa e que não diferencia realmente as pessoas, uma vez que esse sistema de castas era criticado na novela. A rejeição ao modelo de castas era salientada pela oposição entre *Opash* e *Shankar*. Ao pensamento preconceituoso de *Opash* se opunha a sabedoria de *Shankar*, que na primeira cena tentou mostrar a *Bahuan* que os dalits também foram criados por Deus e não eram inferiores aos demais. Essa ideia sempre foi representada de forma positiva em *Caminho das Índias* e se confirmou no fim da novela, quando *Opash* aceitou seu neto dalit e venceu seus preconceitos.

A relação “igualitária” entre as classes podia ser vista nas festas realizadas na gafieira, freqüentada, majoritariamente, por pessoas de classe média baixa, como a balconista *Suellen*, as empregadas domésticas *Sheila* (Priscilla Marinho), *Ondina* (Luci Pereira) e *Cema* (Neusa Borges), e pelos filhos desta, *Ademir* e *Maico* (Mussunzinho). Porém, também eram presenças assíduas pessoas da classe dominante, como *Dr. Castanho* e *Seu Cadore*, e, com menos frequência, a psicóloga *Aída* e a gerente de loja *Duda* com seu marido, o médico *Lucas*. Todos conviviam em harmonia em um mesmo ambiente. Ademais, no último capítulo, o casamento de *Tônia*, irmã de um executivo da *Cadore*, e *Tarso*, filho do diretor da *Cadore*, foi realizado no mesmo local, ratificando o exposto acima.

O que se vê no gênero melodramático no Brasil é a denúncia de preconceitos, por meio de um discurso politicamente correto. No entanto, compactua-se com a injustiça social, reproduz-se que ser pobre é bom, que o “povo” é mais feliz que a “elite”, e que ascender socialmente depende do esforço individual.

A presença permanente de pessoas de classe dominante, sem preconceitos, em um local considerado como popular é justificada pela busca de diversão. A imagem apresentada é de que o povo sabe se divertir e sabe ser feliz de verdade. Em contraposição a isso, o rico tem muitos problemas, pois conquistar e manter a riqueza exige muito trabalho, sobrando pouco tempo para distrações. Essa é a representação de *Ramiro Cadore*, competente empresário, racional, que tem pouco tempo para a família, pois precisa cuidar do patrimônio financeiro.

O pensamento de que “o povo é que é feliz” é contrariado em cena do capítulo 150, mas por um motivo especial. O indiano *Gopal* (André Gonçalves), que vive em Dubai trabalhando como motorista, e *Raul Cadore*, que após largar sua vida de empresário, acabara de levar um golpe financeiro e emocional de *Yvone*, estão no Brasil sem dinheiro, vivendo situações humilhantes. *Gopal* mostra a *Raul* um jornal em que *Ramiro Cadore* aparece na capa. *Raul* afirma que aquele homem é seu irmão e que foi aquela vida muito rica que largou. *Gopal* surpreende-se, “Quem vai entender?”. *Raul* explica: “Hoje nem eu entendo *Gopal*, mas naquela época, tudo que me faz falta agora, me incomodava como uma roupa apertada. Tudo que eu queria era me ver livre daquela rotina, entende?”

Raul, inicialmente, foi um dos maiores representantes dessa imagem de que ser rico é “muito difícil”, algo angustiante que traz muitos problemas. Seu sofrimento era apresentado como compreensível, visto as cobranças e pressões que sofria, das quais precisava libertar-se. No entanto, a forma encontrada para isso foi contra um preceito fundamental das telenovelas: a família. Traiu a mulher, enganou pai, filha, irmão, sobrinhos, passando-se por morto. Portanto, o modo como lidou com a situação era passível de castigo. O final de *Raul* na trama foi um dos mais duros vividos por um “não-vilão” em novelas: acabou sem dinheiro, respondendo a um processo judicial e sozinho.

Raul perde tudo e passa a viver na miséria porque não soube conviver com as dificuldades enfrentadas para permanecer rico. A miséria foi o castigo atribuído a alguém que enganou sua família e foi, de alguma forma, incompetente. Ademais, foi levado pelos sentimentos, não soube administrar as emoções e perdeu a racionalidade, própria da classe alta, sendo enganado pela psicopata *Yvone*.

A mensagem da ascensão social pelo esforço pessoal, presente na ideologia meritocrática, é apresentada através de *Seu Cadore*, que transformou uma pequena farmácia em uma grande empresa com seu árduo trabalho. “Eu queria ver eles pegarem a Cadore como eu peguei: uma portinha, uma farmácia com uma portinha só, e transformar em empresa como eu transformei” (*Seu Cadore*, capítulo 90).

Tem-se outro exemplo do valor do empenho pessoal com o pequeno dalit *Hari* (Cadu Pachoal), filho de *Puja* (Jandira Martini), protegidos do sábio *Shankar*. O menino mostra merecer o amor de *Anusha* (Karina Ferrari) – menina de casta, neta de *Opash* – por sua inteligência e seu potencial para ter um bom futuro, talvez seguindo os passos da mãe, que se tornou política. Pelo mérito do esforço para o estudo, poderá ascender de classe e também conquistar o amor.

Enquanto os homens precisam de inteligência e outras características que os destaquem no mundo competitivo do trabalho, a principal via de ascensão social da mulher é o casamento. Este é obtido por meio de atributos tipicamente femininos, como a beleza e a sensualidade, como ocorreu com *Suellen*, a sensual dançarina que conquistou *Dr. Castanho*.

Visando a examinar as características mais recorrentes de pobres e ricos em *Caminho das Índias*, é possível esboçar um modelo de *habitus* popular e de *habitus* não-popular. Essa análise parte das dicotomias expressas por Mattos:

Estou utilizando alguns pares de oposição que me servem de orientação na análise das disposições e do *habitus* de classe. Por exemplo, disposição ascética, racional e planificadoras *versus* a disposição hedonista e espontânea; disposição à estruturação familiar *versus* a desestruturação familiar; disposição ligada à cultura legítima *versus* disposição ligada à cultura ilegítima; disposição agressiva *versus* disposição submissa ou renúncia a si mesmo; disposição individualista *versus* comunitarista; disposição anti-hierárquica *versus* disposição hierárquica; disposição antiformalista *versus* disposição formalista; disposição a agir *versus* disposição a crer; disposições intelectuais *versus* disposições manuais; autonomia de comportamento *versus* renúncia a si mesmo; disposições estéticas *versus* disposições utilitárias; disposição ao engajamento político *versus* disposição apolítica; disposições hipercorretivas *versus* hipocorretivas. (MATTOS, 2006, p. 170-171).

A partir dessa separação efetuada por Mattos, buscamos exemplos para alguns pares de oposição de que fala a autora – disposição ascética, racional e planificadoras *versus* a disposição hedonista e espontânea; disposição à estruturação familiar *versus* a desestruturação familiar; disposição ligada à cultura legítima *versus* disposição ligada à cultura ilegítima; disposição agressiva *versus* disposição submissa ou renúncia a si mesmo; disposição individualista *versus* comunitarista; disposição anti-hierárquica *versus* disposição hierárquica; disposição a agir *versus* disposição a crer; disposições intelectuais *versus* disposições manuais; autonomia de comportamento *versus* renúncia a si mesmo; disposições hipercorretivas *versus* hipocorretivas.

A dicotomia entre as disposições *ascética, racional e planificadora versus hedonista e espontânea* pode ser encontrada ao comparar os personagens *Ramiro* e *Gabi*, de um lado, com *Norminha* e *Suellen*, de outro. *Ramiro* é um dos principais representantes de classe alta e define-se por sua racionalidade e competência para os negócios. É um homem estressado e com pouco tempo para a família, visto sua preocupação com os negócios da empresa *Cadore*. Seu empenho no trabalho justifica seu *status* social. Como ele, *Gabi* é uma mulher de negócios, discreta e independente. Não segue o modelo feminino, pois é racional e vive para

seu trabalho. Muito inteligente, não se ilude com o romance que tem com *Ramiro*. O casal de amantes apresenta uma faceta estereotipada da classe alta, geralmente aceita entre as classes populares como o típico rico.

A disposição *hedonista e espontânea* pode ser reconhecida em *Norminha* e *Suellen*. A dona de casa *Norminha* era casada com um guarda de trânsito, vivia em um bairro popular, usava roupas extravagantes, era “imoral” e “escandalosa”, protagonizando diversas cenas de ciúmes. *Suellen* trabalhava em uma pastelaria, usava roupas que valorizavam o corpo, era frequentadora assídua da gafeira, mostrando a sensualidade da mulata brasileira, assumia uma postura hedonista e espontânea, expressava seus pontos de vista com firmeza, não “levava desaforo para casa”, e representava a felicidade das classes populares. A jovem teve um final costumeiramente apresentado em novelas, em que a bela ascende pelo casamento.

A disposição ligada à *cultura legítima versus* a disposição ligada à *cultura ilegítima* podem ser verificadas com as formas de lazer das diferentes classes sociais. As classes dominantes frequentavam a livraria (*Nanda*), o clube (*Melissa*) e restaurantes, enquanto a diversão dos populares era a gafeira, que embora ganhe *status* na trama, permanece frequentada essencialmente pelos menos aquinhoados. Em *A Favorita*, recebeu destaque o conhecimento das artes, através de *Irene* (Glória Menezes), *Gonçalo* (Mauro Mendonça), *Lara* e *Flora* (Patrícia Pillar). Nos jantares da família *Fontini* eram comuns os temas relacionados à aquisição de novos quadros, à visita a museus e a viagens internacionais. *Cassiano* e *Halley*, os namorados de *Lara*, de origem humilde, representavam, nesse núcleo, a falta de conhecimento das classes populares sobre a cultura erudita.

A família *Fontini* representava, ainda, um modelo de família rica diferente do apresentado com *Ramiro* e sua esposa, o de “ricos solidários”. Em *Caminho das Índias*, as famílias de classe dominante não se mostraram preocupadas com o próximo. A exceção pode ser *Shankar*, que, apesar de ter muito dinheiro, defende os dalits. O bramini, porém, é um extremo, já que deixa sua vida de confortos para viver nas montanhas. O casal *Irene* e *Gonçalo*, de *A Favorita*, tinha muito dinheiro, todavia, mostrava consciência social. *Irene* dava aulas gratuitas de música para crianças da pequena cidade de *Triunfo* e a empresa de celulose dos *Fontini* era socialmente responsável.

Outra dicotomia, a da *agressividade versus* a *submissão ou renúncia a si mesmo*, é representado por *Melissa*, de um lado, e pela empregada doméstica *Sheila*, de outro. Enquanto *Melissa* era autoritária e tratava a empregada aos gritos, *Sheila* estava sempre disposta, fazendo todas as vontades da patroa. A empregada era a única que defendia as atitudes de *Melissa*, demonstrando admiração por ela, especialmente por sua beleza e sua personalidade

decidida. A mesma relação se percebe entre *Ramiro* e sua secretária *Wal* (Rosane Gofman). Ele, como um executivo ocupado, só dirigia-se à funcionária para dar ordens, enquanto ela suspirava pelo patrão, demonstrando respeito e admiração.

Outra empregada retratada foi *Ondina*. Ela sofreu com a desconfiança de sua patroa, *Silvia*, quando uma grande quantidade de dinheiro sumiu da casa dos patrões, logo após a “morte” de *Raul*. Com o orgulho ferido, a empregada decidiu ir embora da casa da família e foi amparada por *Seu Cadore*, que não queria ficar sem seus serviços. O senhor chega a mudar de casa pela atitude da nora, e continua contando com a ajuda de *Ondina*. Não demorou muito, *Silvia* desculpou-se com sua ex-empregada, que, reconciliada, voltou a trabalhar para ela. A desconfiança de *Silvia* com *Ondina* foi o único desentendimento entre as duas, que sempre mantiveram uma relação próxima, em que a empregada aconselhava a patroa.

A oposição *individualista versus comunitarista* fica visível pelos locais onde cada classe reside. A casa de *Raul*, que após sua “morte” passa a ser de *Bahuan*, não aparece cercada por nenhuma outra, havendo um isolamento entre a residência e os vizinhos. Já as personagens de classe média *Dayse* (Betty Gofman), massagista, e *Berê* (Silvia Buarque), professora, vivem em um edifício e recebem com frequência a visita das vizinhas *Tônia* e *Wal*. Por seu turno, na Lapa, todos vivem próximos, conhecem uns aos outros e convivem, inclusive “cuidando da vida alheia”, visto que todos sabem dos passos de *Norminha*.

As disposições *anti-hierárquica versus hierárquica* podem ser notadas em festa na casa dos *Cadore* em que *Suellen* ensina *Melissa* e suas amigas a dançar. Apesar de não conhecer os anfitriões, a jovem não se envergonha e toma a frente, desconsiderando as diferenças de classe social e tratando *Melissa* como amiga logo que a conhece.

Outras personagens que carregam características comuns do *habitus* popular na telenovela são as empregadas domésticas *Cema*, *Sheila* e *Ondina* e sua disposição a *crer*. Além de trabalhadoras e alegres, mostram-se religiosas/ espiritualizadas, o que colabora para que sejam enganadas pelo falso indiano *Radesh* (Marcius Melhem), que usa da credence de ambas, e de outros, para lucrar. O médico *Lucas*, por sua vez, em um passeio pela Lapa, não se deixou enganar pelos truques de *Radesh*, e chegou a se divertir com a tentativa de armação.

As disposições *hipercorretivas*, da classe dominante, *versus* as *hipocorretivas*, da classe popular, podem ser notadas no tratamento dispensado a *Tarso* por seus pais *Ramiro* e *Melissa*, e a *Ademir* por sua mãe *Cema*. *Tarso* recebia ordens frequentes dos pais, seja antes de sua doença psiquiátrica desenvolver-se, para que se dedicasse à empresa *Cadore*, preparando-se para ser o próximo presidente, seja depois, quando sua mãe não deixava de

estar atenta aos passos do filho, fazendo restrições inclusive a seu namoro. Já *Ademir*, que também sofria de esquizofrenia, tinha total liberdade: podia frequentar a gafeira, ir a escola do irmão ou mesmo usar as panelas da mãe como instrumentos musicais, sempre tendo suas atitudes apoiadas pela mãe.

3.4. IDENTIDADE FEMININA NA TELENOVELA

Primeiramente, destacamos que, embora em um olhar inicial houvesse a impressão de que não seria possível analisar uma telenovela que tinha em seu núcleo central a cultura indiana, pôde-se ver que isso não ocorreu. A observação das representações em *Caminho das Índias* mostrou que a construção da ala indiana seguiu os valores ocidentais, seja relacionado às classes sociais ou aos relacionamentos amorosos.

Reverendo-se os itens expostos sobre as relações de gênero e classe social, pode-se resumir a máxima da telenovela a “o amor está acima de tudo”. Personagens deixaram de lado dinheiro, trabalho e sonhos profissionais por seus pares. A dedicação ao amor e à família vale para ambos os gêneros, mas são prioritariamente as mulheres que devem fazer “o amor acontecer”, abdicando muitas vezes de suas vidas precedentes para viver com o marido, o que não é mostrado como sacrifício. As boas mulheres têm dois grandes prêmios na telenovela: o casamento e a maternidade.

As posições e as funções ocupadas por homens e mulheres diferem. Se o pobre é a mulher, sua beleza basta para conquistar o amor do homem, como se percebe com o casal *Suellen e Dr. Castanho*. Por outro lado, quando é o homem que pertence à classe menos favorecida, ele precisa de inteligência e ambição (não ganância) para ascender socialmente e ser merecedor da nova posição social. No caso do dalit *Hari*, ele se mostrou inteligente e estudioso, e demonstrava o desejo de melhorar de vida para merecer o amor da pequena *Anusha*. Ou seja, a *mulher* é relacionada ao *corpo*, à *natureza*, aspectos socialmente considerados inferiores do ser humano, e o *homem*, à *mente*, perspectiva valorizada e ligada à *cultura* (BOURDIEU, 2007).

Fazemos aqui uma diferenciação do que, na telenovela, fornece verossimilhança à trama, aproximando a história de fatos contemporâneos, daquilo que é apresentado como modelo para telespectadores. A esposa que trai o marido (*Norminha*), a jovem que não quer se casar (*Chanti*) e a mulher que decide ser mãe por produção independente (*Ruth*) são exemplos

do primeiro objetivo. A mocinha que larga tudo para se dedicar ao casamento e à família, mostrando-se uma mãe dedicada e uma esposa amorosa, representada pelas protagonistas, como *Maya*, *Silvia*, *Duda* e *Camila*, coloca em relevo a importância do amor, o papel principal de qualquer melodrama.

Diferentemente do que Messa (2006) reconheceu em análise dos seriados brasileiros produzidos pela Rede Globo em quatro décadas – em que conclui que as representações femininas são negativas e que as mulheres são marginalizadas, oscilando entre papéis de destaque e outros inferiorizados⁴⁰ – nas telenovelas, as mulheres são as protagonistas por excelência e suas representações, de maneira geral, podem ser consideradas positivas do ponto de vista do modelo tradicional feminino, pois são amorosas, respeitáveis, sacrificam-se pela felicidade dos filhos e têm finais felizes.

Se pensarmos em um novo modelo de relações de gênero, mais igualitárias, ainda são poucas as representantes. Todavia, existem, tais como *Inês*, *Leinha*, *Norminha*, *Gabi* e *Chanti*. Mais uma vez, destacamos que, ao mesmo tempo em que essas personagens não são as protagonistas, nem os modelos de mulheres oferecidos pela telenovela, apresentam uma “via alternativa” de relações de gênero, em que a mulher é autossuficiente, bem sucedida profissionalmente e não depende do homem para ser feliz, uma vez que os relacionamentos amorosos têm um fim em si mesmo, ou seja, não são a “saída” para a realização dos objetivos femininos (MATTOS, 2006).

Contudo, deixando de lado as exceções, a forma fundamental como a mulher é apresentada é, basicamente, a mesma desde as primeiras telenovelas brasileiras. Essas representações não contribuem para uma relação de igualdade de gênero, pelo contrário, reproduzem o padrão de mulher subordinada às vontades alheias.

Avaliamos que as representações da mulher em *Caminho das Índias* podem ser consideradas negociadas – predomina o hegemônico, com elementos negociados e outros poucos opositivos. A valorização da família, do casamento, do amor como bem principal e da maternidade como dádiva feminina estão presentes no decorrer da história, caracterizando os heróis e as heroínas. Entre as “inovações” presentes na trama está a “aceitação” da infidelidade feminina (*Norminha*) e da maternidade por produção independente (*Ruth*).

Se compararmos este estudo ao realizado por Sarques em 1980, e publicado em 1986, encontramos diversas semelhanças. Basicamente, mantém-se, 30 anos depois, o mesmo papel do casamento e da maternidade na vida feminina. A maior diferença está na

⁴⁰ Papéis de menor importância e em que as mulheres são subordinadas aos homens.

sexualidade, que apresentou transformações em sua representação. A virgindade era regra na telenovela da década de 1980, enquanto é hoje pouco importante nas histórias.

A ideia de Hamburger de que as telenovelas expõem um modelo feminino que se aproxima de um padrão perverso de “supermulher”, que entendemos como aquela que “dá conta de tudo”, constituiu-se como uma hipótese no início desta análise. Segundo a autora, o modelo de mulher difundido pela mídia na atualidade apresentaria

[...] tipos ideais de mulher que acumulam funções e responsabilidades, aproximando-se de um padrão perverso de supermulher, que seria livre para escolher ter poucos filhos, se relacionar com diversos homens ao longo da vida, questionar a autoridade patriarcal de pais e esposos. (HAMBURGER, 2005, p. 153).

Entretanto, não foi isso que se encontrou de modo predominante no estudo de *Caminho das Índias*. Nenhuma mulher da trama preencheu todos os requisitos para ser considerada como tal, uma vez que elas não questionavam a autoridade patriarcal de pais e esposos, e não eram “livres” para se relacionar com diversos homens ao longo da vida – elas têm a oportunidade de tentar outra vez, buscar em outro relacionamento a felicidade que não encontraram no primeiro, mas não têm a mesma liberdade sexual que o homem. Ademais, as personagens não conciliavam vida amorosa bem sucedida e sucesso profissional. As mais felizes no casamento e na família eram as que largavam o trabalho. Entre as que trabalhavam, a carreira ficava em terceiro, quarto plano. As mulheres bem sucedidas profissionalmente em *Caminho das Índias* são aquelas que não são casadas e nem mesmo têm namorado.

Se analisarmos *A Favorita*, temos exemplos mais próximos dessas mulheres, embora ainda poucos. *Rita* (Christine Fernandes) é quem melhor concretiza essa imagem, pois tem sua profissão, é dedicada à filha, bonita e feliz no amor (após passar anos solteira, criando a filha sozinha). *Catarina* e *Lorena* (Gisele Fróes), filhas de *Copola* (Tarcísio Meira), casadas e com filhos, após mudanças em suas vidas – o marido de *Lorena* perdeu o emprego e *Catarina* separou-se do marido –, passam a trabalhar e tornam-se mulheres mais modernas.

Após avaliarmos as duas tramas, e levando em consideração a desvalorização da vida profissional feminina nas telenovelas, podemos concluir que a telenovela não se destaca pela difusão desse modelo de “mulher-multi”. Assim, inferimos que o propagandeamento desse modelo feminino – tão comum atualmente e motivo de reclamação e orgulho por parte de muitas mulheres – pode estar vinculado a variadas instituições sociais.

Podemos afirmar que a telenovela acompanha, em parte, a realidade do tempo em que se insere, na qual as conquistas femininas são parciais e suas atribuições são crescentes.

Dessa maneira, (re)produz a cultura de fora das telas, ressaltando os exemplos de luta e sacrifício feminino, em que o casamento é a recompensa. Não se pode precisar até que ponto o que aparece na TV é reprodução ou produção de identidades femininas. Acreditamos que as representações televisivas afetam os modos de ser e agir das mulheres. No entanto, são raros os passos adiante que a telenovela dá no que refere à dominação masculina.

Como aponta Hamburger (2007, p. 167), na telenovela, a realização feminina permanece vinculada às conquistas morais, assim como o fracasso. Ademais, “não há discriminação de gênero propriamente dita a ser enfrentada. A mulher ‘forte’ e ‘liberada’ da novela não reivindica igualdade de condições, cotas, salários. Não aparecem leis, ações, delegacias da mulher.”

Conforme Charles (1996, p. 49), apesar de obras ficcionais, é preciso que as telenovelas ampliem seu leque de representações femininas, fugindo das imagens simplificadas que reduzem a mulher à vida privada, e venham a favorecer uma relação mais igualitária entre os gêneros. “A projeção de novas identidades femininas nos meios é uma exigência da modernidade e um aspecto nodal da comunicação para o desenvolvimento.”

Capítulo 4

SOCIALIDADE: JOVENS MULHERES E A VIDA EM SOCIEDADE

4.1. PERFIS

As 12 entrevistadas têm entre 16 e 24 anos, sendo três autodeclaradas brancas e as demais, negras⁴¹. Em relação à religião, quatro são evangélicas, sete são católicas e uma não tem religião, apenas acredita em Deus. Dentre elas, apenas duas, evangélicas, frequentam assiduamente à igreja. Cinco jovens são casadas, sendo que uma delas casou-se no civil e as demais moram com os companheiros. Cinco são mães. Quatro têm apenas um filho e outra tem dois filhos. As idades das crianças variam de três meses a oito anos.

Três das entrevistadas trabalham fora, uma como babá e outras duas como empregadas domésticas, sendo que uma destas também trabalha como monitora em uma escola. Entre as demais, duas nunca tiveram experiências profissionais, as outras cinco já trabalharam em pizzaria, floricultura, mercado, empresa de telefonia, telemarketing, cuidando idosos, como empregada doméstica e como babá. Cinco estudam, e as que estão afastadas da escola pretendem voltar a estudar o mais breve possível, para concluir, ao menos, o ensino médio. Todas as que estudam estão no ensino fundamental, frequentando a Educação para Jovens e Adultos (EJA). As que chegaram ao ensino médio estão afastadas da escola atualmente.

O casamento civil não é comum entre os pais das entrevistadas. Dentre as jovens, duas têm pais casados – as mesmas que são adotadas (Carol e Emanuele). Os pais das irmãs Bruna e Camila moram juntos. Os pais de Letícia, Natália e Rafaela são separados⁴² e nenhuma delas mantém contato com o pai biológico, relacionam-se apenas com a mãe. Somente no caso de Rafaela o padrasto substitui a figura do pai. As mães de Natiele, Cauane e das irmãs Lucielen e Raquel são falecidas. A mãe da primeira morreu de AIDS e das demais, de câncer. Natiele perdeu a mãe há dois anos, não é registrada pelo pai e foi morar com um tio, deixando de ter contato com os irmãos. Já Paola teve o pai morto em uma briga quando ela tinha um ano de idade.

⁴¹ A raça/ etnia não foi uma questão observada na formação da amostra da pesquisa. Para o IBGE, são considerados negros tanto pretos quanto pardos.

⁴² Não significa que tenham sido casados no civil.

As ocupações dos pais/ padrastos são: segurança em casa noturna (3), chapeador (2), mecânico, construtor e pedreiro. As mães/ madrastas trabalham como empregada doméstica (2), cozinheira (2) e babá, e há cinco donas de casa. As profissões dos maridos são: pedreiro, soldado do Exército, repositor de produtos em supermercado, oleiro e serviços gerais. As rendas familiares variam de R\$ 500,00 (Bruna, Camila, Cauane, Letícia, Natiele e Natália) a R\$ 1.600,00 (Emanuele), e a média da renda fica em torno de 850,00 reais por família.

Com exceção de Paola, todas moram em imóvel próprio. Todas as moradias possuem um banheiro, e o número de dormitórios varia de um (Rafaela) a três (Bruna, Camila, Cauane e Emanuele). As famílias de cinco entrevistadas possuem carro (Bruna, Camila, Cauane, Paola e Rafaela). Em relação à posse de aparelhos de lazer e de conforto em casa, os bens mais comuns são televisor, rádio e celular, produtos que existem em 100% das casas. Em uma residência (Cauane), há três televisores e em duas (Emanuele e Rafaela), há dois, nas demais, há um aparelho. Apenas Natália não possui aparelho de DVD. Aparelho de som com CD está presente na moradia de nove entrevistadas (as exceções são Bruna, Camila e Natália). Máquina de lavar roupa existe na maioria das casas (Carol, Cauane, Emanuele, Lucielen, Natália, Paola e Raquel). Menos comuns são câmera fotográfica (5 – Emanuele, Letícia, Natália, Natiele e Paola), videocassete (3 – Cauane, Lucielen e Raquel), aparelho de MP3 (3 – Cauane, Emanuele e Natália), videogame (2 – Lucielen e Raquel) e microondas (2 – Cauane e Paola). Telefone fixo (Carol) e computador com acesso à internet (Paola) estão em apenas uma casa, cada. Nenhuma possui assinatura de jornal, revista ou TV por cabo.

Cada entrevistada apontou um ídolo da televisão e, surpreendentemente, todos os famosos lembrados são homens: cantores, atores, personagens de novela, jogadores de futebol e apresentador de programa televisivo. Os cantores são os mais citados, destacados por quatro, sendo que a dupla Bruno e Marrone foi indicada duas vezes, além de Amado Batista e Netinho de Paula citados uma vez. Três atores foram mencionados uma vez cada um: Tony Ramos, Cauã Raymond e José Wilker. Elas também citaram três personagens de novela⁴³: *Halley (A Favorita)*, *Gustavo (Malhação - 2004)* e *Bahuan (Caminho das Índias)*. Ainda foram aludidos o apresentador Raul Gil e os jogadores de futebol do Sport Club Internacional Taison e D'Alessandro.

Escutar rádio é um hábito diário para nove entrevistadas, outras duas costumam ouvi-lo duas ou três vezes por semana e apenas uma (Raquel) não ouve, pois prefere escutar CDs.

⁴³ Os três personagens eram protagonistas e foram interpretados por jovens galãs (Cauã Raymond, Guilherme Berenguer e Márcio Garcia). No entanto, elas dizem-se fãs dos personagens, não dos atores.

A emissora radiofônica preferida pela maioria é a Medianeira FM⁴⁴ (citada por dez), enquanto a Atlântida⁴⁵ foi citada apenas duas vezes e a comunitária Caraí, do bairro Urlândia, uma. Os estilos musicais preferidos são tchê music e forró, em primeiro lugar, e pagode e funk, em segundo. Dance, sertaneja, hip hop e gospel são os outros estilos favoritos.

Apenas três entrevistadas, Carol, Cauane e Raquel, leem livros duas vezes por semana ou mais. As outras o fazem raramente ou nunca. Metade das jovens não consome nenhuma obra por ano. Quem mais lê é Cauane, que afirma chegar a ler 30 livros em um ano, mas poucos inteiros. O consumo de jornal é um pouco mais frequente, visto que quatro (Carol, Cauane, Emanuele e Natália) o consultam diariamente. Dessas, duas o faziam no trabalho e duas, em casa⁴⁶. As demais (Bruna, Camila, Lucielen, Natiele, Paola, Rafaela e Raquel) leem poucas vezes. Letícia é a única que nunca lê jornal. Acerca das revistas, outras cinco nunca as leem, cinco leem raramente e apenas Carol e Rafaela consomem semanalmente, contudo, não em casa. As revistas citadas por Carol foram Contigo (novelas), Caras (celebridades), Isto É (variedades) e Capricho (jovens mulheres), e Rafaela gosta das que tratam de novela.

Apenas três entrevistadas, Cauane, Emanuele e Raquel, já foram ao cinema⁴⁷. Mesmo assim, no máximo três vezes em toda a vida. Também de acesso restrito é a internet. Cinco entrevistadas nunca usaram a rede mundial de computadores. Entre as que utilizam, Carol, Cauane, Emanuele, Natália e Paola o fazem/ faziam diariamente ou mais de três vezes por semana. Apenas Cauane e Paola acessam em casa; Carol e Natália conectavam no trabalho; e Emanuele, no cyber de um familiar. O motivo principal para o uso da internet são o Orkut e o MSN. Seis, das sete que já acessaram a rede, entram regularmente nessas páginas. Notícias, trabalhos de aula, vida de celebridades e calendário de shows e de festas são as outras informações mais buscadas. O acesso a jogos, músicas e ofertas de emprego foi mencionado uma vez.

⁴⁴ Fundada em 1989, a Rádio Medianeira FM é uma emissora local que atinge vasto público, com programação variada e popular, com estilo musical que inclui funk, pop, sertanejo, tchê music e forró. As entrevistadas costumam se referir à rádio pela sintonia, “100.9”.

⁴⁵ No ar desde 1975, a Rádio Atlântida foi a primeira emissora radiofônica FM da cidade. O público da rádio é formado principalmente por jovens, atraídos pelo estilo musical (pop rock nacional e internacional), pelo caráter urbano e pelos programas humorísticos de produção local ou transmitidos a partir da matriz porto-alegrense. A rede se espalha por toda região Sul.

⁴⁶ Carol e Natália saíram do emprego em 2009. Cauane não mora na casa de sua família e Emanuele deixou de assinar recentemente.

⁴⁷ No final da década de 1990 e início dos anos 2000, Santa Maria contava com quatro salas de cinema, duas em cada shopping center. A cidade passou oito meses, entre 2007 e 2008, sem nenhuma sala. No início de 2008, duas salas voltaram a funcionar. E em 2009, com a abertura de um novo shopping, Santa Maria passou a contar com mais quatro salas.

Tabela 6 - Dados pessoais

Tabela 7 – Consumo de TV e outras mídias

Bruna (irmã de Camila), 17 anos, é solteira, não tem filhos, é negra e católica não-praticante. A estudante cursa 5ª e 6ª séries no EJA (Educação de Jovens e Adultos), na Escola Municipal de Ensino Fundamental Alfredo Winderlich, localizada na Urlândia, o bairro onde residem todas as entrevistadas. Seus pais moram juntos e ambos não concluíram o ensino fundamental. Ele é segurança em casa noturna e ela, atualmente, é dona de casa, mas já trabalhou como faxineira. Bruna tem cinco irmãos, sendo que a mais nova tem quatro anos e a mais velha, 21 (a entrevistada Camila), que tem um filho de dois anos. Todos moram na mesma casa, sendo no total nove pessoas residindo na moradia. O único trabalhador assalariado é o pai, com uma renda aproximada de R\$ 500,00. Na casa, que é própria, possuem um televisor, rádio, aparelho de DVD e dois celulares. A moradia conta com um banheiro, três dormitórios, sala de estar, cozinha, churrasqueira e pátio. Moram nos fundos de outra residência e possuem um carro Monza.

A jovem assiste à TV por mais de cinco horas diárias, normalmente acompanhada da família. Apesar do tempo que passa em frente ao televisor, Bruna afirma que o veículo não tem nenhuma importância em sua vida. Indispensável é o rádio, que está “quase sempre” ligado. Seus canais de TV preferidos são Globo, SBT e Band, nessa ordem, e os programas de que mais gosta são os vespertinos *Video Show* e as novelas de *Vale a Pena Ver de Novo*. Seus ídolos da TV são os jogadores do Sport Club Internacional D’Alessandro e Taison. Ela ouve rádio diariamente, sua emissora preferida é Medianeira FM, e seus estilos musicais favoritos são funk, pagode e forró. Nunca lê livros, nem mesmo os indicados pela escola, e diz que não leu nenhuma obra no último ano. Não lembra título ou autor de um livro que tenha lido. Lê jornal raramente e, quando o faz, prefere o periódico local Diário de Santa Maria. Lê revistas raramente, e não destaca nenhuma. A garota nunca foi ao cinema e nunca usou a internet.

Camila (irmã de Bruna), 21 anos, separou-se do companheiro, com quem tem um filho de dois anos, na metade de 2009, após três anos de relacionamento. É negra e católica não-praticante. Trabalhava como empregada doméstica antes do nascimento do filho, mas, atualmente, dedica-se às tarefas do lar e realiza faxinas remuneradas. Parou de estudar quando engravidou, tendo concluído a 1ª série do Ensino Médio na Escola Estadual Manoel Ribas, no centro de Santa Maria. Pretende voltar a estudar assim que não tiver tantas obrigações com o filho. Assim como sua irmã Bruna, seus pais moram juntos, embora não sejam casados. Seu pai é segurança em casa noturna e sua mãe é dona de casa, mas já trabalhou como faxineira. Ambos possuem o ensino fundamental incompleto. Camila tem cinco irmãos, sendo que a mais nova tem quatro anos e a mais velha, 17 (entrevistada Bruna). Todos moram em casa, sendo no total nove pessoas residindo na moradia. O único assalariado é o pai, com uma renda

aproximada de R\$ 500,00, que recebe pelo serviço de pedreiro. Na casa, própria, possuem televisor, rádio, aparelho de DVD e dois celulares. A moradia conta com um banheiro, três dormitórios, sala de estar, cozinha, churrasqueira e pátio. Moram nos fundos de outra residência e possuem um carro Monza.

Camila ocupa mais de cinco horas de seu dia com a televisão. Conta que em casa o televisor é ligado às 9h30 e desligado somente à meia-noite. Costuma assistir junto a toda família. Considera a TV um meio de comunicação indispensável para estar bem informada, especialmente sobre a previsão do tempo, e não imagina sua vida sem ela. Seus canais preferidos são Globo, SBT e Band, nessa ordem, e os programas de que mais gosta são: novelas, *Fantástico*, *Caldeirão do Huck*, *Big Brother* e *Jornal Hoje*. Seu ídolo da TV é o personagem *Halley* de *A Favorita* (2008), interpretado por Cauã Raymond, do qual admira sua força de vontade. Ouve rádio todos os dias, a emissora de que mais gosta é Medianeira FM, e seus estilos musicais favoritos são tchê music⁴⁸, forró e dance. Nunca lê livros. No último ano, não leu nenhuma obra. Lê jornal raramente e, quando o faz, prefere o periódico local Diário de Santa Maria. Consome revistas raramente, e não destaca nenhuma preferida. Nunca foi ao cinema e tampouco usou a internet.



Figura 3 – Frente da casa de Bruna e Camila⁴⁹

⁴⁸ Falam sempre em “música gaúcha”. No entanto, ao perguntar quais grupos e cantores preferem, todas as preferências se enquadram no estilo *Tchê music* (Tchê Garotos, Tchê Barbaridade, Chiquito & Bordoneio, etc.). É uma variação da música gaúcha tradicional, que mistura ritmos regionais (vanerão, chamamê) com ritmos nacionais (sertanejo, axé, pagode, funk). Diversas são as diferenças entre tchê music e nativismo. Além do ritmo, pode-se destacar as letras – que têm mais relação com a vida urbana –, as coreografias e o grande número de fãs mulheres que acompanham a carreira dos grupos (DIAS, 2009).

⁴⁹ As fotos do interior e do exterior das moradias servem para contextualizar o ambiente em que vivem.

Carol, 21 anos, mudou-se para a casa da família do namorado em março de 2009, após engravidar. Atualmente, estão construindo uma casa para o casal e o filho nos fundos da casa dos pais do marido⁵⁰. Carol é negra e afirma não ter religião, apenas crê em Deus. Até o mês de abril, era estagiária do setor administrativo de uma empresa de telefonia, contudo, em maio, terminado o período de estágio, desistiram de contratá-la por causa de sua gravidez. Parou de estudar em 2009, quando cursava a 2ª série do ensino médio na Escola Estadual Manoel Ribas, no centro de Santa Maria. É a entrevistada com maior nível escolar. Seus pais, casados, adotaram-na quando tinha sete meses de vida. A jovem não conhece sua família biológica. O pai está aposentado do serviço de mecânico da Viação Férrea de Santa Maria, pelo qual recebe R\$ 900,00, e a mãe é dona de casa. Em 2009, o marido era soldado do Exército, e, atualmente, trabalha em uma olaria com o pai. Os pais de Carol possuem o ensino fundamental completo. Ela tem três irmãos, todos casados, morando em suas próprias casas e são, no mínimo, 15 anos mais velhos. Na casa dos pais, que é própria, possuem máquina de lavar roupa, televisor, rádio, aparelho de som com CD, aparelho de DVD e celular. A moradia conta com um banheiro, dois dormitórios, sala de estar, cozinha e pátio. Não possuem carro.

Carol ocupava menos de uma hora de seu dia com a televisão nas primeiras entrevistas, quando conciliava estudos e o estágio. Mesmo estando mais tempo em casa por causa da gravidez e para cuidar de seu filho, afirma que possui outras atividades que lhe tomam tempo, continuando a assistir à televisão por pouco tempo. Para ela, a TV serve apenas para distração. Seus canais preferidos são Globo e SBT, e os programas de que mais gosta são *Ação*, *Globo Repórter*, novela das oito e clipes da MTV. Seu ídolo da televisão é Tony Ramos, por considerá-lo uma pessoa simples. Carol ouve rádio diariamente, sua emissora favorita é Medianeira FM, e seus estilos musicais preferidos são tchê music, forró e dance. Lê livros diariamente, e seu preferido é *Violetas na Janela*, de Vera Lúcia Marinzeck de Carvalho. Lia o jornal Diário de Santa Maria diariamente quando estagiava. Consumia revistas uma vez por semana, apesar de não ser assinante, destacando Contigo, Caras, Isto É e Capricho, a qual gostaria de assinar, como suas preferidas. Atribui seu gosto pela leitura ao incentivo da mãe, que adora ler e está sempre entre os livros. Nunca foi ao cinema. Enquanto estava no estágio, usava a internet diariamente, por duas ou três horas. O trabalho e as notícias eram os principais motivos para o acesso. Atualmente, não tem mais o hábito de usar a internet.

⁵⁰ As informações de Carol referem-se à casa do pai e da mãe, uma vez que essa era sua moradia durante a maior parte do período da pesquisa.

Cauane, 19 anos, é solteira, não tem filhos, é branca e católica não-praticante. Já trabalhou em floricultura e mercado. Cursa a 8ª série no EJA da Escola Municipal de Ensino Fundamental Alfredo Winderlich. A mãe faleceu de câncer quando Cauane tinha quatro anos e o pai casou-se novamente quando ela tinha oito anos. A ex-madrasta, que se separou de seu pai em 2009, é como se fosse sua mãe. O pai, que possui ensino médio incompleto, é segurança aposentado de uma casa noturna, com renda de R\$ 500,00. Recentemente, Cauane soube que tem um irmão mais velho por parte de pai, mas não o conhece. Durante todo o ano de 2009, Cauane morou na casa de uma amiga. Os motivos que a fizeram mudar-se para a Urlândia, deixando de morar com o pai em outro bairro de Santa Maria, foram a proximidade da escola e as ameaças do ex-namorado. Em sua moradia atual, além das duas meninas, residem o tio, a mãe e o pai da amiga, que é proprietário de uma pousada, de uma casa noturna e de um mercado, localizado no andar de baixo da casa onde moram. Na casa do pai⁵¹, que é própria, possuem máquina de lavar roupa, três televisores, rádio, aparelho de som com CD, videocassete, aparelho de DVD, aparelho de MP3, microondas e celular. A moradia conta com um banheiro, três dormitórios, sala de estar, cozinha, churrasqueira e pátio. Possuem um carro Monza.

A jovem assiste à TV por duas ou três horas diárias, normalmente sozinha. Segundo ela, a televisão sempre passa lições de vida, por isso a considera importante em seu dia a dia, embora não indispensável. Seus canais preferidos são Globo, SBT e Record, e o que mais gosta de ver na televisão é filme. Seus ídolos da TV são Bruno e Marrone. Ouve rádio diariamente, sua emissora favorita é a Rádio Atlântida, e seus estilos musicais preferidos são eletrônica, tchê music e funk. Lê livros duas ou três vezes por semana, e seu autor preferido é Monteiro Lobato. Por ano, afirma que chega a consumir 30 livros, alguns inteiros e outros apenas algumas partes. Lê jornal diariamente, pois os pais de sua amiga assinam os dois diários da cidade, Diário de Santa Maria e A Razão. Raramente lê revistas e a que mais gosta é a Veja. Já foi ao cinema poucas vezes, e o filme que mais a marcou foi *Uma linda mulher*. Usa a internet diariamente, em casa, por menos de uma hora, e seus principais usos são para trabalhos de aula, Orkut, MSN e notícias.

⁵¹ As informações de Cauane acerca de renda e bens que possui em casa referem-se à casa do pai, visto que são esses dados que definem sua posição social.

Emanuele, 18 anos, morou com o marido por quase dois anos na casa dos pais, e, no final de 2009, mudou-se com ele e com o filho para a própria casa⁵². Durante as primeiras entrevistas estava grávida, dando à luz a um menino em julho de 2009. É negra e evangélica, seguindo os pais na religião, mas considerando-se “desviada” há dois anos. Concluiu o ensino fundamental em 2008 e não está mais estudando. Já trabalhou como atendente de telemarketing na APAE - Santa Maria, e atualmente é dona de casa. Seus pais, casados, adotaram Emanuele quando ela tinha três meses de vida. Seu pai é construtor, sua mãe é empregada doméstica e seu marido é repositor de produtos em supermercado. Pai e mãe possuem ensino fundamental incompleto. Seu pai tem uma filha biológica de 22 anos, que não mora com ele, mas que Emanuele considera sua irmã e melhor amiga. A renda do pai é de R\$ 500,00, do marido, R\$ 700,00, e da mãe, R\$ 400,00. Na casa dos pais, possuem máquina de lavar roupa, câmera fotográfica, dois televisores, rádio, aparelho de som com CD, aparelho de DVD, aparelho de MP3 e celular. A moradia, própria, conta com um banheiro, três dormitórios, sala de estar, cozinha, garagem e pátio. Não possuem carro.

Emanuele assiste à TV por quatro ou cinco horas diárias. Sua principal companhia é o marido. Para ela, o veículo é importante para estar bem informada, embora admita ser possível ter notícias através de outros meios. Seus canais preferidos são Globo, Record e TVE, e os programas que mais aprecia são *Big Brother* e as novelas de *Vale a Pena Ver de Novo*. Seu ídolo da TV é Raul Gil, pelo exemplo de história vitoriosa e de tratamento ao próximo. Ouve rádio diariamente, sua emissora favorita é a Rádio Atlântida, e os estilos musicais de que mais gosta são pagode, forró e tchê music. Atualmente, lê livros raramente, um por ano, mas quando estudava lia com frequência. Seu livro preferido é *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare. Lê jornal diariamente, mas somente as seções de horóscopo e o resumo das novelas. Há pouco, deixaram de assinar o *Diário de Santa Maria*. Nunca lê revistas. Vai ao cinema raramente, e a comédia *O Pequenino* foi filme de que mais gostou. Acessa a internet duas ou três vezes por semana, por mais de cinco horas ininterruptas, em um cyber de propriedade da tia de seu marido. Os principais usos que faz da internet são para Orkut, MSN, notícias de shows e festas, ofertas de emprego e informações sobre a vida de celebridades.

⁵² As informações de Emanuele referem-se à casa dos pais, uma vez que essa era sua moradia durante a maior parte do período da pesquisa.



Figura 4 – Casa de Emanuele



Figura 5 – Máquina de lavar roupas de Emanuele⁵³

Letícia (casada com o tio de Natiele), 21 anos, negra, mora com o marido há cinco anos e tem dois filhos, um menino de cinco e uma menina de dois anos. É dona de casa e frequenta os cultos da igreja evangélica no bairro. Em 2009, pretendia voltar a estudar – está afastada da escola há seis anos – mas não conseguiu. Seus pais são separados e a mãe casou-se novamente quando Letícia ainda era pequena. A garota detesta o padrasto, pois ele já tentou violentá-la sexualmente, e também não mantém um bom relacionamento com a mãe, com quem não tem contato há meses, apesar de viver na mesma cidade. Seu pai é presidiário, o padrasto é papelheiro e a mãe é dona de casa. O marido de Letícia ganha R\$500,00 mensais para realizar serviços gerais, em um condomínio do PAR (Programa de Arrendamento Residencial) no bairro. Os pais dela possuem ensino fundamental incompleto. Tem seis irmãos, mas não possui contato com nenhum. Possuem câmera fotográfica, televisor, rádio,

⁵³ As fotos do interior das residências foram feitas pelas próprias entrevistadas e representam aquilo de que mais gostam em suas casas.

aparelho de som com CD, aparelho de DVD e dois celulares. A moradia, que é própria, conta com um banheiro, dois dormitórios, sala de estar, cozinha e pátio. Não possuem carro. Até metade de 2009, a sobrinha do marido (entrevistada Natiele), morava com eles.

Letícia usa estritamente dois meios de comunicação: televisão e rádio. Ela preenche mais de cinco horas de seu dia com a televisão, em companhia de sua família, especialmente dos filhos. Considera o veículo importante e não conseguiria viver sem ele, pois “a única coisa que a gente se entrete é a TV, mais nada”. Seu canal favorito é a Globo, e o que mais gosta de assistir é à *Malhação* e às novelas de *Vale a Pena Ver de Novo*. Seu ídolo da TV é o personagem *Gustavo*, protagonista da temporada de 2004 de *Malhação*, interpretado por Guilherme Berenger, com o qual se emocionou muitas vezes. Ouve rádio de duas a três vezes por semana, sua emissora favorita é Medianeira FM, e os estilos musicais de que mais gosta são tchê music e sertanejo. Nunca lê livros, revistas ou jornal. Afirma que não lembra de já ter lido um livro inteiro. Nunca foi ao cinema e tampouco usou computador.

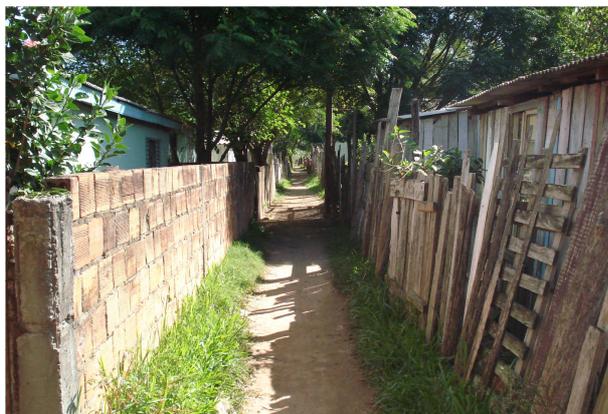


Figura 6 – Beco onde ficam as casas de Letícia, Natiele e Natália



Figura 7 - Cama de Letícia

Natiele (sobrinha do marido de Letícia), 18 anos, é solteira e não tem filhos. É negra e evangélica não-praticante. Já trabalhou em uma pizzaria, mas atualmente apenas estuda. Cursa a 7ª série no EJA da escola Alfredo Winderlich. Ela não foi registrada pelo pai, e sua mãe faleceu em 2008, vítima de AIDS. Após o falecimento da mãe, morou um ano na casa do tio (marido da entrevistada Letícia), depois, mudou-se para a casa de uma amiga, em um beco próximo ao que morava com o tio⁵⁴. Natiele tem seis irmãos, mas possui pouco contato com eles, pois alguns foram entregues para serem criados por outras famílias, e os mais novos moram com a avó. Enquanto morava na casa do tio, a renda familiar era de R\$ 500,00, e possuíam câmera fotográfica, televisor, rádio, aparelho de som com CD, aparelho de DVD e dois celulares. A moradia, própria, conta com um banheiro, dois dormitórios, sala de estar, cozinha e pátio. Não possuem carro.

A jovem passa mais de cinco horas por dia em frente à TV, normalmente acompanhada da família. Mesmo com tanto tempo dedicado ao veículo, afirma que ele não é importante, pois apenas assiste a novelas. Seus canais preferidos são Globo, SBT e Record, e os programas de que mais gosta são novelas e filmes de *Sessão da Tarde* e *Tela Quente*, ambos da Rede Globo. Quando questionada sobre quais seus ídolos da televisão, indicou os cantores sertanejos Bruno e Marrone, embora não os considere “ídolos”. Ouve rádio todos os dias, a emissora de que mais gosta é Medianeira FM, e seus estilos musicais favoritos são forró, pagode e funk. Lê livros raramente e não lembra o título de nenhuma obra. Lê jornal raramente e, quando o faz, prefere o periódico local Diário de Santa Maria. Nunca consome revista, nunca foi ao cinema e tampouco acessou a internet.



Figura 8 – Cama de Natiele

⁵⁴ As informações de Natiele referem-se à casa do tio, uma vez que essa era sua moradia durante a maior parte do período da pesquisa.

Lucielen (irmã de Raquel), 16 anos, a mais nova entre as entrevistadas, é solteira e não tem filhos. Já morou com dois namorados, um de 25 e outro de 28 anos. É branca e católica não-praticante, diferentemente da irmã (entrevistada Raquel) e da mãe (falecida), evangélicas. Aos 12 anos, trabalhou como empregada doméstica, morando no trabalho. Atualmente sua ocupação é cursar 5ª e 6ª séries no EJA, na escola Alfredo Winderlich. Sua mãe faleceu de câncer em 2007, quando os pais já eram separados. Após a morte da mãe, o pai de Lucielen foi morar com ela e os irmãos. O pai é chapeador e a madrasta é cozinheira em um restaurante, com renda de R\$ 500,00, cada um, e ambos possuem ensino fundamental incompleto. Lucielen tem cinco irmãos, uma (entrevistada Raquel) de mãe e pai, um de mãe, e três por parte de pai. Mora com o pai, a madrasta e os dois irmãos por parte de mãe. Em casa, possuem máquina de lavar roupa, televisor, rádio, aparelho de som com CD, videocassete, aparelho de DVD, três celulares e dois videogames. Na moradia, própria, conta com um banheiro, dois dormitórios, sala de estar, cozinha e churrasqueira. Não possuem carro.

A garota assiste à TV por mais de cinco horas diárias. Sua principal companhia é o pai, especialmente enquanto olha *Malhação* e *Paraíso* (2009). Considera que o meio é indispensável, pois, sem ele, “não teria pra onde olhá, olhá pras parede não dá”. Seus canais preferidos são Globo e SBT, e os programas de que mais gosta são *Malhação* e os filmes de *Sessão da Tarde* e *Intercine*, todos da Rede Globo. Seu ídolo da TV é *Bahuan*, personagem de *Caminho das Índias* interpretado por Márcio Garcia, pela beleza. Ouve rádio diariamente, principalmente Medianeira FM, e seus estilos musicais preferidos são funk, pagode e hip hop. Lê livros raramente, não lembra de nenhum título que tenha sido marcante e não costuma consumir nenhuma obra por ano. Lê jornal duas ou três vezes por semana, normalmente o diário local A Razão. Nunca lê revistas e nunca foi ao cinema. Usa a internet raramente, por duas ou três horas, especialmente MSN e Orkut, e busca informações para trabalhos de aula, calendários de shows e de festas na cidade e notícias sobre celebridades.

Raquel (irmã de Lucielen), 19 anos, é solteira e não tem filhos. Rompeu, no início de 2009, o noivado que mantinha com um pastor. É branca, evangélica e participa de todas as atividades da igreja. Atualmente, divide-se entre cuidar da casa, contribuir com as atividades da igreja e trabalhar como babá, pela manhã, emprego em que começou na segunda metade de 2009. Quando sua mãe morreu, há dois anos, seus pais já eram separados. Naquele ano, Raquel parou de estudar, estava, então, na 1ª série do ensino médio na Escola Estadual Manoel Ribas, no centro de Santa Maria. Após o falecimento da mãe, o pai de Raquel foi morar com ela e os irmãos, na casa herdada. Ele é chapeador e a madrasta é cozinheira em um restaurante e ambos possuem o ensino fundamental incompleto. Raquel considera que tem

dois irmãos, uma (entrevistada Lucielen) de mãe e pai e um de mãe⁵⁵. Mora com pai, madrasta e os dois irmãos e a renda familiar é de R\$ 1.000,00, sendo R\$ 500,00 recebidos pelo pai e R\$ 500,00 pela madrasta. Em casa, possuem máquina de lavar roupa, televisor, rádio, aparelho de som com CD, videocassete, aparelho de DVD, três celulares e dois videogames. A moradia, própria, conta com um banheiro, dois dormitórios, sala de estar, cozinha e churrasqueira. Não possuem carro.

Raquel ocupa de quatro a cinco horas de seu dia assistindo à televisão, habitualmente com a família. O veículo, em seu ponto de vista, é importante para estar bem informada, mas não é indispensável. Seus canais preferidos são Globo, SBT e Band e os programas de que mais gosta são o evangélico *Vida Vitoriosa*, apresentado na Band, e o humorístico *Eu, a patroa e as crianças*, exibido pelo SBT. Seu ídolo da televisão é Netinho de Paula, apresentador e ex-integrante do grupo de pagode Negritude Jr., pois admira sua história de vida e sua humildade. Ressalta, contudo, que não possui um “ídolo”. Nunca ouve rádio, apenas CDs, e o único estilo musical de que gosta é gospel. Lê a Bíblia diariamente e livros de literatura de duas a três vezes por semana, e seu livro favorito é *Bem Vindo Espírito Santo*. Lê jornal uma vez por semana, normalmente Diário de Santa Maria. Consome revistas raramente, e a de que mais gosta é Isto É. Já foi ao cinema duas ou três vezes, e o filme que mais a marcou foi *Acquária*, com Sandy e Junior. Nunca usou a internet.



Figura 9 – Casa de Lucielen e Raquel

⁵⁵ Sua irmã, Lucielen, fala em cinco irmãos, referindo-se a três irmãos por parte de pai que Raquel não menciona.

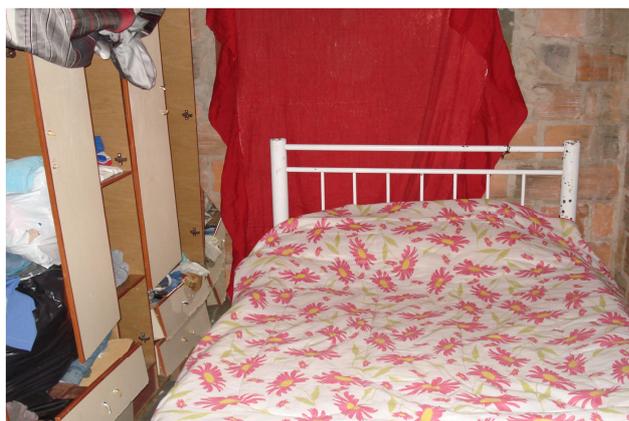


Figura 10 – Quarto de Lucielen e Raquel

Natália, 19 anos, é solteira, não tem filhos, é negra e católica não-praticante. Trabalhou como babá até metade de 2009, quando deixou o emprego para cuidar da tia, doente. Parou de estudar na 1ª série do ensino médio, mas disse que voltaria na semana seguinte à primeira entrevista, em março de 2009, o que não fez. Seus pais são separados há sete anos. O pai mora com outra mulher e não tem emprego fixo, e a mãe teve outros relacionamentos após separação e trabalhava como empregada doméstica, mas afastou-se por doença. O pai possui ensino fundamental incompleto e a mãe, ensino fundamental completo. Natália tem cinco irmãos, é a segunda mais velha entre os filhos, e o irmão mais velho não mora com a família. Além dos irmãos e da mãe, um jovem abandonado pela mãe, amigo da família, mora com eles, totalizando sete pessoas na residência, que vivem com uma renda de R\$ 500,00. Possuem máquina de lavar roupa, câmera fotográfica, um televisor, rádio, um aparelho de MP3 e três celulares. A moradia, própria, conta com um banheiro, dois dormitórios, cozinha e pátio. Não possuem carro.

A garota assiste à TV por duas ou três horas diárias, com sua mãe e seus irmãos. O veículo tem pouca importância em sua vida, porque muito do que é mostrado na televisão considera inadequado, especialmente para crianças, crítica que estende inclusive aos desenhos animados. Seus canais preferidos são Globo, MTV e SBT, e o programa de que mais gosta é *Malhação*, mas raramente assistia porque trabalhava no horário. Seu ídolo da TV é o ator Cauã Raymond, pois avalia que o jovem mostra um pouco de sua personalidade em cada papel que interpreta, “passando sempre uma mensagem de amizade”. Ouve rádio diariamente, sua emissora favorita é Medianeira FM, e os estilos musicais de que mais gosta são pagode, forró e tchê music. Lê livros raramente. Em 2009, destaca a leitura de *11 minutos*, de Paulo Coelho, um dos cerca de dez livros que imagina ter lido no ano. Consumia jornal diariamente

em seu trabalho, pois os patrões assinavam o Diário de Santa Maria, assim como a revista Veja, que lia algumas vezes. Nunca foi ao cinema. Usava a internet por uma ou duas horas, diariamente, no trabalho, e acessava MSN e Orkut, assim como buscava músicas, jogos e notícias.



Figura 11 – Quarto/ sala de Natália

Paola, 24 anos, mora com o marido há cinco anos e tem um filho de oito anos de outro relacionamento. É negra e católica não-praticante. No final de 2008, havia sido demitida do emprego de faxineira em uma faculdade da cidade, devido a um corte de pessoal. Havia interrompido os estudos ao engravidar e, após oito anos afastada, voltou a estudar em 2009. Passou alguns meses dedicando-se exclusivamente à escola e à casa, até voltar a trabalhar, na metade de 2009, passando a conciliar as funções. Pela manhã, é empregada doméstica na casa de uma freira; à tarde, é monitora na escola onde a patroa trabalha; e, à noite, cursava o último ano do ensino fundamental. Para 2010, planeja substituir o emprego matutino pelo curso de magistério e continuar no trabalho como monitora. Seu pai foi assassinado quando ela tinha um ano de idade. Quando Paola tinha oito anos, a mãe foi morar com outro homem, com o qual a jovem tem bom relacionamento. A mãe é empregada doméstica aposentada e possui o ensino fundamental completo. O marido de Paola é vendedor em uma loja de eletrônica e sua renda é de R\$ 800,00 mensais, a qual se soma a renda atual da jovem, de R\$ 600,00. Ela é a segunda mais nova de 11 irmãos, com os quais se relaciona bem, com exceção de um, que foi preso por tentar violentá-la sexualmente quando ela era criança. Em casa, possuem máquina de lavar roupa, câmera fotográfica, computador com acesso à internet (discada), televisor, rádio, aparelho de som com CD, aparelho de DVD, microondas e celular. A moradia, alugada,

conta com um banheiro, dois dormitórios, sala de estar, cozinha, garagem e pátio. Possuem um carro Gol, modelo antigo.

Paola assiste à TV de uma a duas horas por dia, normalmente com o filho. Julga o veículo importante para estar informada e não conseguiria viver sem televisão, pois faz parte de sua rotina.

Ninguém vive mais sem TV, todo mundo tem, pequeninha, preto e branco, mas tem. Não existe mais que não tenha TV. Esses dias faltô luz aqui, caiu o poste, a gente ficô quase uma semana sem TV. Bá! É horrível, daí tu não tem assunto, tu não tem nada. Fica meio que murcha a coisa, eu não vivo sem TV. (Paola).

Seus canais de TV preferidos são Globo, SBT e Record, e os programas de que mais gosta são *Domingo Legal*, *Fantástico* e novelas. Seu ídolo da TV é o cantor Amado Batista, pois cresceu ouvindo suas músicas por causa da mãe. Ouve rádio de duas a três vezes por semana, preferencialmente Medianeira FM, e seus estilos musicais favoritos são tchê music e forró. Lê livros raramente, e não chega a ler uma obra completa por ano. Lê jornal raramente, normalmente A Razão. Nuca lê revistas e nunca foi ao cinema. Usa a internet em casa todos os dias, por menos de uma hora, para fazer pesquisas para trabalhos de aula, buscar notícias, informações sobre a vida de celebridade, conferir o Orkut e conversar no MSN.



Figura 12 – Cozinha de Paola

Rafaela, 19 anos, casou-se no civil em março de 2009, e, desde então, reside com o marido, ainda não tem filhos. É católica não-praticante e negra. Desde a segunda metade de 2009, trabalha como empregada doméstica. Formou-se em 2008 no ensino fundamental e

pretende continuar estudando em 2010, de preferência realizando um curso técnico. Para ela, o padrasto é seu verdadeiro pai, uma vez que não conhece seu pai biológico. A mãe, que trabalha como babá, e o padrasto, pedreiro, possuem o ensino fundamental incompleto. Rafaela tem cinco irmãos. Seu marido é soldado do Exército, com renda mensal de R\$ 1.000,00, a qual se soma o salário de R\$ 400,00 da jovem. Em casa, possuem dois televisores, rádio, aparelho de som com CD, aparelho de DVD e dois celulares. A moradia, nos fundos da casa da sogra, conta com um banheiro, um dormitório, sala de estar, cozinha e pátio. No mesmo terreno, moram, além da sogra, a irmã da sogra e a irmã do marido. Possuem um carro Corsa, de modelo antigo.

Rafaela assiste à TV de uma a duas horas por dia, normalmente acompanhada do marido. Considera o veículo indispensável pelos ensinamentos transmitidos. Seus canais preferidos são Globo, Rede TV e Record, e os programas de que mais gosta são a novela *Negócio da China* (2008) e *Domingo Legal*. Seu ídolo da televisão é o ator José Wilker, especialmente pelo papel de *Giovanni*, na novela *Senhora do Destino* (2004), pois gostava da interpretação dele na novela, sempre engraçado e “entregando-se ao personagem”. Ouve rádio diariamente, especialmente Medianeira FM e Caraí, emissora comunitária do bairro. Seus estilos musicais favoritos são tchê music, funk e forró. Lê livros raramente, seu autor preferido é Monteiro Lobato, mas frequentemente passa o ano todo sem ler nenhum título. Lê jornal uma vez por semana, normalmente A Razão, e consome revistas semanalmente, de preferência as que tratam sobre novela. Nunca foi ao cinema. Usa a internet nos fins de semana, em um cyber do bairro, por cerca de uma hora, e o que mais acessa é Orkut e MSN.



Figura 13 – Frente da casa de Rafaela



Figura 14 – Cama de Rafaela

4.2. FAMÍLIA E AMIGOS

Ao contarem as histórias de suas famílias, é comum as jovens entrevistadas salientarem acontecimentos tristes. A morte de familiares foi resposta recorrente. É o caso de Cauane, que, aos quatro anos, perdeu a mãe, que tinha 19 anos, em decorrência de um câncer de mama. Não sofreu na época, pela pouca idade, mas lamenta ter crescido sem ela, ao mesmo tempo em que agradece ter sua madrasta, que, desde os oito anos, é como se fosse sua mãe. Natiele também perdeu a mãe, vítima de AIDS, fato que ela diz ter abalado toda a família. A mãe das irmãs Lucielen e Raquel morreu de câncer há dois anos, mas ambas afirmam que ela deixou uma sólida educação para os filhos. Foi sua mãe quem introduziu Raquel na igreja evangélica, religião que segue fielmente hoje.

Hoje o que eu sou, primeiro eu devo a Deus, mas devo a ela também. [...] Acho que foi muito importante assim a garra dela, ter deixado coisas tão importante pra nós, coisas que ninguém pode tirá, né? Se deixa dinheiro, o dinheiro vai embora, um dia o dinheiro acaba, ne? Mas o que ela deixou pra nós assim nunca vai acabar. (Raquel).

Carol e Emanuele, ambas adotadas, ressaltaram suas histórias de adoção. Para Carol, o mais significativo em sua história familiar foi a legalização de sua adoção, aos sete anos de idade, tornando-se, definitivamente, da família. A menina foi adotada aos sete meses de vida, após uma amiga de sua mãe adotiva tirá-la de uma instituição de assistência a pessoas carentes de Santa Maria, onde sua mãe biológica havia deixado-a. Já Emanuele foi adotada aos três meses, após a morte de seu pai biológico. Na ocasião, sua mãe tinha outros dois filhos pequenos e Emanuele era a mais nova. Desempregada, a mãe não pôde contar com a ajuda da

avó materna porque esta não aceitava o pai de Emanuele, por ser negro. A menina acabou sendo dada para adoção. Hoje, a garota diz entender a situação, e mantém bom relacionamento com a mãe biológica, que reside no mesmo bairro.

Eu era a única menina que ela [mãe biológica] tinha, ela não ia querê que eu passasse trabalho junto com ela. [...] Eu entendo ela, entendo. Acho que a pessoa quando faz... claro que não é bom, eu jamais faria isso com um filho meu, sabe? Mas eu tento entendê o lado dela também, eu penso assim que seria melhor do que eu tá com ela sofrendo, sabe? [...] Porque mãe é mãe, ela sempre pensa no melhor pros filho né? E como ela conhecia a minha mãe aqui [mãe adotiva], e como ela sabia que era uma pessoa que poderia cuidá bem, que me daria tudo, né? Foi o pensamento dela, acho. (Emanuele).

Natália, ao contar a história de sua família, fala do pai alcoólatra, que morava com ela até seis anos atrás. Atualmente, ele, que tem histórico de uso de drogas e de atitudes negativas que afetam Natália e seus irmãos, não convive com os filhos. Os irmãos mais novos são fruto de outro relacionamento da mãe. A história relatada por Letícia é marcada por abuso sexual, ausência do pai, mãe alheia e mau relacionamento com irmãos, além da carência econômica. A garota frisa que não há nada de bom em sua história familiar.

O acontecimento narrado por Paola, como ela mesma diz, aproxima-se de histórias mostradas na televisão. Em 2000, a família reencontrou os três filhos que sua mãe teve em seu primeiro casamento. Após a separação, há vinte anos, as crianças ficaram com o pai, e, desde então, a família não se encontrou mais. Por isso, Paola não conhecia os irmãos. Quando uma neta da mãe de Paola descobriu que a avó que conhecia não era a biológica, o pai da menina, um dos irmãos afastados, decidiu procurar a família. Foi ao *Programa do Ratinho*⁵⁶ contar sua história, mas não obteve sucesso. Como sabia que a mãe morava em Santa Maria, veio até a cidade e procurou um programa de rádio popular no município. Um irmão estava ouvindo o programa no momento em que a história era relatada. Após isso, a família reuniu-se, 20 anos depois, numa noite de ano novo. Hoje, continuam mantendo contato, principalmente pela internet.

Sobre ser mulher, as famílias ensinaram valores tradicionais relacionados ao feminino. O mais importante para os pais (de Camila, Emanuele, Lucielen, Natiele, Paola e Raquel) é que as filhas sejam boas donas de casa e boas mães, “tem que sabê cozinhá, sabê lavá, passá, isso aí é o que a família sempre passa pra filha mulher” (Camila). As entrevistadas não deixam de dar importância para esses ensinamentos, mas demonstram que

⁵⁶ Exibido entre 1998 e 2006, pelo SBT, e novamente no ar a partir de 2009. Apresentado por Ratinho, o programa, entre outras atrações, realizava o encontro de familiares.

viver para a casa não é suficiente para elas. Emanuele conta que seus ensinamentos se restringiram a isso, e relaciona esse posicionamento à família ser “grossa”.

Sabe, a minha família é grossa né? Que a mulher é aquela que fica dentro de casa, que cuida dos filho, que faz comida pro marido e que, a hora que ele chega, tá tudo em cima da mesa, que tem que tá sempre tudo limpinho pro marido, né? Lavá, passá, só isso. Não assim que mulher tem que estudá, não, é realmente o básico ali, a mulher tem que ficá em casa, cuidá dos filho, cuidá da casa. (Emanuele).

Paola relata que sua mãe sempre teve o objetivo de vê-la casando virgem, na igreja, e que não a incentivou a estudar. Hoje, contudo, a mãe de Paola, vendo a filha esforçar-se para concluir os estudos, apoia essa atitude. A jovem afirma que não teve estímulo ou exemplo de alguém próximo para estudar e conquistar independência financeira, seus objetivos atuais. Diferentemente da mãe, que lhe ensinou a realizar as tarefas de casa e conversava sobre “o mundo lá fora”, os tios e primos de Lucielen incentivam que ela se case com um homem “velho e rico”. Ela e a irmã, Raquel, pensam que o mais importante em um relacionamento é o amor.

A mãe de Natália deu o exemplo de mulher que trabalha fora, mas não deixa de lado a educação dos filhos. Com a mãe, também aprendeu a ser vaidosa, “ir uma vez no cabeleireiro, sê um pouco vaidosa, não se deixá muito”. Ter moral e não apresentar um comportamento que permita aos outros falarem a seu respeito foi o que Bruna e Cauane aprenderam com os pais, assim como “não se atirá pra qualquer um, se tem um, é um só” (Cauane). A família de Rafaela a ensinou a lutar por seus objetivos. Letícia, que nunca teve um bom relacionamento com a mãe e saiu de casa no início da adolescência, afirma que sua família não lhe ensinou nada sobre ser mulher.

O mito do amor materno (BADINTER, 1985) é recorrente entre as garotas. Apesar da maioria das entrevistadas aceitar a ideia de mulheres que decidem não ser mães, apenas uma delas, Natiele, afirma que tomaria essa atitude. Para ela, as mulheres que não são mães “têm juízo na cabeça, definitivamente, têm juízo, porque sê mãe é a pior bucha que tem”. Sua justificativa para não querer ter filhos é a seguinte:

Por mim eu não quero sê mãe, brinco com o [filho] dos outros, mas meu eu não quero, muito obrigado. Criança, olha! Incomoda muito. Ainda mais do jeito que tá, hoje em dia, essas criança que a gente ensina prum lado, elas caem pro outro, querem sempre o lado torto, querem ir pelo lado certo. Aí é melhor nem tê, se é pra tá se incomodando. (Natiele).

Também é possível relacionar seu posicionamento aos exemplos negativos de relações homem-mulher que conheceu na família e que diz não querer reproduzir. Ademais, não foi registrada pelo pai, que não conhece, e, recentemente, perdeu a mãe vítima de AIDS.

As demais jovens deixam claro que não teriam atitude semelhante, uma vez que, na ótica delas, a maternidade é algo central na vida de uma mulher.

Ali por uns 25, 20 anos eu queria ter um. Ah, é bonitinho. (Bruna).

É uma companhia pra mim, porque, por mais que tu seja casada, tu tem a companhia do teu marido, mas tu sabe que um dia vocês vão se separar e pelo menos tu que tá com uma companhia pra ti não ficá sozinha. (Camila).

Eu não creio que uma mulher, assim, normal, não vá querê ter um filho. Um filho é uma benção na tua vida. (Emanuele).

Acho que toda mulher sonha em ser mãe, né? (Natália).

Eu acho que todas têm que ter filho. Depois tá velho não tem ninguém, quem é que vai te cuidar? (Paola).

Eu, desde os 15 anos, eu quero ter um filho. Acho que não tem coisa melhor que ser mãe. [...] É uma experiência que eu quero ter, eu não seria mulher se eu não tivesse essa experiência, eu quero ter muito. (Rafaela).

Tu vai ver a criança na tua frente, tu vai ter o amor de mãe, né? Mesmo tu não querendo, tu vai ter o amor de mãe. Quando a mãe se torna mãe, automaticamente tu vai criar esse amor dentro de ti. (Raquel).

Bruna, Camila, Cauane, Emanuele, Lucielen, Rafaela e Raquel avaliam que cabe à mulher tomar a decisão de ser ou não mãe, mas demonstram desconfiança em relação aos motivos para tal escolha. Relacionam a resolução, principalmente, ao medo do compromisso de criar uma criança. Outros motivos são o medo de prejudicar o relacionamento com o marido (Cauane), a preocupação da mulher com a beleza e o desejo de se dedicarem integralmente ao trabalho (Carol).

As atividades de lazer preferidas pelo pai e pela mãe servem para mostrar algumas diferenças de gênero dentro da família. As diversões dos pais costumam estar vinculadas à rua, são atividades sociais, na companhia de amigos. Contrariamente, os passatempos das mães são, muitas vezes, em casa, ou, ao menos, na companhia dos filhos.

A distração preferida entre os pais é o futebol (Camila, Cauane, Emanuele, Lucielen e Raquel), seja assistindo a jogos na TV ou no estádio (Camila e Cauane), ou, ainda, jogando (Emanuele, Lucielen e Raquel). O marido de Paola segue a regra, e sua atividade preferida é jogar futebol. Ir ao bar com amigos (Bruna) e pescar (Emanuele) foram outros divertimentos ligados à socialização fora de casa. As exceções foram os pais de Carol e Rafaela, que

preferem ouvir música em casa, e o marido de Letícia, que também é tio de Natiele, que prefere assistir à TV, na companhia da família.

Entre as mães, o mais comum é passarem o tempo livre com os filhos, seja assistindo à TV (Letícia e Rafaela), indo a bailes com a família (Camila e Natália), ouvindo música (Bruna), conversando com os filhos (Lucielen) ou indo a aniversários nas casas de amigos ou de familiares (Raquel). Somente as atividades de lazer preferidas das mães de Cauane, Emanuele e Paola não se referem à família. As mães da Cauane e Emanuele gostam de ir aos cultos na igreja evangélica e a de Paola prefere visitar as ex-patroas.

As atividades de lazer preferidas pelas jovens são: ir a barzinho/ lancheria (Carol, Emanuele, Natália, Paola e Raquel); e ir a festas e bailes (Camila, Cauane, Lucielen, Natiele e Raquel). No caso de Raquel, as festas que frequenta são da igreja evangélica. Outras atividades comuns, realizadas por quatro entrevistadas, são: escutar música/ rádio (Bruna, Cauane, Natália e Rafaela); assistir à televisão (Bruna, Carol, Letícia e Raquel); ficar com a família (Carol, Natália, Rafaela e Raquel); e conversar com os amigos (Cauane, Emanuele, Natiele e Paola). Foram lembradas por duas entrevistadas cada: namorar/ ficar com marido (Carol e Emanuele); dormir (Carol e Natiele); e ler livros (Cauane e Rafaela). Outras distrações citadas foram visitar parentes (Bruna); ir ao culto (Letícia); e ir ao clube (Paola). Paola destaca que a maioria das atividades que realiza é entre casais, com as crianças junto. Quando questionada sobre o que faz para se divertir, Letícia respondeu “nada”. À pergunta “Não tem esse momento de diversão?”, ela disse que “não”. Os passatempos referidos por ela foram apenas assistir a televisão e ir ao culto na igreja evangélica.

Viagens em família não são comuns entre as garotas, geralmente pelos custos que representam. Apenas a família de Bruna e Camila faz viagens habitualmente. Costumam visitar a avó, em Formigueiro, cidade localizada a 70 km de Santa Maria, proximidade que facilita o deslocamento. As demais afirmam que nunca ou quase nunca viajam com a família. Carol relata que ela e os pais costumavam visitar a irmã que morava em Caçapava do Sul, a 100 km de Santa Maria. Contudo, após essa irmã mudar-se para Sobradinho, distante 130 km, tornou-se mais difícil visitá-la, pois o salário do pai não permite gastos com passagens para três pessoas.

Cauane nunca viajou com a família, apenas com amigos. No verão 2008-2009, acompanhou os donos da casa onde mora em uma viagem à cidade praiana de Torres, a 520 km de Santa Maria. Natiele saiu de Santa Maria apenas uma vez, quando acompanhou uma amiga em uma viagem ao Uruguai, onde a amiga possui familiares. Raquel nunca viajou com a família, mas frequentemente vai a outras cidades do Rio Grande do Sul ou de Santa Catarina

com o grupo da igreja. Ela também já foi a Rondônia, de ônibus, para conhecer a família do ex-noivo, experiência nova e positiva para a garota.

Foi bom, uma experiência nova, né? Tudo diferente lá, o clima é diferente, as pessoas são diferentes, o jeito deles de agir é diferente. No começo, foi um pouquinho estranho, mas depois eu me acostumei, me interessei por eles. Foi bem boa a experiência, todas as experiências na vida valem à pena, né? De tudo a gente tira de bom ou de ruim, né? A gente vai tirar uma lição de tudo. Então tudo vale à pena. (Raquel).

Natália e a família planejavam visitar a avó em São Borja, distante 300 km, todavia desistiram da viagem por causa da doença da mãe, que tem acarretado muitos gastos. Paola, o marido e o filho pensavam em viajar a Santos-SP, onde mora uma tia do marido. No entanto, o custo, principalmente pelo menino já pagar passagem, os fez desistir. Devido a um problema de insuficiência renal de que sofre o filho de Paola, ela e o menino viajam mensalmente a Porto Alegre, por meio da Secretaria de Saúde, para ele fazer consultas e tratamento. No entanto, nessa viagem não passeiam, vão apenas ao hospital.

Demonstrando outra diferença de gênero nas famílias, as tarefas de limpeza da casa são exercidas, quase exclusivamente, pelas mulheres, com a justificativa de que os homens trabalham fora. Contudo, as mães e as próprias entrevistadas que trabalham fora não deixam de se envolver com a limpeza da casa. Na casa de Bruna e Camila, elas, a irmã de 16 anos e a mãe são as responsáveis por deixar tudo em ordem. Por ser pequeno, o irmão de 11 anos não ajuda, assim como o marido de Camila (quando ainda era casada) e o pai das jovens, por terem emprego assalariado. Na casa de Cauane, ela é a principal incumbida das tarefas domésticas, contando com a ajuda da amiga com quem mora. Os pais da amiga trabalham o dia todo e não ajudam nas atividades de limpeza. Emanuele era responsável pela limpeza da casa até passar a sofrer com complicações na gravidez, precisando movimentar-se pouco, cabendo, então, à mãe e à tia essa atividade. Letícia e Natiele dividem as tarefas da casa, e não podem contar com o marido de Letícia, que passa o dia trabalhando.

Na casa de Lucielen e Raquel, a organização fica por conta de Raquel e, principalmente, da madrastra delas. A própria Lucielen admite: “Eu não presto pra nada, só presto pra olhar TV”. Natália, que trabalhava das 8h às 21h como babá, tem a ajuda da mãe e da irmã de 17 anos para manter a casa em ordem e para cuidar dos três irmãos pequenos. Quando morava com a família, Rafaela era a principal responsável pela limpeza da casa, contando com o apoio da mãe, que é babá. Seu pai e seu irmão não ajudavam, pois

trabalhavam. Casada há pouco tempo, Rafaela não falou sobre o comportamento do marido em relação ao trabalho doméstico.

A entrevistada que se mostra mais incomodada com a falta de ajuda para cuidar dos afazeres domésticos é Paola. Em casa, o marido “não faz nada”. Mesmo cortar a grama e lavar o carro, atividades que considera masculinas, são executadas por ela. Além de reclamar por não ter a colaboração, Paola se incomoda com o fato de não ter seu trabalho reconhecido pelo marido.

O meu marido não faz nada (risos), meu marido não faz nada, é eu que faço tudo. Ah, ele deita na cama, se tivé a colcha ele deita por cima da colcha, ele não tira, ele não bota um cobertor se ele tiver com frio de noite, ele não faz nada, então tudo sô eu que faço. Eu corto grama, eu limpo a casa, eu lavo o carro, ele só trabalha. [...] Aqui em casa o meu marido tomô uma lata de cerveja ele deixa ali, ele não sabe reconhecê 'bá, ela limpô toda a casa, ela passô cera, tá limpinha, tá cheirosinha a casa'. Custa pegá a latinha e colocá no lixo? (Paola).

Quando ainda morava com os pais, a casa de Carol era a exceção, pois seu pai, aposentado, colaborava com ela e a mãe, principalmente cozinhando. Enquanto trabalhava e estudava, a garota dedicava o fim de semana para limpar a casa, assim como para atividades de lazer.

Como lazer familiar, destaca-se a audiência da telenovela, programa que mais assistem em família, uma rotina para oito entrevistadas (Bruna, Camila, Carol, Cauane, Letícia, Lucielen, Natiele e Raquel). Filmes (Bruna, Carol, Letícia e Natiele), noticiário (Camila, Natália e Raquel), *Domingão do Faustão*⁵⁷ (Camila, Rafaela e Raquel), jogos de futebol (Camila e Paola), *Fantástico* (Camila e Paola), desenhos (Lucielen e Natália) e *Domingo Legal* (Paola e Rafaela) também são citados por mais de uma garota. Com apenas uma referência estão *Globo Repórter* (Carol), *Turma do Didi*⁵⁸ (Cauane), programas religiosos (Lucielen – para acompanhar a irmã), *Big Brother* (Rafaela) e programa do Silvio Santos (Raquel). Além da Rede Globo, apenas o SBT tem programas citados, os de Gugu e de Silvio Santos. Quando as jovens se referem a novelas, filmes, noticiários, jogos de futebol e desenhos animados, também são exibidos pela Globo.

Quando assistem à TV em família, alguns pais costumam tecer comentários sobre os programas, enquanto outros falam pouco ou nada sobre o que veem. Bruna e Natiele afirmam que seus pais não fazem nenhum tipo de comentário. As demais famílias tecem algum

⁵⁷ Programa de auditório apresentado desde 1989, exibido domingos à tarde pela Rede Globo.

⁵⁸ Programa humorístico exibido aos domingos, às 12h30, pela Rede Globo.

comentário, mesmo que não crítico. A família de Rafaela se emociona com casos dramáticos apresentados no *Domingo Legal*, conversando sobre as histórias mostradas. Entre as famílias mais participativas, estão as de Camila, Carol, Emanuele, Natália e Raquel. Os pais de Camila reclamam quando consideram o conteúdo inadequado para o horário, pois se preocupam com os filhos pequenos. Os pais de Emanuele mostram-se contrários a tudo o que a televisão apresenta, criticando o que é transmitido. Emanuele atribui essa atitude à idade deles, superior a 60 anos, e a serem evangélicos. A mãe de Natália comenta as notícias dos telejornais, principalmente para alertar os filhos sobre a violência. Os pais de Raquel comentam o *Big Brother*, criticando o excesso de fofoca e de mulheres mostrando seus corpos. No entanto, a jovem afirma que é ela quem mais fala sobre os malefícios da televisão para os familiares. Os pais de Carol parecem ser os mais participativos, pois comentam as novelas, falando dos atores e das tramas, incentivam a filha a assistir ao *Globo Repórter*, pois julgam útil para sua educação, e recomendam que ela não veja *Big Brother*, *Casseta e Planeta* e alguns filmes, programas considerados inúteis.

A maneira como a família intervém/ não intervém na recepção da televisão é um dos determinantes para a apreensão que o jovem fará das mensagens televisivas. Pensando nisso, Orozco (1997, p. 140) classificou as famílias em quatro tipos:

- a) Uma família que é muito permissiva com os assuntos da televisão;
- b) Uma família que limita o usufruto da televisão de algum modo, limitando quantas horas e em que horário os filhos poderão ver TV;
- c) Uma família que intervém por meio do diálogo com os filhos sobre o que é mostrado na TV, mais ou menos orientando e fazendo esclarecimentos para que tenha uma apropriação adequada;
- d) E, por último, uma família totalmente proibitiva, que não permite que o filho veja televisão ou que limita que assista em horários determinados, como nos fins de semana.

As famílias das entrevistadas dividem-se entre os tipos “a”, permissivo, e “c”, que intervem pelo meio de diálogo, procurando orientar os filhos. Nenhuma família regula o número de horas em frente ao televisor ou as proíbe de assistir algo.

Desse modo, reunindo as informações sobre família compartilhadas pelas jovens, destacamos três eixos principais: as experiências de perdas de entes queridos, a importância dos exemplos familiares e a classe social incidindo na convivência. A respeito dos exemplos familiares, temos mães que se dividem entre trabalho e família, servindo como modelos de

mulheres batalhadoras. Apesar do trabalho fora – geralmente sazonal, oscilando períodos empregadas e outros como donas de casa, e mal remunerado – não é passado às filhas o valor da independência, uma vez que os empregos das mães não têm esse significado. Assim, os principais ensinamentos familiares sobre ser mulher dizem respeito à vida privada, educando para serem boas donas de casa, orientando sobre a importância da família e incentivando a vaidade feminina.

Outro aspecto em que os exemplos familiares incidem sobre a formação das garotas são as atividades domésticas. Mães e filhas são as responsáveis pela limpeza, pela organização e pelas refeições da família. É comum as jovens justificarem a não participação de pais e irmãos nos afazeres por causa do trabalho remunerado. Contudo, as mães, e as próprias garotas, precisam conciliar o trabalho em casa e fora. Do mesmo modo, há diferenciação nos modos de lazer de pais – que se divertem na rua, assistindo ou participando de jogos de futebol, em pescarias ou em bares – e de mães – que ficam em casa com os filhos assistindo à TV, recebem amigas ou parentes em casa. As formas de diversão das jovens são divididas entre atividades em casa – assistir à TV, ouvir música e conversar com a família – e, na rua – frequentar bares, bailes ou a casa de familiares.

Por seu turno, a falta de recursos financeiros das famílias determina suas vivências sociais. Entre as experiências afetadas pela classe, está a realização de viagens, uma raridade entre as famílias das jovens. Sem dinheiro para passagem ou combustível, deixam de visitar irmãos, tios e avós que vivem no mesmo estado. Outra forma de incidência da classe sobre o convívio se dá pelo número reduzido de televisores nas residências – geralmente apenas um aparelho, em dois casos, dois, e, em um caso, três. Assim, por vontade ou não, as famílias assistem à televisão, quase sempre, reunidas, ocasionando momentos de companhia entre os familiares. Ainda sobre o consumo televisivo, não possuem TV por assinatura, limitando a audiência a programas da TV aberta.

4.3. TRABALHO E ESCOLA

Como apenas três entrevistadas trabalham, esta categoria de análise precisou ser adaptada ao cotidiano delas. Desse modo, é na relação com a escola e em suas aspirações profissionais que podemos identificar suas opiniões sobre a independência financeira feminina.

Como profissões que pretendem seguir, destacou-se a carreira militar. A metade sonha em ser militar, seja na Brigada Militar (Camila, Cauane, Emanuele e Letícia) ou no Exército/ Aeronáutica (Carol e Natália). A maioria não especifica em que função, apenas demonstra admiração pela hierarquia e pela disciplina que veem na carreira da caserna. Entre as que possuem um cargo preferido, Natália sonha em ser co-piloto na Aeronáutica e Emanuele quer ser dentista na Brigada Militar. Nenhuma possui familiares na área. Embora só justifiquem a escolha pela admiração e por tratar-se de um sonho de infância, pode-se relacionar esse desejo à ordem e à estabilidade, próprias da carreira, e, muitas vezes, ausentes de suas vidas, assim como a almejem um trabalho digno, que desperte respeito. A carreira militar também está relacionada à possibilidade de ascender socialmente. Além disso, Santa Maria é uma cidade em que a presença e a importância de militares destacam-se, visto que os 11 quartéis do Exército instalados na cidade a fazem o segundo maior centro militar do Brasil.

As demais atividades profissionais citadas foram: advogada (Lucielen e Natiele); médica (Lucielen e Rafaela); técnica em enfermagem (Rafaela); vendedora de loja (Bruna); administradora (Carol) – o interesse pela área foi despertado no estágio –, psicóloga (Cauane), veterinária (Paola), jornalista (Rafela) e pastora (Raquel). A maioria das jovens indicou apenas uma profissão, enquanto Carol, Cauane e Lucielen indicaram duas, e Rafaela apontou três.

Carol, Emanuele, Paola, Rafaela e Raquel expõem a admiração pelas donas de casa, embora queiram trabalhar fora. As demais apenas destacam os aspectos negativos dos serviços domésticos. Paola observa que aquela que opta por ser dona de casa precisa ter certeza e tranquilidade para levar sua escolha adiante. Caso contrário, ficará angustiada por não possuir o próprio dinheiro e depender sempre do marido.

Eu acho que vai de cada um, se tu escolhê ficá em casa, acho que fica, mas se tu te senti mal, vai trabalhá. Tudo que tu pedi pro marido tu tem que dizê o porquê que tu qué, né? Eu acho que isso é chato, é chato tu chegá e ficá pedindo. Se tu tem braço, tem perna, tem saúde, tu pode trabalhá: tu vai limpá chão, tu vai entregá panfleto, sei lá eu, vai entregá jornal, eu já fiz isso, entendeu? Eu acho que se tu qué adquiri as coisa tem que sê assim.

L: Não tem que tá dizendo quanto custou...

P: É, quanto custô, tu qué comprá uma calça lá que custa um valor lá, 'ah, eu quero 80 reais', 'mas quanto que é a calça?', ele vai te dá só aquele valor.

L: É aquela situação da Catarina [A Favorita], que ela escondia uns troquinhos pra poder comprar alguma coisa...

P: É isso mesmo que acontece, vai no mercado, compra tal coisa, se sobrô troco, guarda o troco. Eu sei, minha irmã faz assim, 'ah, eu pago as minhas conta tudo com troco do mercado'. Eu disse pra ela 'não, mas tu tem que trabalhá', agora que o gurizinho dela foi pro colégio, né?, 'não, agora eu vô começá a trabalhá'. (Paola).

Ter um bom emprego é ambição de todas as jovens, o que inclui as que desejam concluir o ensino superior e exercer uma profissão específica (dentista, médica, advogada, pastora) e as que somente se referem a ter um emprego. Ser mãe, contudo, é o realmente indispensável. Entre as que são mães, é comum que seu sonho de vida seja proporcionar ao filho um futuro melhor, com uma situação financeira confortável e uma trajetória sem sofrimentos. Natiele é a única entrevistada que não demonstra o grande desejo de casar e ser mãe.

Bruna sonha casar, ter um emprego e não precisar depender de ninguém. Já o grande sonho de Camila é formar o filho, hoje com dois anos. Os desejos de Carol⁵⁹ são casar e formar-se, sendo este o principal. A jovem destacou que sua prioridade é a formação, para posteriormente casar. Cauane tem a ambição de graduar-se no ensino superior. Para Emanuele, o que a deixaria mais feliz seria ter seu próprio consultório de odontologia e, assim, oferecer a seu filho um “futuro melhor”. De forma semelhante, Letícia quer batalhar para poder propiciar uma vida melhor que a sua aos filhos: “Coisa que eu não tive eu quero que eles façam”.

Lucielen sonha casar-se e ter filhos, mas somente depois dos 30 anos. Também ambiciona ser médica, mas a profissão aparece em segundo plano. Natália tem três sonhos: entrar para a Aeronáutica, ver seus irmãos bem sucedidos e ter a mãe sempre ao seu lado. Cursar direito e tornar-se advogada é o sonho de Natiele. Casar e ter filhos não faz parte de suas aspirações, embora não descarte formar uma família quando tiver cerca de 30 anos. Os exemplos de mulheres que ela conhece a fazem não querer o mesmo futuro.

L: E tu sonha em casar, ter filho, ter uma família?

N: Vô sê bem sincera (risos), eu não sonho em casá e também não sonho em tê filho, porque olha, exemplo em tenho de montão, eu tenho dela [tia], eu tenho da minha mãe, eu tenho da minha vó. Casamento é pra louco, pelo amor de Deus! Filhos eu tenho de montão, tenho meus afilhado, já me basta, porque, olha, casamento pra mim... tô fugindo, tô fugindo de casamento e de filho. (Natiele).

O mais importante para Paola é ter um emprego que permita dar ao filho uma vida tranquila financeiramente. Ser mãe é o sonho de Rafaela. Por fim, o maior desejo de Raquel é ser pastora, o que a faria uma “mulher diferente, que faz a diferença”. Também aspira ter estabilidade financeira e constituir família: “namorá, noivá, casá, tê filho, tê minha família”.

⁵⁹ Quando respondeu a essa questão ainda não sabia que estava grávida e tampouco morava com o companheiro, dedicando-se aos estudos e ao estágio.

Tava até orando hoje, falando com Deus que eu quero sê uma mulher diferente e eu quero fazê a diferença. Não só sê diferente, porque existem pessoas diferentes que não fazem diferença, né? Fazer diferente, fazer a diferença. Eu quero trabalhar na obra, falá de Deus e do evangelho dele, falá dele pras pessoas, qual é o plano de salvação, pras pessoas darem a alma pra Jesus. (Raquel).

Apesar de considerarem o trabalho um aspecto de grande importância em suas vidas, as jovens respeitam, mas não concordam com aquelas mulheres que colocam a profissão como prioridade. A mesma avaliação serve para as que optam por não ter filhos, escolhas impensáveis para a maioria das jovens entrevistadas.

Eu acho que esse é o tipo de mulher que já tem o pensamento igual de homem, mais machista, mais egoísta, mais egocêntrico. (Carol).

Claro que tem que tê o teu trabalho pra te mantê, mas não dizê que ‘eu não vô tê um filho por causa do meu trabalho, eu não vô estudá mais porque eu tenho que trabalhá, não vô saí porque eu tenho que trabalhá’. Eu acho que não, acho que tu tem toda a tua vida pela frente e o trabalho é só mais uma das tuas conquistas, de muitas que tu pode conquistá. (Emanuele).

A mulher que se dedica muito ao trabalho ela perde muita coisa da vida, perde o filho crescendo, perde geralmente o marido, porque o marido se cansa. (Natália).

As justificativas para não desejarem tanta dedicação ao trabalho são a família, que deve ser a prioridade (Emanuele, Letícia, Lucielen, Natália e Raquel), a necessidade de tempo para diversão, não só para as obrigações (Bruna, Natiele e Rafaela), e o medo de viver sozinha (Carol e Camila). Cauane pensa que a mulher não deve dar mais importância ao trabalho do que aos outros aspectos da vida porque o correto é ela “fazê tudo, dá atenção pro trabalho, dá atenção pro filho, marido, tudo na mesma quantidade”.

A mais crítica em relação à mulher que dedica a maior parte de seu tempo ao trabalho é Raquel, que considera que, com tanta atenção à profissão, a mulher não consegue “edificar um lar”. De opinião contrária, Paola é a única que concorda com essa mulher essencialmente profissional, e afirma viver uma fase assim em sua vida, em que o trabalho e a escola são suas prioridades e ocupam quase todo seu tempo: “Às vezes, pra ti consegui alguma coisa, tu tem que colocá o teu trabalho e o teu estudo em primeiro lugar, a tua família vem depois”.

Assim como a família, a TV e outras mediações ensinam os significados de ser mulher, a escola também tem papel nisso. Segundo dez entrevistadas, na escola, ensina-se que homens e mulheres são iguais, que podem exercer as mesmas funções e que “os direitos são

iguais” (Lucielen). Apenas Bruna e Rafaela consideram que os professores não fazem esses ensinamentos.

Onze meninas já pararam alguma vez de estudar, Bruna é a exceção. A repetência também é constante no grupo, somente Raquel nunca repetiu de ano, as demais já foram reprovadas ou desistiram no meio de uma série pelo menos duas vezes. Entre as que pararam de estudar e voltaram para a escola estão Cauane, Lucielen, Natiele e Paola. Cauane parou por um ano, na 8ª série, e preferiu ficar trabalhando em uma floricultura. Lucielen afastou-se por dois anos para cuidar a mãe doente. Natiele parou por dois anos, quando saiu de casa. Paola parou aos 16 anos, quando engravidou e, então, ficou sete anos afastada da escola. As quatro retornaram no início de 2009.

Camila, Carol, Emanuele, Letícia, Natália, Rafaela e Raquel não estudam atualmente. Camila parou na 1ª série do ensino médio, quando engravidou. Ela quer aguardar a recuperação do filho – operado para correção de lábio leporino – para voltar a estudar, apesar de achar cansativo levar escola e obrigações com a casa e o filho ao mesmo tempo.

Não tem como agora, assim, porque ele fez duas cirurgia agora, meu gurizinho, então a gente fica mais preocupada sabe? A gente cansa porque trabalha o dia todo né? Quando a gente fica em casa a gente trabalha igual. Então tem que sai de noite, estudá, fazê curso, e eles [pais] dão força, assim, em voltá sabe? Pra eu consegui me formá, sê brigadiana como eu sempre sonhei.

L: E tu tem vontade de voltar quando ele tiver um pouquinho maior, ou tu acha que não vai conseguir voltar?

C: Não, pra esse ano eu queria voltá a estudá, só que ele fez uma cirurgia agora, semana passada. Se eu tivesse voltado a estudá, dois, três mês tinha que tê ficado parada, só pra cuidá ele, ele precisa de atenção pra ele, então eu ia perdê um pouco de aula, né? Então já pro ano que vem, que ele tiver maior, já dá pra botá na creche e coisa, então daí eu acho que dá. (Camila).

Emanuele e Rafaela concluíram o ensino fundamental em 2008 e pararam de estudar. Emanuele não tem planos de voltar, por enquanto, visto que está com o filho recém-nascido. Rafaela pretende fazer um curso técnico em breve. Ela já havia interrompido os estudos aos 13 anos, após uma briga com uma colega que havia sido racista.

Parei de estudá na sexta série, por causa de uma briga. Uma menina me chamô de negra e eu não fiquei muito quieta. Começô a falá pra mim: 'tu é negra, que não sei o que!'. Ah não, não deu outra né? Deu pau na certa, aí no fim decidi... daí não sei se me tiraram, não sei bem, aí eu parei de estudá um ano, um ano e pouco. Aí quando eu me escrevi ali foi pra fazê o EJA. (Rafaela).

Letícia parou de estudar na 6ª série, quando saiu de casa e passou a morar com o marido. Deseja voltar o quanto antes e arrepende-se de ter interrompido os estudos: “Eu perdi muita chance, se eu tivesse estudado, como a mãe mandava, eu taria bem hoje.” Já Natália parou na 1ª série do ensino médio, pois achou difícil continuar se dividindo entre os problemas de saúde da mãe e do irmão, o trabalho em turno integral e a escola. Raquel também deixou a escola quando estava na 1ª série do ensino médio. Percebeu que não iria conseguir ser aprovada e preferiu não concluir o ano para “pará de gastá com passagem”. Desde então, não retomou os estudos.

Nota-se que o fim do ensino fundamental e o início do ensino médio são uma barreira para o grupo, especialmente quando enfrentam as dificuldades do ensino médio de uma escola estadual⁶⁰, que, como elas dizem, cobra mais que a escola municipal “da vila”. Outro forte impeditivo é a gravidez, que vem como um “balde d’água fria” sobre as pretensões estudantis de muitas. E as obrigações com o filho não diminuem após os primeiros meses, afastando-as da escola. Dentre as entrevistadas, a única mãe que estuda, Paola, já fez algumas tentativas de retomar os estudos, mas a “vida de adulto” impõe muitos desafios.

Eu tentei né? Depois que eu ganhei ele, eu deixava com a minha mãe. Eu ia pro colégio, ele chorava, daí a minha mãe ligava, eu tinha que largá a sala de aula e voltá pra casa, então não deu. Então eu esperei agora que ele tá grandinho, né? Ele tá com sete anos, e voltei de novo. Eu tentei, eu ia um mês, dois mês, nunca dava, sempre tinha uma coisinha, era muito doentinho né? Então eu tava toda hora correndo com ele dum lado pro outro, e antes eu não tinha esse meu marido, a gente era namorado, então não tinha o compromisso de tá sempre comigo me ajudando, agora é diferente, agora meio que já dá pra mim voltá a estudá, e ele me ajudô bastante. (Paola).

Apesar da importância que destacam para a escola, as entrevistadas e suas amigas não têm o hábito de dedicar muitas horas aos estudos. Apenas duas entrevistadas (Bruna e Cauane) consideram que estudam bastante. Camila relaciona a pouca dedicação ao estudo ao fato de ser mãe. Paola, que também é mãe, gostaria de ter mais tempo para estudar. No entanto, mesmo as garotas que não têm filhos já foram reprovadas, indicando que os problemas escolares vão além da maternidade.

É difícil precisar os motivos para as reprovações frequentes, mas o que se observa é que, embora exista um discurso familiar da ascensão social pela educação, os pais nem sempre priorizam que as filhas estudem, preconizando o trabalho remunerado ou a atividade

⁶⁰ Esse costuma ser o caminho percorrido por aquelas que chegam ao ensino médio: cursam o ensino fundamental em uma das duas escolas municipais do bairro e, ao concluí-lo, precisam procurar uma escola fora do bairro para continuar os estudos, geralmente no centro.

doméstica. Apenas duas jovens nunca trabalharam, o que reflete a necessidade de dedicação à outra função. Há ainda os problemas de doença na família, empecilho para o acompanhamento integral da escola. O exemplo familiar, de poucos anos dedicados à escola, também pode significar uma justificativa para o abandono ou desinteresse pela escola. Por último, adversidades de ordem psicológica, como as ocasionadas por abuso sexual, abandono e perdas familiares, podem ser uma causa ainda mais complexa para a falta de regularidade escolar.

Ao serem questionadas sobre o motivo para os jovens, de maneira geral, estudarem pouco, uma ideia é a mais comum: os jovens procuram diversão, o que não encontram na escola, que é monótona, (Bruna, Carol, Cauane, Letícia, Lucielen, Natália, Natiele e Raquel) – “aquela professora dá uma soneira na gente” (Lucielen). Para Carol e Raquel, outros atrativos despertam mais a atenção, como TV, música e internet. Além disso, Carol e Letícia relatam que, frequentemente, os filhos enganam os pais e só valorizarão o estudo quando sentirem a falta que esse faz.

Hoje em dia com tanta coisa né? Com internet, com música, com televisão, com tanta coisa por aí, tanta informação, o quê que um jovem, principalmente os adolescente de 13, 14 anos, vai querê ficá dentro de casa, na beira dos livro? Vai querê mais é saí com os amiguinho, ir nas lan house, entra em Orkut, essas baboseira da internet, e escuta música, e saí, ir pra festa, do que estudá, né? [...] Eu tinha muitos colegas meu que iam fazê PEIES⁶¹ e os pai pagavam esses cursinho e eles iam pro Calçadão, nem entravam dentro do cursinho, iam pro Calçadão, iam pro shopping, e os pais gastando dinheiro o mês inteiro pra eles fazê cursinho pra passá no PEIES e vestibular, né? [...] Acho que pra ti estudá mesmo, dá valor pro teu estudo, só o dia que tu precisá né? Que tu enxergá que tu precisa estudá, aí tu vai dá o valor pro teu estudo. Mas quando tu tá ali só sendo guiado pelo papai e pela mamãe, porque eles querem que tu estude, aí tu não vai dá muita bola. (Carol).

Depois, com mais idade, daí sim, daí a gente começa a dá valor, a gente começa a se arrependê por que a gente não fez antes, hoje a gente podia tá bem. O arrependimento vem, mas vem bem tarde.

Li: Por que tu acha que tu não te interessou mais pela escola?

Le: Ai, porque eu queria só festa, queria só sair, bebê, fumá, fazê minhas coisara, e colégio eu não queria, deixei pra fuzarquiá na rua. (Letícia).

De acordo com Emanuele e Paola, faltam ensinamentos e cobranças em casa para que os filhos aprendam a valorizar o estudo e levar a sério a escola. Paola ainda culpa a falta de

⁶¹ Programa de Ingresso ao Ensino Superior. Criado pela Universidade Federal de Santa Maria em 1995, é modelo de avaliação seriada no Brasil, substituindo o vestibular por uma prova ao término de cada um dos três anos do ensino médio.

ambição pelos poucos anos de estudo e pelo desinteresse dos alunos, uma vez que se satisfazem com a vida que têm e não se esforçam para ascender.

Tá acostumado sempre em comê o arroz e o feijão, entendeu? Ele se acostuma naquela coisinha de sempre tê pouco. Acho que tu tem que querê estudá pra ti adquiri mais, pra ti tá sempre na frente dos outros. Tem meninas aqui na rua hoje que têm 13, 14 anos, têm dois, três filhos, e não vão pro colégio, a vida delas é ali, pegam o carrinho, vai ali, recolhe um litro, umas coisa. Isso elas fazem em uma hora, daí passam o resto do dia, da noite, sentadas sem fazê nada, sem procurá estudá, aprendê, a te formá, entendeu? Acho que hoje em dia tu nunca pode se contentá, tem que sempre querê adquiri mais, porque hoje é tudo assim. (Paola).

Camila diverge, de certa forma, ao destacar que para alunos da periferia, onde, muitas vezes, não há escolas de ensino médio, prosseguir com o estudo, precisando gastar com transporte, é um impeditivo para que muitos continuem no colégio. Ainda considera que outros pensam que possuir o ensino fundamental é suficiente e largam a escola após concluir a 8ª série. Natália avalia que o conjunto bebida, drogas e brigas é responsável por afastar a juventude do colégio. Segundo a garota, o namoro também tira a atenção dos estudos. Natiele acrescenta que o desinteresse pela escola e a preguiça não são exclusividades dos jovens carentes. Adolescentes de classes mais altas também não se empenham na escola.

Eu acho que em matéria, assim, de estudo, tá parelho, tanto o pobre quanto o rico, os dois pra estudá tem uma certa preguiça pra levantá, pra fazê as coisa, eles querem meio que tudo nas mão, eles não querem trabalhá pra adquiri. (Natiele).

Entre os acontecimentos mais marcantes que viveram no colégio, as lembranças são variadas. Sete entrevistadas destacam fatos positivos. As festas organizadas pela escola são o que se ressalta para Bruna. Camila não esquece o destaque que conquistou na realização de um trabalho, na 6ª série, na disciplina de ciências, quando se empenhou, exigiu dedicação do grupo, e teve seu esforço reconhecido com seu trabalho sendo considerado o melhor da turma. “Porque prum aluno né? Nota boa acho que é a coisa mais marcante.” Conforme Carol e Rafaela, as formaturas são as lembranças mais fortes, sendo a da pré-escola, para Carol, e do ensino fundamental, para Rafaela. Emanuele gosta de recordar-se das provas de redação realizadas na escola, quando os melhores eram premiados, e ela conquistava o primeiro lugar. Para Lucielen, o melhor foi um campeonato interséries de futebol, em que jogou e divertiu-se muito. Paola não esquece o apoio que recebeu das professoras quando estava grávida, recebendo conselhos e inclusive tendo suas consultas do pré-natal agendadas por elas.

As lembranças ruins sobressaem-se para Cauane, Letícia, Natália, Natiele e Raquel. Para Raquel, iniciar o ano escolar e ter que se integrar com pessoas novas, muitas vezes sendo separada das antigas colegas por mudanças de turma, foi o que mais a marcou. As piores recordações, para Cauane, foram suas duas reprovações, as quais atribui às inúmeras faltas, ao pouco estudo – ocasionado pela “preguiça” –, e a pouca atenção dispensada às aulas. Para Letícia e Natiele, as lembranças ruins são de situações de vergonha pelas quais passaram. O pior, para Letícia, foi levar um tapa do padrasto, na escola, sob a vista de colegas, ocasionado pelo ciúme que lhe despertava vê-la conversando com colegas homens. Natiele lembra a ocasião em que sua mãe foi à escola reclamar da suspensão que a filha havia sofrido num dia de prova, em virtude de uma briga.

Fui lá no colégio olhá: tava reprovada. Daí eu chorei, chorei bastante. Aí as minhas colegas tudo ‘eu passei. E tu?’ Aí eu: ‘Bá, rodei. Perdi um ano’. Todo o ano... Rodei, né? (Cauane).

Senti raiva dele porque ele me deu um tapão muito forte mesmo. (Letícia).

Por um lado ajudô, mas pelo outro me fez senti vergonha, porque todo mundo viu, depois todo mundo ficou se arriando. Então, por um lado, por um lado foi bom, mas pelo outro foi vergonhoso, vergonhoso pra mim, ela tê ido no colégio fazê tendê por causa de uma prova. Então foi vergonhoso. (Natiele).

Os casos negativos na escola, citados pelas jovens, não são fatos corriqueiros, e até por isso lhes marcaram tanto. No entanto, outros problemas são comuns e as atrapalham no dia-a-dia. Entre as dificuldades expostas por elas, a que prejudica mais as garotas é tirar notas ruins, fato recorrente para 11 entrevistadas. Apenas Raquel não passou por esse problema, uma vez que nunca foi reprovada e a primeira vez que ficou em recuperação foi na oitava série em matemática: “Pra mim aquilo foi um horror”. Contrastando a isso, na 1ª série do ensino médio, na Escola Estadual Manuel Ribas, desistiu de prosseguir estudando, pois, no meio do ano letivo, notou que não conseguiria ser aprovada.

Dois aspectos são aludidos por cinco mulheres para justificar as repetências e desistências escolares: não ser bem vista pelos professores (Bruna, Camila, Carol, Letícia e Paola) e ser tímida (Camila, Lucielen, Natiele, Paola e Raquel). Todas que já se sentiram prejudicadas, por serem “mal vistas” por algum professor, reclamam de serem tratadas de forma depreciativa. Camila relaciona a implicância de professores à classe social, garantindo que os mais aquinhoados recebem melhor tratamento.

Ah, a gente se sente constrangido porque, por exemplo, assim, a professora gosta da minha colega e de mim ela já não conversa direito, então alguma coisa tem né? Porque quando eu estudava mesmo no São Carlos, ali eu vivia isso, porque tinha umas colega minha que eram mais vestida ou mais arrumadinha, ela já dava mais atenção pra elas, e pras que eram mais pobre ela não dava muita atenção. Já chegam, já xingam, já soltam as pata de vereda, eu sei porque eu tinha uma professora que tinha implicância comigo que não dava, e era professora de matemática, e dizia que eu não prestava atenção nas aula dela. Daí eu peguei e disse pra ela 'não, o negócio é assim ó, só porque eu não tenho a capacidade de aprendê', sabe? (Camila).

As estudantes que afirmam que ser tímida atrapalha nos estudos consideram que a timidez as impede de aproveitar melhor as aulas. Lucielen relata que quando não entende algo que a professora colocou no quadro, não pergunta, e para de copiar. Natiele e Paola também deixam de perguntar e de participar ativamente da aula por causa da timidez. Para Camila, o problema dava-se no momento de formar grupos de trabalhos, pois ficava quieta e às vezes acabava sozinha. As jovens atribuem a timidez na escola a uma característica da própria personalidade. Contudo, o que se pode deduzir é que a carência material tem relação com essa timidez. Como destacou Camila, constrangidas pelo tratamento relativo à classe social, intimidam-se a se expressar.

O corpo e não poder variar as roupas foram problemas relatados por duas e três jovens, respectivamente. Bruna e Camila não se sentem bem com seus corpos, pois gostariam de ser mais magras, e pensam que, algumas vezes, meninos ou meninas podem se afastar de pessoas que consideram feias. Camila, Leticia e Lucielen se incomodam em ter que repetir muitas vezes a mesma roupa.

O melhorzinho vai todo o dia com uma roupa diferente, né? E tem outros que não, por mais que tenha roupa, sempre vai repeti uma roupa. Então aqueles alunos já ficam falando 'ah, não, aquele de lá, anteontem, ele veio com uma roupa, hoje ele veio de novo com essa roupa'. Então fica aquele negócio 'ah, porque tu não tem'. Eu acho que isso interfere. (Camila).

Morar em um bairro considerado violento, segundo Emanuele, e ser mulher, de acordo com Natiele, também prejudica na escola. Emanuele se incomoda quando lhe perguntam “Tu mora lá?”, em um tom de surpresa negativa. Natiele avalia que ser mulher “atrapalha para tudo”: “É ruim! Eu tenho pavor de sê mulher! Ui! Não gosto de sê mulher, é ruim.”

Mesmo com os diversos percalços enfrentados pelas entrevistadas na vida escolar, estudar é um objetivo para todas. As jovens que estão afastadas da escola ambicionam voltar

e, em nenhum momento, demonstram em suas falas que podem desistir desse sonho, que está entre os maiores das entrevistadas.

Esse desejo vai ao encontro do valor que dão ao estudo, como forma de transformação de vidas e ascensão social. O significado que a educação formal tem para elas, em primeiro lugar – para cinco jovens (Carol, Emanuele, Natiele, Paola e Rafaela) –, é de representar a chance de ter uma carreira profissional e um bom emprego. Também significa independência (Bruna e Cauane), tanto de pais quanto de marido; estabilidade financeira (Carol e Raquel); e a possibilidade de oferecer aos filhos uma vida melhor do que elas têm (Emanuele e Letícia). Para Raquel, concluir o ensino médio é o caminho para o curso de Teologia, requisito para que ela possa realizar o sonho de ser pastora na igreja evangélica. A garota ainda reconhece na educação uma forma de adquirir conhecimento profundo sobre algum tema, que possa ensinar a outras pessoas. Cauane destaca que só com estudo conseguirá adquirir o que quer, como um carro. Desse modo, sair da situação social atual é o desejo de todas elas, e relacionam o estudo com a realização dessa ambição.

Sem estudos tu não é nada. (Camila).

O estudo, hoje em dia, tem muito valor, muito valor, muito mesmo, pra ti tê uma carreira né? Uma carreira profissional, subi na vida, consegui alguma coisa de bom, né? Um bom emprego, uma estabilidade econômica, né? Tu tem que tê um estudo, tem que tê uma formação. (Carol).

Acho que eu teria que estudá pra mim podê, quem sabe um dia, sê um doutor, né? Tê meu próprio lugar, meu próprio destaque. (Paola).

Tudo, se não estudá, é muito difícil, se tu hoje pra juntá um lixo tem que tê segundo grau, né? Eu fico apavorada com isso aí, mas é, tudo é estudo né? Se não estudá, hoje em dia, não consegue nada. Se conseguir, é pouca coisa. (Rafaela).

4.3.1. Jovem pobre e jovem rico

Os pontos de vista das entrevistadas sobre a rotina dos jovens pobres e ricos são bastante distintos. Acerca do dia-a-dia dos pobres, metade destaca aspectos positivos. Camila, Carol, Emanuele, Lucielen e Rafaela dizem que esses jovens são batalhadores e ocupam seus dias estudando, trabalhando e ajudando os pais em casa. Natiele considera que os jovens pobres passam o dia à procura de emprego. Camila pensa que eles são lutadores porque sabem

que não podem esperar que um futuro melhor seja oferecido pelos pais: “Meu pai, minha mãe não vai tê condições de me dá um futuro, então eu, por mim mesmo, eu vô consegui esse futuro melhor pra mim.” Carol diferencia os pobres dos miseráveis, que, na opinião dela, não exercem essas mesmas atividades.

Esse mais pobre ainda, que nem digo pobre, já são miserável os coitado, né? Catador de lixo... passam o dia inteiro ralando no sol, mexendo em sujeira. Eu tava no centro e tinha uma guriuzinha mexendo no lixo, achô uma banana no lixo e comeu. Aquilo, tá loco! Aquilo revolta, me dá uma pena e me revolta ao mesmo tempo. Bá! Tá loco, comê do lixo... (Carol).

Para Bruna, Cauane, Letícia e Raquel, os jovens pobres ficam em casa o dia todo, “meio à toa” (Raquel). Paola também afirma que eles passam o dia sem fazer nada, mas na rua. Segundo Natália, muitos jovens pobres ocupam suas vidas com drogas e roubo, o que relaciona à desestrutura familiar.

A pessoa é pobre e o pai usa droga, e o filho cresce vendo aquilo. Quando ele crescê ele ‘ah, minha mãe faz, por que eu não vô fazê? Meu pai faz, por que que eu não vô fazê? Por que eu não vô roubá, se meu pai faz? Não me deu nenhuma educação’. Então acho bem complicado mesmo. (Natália).

Apesar da opinião sobre a juventude de classe baixa não ser apenas positiva, nota-se uma simpatia maior na fala delas ao se referirem aos pobres do que aos ricos. O ponto de vista negativo que possuem destes jovens pode ser relacionado ao que a televisão apresenta, visto que muitas afirmam não conhecer nenhuma pessoa rica, apenas supor que sejam dessa forma. Carol atribui seu modo de ver o rico à personagem *Lara*, de *A Favorita*, seu modelo de indivíduo de classe alta. Hall (apud ESCOSTEGUY, 2001) reflete que os sentidos que as pessoas atribuem a acontecimentos e grupos ficam muitas vezes restritos ao que a mídia mostra. Assim, constroem representações de mundos distantes, diferentes do seu: “os *media* são responsáveis por prover a base pela qual grupos e classes sociais constroem uma imagem das vidas, práticas e valores de outros grupos e classes.” (ESCOSTEGUY, 2001, p. 63).

As jovens Camila, Carol, Cauane, Letícia e Natiele avaliam que o dia dos jovens abastados é preenchido com “mordomias”: compras (Bruna, Emanuele, Lucielen e Natália); passeio ao centro com os amigos (Bruna, Lucielen e Natália); festas (Camila, Carol, Paola); boas escolas (Camila e Emanuele); viagens (Carol); e internet (Lucielen). Para Paola e Raquel, esses garotos e garotas são totalmente dependentes dos pais e poucos são os que decidem viver a vida por conta própria. Rafaela avalia que eles não fazem nada o dia todo e

Natália os julga “exibidos”: “Têm certos jovens, assim, que têm tudo e se exibem, não pensam nos outros.”

Esse modo de se referir aos ricos, com desdém e antipatia, foi relatado pelo autor de *A Favorita*, João Emanuel Carneiro. Após dar-se conta disso, revela que mudaria algumas passagens da novela.

Descobri que o telespectador não perdoa os ricos. Se eu pudesse voltar atrás, não daria os tais R\$ 22 milhões a Donatela. Ela teria, assim, uns R\$ 200 mil, e seria dependente financeiramente de Gonçalo (Mauro Mendonça). Para o público brasileiro, ser milionário é um crime. Apesar do fato de que a Donatela fez tudo certinho, não roubou, e mandou o dinheiro dela para fora através do Banco Central. Mas não adianta. Cheguei a ouvir de uma mulher na feira que ‘é pior ter R\$ 22 milhões do que ser uma assassina’. Isso é chocante. (CARNEIRO, 2008, p. 1).

Essa não é exatamente a mesma percepção das entrevistadas. Apesar da forma pejorativa como se referem aos jovens ricos, não pensam que é pior ser rico do que ser assassino. Isso se vê claramente ao se referirem aos avós de *Lara*, em *A Favorita*, como “típicos ricos”. O casal representava pessoas bondosas, ricas e solidárias.

O lazer é um dos aspectos em que jovens ricos e pobres mais se distanciam, inclusive fisicamente, como salienta Lucielen, “eles [ricos] preferem os lugar mais longe que tá a gurizada [pobre]”. Na opinião das entrevistadas, para se divertir, adolescentes de classes baixas frequentam bailes gaúchos (com apresentações de grupos que tocam tchê music) em clubes populares (opinião de Bruna, Camila, Carol, Paola e Raquel), boates populares (Bruna, Cauane, Lucielen, Natália e Natiele), bailes funk (Camila e Lucielen), lancherias (Emanuele) e festas em casa com amigos e vizinhos (Rafaela). Os ingressos para festas nessas boates e clubes custam cerca de R\$ 5,00.

Separados das classes populares, os jovens ricos divertem-se em boates caras/universitárias (opinião de Camila, Carol, Cauane, Lucielen, Natália, Natiele, Paola, Rafaela e Raquel). Duas danceterias, localizadas na estrada entre Santa Maria e o município vizinho de Itaara, são consideradas por elas os lugares mais “nobres”, visto que as entradas são caras e é preciso ter carro para chegar aos locais. Barzinhos (Carol e Emanuele), clubes (Camila), shoppings (Letícia), CTGs (Camila), Mcdonald’s (Emanuele) e festas na casa de amigos (Bruna) são outros ambientes mencionados. Conforme Camila, ricos dificilmente frequentam os mesmos lugares que pobres.

Jovem rico, acho que é mais nos clube, por exemplo, clubes esses de lazer. [...] Um pobre se qué nadá, vai ir prum rio, prum açude. Se qué fazê ginástica, vai fazê em casa. O pobre vai num baile funk, num baile gaúcho. Um rico, pra ir num baile gaúcho, é só em CTG, ou se não num clube bem, né? Que seja bem frequentado por aquela, o pessoal da classe alta, sabe? Porque se ir num clube aonde tiver uma classe mais baixa ele já não entra. O jovem pobre vai num campo de futebol, vai numa cancha de bocha, isso daí tu não vê rico ir, né? Rico pra tá jogando futebol tem que sê numa quadra, num ginásio. (Camila).

A respeito dos relacionamentos na escola, dez garotas consideram que o mais comum é que as amizades ocorram dentro do mesmo grupo social.

Como tem bastante preconceito entre as pessoas, elas procuram viver naquele nível, entendeu? No grupo onde sabe que a pessoa próxima de ti vive no mesmo grupo social que tu, sabe? Quem não tem fica de fora. (Emanuele).

Têm pessoas que têm mais dinheiro que os mais pobrezinho e 'ah, eu não vô me misturá com aquele lá porque aquele lá é pobre'. Tem gente que faz isso, muitas vezes. (Rafaela).

Camila faz uma distinção entre os relacionamentos nas escolas municipais, “de vila”, e nas estaduais, pois, nas primeiras, a classe social não é levada em consideração, enquanto, nas segundas, há separação, e os pobres são excluídos. Lucielen, que avalia que a preferência dos adolescentes é ter amigos do mesmo grupo social, garante que em sua escola, que se enquadra como “de vila”, não há distinção, pois “ninguém tem [dinheiro] mesmo”.

Esse conflito entre pobres e ricos, segundo nove entrevistadas, é retratado com realismo pela televisão. Apenas Letícia, Lucielen e Paola pensam diferente. Paola explica que a TV “exagera”, e mostra um tratamento muito negativo das pessoas das classes dominantes com as da classe popular, o que pensa não se ver na realidade.

A TV mostra o rico dum lado, pisando em cima do pobre. Eu acho que se tu for para na sociedade hoje, não é assim, tá mudando, eles já tão meio que ajudando mais o pobre, entendeu? Já não tão humilhando tanto quanto na TV, na TV não é igual, não é a mesma coisa. Eu sei porque eu sô pobre, as minhas patroa são rica e o meu tratamento é do mesmo jeito, entendeu? A mesma coisa se tivessem tratando alguém de dentro da casa delas. Eu acho que na TV meio que faz um drama em cima, que não é. (Paola).

Camila, Carol e Raquel expõem que as novelas mostram, como na sociedade em que vivemos, as vantagens do rico, de um lado, e o sofrimento do pobre, de outro.

Mostra, até nessa novela que tem agora, né? Porque tem a mãe do Tarso mesmo, ela que o filho arrume uma namorada que esteja à altura dele, que tenha dinheiro, que seja rica, né? E, lá na Índia mesmo, que tem os dalits aqueles, tem uma diferença, né? (Camila).

Principalmente nas novelas, eu acho que retrata bem o lado rico, o lado pobre das pessoas, a diferença de classe social, a luta das pessoas pra ascender, né? Pra deixar de ser pobre, pra passar a ser rico, acho que passa bem isso. A diferença, muitas vezes, de preconceito da novela, que o mocinho namora com a mocinha rica e a mãe não quer, tem preconceito porque a gurria é rica e o filho é pobre, eu acho que passa bem isso nas novelas. (Carol).

Acho que a novela é a vida real, então retrata a realidade que a gente vive. Hoje, as novelas, pelo menos eu acho, são sendo assim, são tratando aquilo que a gente vive aqui. A gente tá olhando e se depara com alguma coisa que a gente tá vivendo na nossa casa ou perto da nossa casa. [...] Todas as novelas praticamente tem esses dois lados, do lado rico e do lado pobre, né? E todas elas mostram com clareza as diferenças e as vantagens de um e as desvantagens do outro. (Raquel).

É unanimidade entre as entrevistadas que os pobres são discriminados. Todas concordam que, seja no trato pessoal, ou na falta de serviços básicos, como o de saúde, o pobre sofre por sua posição social. Algumas citam exemplos pessoais de discriminação.

Eu já sei até por mim que pobre é discriminado, porque eu fiquei um ano tratando o meu guri aqui pra fazer cirurgia. Como eu não tinha três mil reais, pra fazer a cirurgia nele, pra ir pra Porto Alegre fazer a cirurgia nele, o médico me levou na conversa um ano. Chegou no dia da cirurgia, ele não quis fazer. (Camila).

Com certeza os pobres são discriminados. Tu vai numa loja comprar uma roupa, tu entra simples numa loja, com a tua roupinha que tu tá, tu tem dinheiro pra comprar aquela roupa, mas se tu entrar simples naquela loja, já te olham de cima a baixo, com cara de nojo, não te atendem bem como atende aquela pessoa que já é cliente há mais tempo, que aparece, que tem dinheiro, né? (Carol).

Na rua, no hospital, onde tiver um rico e um pobre, já basta pro rico tá discriminando o pobre. (Letícia).

Um pobre pra uma pessoa rica é lixo. (Natiele).

A discriminação faz parte de suas vidas. Bruna, Camila, Carol, Emanuele, Letícia, Natália, Natiele, Paola e Rafaela são negras. Cauane, Luciellen e Raquel são brancas. Sete entrevistadas já se sentiram discriminadas (Bruna, Camila, Carol, Emanuele, Letícia, Paola e Rafaela), ou seja, entre as jovens que afirmaram já terem sido discriminadas, todas são negras. Três admitem ter sofrido preconceito racial (Bruna, Emanuele e Rafaela), duas sentiram-se maltratadas por serem pobres (Camila e Letícia) e Carol já foi discriminada pelos dois motivos: raça e classe. Paola sofreu preconceito, como mencionado anteriormente, quando

estava grávida e percebia que as mães das colegas não queriam que as filhas convivessem com ela, pois viam na garota um mau exemplo. Rafaela relata que se sentiu ofendida ao ter sido chamada de “nega”.

Mas quem fez isso se arrependeu, te garanto (risos). Me chamaram de ‘nega’, aí eu já enlouqueço. Sô, com muito orgulho, aí mostrei a raça. Olha, te garanto que nunca mais fazem isso. (Rafaela).

Almeida (2003, p. 111) destaca como esse preconceito, experienciado no cotidiano por algumas jovens, mostra-se na televisão. Em 59 horas de programação televisiva gravada pela pesquisadora, “os negros aparecem em apenas 39 comerciais, e em apenas 9 desses seu papel tinha alguma fala no anúncio. Em apenas 4 comerciais tinham papel de destaque, como protagonistas”. Três desses comerciais em que ocupavam papéis centrais referia-se à indústria musical, onde os negros têm participação e destaque. A outra propaganda celebrava os 100 anos da Abolição da Escravatura.

Conforme as informantes, por essa forma de tratamento, tanto aos negros quanto aos pobres, muitos preferem não conviver com pessoas de classes mais altas. Com exceção de Letícia, todas concordaram que as pessoas humildes não são bem aceitas nas relações sociais e acabam se separando das classes média e média alta.

Por vergonha... por se sentir diferente. (Lucielen).

Isso sempre acaba distanciando. [...] Tudo ajuda, tê pouco estudo, tu é considerado um burro, ‘tu não entende de nada, não te mete, tu não sabe’. (Natália).

Se elas são tratada mal, com certeza elas vão ficá no canto delas, né? Tipo ‘aqui é o meu canto e eu não posso me misturá com aquelas pessoas lá’. (Rafaela).

Letícia, que expressou opinião divergente, afirma que “a gente é um ser humano, só que um é pobre e outro é rico, só isso, não qué dizê que vai ficá longe”. Contudo, em outra questão, relata que não gosta de conviver com pessoas de classes mais altas “[fico] com vergonha, bastante vergonha, porque eu não tenho dinheiro, daí a gente fica tímida, envergonhada”.

Para nove informantes, não é possível saber a origem social de uma pessoa sem conhecê-la. Elas afirmam que apenas observar as vestimentas não garante o conhecimento da classe social de alguém. Lucielen cita o exemplo da irmã, Raquel, que, pelo modo como se veste, pode ser classificada como rica, mas não é. Carol, Natália e Paola pensam diferente, e

afirmam que prestando atenção em roupas, postura e modos de falar e agir, é possível saber a origem social de qualquer um. Interessante perceber que essas são as jovens que possuem maior contato com outras classes sociais, visto que trabalham ou trabalharam em ambientes de classe média.

Relacionando mais claramente as informações sobre a categoria trabalho e escola, podemos tecer alguns apontamentos. Primeiramente, percebe-se que o trabalho é uma questão muito valorizada pelas jovens. Como foi descrito, diversas são as aspirações profissionais delas. Nenhuma expressa o desejo de ser dona de casa, pois relacionam a função à dependência do marido, à rotina e à desvalorização. O trabalho remunerado, de maneira contrária, vincula-se ao orgulho e ao reconhecimento. No entanto, ter sua profissão não significa necessariamente uma independência financeira, e sim uma “não-dependência”.

A diferença se nota porque as entrevistadas falam que, trabalhando, terão dinheiro para comprar alguns produtos para si e para ajudar em casa, mas ainda pensam que o marido será o provedor do lar. O trabalho, nas diferentes classes sociais, apresenta significativos contrastes. Conforme Fonseca (1997), para as classes mais altas, a mulher estar em casa é símbolo de distinção, pois não é necessário que ela trabalhe, apenas que se dedique aos cuidados da casa, do esposo e dos filhos, gerindo empregadas domésticas, babás, etc. Esse modelo desenvolveu-se no Brasil no século XIX. Hoje, essa dedicação da mulher rica a casa ainda existe, mas também há aquelas que preferem ter sua profissão.

Entre as classes populares, no entanto, essa opção não existe. As mulheres trabalham fora por necessidade, para colaborarem no sustento da família. Com frequência, no entanto, o trabalho remunerado é sazonal, e não substitui a dedicação às tarefas domésticas, obrigação permanente. Desse modo, muitas vezes, não se consideram *desempregadas*, pois são *donas de casa*. A mulher, no entanto, mesmo que trabalhe, tem que se dedicar à família, não sendo bem vista pelas entrevistadas aquela que coloca o trabalho à frente de tudo. Essa seria uma postura individualista, que não combina com os atributos altruístas que uma mãe ou uma esposa precisa demonstrar.

Também se ressalta que a pressão para que a mulher mais jovem busque emprego é menor do que a dos garotos, permitindo a ela dividir-se entre os estudos e o auxílio em casa. Do mesmo modo, a mulher pode parar de trabalhar fora em determinado momento da vida, mesmo ainda não aposentada, normalmente quando os filhos tornam-se economicamente ativos. O homem, de maneira diferente, só pode deixar de trabalhar ao aposentar-se, caso contrário, será visto como “vagabundo”. Esses são aspectos que, poderíamos dizer, pendem a

favor das mulheres na divisão de tarefas entre os gêneros. Como frisa Bourdieu (2007), a dominação masculina também faz “vítima” os homens, pois precisam corresponder às expectativas existentes sobre eles.

Ambicionando ascender socialmente, as garotas fazem uma relação direta e linear entre estudos completos, bom emprego e “ser alguém na vida”, sendo que o esforço pessoal perpassa toda trajetória bem sucedida. As entrevistadas, com algumas exceções, reproduzem uma ideologia meritocrática que colabora para a legitimação de uma ordem social injusta, apregoando que o sucesso profissional depende unicamente do desempenho e, conseqüentemente, do mérito de cada indivíduo. Desconsideram, assim, a injustiça social de um país como o Brasil, que não oferece as mesmas oportunidades para as diferentes camadas sociais.

Acerca do papel da escola na conformação de valores relacionados às relações de gênero, as entrevistadas avaliam que, na escola, não são feitas distinções entre homens e mulheres. Ao menos no discurso explícito dos professores, ambos os sexos têm direitos iguais.

4.4. RELACIONAMENTO HOMEM-MULHER/ SEXUALIDADE

Atualmente, quatro entrevistadas estão solteiras (Camila, Natália, Raquel e Bruna), três namoram (Cauane, Lucielen e Natiele) e cinco estão casadas (Carol, Emanuele, Letícia, Paola e Rafaela), Rafaela, legalmente, e as demais informalmente. Cauane deve passar a morar com o namorado em breve, o casal está definindo o local. Lucielen e Natiele afirmaram ter relacionamentos horríveis, e pensam em acabar o namoro.

É péssimo, é péssimo, ele me leva todos os dia na aula, todos os dias, eu não posso sê amiga nem de ex-namorado. Ele me incomoda. Eu tô pensando até em terminá com ele, já terminamo umas quantas vez, já voltemo.

Li: E como é que ele te trata?

Lu: Ele me trata muito bem, só que eu, o que me incomoda é o ciúmes dele. (Lucielen).

Olha, pra sê bem sincera, é um inferno astral, totalmente. É briga 24 horas por dia.

L: E o que tem de bom pra vocês estarem juntos?

N: Hum... olha, nem sei te dizê... Acho que é costume, costume de tá junto, é medo de ficá solteira, medo de ficá sozinha e não encontrá mais ninguém, ou de terminá com esse e voltá pro outro, aí então fico com esse, pra não voltá com o outro...

L: E como ele te trata?

N: Quando nós temo de bem, a gente se trata bem, né? Aquele carinho todo. Mas quando nós tamo de mal, nem se fala muito, a gente só se fala pra se xingá mesmo. Mais é eu, sô bem desbocada, eu saio xingando meio mundo, fico braba e xingo todo mundo, quero nem sabê se vai gostá ou não. Mas quando nós temo de bem, nós temos de bem, aí se tratemo bem, com carinho e coisa e tal. (Natiele).

Por outro lado, Cauane, Emanuele, Leticia e Rafaela garantem que seus relacionamentos são “muito bons”. Cauane conta que ainda ama o ex-namorado, mas gosta do atual e quer que “dê certo”. O começo do namoro foi “meio sem querer”. Já Emanuele afirma que o marido é “tudo o que busca”

Comecei a ficá com ele, fui indo, ficando, ficando, e ele é um homem bem mais velho [10 anos], ele tem 28 anos, daí ele pegou e disse assim, ‘ah eu quero um compromisso sério, não sei se tu tá a fim de um compromisso sério?’. E eu: ‘é, tô’. Mas na real, eu não tava. Foi por isso que eu traí ele. Aí agora até nós vamos morá junto. Aí foi o que deu, não traio mais nem nada.

L: E como ele te trata?

C: É bem bom, se eu quero uma coisa ele pega e compra, tudo assim. É bem assim, bem legal, bem tri. Me ama bastante também. (Cauane).

O meu marido é meu marido, meu amigo, tudo que eu busco nele, ele é pra mim. Com o meu marido eu diria que é uma relação bem profunda, é meu amigo, e que eu sei que eu posso contá com ele todas as hora. (Emanuele).

Segundo Paola, seu casamento é bom, embora o marido, às vezes, seja “meio mala sem alsa”. O que mais a incomoda é a falta de cooperação dele em casa, conforme relatado anteriormente, na seção “4.2. Família e amigos”. Camila conta que, no início, o casamento era “um mar de rosas”, mas, depois de muitas mentiras da parte dele, resolveram terminar. Natália terminou o último relacionamento por causa de fofocas. Raquel era noiva de um pastor da Igreja Evangélica e havia viajado, há pouco tempo, para Rondônia para conhecer a família dele, quando terminaram.

Eu noivei e um mês depois a gente se separou. Então tava tudo pronto pra gente casá, já tinha ganhado os presente de noivado, e duma hora pra outra acabou. Meio sem explicação, né? (Raquel).

Bruna está “ficando” com um garoto há seis meses, mas não pensa em namoro, pois ele trabalha de dia e ela estuda à noite, sendo difícil se encontrarem. A jovem contou que a irmã mais velha (a entrevistada Camila) chegou a conversar com o rapaz para que ele “assumissem compromisso”, o que constrangeu Bruna.

Carol, que está com o marido há cinco anos – três anos namorando, um noivo e um ano morando junto – diz que o relacionamento deles é “normal, tem brigas como todo casal”, mas que atualmente não está preocupada com o relacionamento e, sim, com o filho. Em conversa com a jovem, em outubro de 2009, pouco antes de seu filho nascer, respondeu às questões sobre o relacionamento de forma “discreta”, não deixando que nos aprofundássemos no assunto. Antes de passar a morar com ele, havia relatado que o companheiro era muito ciumento e possessivo, e que estava cada vez pior. Os pais da jovem também contaram que ele era grosseiro com Carol, mas não relataram nenhum caso de agressão física.

Dois entrevistadas enfrentaram situações de abuso sexual na infância, questão, certamente, marcante em suas histórias de vida.

Não tenho nada de bom pra contá, nada mesmo.

Li: Como foi a tua infância?

Le: A minha infância foi muito triste, daí eu já nem gosto de tocá, foi muito triste a minha infância.

Li: E a tua adolescência?

Le: Minha adolescência piorô ainda, por causa do meu padrasto, foi muito triste, então nisso daí eu já nem gosto de tocá, depois me volta tudo de novo.

Li: Tem alguma coisa que tu não te importe de falar?

Le: Da minha adolescência?

Li: É, ou da infância também...

Le: Meu padrasto, quando ele queria fazê as coisa a força comigo. E daí ele me ameaçava se eu contasse pra mãe, ele me ameaçava, aí eu não contava pra mãe de medo dele. Ele aprontava muito, só que eu nunca deixei acontecê nada, quando foi acontecê eu fugi de casa.

Li: E de bom tu não lembra nada?

Le: De bom não tem. (Leticia).

Quando eu era novinha, ele [irmão]... ele usava droga, ele batia na minha mãe, e teve uma época que ele tentô me violentá. Eu não esqueço. Ele foi preso, foi tudo, minha mãe denunciô ele, fez o que tinha pra fazê, mas se eu chegá na casa da minha mãe e ele tivé lá, eu dô meia-volta e vô embora. Hoje ele diz que se arrepende, mas não quero sabê, né? Pra mim não é meu irmão. Se passa aqui na frente de casa eu fecho a porta na cara dele, então ele nem passa aqui. Ah, teve já ele chorando na minha frente, pedindo desculpa, mas não desculpo, acho que isso daí não tem... (Paola).

Metade das garotas possui amigas com relacionamentos “sérios” e a outra metade afirma que as colegas apenas “ficam”. No entanto, somente uma entrevistada (Bruna) admite

não ter relacionamentos longos e preferir “ficar”. As demais relatam que suas preferências são diferentes das dos grupos que convivem.

Minhas amiga trocam de namorado quase toda semana. [...] Se eu fosse solteira hoje, não sei se eu seria assim, acho que, por causa do filho, tive que me virá muito cedo sozinha, acho que, com isso, eu aprendi levá as coisa meio que controlada. Mas se eu fosse solteira, eu não sei se eu seria assim. (Paola).

Eu sô seríssima, embora elas, de namorado, já não são muito, um dia tão com um, outro dia tão com outro. 'Abram o olho de vocês', só o que eu digo, né? Cada um tem seu jeito, né? Não adianta, eu achei o meu e desse eu não largo. Antes eu não levava tanto a sério, mas depois que eu conheci esse, levei bem a sério. (Rafaela).

Lucielen acrescenta que ela e as amigas, além de terem namoros sérios, preferem homens mais velhos, com “20 anos pra cima”. Raquel explica que entre seguidores da religião evangélica não existe “ficar”: “Se alguém se interessa pelo outro, há o período de oração pra namorar, não pra ficar.” (Raquel).

Quando o assunto é infidelidade, as entrevistadas afirmam que não há perdão, que isso não pode ser permitido em um relacionamento. Homens e mulheres que traem seus companheiros são considerados sem caráter, pois estão deixando de respeitar a pessoa com que se relacionam.

É uma dessas duas opções: ou porque não gosta, não recebe carinho, assim, atenção, ou porque é sem vergonha também. Tem umas mulher aí que até ama, até gosta e recebe carinho e tudo, mas mesmo assim trai, porque é sem vergonha, vagabunda, onde é que já se viu. (Cauane).

É cafajeste, canalha, sem vergonha. (Emanuele).

É sem vergonha, mau-caráter, dos olho junto (risos). [...] Não pode vê uma mulher na rua, não pode vê um par de coxa andando na rua que ele tem que pegá pra dizê ‘ai, eu peguei fulana, eu peguei ciclana’, comentando com os amigo. Mas o que é isso? (Natiele).

O homem que trai, em primeiro lugar, é homem sem Deus, né? Sem temor. Tem muitos homens com sua família que sai e fica com mulher aí fora, né? Paga mulher, prostituta, né? Paga, com a mulher em casa, né? [...] A única explicação que eu encontro, assim, é sem vergonha mesmo. E o pior de tudo é que faz, a mulher fica sabendo, e a mulher aceita, isso que torna eles piores ainda. Não tem uma posição firme, de mulher. (Raquel).

Com exceção de Raquel, as jovens não acreditam que exista uma “tendência” do homem em ser infiel, algo de sua natureza. Carol rebate claramente a ideia de haver um “instinto” que levaria o homem a traír a mulher, salientando as diferenças entre animais e

homens. Raquel acredita que a natureza do homem às vezes o impede de ser fiel. A jovem ainda relaciona a infidelidade masculina às provocações femininas.

Ninguém é bicho, bicho que tem instinto, gato, cachorro, que não pode vê o cheiro de uma cadela no cio que tem que sai de atrás. Acho que a pessoa tem que tê o controle do próprio corpo, dos próprios sentimentos. Isso aí pra mim é conversa fiada. A pessoa racional, que pensa com a cabeça, não tem que segui por instinto. E se gosta duma pessoa tem que respeitá, né? Dá valor pra si mesmo e dá valor praquela pessoa que tá do lado. (Carol).

Parece que tá no sangue dele, sabe? É que, cientificamente, foi comprovado que o homem tem, não sei o que ele tem, umas células, uns hormônios, que produzem mais e ele sente mais vontade, mais desejo assim, sabe? Então, por isso que eu acho que o homem é mais propício, né? E, hoje em dia, a mulher, assim, não tem pudores, né? Ela se mostra mais, provoca mais, né? Então, é só o homem andá uma quadra assim, se ele quisé, ele trai. Por isso que eu acho assim que o homem é mais, é mais propício. [...] Também tem mulher que provoca, né? Tenta chamar a atenção, e o homem acaba indo mesmo, né? A carne é fraca. (Raquel).

Nove informantes afirmam não haver diferença na traição masculina ou feminina, a reprovação é a mesma para ambos os casos. No entanto, para Cauane, Emanuele e Raquel, há diferenças. Cauane destaca que sempre fica mais “feio” para a mulher que trai, pois “fica falada, fica na boca do povo”. Mesmo ponto de vista tem Emanuele, que considera que “pra mulher fica mais feio do que pro homem, como diz, home é home, né? Acho que a mulher tem que se pôr no seu lugar.” Raquel, como exposto, considera que há diferença porque o homem é “mais propício” a ser infiel.

Apesar de reprovarem veementemente a atitude, cinco das entrevistadas já traíram seus namorados⁶² (Cauane, Emanuele, Letícia, Natiele e Rafaela). Cauane e Letícia contam que foram infiéis porque não gostavam dos namorados. Cauane ainda namora com o jovem a que traiu e diz que precisou tomar um “puxão de orelha” do pai para passar a agir de modo diferente. Segundo a jovem, o casal, em breve, deve morar junto, apesar dela admitir que ainda ama o ex-namorado – que a ameaçou de morte, quando ela terminou o namoro – “o outro [ex-namorado] eu amo, mas não dá certo”. Emanuele, Natiele e Rafaela traíram por vingança, buscando “dar o troco” em namorados infiéis.

Esses dados convergem para a reflexão de Mattos sobre a (in)fidelidade feminina hoje. Segundo a autora, ser infiel era, até pouco tempo atrás, característica prioritariamente

⁶² Nenhuma admite ter traído o marido, apenas Rafaela, mas antes de casaram-se. Ela e o então namorado, que também havia sido infiel, decidiram dar uma nova chance um ao outro.

masculina, justificada pelo objetivo de garantir a satisfação dos desejos. Cada vez mais, contudo, a infidelidade faz parte do comportamento feminino também⁶³.

As opiniões dividem-se quando o assunto é virgindade. Cinco delas (Camila, Carol, Lucielen, Natália e Paola) não a consideram importante. Para essas, o que importa são os cuidados, para prevenir tanto doenças quanto uma gravidez indesejada. Paola conta que sua mãe valorizava muito a virgindade da filha, o que acabou sendo prejudicial a esta, pois não tinha orientação sexual em casa e apanhou quando a mãe descobriu que a filha não era mais virgem. Não haver a obrigação de casar virgem foi uma conquista para a mulher, conforme Carol, aproximando os dois gêneros em termos de direitos sexuais.

Foi uma conquista com o tempo, porque as famílias eram rígidas demais. Hoje em dia não, porque hoje a mulher sai, trabalha, né? Então a mulher tá conquistando a sua liberdade. Tanto a liberdade profissional quanto a do corpo, né? Porque antes, pro homem, valia tudo, hoje, pra mulher, vale também, e antes, pra mulher, nada, tanto em caso de virgindade, como em traição. Antigamente, 'ai, é normal o homem traí', hoje em dia, a mulher pode traí também, né? Trai também. Ai, antigamente a mulher que traía era uma sem-vergonha, hoje não, hoje é normal, porque tá igual pra igual, né? (Carol).

As demais avaliam que, embora a virgindade não possua o mesmo significado de outros tempos, o que acham positivo, ainda é importante e é preciso escolher bem com quem ter a primeira relação sexual. Raquel é a que mais valoriza a virgindade, e afirma que se casará virgem, pois considera fazer sexo antes do casamento um grande pecado, e compara as meninas que têm relações sexuais com os namorados a prostitutas.

Pra mim, a menina tem que perdê a virgindade com o marido. Acaba se tornando uma prostituição, tu pegá e tê relacionamento fora do casamento. Se tu anda de acordo com as leis de Deus, se tu anda de acordo com os mandamentos bíblicos, é uma prostituição, só que é pior ainda, porque quem se prostitui, recebe, né? E quando tu tá com o teu namorado e tu tem relação com ele, e tu não é casada com ele, é pior ainda, porque tu tá te prostituindo e nem lucro tu tá tendo, né? (Raquel).

Metade das entrevistadas pensa que a idade deve ser levada em consideração para perder a virgindade. Para Letícia e Natiele, o certo é a partir dos 15 anos. Segundo Camila, o ideal é que seja com 16 ou 17 anos. Bruna e Natália apontam 18 anos como a idade correta. Raquel acha a idade importante, mas antes de tudo é preciso ser casada. Algumas jovens revelam arrependimento em relação a sua primeira vez, e, mesmo quem não se arrepende,

⁶³ Fique claro, não há uma exaltação do crescimento da infidelidade feminina. O que se pretende mostrar é a aproximação dos gêneros em diferentes instâncias.

admite que deixou de ser virgem muito nova, por volta dos 15 anos. Letícia expõe que sua primeira vez foi traumatizante, pois foi vítima de estupro, aos oito anos.

A minha virgindade foi cedo e foi com uma pessoa que me pegou a força.

Li: Pra ti já acabou ali?

Le: Já acabou ali.

Li: Quantos anos tu tinha?

Le: Eu tinha oito, foi muita nova.

Li: Como tu queria que fosse?

Le: Eu queria que fosse com uma pessoa que eu gostasse. Que eu fosse ter filho com aquela pessoa. (Letícia).

A partir do relato das jovens, nota-se que, embora ainda exista uma moral sexual para as mulheres, a virgindade não é exigida das entrevistadas e nem por elas. A esse respeito, Giddens destaca:

Quando observamos a atividade sexual dos adolescentes hoje, a distinção da garota decente/ garota vadia ainda se aplica em certo grau, assim como a ética da conquista masculina. Mas outras atitudes, por parte de muitas adolescentes em particular, mudaram radicalmente. As garotas acham que têm o direito de se envolver na atividade sexual, incluindo a relação sexual, em qualquer idade que lhes pareça apropriada. Na pesquisa de Rubin, virtualmente nenhuma garota adolescente fala em ‘se guardar’ para o noivado e para o casamento. (GIDDENS, 1993, p. 19).

Assim, reconhece-se, lado a lado, um abrandamento da clausura sexual feminina e, ao mesmo tempo, ainda se deseja que as moças sejam “respeitáveis”, que saibam “impor limites”. A separação entre “boas moças”, “moças de família”, aquelas “para casar”, das outras, embora pareça ultrapassada, pode ainda ser vista na cultura juvenil. Exemplo contemporâneo pode ser encontrado na rede social Orkut, em que são populares comunidades intituladas “Eu sou para casar”⁶⁴, “Eu realmente sou para casar”⁶⁵, aludindo a essa distinção de comportamentos femininos.

O assunto sexo não é comum nas conversas entre as entrevistadas e seus pais, irmãos e amigos. Entre os assuntos sobre os quais conversam com os pais, o mais recorrente é a própria família, citada por três (Bruna, Natália e Raquel). Novela/ televisão são temas de Camila e Carol, e a educação dos filhos, das mães de Camila e Emanuele. Interessante notar o contraste entre os tópicos das conversas das irmãs Bruna e Camila e seus pais: a primeira fala

⁶⁴ Diversas são as comunidades assim intituladas. Disponível em: <<http://www.orkut.com.br/Main#UniversalSearch?origin=box&q=eu+sou+pra+casar&pno=2>> Acesso em 24 jan. 2010.

⁶⁵ Mais de 90 mil membros. Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=864722>>. Acesso em: 24 jan. 2010.

de questões locais, como a família e os vizinhos, enquanto a mais velha trata de atualidades do mundo e desemprego. Com a tia, Natiele diz que divide suas tristezas, mas não a considera como sua mãe, mas sim como uma amiga, até mesmo pela pequena diferença de idade, de apenas três anos. Outros assuntos tratados em família são “coisas de mulher” (Carol), escola (Cauane), relacionamento com marido (Emanuele), saúde da mãe (Paola) e sexo (Cauane), tema sobre o qual a jovem conversa apenas com a madrasta.

Bruna conta que não se sente à vontade para falar de escola e namoro com os pais. Raquel também não tem intimidade para dividir seus pensamentos com seu pai ou com a madrasta, o que fazia com a mãe. Atualmente, conta não ter ninguém com quem conversar abertamente sobre seus sentimentos. De forma semelhante, a irmã, Lucielen, costumava dialogar com a mãe sobre o noivo, mas, atualmente, após a morte da mãe, não conversa com ninguém sobre isso. Carol, Cauane e Rafaela são as que demonstram mais entrosamento com os pais. Carol garante não ter segredos, especialmente com a mãe, com quem compartilha seus pensamentos. Rafaela garante que conversa sobre tudo com os pais, esclarecendo suas dúvidas com eles, e eles com ela. Cauane também afirma ter muita intimidade com a madrasta e prefere dividir seus pensamentos com ela do que com alguma amiga.

Nunca tive retração nenhuma de conversá com eles, sempre que eu tive alguma coisa pra falá, eu sempre falei, nunca escondi nada, nunca deixei de falá alguma coisa, sempre fui aberta com eles. (Carol).

Não confio em amiga, não confio mesmo. Às vezes fico com o pé atrás, sabe? [...] Fico sempre pra mim ou falo pra minha madrasta. (Cauane).

Com os irmãos, conversam sobre namoro/ casamento (Bruna, Camila, Emanuele e Rafaela). Como assuntos prioritários, logo após, vêm os tópicos estudos (Cauane, Natália e Rafaela) e filhos (Emanuele e Paola). Ainda são mencionados novela (Carol), família (Carol), atualidades (Carol) e festas (Cauane). Lucielen conta que conversa muito pouco com os irmãos, visto que Raquel está sempre na igreja e o irmão passa a maior parte do tempo jogando futebol.

As entrevistadas, ocupadas com suas atividades, dizem que sobra pouco tempo para amizades. Algumas afirmam ter poucas ou nenhuma amiga. Também não demonstram relacionar-se com vizinhos. É o caso de Letícia, que diz que sua única amiga é a sobrinha do marido (Natiele), que morou alguns meses com a família. Paola também mostra ter poucas relações de amizade. Segundo ela, a pessoa com quem conversa em seu dia-a-dia é a ex-babá do filho, uma senhora de quase 50 anos.

Entre os assuntos que as entrevistadas mais conversam com suas amigas estão festas (Bruna, Cauane, Natália e Rafaela), marido/ namorado/ garotos (Bruna, Camila, Carol, Paola e Rafaela), novela (Camila e Carol), estudos (Carol e Cauane), futuro (Carol e Rafaela) e filhos (Camila e Letícia). Outros temas citados foram trabalho (Natália), notícias (Natália), problemas pessoais (Natiele), Igreja (Raquel), roupa (Raquel), sexo (Emanuele) e virgindade (Lucielen). Sobre este último tópico, Lucielen conta que, um dia, ela e as amigas estavam conversando sobre virgindade na sala de aula e a professora perguntou às alunas quem era virgem.

E daí? Aí que tá, todo mundo era virgem naquela hora, né? Claro (risos).

Li: E de verdade...

Lu: De verdade posso dizê que nenhuma de nós era. Eu não ia contá com aquele monte de guri na sala, depois eles ficam muito arriado. (Lucielen).

Entre as conversas mais rotineiras, é possível separar os assuntos relacionados às esferas pública e privada. Quatro tópicos estão entre os que se referem ao público: estudos, trabalho, Igreja e notícias, sendo que nenhum foi citado mais de uma vez. De outro lado, os temas referentes às relações íntimas são filhos, roupas, vida afetiva, problemas pessoais, festas, sexo e virgindade, sendo que a maioria teve duas menções ou mais.

Antes de concluirmos esse tópico, destacamos o papel da beleza para a sexualidade feminina, uma vez que é a “arma de conquista” feminina. A beleza é vista como uma vantagem da mulher em relação ao homem (Bruna, Cauane, Emanuele, Letícia, Lucielen, Natália, Natiele, Paola, Rafaela e Raquel), uma vez que, na ótica das jovens, cuidar-se e estar bela é uma das melhores coisas de ser mulher. As informantes pensam que não há uma cobrança sobre a aparência feminina, a mulher se cuida porque quer estar bem consigo mesma.

Se a gente não cuidá da gente, ninguém vai cuidá. Acho que a mulher tem que se senti bem, acima de tudo, se ela não se senti bem, ninguém vai enxergá ela ali, ela vai tá sempre caída, sem ânimo nenhum. (Bruna).

A mulher tem que tá bonita, tem que saí de casa bonita, tem que levantá de manhã se olhá no espelho e tem que se achá bonita. (Emanuele).

Eu não sei, eu acho assim, não sei, a mulher tem que sê vaidosa, não adianta. (Lucielen).

A gente tem se dá o valor, tem que se cuidá, tem que se pintá, tem se arrumá. Mas não também passá o dia inteiro arrumada e não fazê nada pela vida, né? Depois que fez o teu serviço, toma um banho, se arruma, né? Se é casada, pra esperá o marido. (Natiele).

Para Bourdieu (2007, p. 82), é a dominação masculina que coloca as mulheres em constante estado de insegurança com seu corpo, uma vez que são percebidas como objetos para serem vistos e apreciados. Isto é, as mulheres existem para o olhar dos outros, “enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis”. O cuidado com a aparência é, assim, obrigação da mulher.

Natiele e Raquel não acham ruim que a mulher “queira estar sempre bonita”, mas consideram que deveria haver igualdade entre homens e mulheres, e eles também deveriam se cuidar mais. Apenas duas entrevistadas demonstraram alguma contrariedade ao modelo de beleza imposto à mulher (Carol e Camila), analisando que há, em alguma medida, uma obrigação e uma cobrança para a mulher estar bonita.

Hoje em dia tudo as modelo, tudo essas mulher que aparece na televisão, tudo influi. Daí cada ano, cada época, tem um estereótipo de mulher. Tem anos que é o estereótipo da modelo, aquela magrinha, bonitinha. Outros, tipo mulher melancia, aquelas mulher que têm bundão, peitão. E outros que têm que têm rostinho de boneca. O mercado influi na cabeça das pessoa, as propagandas, as novelas, os telejornal, tudo isso aí que aparece influi muito. Aí a própria mulher se sente, a mulher comum, a mulher normal, se sente naquela obrigação ‘ai, porque tá na moda, porque eles acham bonito, porque chama a atenção’. (Carol).

A categoria *relacionamento homem-mulher/ sexualidade*, aqui analisada, é menos uma fonte mediadora, como *família e amigos e trabalho e escola*, e mais o produto dessas mediações, uma vez que, através dela, temos pistas para compreender de que forma a mediação da socialidade conforma o comportamento feminino.

Suas opiniões sobre sexualidade demonstram grande semelhança àquilo que é apresentado nas novelas: a virgindade perde importância e a infidelidade segue sendo condenada. De qualquer forma, o sexo continua relacionado ao amor. Embora apenas uma informante pense em casar virgem, seguindo os preceitos da sua religião, sete julgam importante a primeira vez de uma garota, o que significa, para umas, escolher bem a pessoa com quem se terá relações sexuais e, para outras, tomar os cuidados preventivos necessários.

A infidelidade é vista como o maior erro que pode ser cometido em um relacionamento, significando “sem-vergonhice”, “falta de caráter” e “cafajestice”. Apesar da condenação à atitude ser unânime, cinco entrevistadas já traíram seus namorados, movidas por vingança ou porque não gostavam dos companheiros. Os motivos apontados pelas jovens servem para que não se enquadrem nos adjetivos que usam quando se referem a pessoas infiéis.

A maioria avalia que não há distinção entre a traição masculina e a feminina, embora algumas julguem a infidelidade feminina como ainda mais “feio”. É quase unânime (somente Raquel pensa diferente) a opinião sobre um “instinto masculino para a traição”, o qual pensam não existir.

4.5. REPRESENTAÇÕES DAS RELAÇÕES DE GÊNERO E DE CLASSE SOCIAL

Conforme dez entrevistadas, “subir na vida” é uma questão de competência pessoal. Carol e Raquel são as únicas que têm opinião divergente. Enquanto a maioria pensa que, desde que haja persistência, é possível ascender socialmente, as duas levam em consideração outros elementos que dificultam aos pobres melhorarem de vida. Mesmo assim, a valorização do mérito, que se refere ao esforço pessoal para estudar, conseguir um bom trabalho e dedicar-se a ele, não deixa de fazer-se notar em suas respostas, o que é, na verdade, coerente com a ambição das informantes de ascender socialmente.

Não basta querê e não tê oportunidade. Se tu não tivé oportunidade não vai consegui subi na vida. Precisa de oportunidade. [...] Tu tem diploma em casa e tá desempregado: tu quis, tu te esforçô pra sê uma pessoa bem-sucedida, mas tu não teve oportunidade. Então depende muito das oportunidades também que te dão, né, das portas que se abrem ou não. Acho que depende de muitas coisa, não só de ti. [...] Querer acima de tudo, e no teu íntimo tu dizê que vai consegui, que vai ser uma pessoa bem-sucedida. Se for um derrotado já no teu espírito e dizê que tu não vai consegui, não vai consegui mesmo né? (Raquel).

A maior parte das garotas expressa uma visão hegemônica a respeito da pobreza, pois relaciona a posição social quase a uma escolha pessoal: há aqueles que “optam” por subir na vida, e para isso esforçam-se e, conseqüentemente, alcançam o que almejam; e há aqueles que não se esforçam e, portanto, não merecem ascender, e continuam pobres.

Se trabalhá, tem dinheiro, se não trabalhá, não tem. [...] A gente vê, por causa do presidente aquele dos Estados Unidos né? Ele era pobre, ele estudô, estudô, fez, ele teve a oportunidade de subi na vida e ele conseguiu, tanto que ele já é presidente. Então, acho que crescê na vida, sê uma pessoa melhor, acho que vai da competência da pessoa, se a pessoa lutá e dizê ‘é aquilo que eu quero’, ela consegue. (Camila).

É muito do esforço. Passa por muita coisa, depois tu chega lá e diz ‘bá, mas valeu a pena tudo que eu passei’. (Cauane).

Se tu tiver força de vontade, tiver esforço, tu consegue tudo na tua vida, nada é impossível. Tudo aquilo que tu queres, tu consegues, basta tu usares a tua cabeça. (Emanuele).

Subir na vida depende da gente, depende do nosso desempenho. (Lucielen).

Cinco informantes pensam que os pobres no Brasil têm as mesmas chances de subir na vida que as demais classes (Bruna, Camila, Lucielen, Natália e Paola). Entre elas, sobressai o pensamento de que, com esforço, é possível igualar as oportunidades.

Basta querê, né? (Bruna).

Se o pobre lutar e ir atrás do que ele quer, acho que ele pode igual o rico. Porque o rico, o dinheiro não cai do céu, ele trabalha pra conseguir também, é igual o pobre. Se o rico tem dinheiro ele igual não pode pagar pra entrar na faculdade, um vestibular, né? (Camila).

É só querê e lutar, ir atrás que consegue, porque aquela pessoa que subiu na vida, ela subiu lutando, correndo atrás do que ela queria, e ela conquistou: 'Isso eu consegui com trabalho, suor e esforço'. (Natália).

Hoje em dia, tem um monte de coisa, tem PROUNI, né? Que eu ouvi falar, tem bolsas de estudo. Se trabalhá, tu pode adquirir as mesmas coisas que ele [o rico], mas só trabalhando, só estudando. Acho que tu tem as mesmas chances, mas tem que se dedicar, né? Assim como o rico também, o rico não vai chegar lá e se formar em doutor sem ter feito prova, sem ter feito a mesma coisa que o pobre fez. Eu acho que educação, nesse ponto, tá a mesma coisa pra todo mundo. (Paola).

As outras sete entrevistadas pensam que os menos aquinhoados podem mudar de vida, mas as chances não são as mesmas.

É difícil, é difícil um pobre se tornar uma pessoa que nem os outros que têm dinheiro já. É difícil, o pobre tem que suar muito, trabalhar muito pra conseguir tudo isso, senão, não consegue nada, não alcança nada que quer. (Natiele).

Tem chance, mas às vezes não as mesmas, porque o dinheiro compra muita coisa, né? Às vezes, uma pessoa que tem dinheiro vai lá e compra. O pobre não, o pobre tem que ir, conseguir chegar lá e conquistar por mérito. [...] Os pobres são em desvantagem. (Raquel).

Metade das garotas (Bruna, Camila, Cauane, Emanuele, Natália e Paola) avalia que nenhum governo pode solucionar o problema da desigualdade econômica porque ela é consequência da diferença natural entre as pessoas. A justificativa é de que a promoção social dos pobres depende deles, não do governo. Além disso, consideram a desigualdade social algo natural.

Acho que é natural, quem botou isso foi Deus, né? (Bruna).

Não depende tanto do governo, acho, todo mundo bota culpa 'é porque não tem emprego, porque não tem isso, não tem aquilo'. Mas eu acho que não, e se o governo ajudá todo mundo a sê rico? Daí não vai tê ninguém pra trabalhá. O governo faz uma faxineira ficá rica, daí não tem ninguém pra limpá a casa daquele deputado, aquele advogado. Acho que o governo não tem culpa. (Camila).

Acho que a pessoa tem que trabalhá, estudá, fazê o possível. Não ficá ganhando pelas costa do governo. (Cauane).

A outra metade (Carol, Letícia, Lucielen, Natiele, Rafaela e Raquel) discorda da 'naturalização' das desigualdades sociais. Elas analisam que o governo pode fazer muito para mudar, amenizando as diferenças sociais. Quem melhor expõe essa ideia é Raquel.

É que, na verdade, se tornou natural por causa da corrupção dos governos, que deixam, permitem que isso aconteça, de um rico tê mais possibilidades do que um pobre, dar mais chances prum rico do que prum pobre. Acho que eles poderiam sim fazê muita coisa pra mudá isso. (Raquel).

Ainda expressando suas opiniões sobre as causas da pobreza, as garotas elencaram os motivos pelos quais os jovens não conseguem emprego. Para oito (Bruna, Carol, Cauane, Emanuele, Letícia, Natália, Natiele e Rafaela), a principal razão para ficarem desempregados é a falta de estudo. Outras causas da pobreza apontadas por duas ou mais entrevistadas foram preguiça (Natiele, Paola e Raquel); falta de oportunidades (Carol e Raquel); não há emprego para todos (Lucielen e Natiele); e irresponsabilidade por parte dos desempregados (Natália e Paola). Natiele ainda enfatizou a falta de dinheiro para investir em cursos de qualificação; Emanuele indicou o racismo como obstáculo para que empregadores contratem negros; e Camila ressaltou a falta de experiência para lograr o primeiro emprego. Paola, por outro lado, só mencionou causas pessoais para o desemprego juvenil: preguiça, irresponsabilidade, orgulho – que os impede de aceitar começar por baixo – e dependência de benefícios governamentais. Carol destaca que os jovens abonados são os que têm mais condições para estudar e se qualificar, e por isso conseguirão melhores empregos, mesmo que não necessitem do salário para sobreviver.

O jovem que tem mais chance de estudá, de pagá cursos, cursinho de inglês, cursinho de informática, um outro cursinho melhor, tá com um currículo bom, então por menos que ele precise dum emprego, vai consegui. Mas muitas pessoas que precisam de emprego não podem pagá um curso, pra tê um curso precisa pagá e pra pagá precisa dum emprego e dinheiro. Então não tem como, entendeu? Então aquele que já tem mais, já passa na frente. (Carol).

Assim, é possível separar aquelas que explicam a pobreza a partir de causas individuais das que ressaltam causas estruturais. Considerando a visão hegemônica como aquela que atribui ao indivíduo total responsabilidade por sua situação econômica, duas entrevistadas demonstram uma visão dominante para o desemprego juvenil (Natália e Paola). Indo ao encontro do que Hall (2003) afirma, a maior parte executa uma leitura negociada da pobreza, relacionando agentes individuais e estruturais (Bruna, Camila, Cauane, Letícia, Natiele, Rafaela e Raquel). Carol, Emanuele e Lucielen relacionam o desemprego dos jovens apenas a razões referentes à estrutura social, efetuando uma decodificação opositiva.

Ronsini; Sifuentes; Neves (2007) destacam a prevalência de um modelo no qual a mídia contribui para a formação de uma ideologia do desempenho. Telenovela, família e escola colaboram para que os jovens acreditem na superação dos problemas sociais e na ascensão de classe social por intermédio de qualidades pessoais, como persistência e esforço. Neste modelo,

Os receptores são estimulados a acreditar que a cidadania é o exercício da escolha individual, e o bem-estar pessoal, consequência da habilidade para escolher, de forma que mazelas como a pobreza e o sofrimento são resultantes de decisões inadequadas. (RONSINI; SIFUENTES; NEVES, 2007, p. 157).

Galeano escreve algo semelhante ao refletir que a mídia colabora para aprofundar as desigualdades, (re)produzindo que a pobreza é um fracasso pessoal ou então uma fatalidade, e não fruto da injustiça. Condena, assim, os pobres, não a injustiça social. Os pobres são os incompetentes, prega o discurso dominante (GALEANO, 2006).

Ser mulher tem diversos significados para as entrevistadas. Ter muitas responsabilidades e dar conta de muitas tarefas, como o trabalho, os filhos e a casa, é a principal representação da mulher atual para cinco (Camila, Carol, Emanuele, Natiele e Paola). As garotas lidam com essa representação de forma ambígua, pois ao mesmo tempo em que demonstram uma admiração pelo modelo, sabem a sobrecarga que ele acarreta.

Tê a tua profissão, em primeiro lugar. Eu acho que hoje em dia a mulher precisa ajudá em casa também, o marido, né? Pra sê mulher hoje em dia, a mulher, pra mim, tem que tê uma boa qualificação profissional, trabalhá, tê o seu dinheiro, tê o seu próprio dinheiro, sua própria independência e sê uma boa mãe de família, uma boa esposa.

L: E tu acha que essas preocupações, que tu falou da mulher, são as mesmas para os homens?

C: Não, o homem é mais preocupado com a profissão mesmo, com ele, com os negócios, do que com a casa, com os filhos. (Carol).

A minha cunhada mesmo, ela cuida de neto, ela cuida da família, ela estuda, ela trabalha, olha, pra mim acho que isso seria exemplo de mulher. E ainda arruma aquele tempo, assim, pra ela ir no cabeleireiro, arrumá a unha, sabe? Se cuidá, e tá sempre feliz da vida. Eu acho que pra mim o exemplo de mulher, hoje em dia, seria isso. Eu não consigo fazê isso... sabe?

L: E tu acha que é bom ser assim?

P: Acho que é bom, tu cansa, mas depois se tu for pará e olhá pra trás, tu vai se dá por contente que tu conseguiu fazê tudo que tu queria, entendeu? [...] Se tu for pára pra vê, a mulher tem mais obrigação do que o homem, não é que isso seja mais obrigação da mulher que do homem, mas, o mundo fez eles ficarem lá em cima e tu lá embaixo. Tu vai limpá a casa, tu vai fazê comida, tu vai dá banho no filho, entendeu? Apesar que, hoje em dia, os homem já tão fazendo a coisa meio parelho, mas tem ainda tipo o meu marido que não faz nada. (Paola).

Cauane, Rafaela e Raquel afirmam que a vaidade e o cuidado de si são o que mais caracteriza a mulher. Para Bruna, ser mulher significa ser mãe. Natiele considera que a coragem exprime o sexo feminino, e para Raquel, é a delicadeza. Natália pensa que é próprio da mulher estar sempre querendo surpreender e chamar a atenção. Cauane ressalta que a mulher contemporânea não pode esquecer de se dar ao respeito. Bruna e Camila avaliam que ser mulher hoje é bem diferente de quando a mãe era jovem. Bruna prefere como era antes, “na rédea mais curta”, mas Camila acha melhor a vida das mulheres atualmente, pois têm a opção de trabalhar e não depender do marido.

A prioridade da vida de uma mulher, segundo as jovens (Emanuele, Letícia, Lucielen, Natália e Raquel), deve ser a família. Cauane e Natiele avaliam que, se a mulher for mãe, o aspecto posto em destaque precisa ser os filhos. Para as garotas, no caso de não ter filhos, o mais importante pode ser o estudo (Cauane) ou “cuidar de si” (Natiele, Camila e Carol). Esse cuidado de si é resumido como uma preocupação com a saúde – física e mental, proporcionada, por exemplo, pela diversão – e com a beleza. Para Paola, suas prioridades, hoje, são o estudo e o trabalho, e, logo após, o filho. Para Bruna, que ainda não trabalha, o que deve ser colocado em relevo, na vida de uma mulher, é o trabalho. De modo mais amplo, Rafaela respondeu que sua prioridade é o futuro⁶⁶. Assim, percebemos uma distinção entre a valorização da esfera da vida íntima, relacionada à família e ao cuidado de si, por oito mulheres, e a vida pública, ligada ao trabalho e ao estudo, salientada por apenas três garotas.

A mulher brasileira é comumente exaltada como “guerreira”, característica relacionada à persistência. As entrevistadas (Camila, Carol, Emanuele e Rafaela) destacam essa qualidade como a que mais representa as brasileiras, assim como a beleza (Letícia,

⁶⁶ Pode referir-se tanto à esfera pública quanto à privada.

Lucielen, Natália e Paola), a simpatia (Cauane, Emanuele e Natália), a espontaneidade (Bruna, Cauane e Raquel), a alegria (Raquel) e serem “soltas” (Lucielen).

O principal exemplo de mulher das entrevistadas são suas mães. Oito jovens consideram que as mães servem como modelo para encaminharem suas vidas (Camila, Carol, Cauane, Emanuele, Lucielen, Natália, Paola e Rafaela). Em todos os casos, enxergam nelas “mulheres fortes”, que conciliam, ou conciliaram, o trabalho com o cuidado da casa, dedicando-se à família e sendo amorosas com os filhos, sabendo portar-se da maneira certa nas diferentes áreas de suas vidas. A mesma justificativa foi usada por Letícia, Natiele e Raquel, que indicaram uma vizinha, a avó e a pastora, respectivamente. Para Lucielen, sua mãe tornou-se um exemplo ainda maior pelo modo como encarou a doença (câncer) que terminou com sua vida.

Minha mãe... vendo o jeito que ela trabalhava e ainda chegava e tinha que tê roupa limpa, comida, sabe? Então tu via que o serviço era pesado. (Camila).

A minha mãe, a minha mãe é guerreira, é positiva, acredita no amanhã, naquilo que ela pode fazê, ela é confiante, sabe? E ela trabalha fora, mas ela sempre cuidô de mim, da minha irmã, da casa, cuida até hoje, graças a Deus. (Emanuele).

Minha mãe, minha mãe... porque ela criô, depois que ela separô do meu pai, ela criô nós sozinha... sempre trabalhô, nunca precisô de ajuda de ninguém, sempre se virô, acho que ela é um exemplo. (Natália).

A pastora da minha igreja, ela é uma mulher que multiplica o tempo dela. Ela tem jogo de cintura, ela é comunicativa, ela é engraçada, ela é séria quando tem que ser, ela ajuda todo mundo. Ela cuida da casa dela, ela cuida dos problemas dela, cuida do problema dos outros. Então assim, na verdade ela é quase uma superheroína, de tanta coisa assim que ela faz, e nunca acha ruim. Ela é a única pastora mulher na igreja, ela tem uma liderança muito grande. [...] e ainda tem o tempo de lazer dela. (Raquel).

A carência econômica, obstáculo cotidiano importante, colabora para que essas mulheres sejam modelos, pois, além de tudo, enfrentaram dificuldades econômicas durante suas vidas inteiras. Com critério diferente, Bruna escolheu a atriz Juliana Paes como seu exemplo de mulher, pois reúne atributos como beleza, competência profissional e realização pessoal.

Cada entrevistada definiu, de algum modo, as principais diferenças entre homens e mulheres. O homem é mais namorador (Bruna); a mulher é mais fraca (Camila); os homens são mais valorizados profissionalmente (Carol); o homem pode falar o que quiser (Cauane); a mulher tem menos liberdade (Emanuele); o homem está sempre na rua (Letícia); o homem é

“duro na queda”, enquanto a mulher é emotiva (Natália); o homem não se preocupa tanto com os filhos (Natiele); e as mulheres são mais batalhadoras (Rafaela). Todas as distinções apresentadas representam vantagens masculinas. Paola e Raquel garantem que as diferenças não existem mais. Todavia, logo em seguida a essa afirmação, Raquel admitiu que ainda há um pouco de machismo em nossa sociedade, e Paola reclamou da falta de reconhecimento à mulher, especialmente por maridos como o seu, que não valoriza o trabalho que ela faz em casa.

Letícia, Lucielen e Natiele não gostam de ser mulher, e preferiam terem nascido homem. Bruna, mesmo gostando de ser mulher, afirma que não há nenhuma vantagem em ser do sexo feminino. Letícia mostra-se angustiada com a “vida de mulher” e a incompreensão do marido.

Ser mulher? Ah, eu não queria sê mulher, queria sê homem, porque a mulher, ei, tá loco! A mulher passa muita coisa que o homem não passa, nem a metade.

Li: Tu acha que a tua vida teria sido diferente se tu fosse homem?

Le: Ah, teria, bã! Como teria!

Li: O que tu acha de ruim em ser mulher?

Le: A gente fica só em casa, provoca muita tristeza, muita angústia, coisa profunda, assim, fica um aperto no peito. E a gente tenta conversá com o esposo da gente, só que não entende, se a gente fala com uma mulher, ela já entende. (Letícia).

Eu queria tê nascido homem mesmo, né? Mas foi o que Deus quis, não dá pra fazê nada. (Lucielen).

É ruim! Eu tenho pavor de sê mulher! Ui! Não gosto de sê mulher, é ruim. Mulher sempre tem que sofrê o pênalti: a mulher que tem que ganhá o filho, a mulher que tem que ficá em casa fazendo serviço de casa, a mulher que tem que atendê o marido, é a mulher que tem que tá aturando a TPM, é tudo mulher, homem não passa por nada disso. [...] A parte boa fica pro homem: o homem sai de casa, vai trabalhá fora, chega cansado, tem a mulher em casa pra atendê. (Natiele).

Outras, no entanto, sentem-se privilegiadas por ser mulher. Rafaela, por exemplo, considera que em tudo é melhor ser mulher. Ser mãe é o melhor de acordo com Carol, Cauane (que não é mãe) e Paola. Outras vantagens enfatizadas são ter muitas amigas (Lucielen), ter a opção de ser dona de casa e não trabalhar (Camila) e ser respeitada por ser dona de casa (Emanuele). Mas o principal aspecto da feminilidade que destacam é o cuidado de si (Camila, Cauane, Natiele, Paola e Raquel). Para Cauane e Raquel, estar bonita é ainda um prazer.

Sê mulher é muito bom [...]. Adoro me cuidá, botá brinco, passá lápis de olho. Sê mulher pra mim é muito bom. [...] Do jeito que eu sô, acho que é bom, né? Já pra outras não sei, né? Porque eu sei até que ponto eu vô. Se tem um monte de guri na esquina eu fico com a cabeça em pé porque não tem nada pra falá de mim. (Cauane).

Eu amo ser mulher, eu gosto muito de ser mulher. Eu gosto, acho bonito esse negócio de beleza, da delicadeza da mulher... sabe? Eu não saberia ser homem. Ai, o homem é tudo de qualquer jeito, não se preocupa com nada. Eu gosto de pentiá meu cabelo, eu gosto de fazê escova no meu cabelo, de me pintá, de botá roupa bonita, sabe... de ser mulher! (Raquel).

Além da vaidade, Raquel considera saber ser cuidada pelo homem um aspecto importante da mulher, visto que a essa cabe a denominação de “sexo frágil”.

Acho que isso é uma coisa legal de sê mulher, de tê o cuidado do teu parceiro, de sentir assim que tu é mais frágil, a mulher tem que sentir isso porque ela é realmente mais frágil. [...] Acho que a mulher tem que se colocá no lugar de mulher mesmo, de esposa, que é de tá debaixo das asas do homem. É bom se sentir a parte mais frágil, de tu saber que ‘ai, ele vai me proteger’. (Raquel).

Entre as piores facetas da feminilidade, apontadas pelas informantes, estão o compromisso com a casa (Camila, Cauane, Letícia, Lucielen e Natiele), a discriminação profissional (Carol e Emanuele) e a menor liberdade, quando comparada ao homem (Cauane). A respeito das adversidades enfrentadas no trabalho, Carol reclama, especialmente, dos menores salários destinados ao sexo feminino, uma injustiça social que obriga as mulheres a qualificarem-se mais para ganharem o mesmo ou menos que os homens. Ela é quem mais destaca esse ponto, talvez por ser a que estava inserida em um mercado onde convivem homens e mulheres, e em que, normalmente, os homens são os chefes e as mulheres são as auxiliares (secretárias). Na perspectiva biológica, o pior que a mulher enfrenta é a gravidez e o parto (Camila, Letícia e Rafaela), o risco de engravidar (Bruna), a tensão pré-menstrual (Natiele), a menstruação (Paola) e a menor força física (Raquel).

Perspectiva semelhante é apresentada por Chauí (1996, p. 145-146). Uma pesquisa, relatada pela autora, indagou a trabalhadores urbanos de grandes cidades brasileiras sobre as vantagens e desvantagens de ser homem e mulher. Os resultados mostraram que, segundo as mulheres, as vantagens de ser mulher são “ser sensível, ser frágil, precisar de proteção, maternidade, dedicar-se à casa e aos filhos, ser amada pelo marido e pelos pais”. Para elas, as desvantagens de ser mulher são “ter muitos filhos, ficar na dependência e sob vigilância de pais e maridos, não ter liberdade, ser forçada ao ato sexual sem ter vontade, ficar na casa e, quando trabalhadora fora de casa, a dupla jornada de trabalho”. Para os homens, as vantagens

de pertencer ao sexo masculino são “ser livre e independente, ser responsável, não menstruar, não engravidar, poder sair pelas ruas, ter uma profissão”. As desvantagens, conforme eles mesmos, são “ser forçado a prover e proteger a família, não ter direito de chorar, errar, falhar e ter medo, ter que cumprir as exigências da profissão”.

O que Chauí destaca é que as vantagens das mulheres são as vantagens masculinas invertidas, ou seja, as características relatadas como vantajosas por homens e mulheres são exatamente opostas, e, mesmo assim, consideradas positivas por cada grupo. Além disso, as desvantagens citadas seriam a experiência concreta das vantagens, isto é, o ônus ocasionado pelas vantagens. Tal interpretação retrata a contradição entre a idealização (as vantagens) e a realização (as desvantagens).

Tanto no relato de Chauí quanto nas respostas das entrevistadas, é visível a dicotomia entre a vida privada e a vida pública. A caracterização da vida feminina está atrelada à esfera doméstica, tanto em 1986, quando o livro foi lançado, quanto em 2009, quando as entrevistas deste trabalho foram realizadas.

Tendo em vista os posicionamentos das jovens acerca da pobreza e das relações de gênero, hierarquizamos as leituras sobre ambos os temas em *críticas*, *pouco críticas* e *acríticas*. Conforme exposto na seção “1.2. Registros Metodológicos”, fazemos uso do modelo *Encoding and Decoding*, de Stuart Hall (2003) – em que concebe que os indivíduos realizam leituras preferenciais, negociadas ou opostas – como metodologia para essa análise, a partir da atualização desenvolvida por Ronini *et al* (2009). Entendemos, como as autoras, que as jovens críticas percebem “as causas estruturais da pobreza em detrimento das capacidades individuais para evitá-la ou superá-la”; as pouco críticas caracterizam-se “pela percepção oscilante entre considerar causas estruturais e individuais” (RONSINI, 2009, p. 139); e as acríicas atribuem ao indivíduo a responsabilidade total pela posição de classe que ocupam na hierarquia social.

Para a análise da criticidade acerca da pobreza, recorreremos a algumas questões, já descritas neste capítulo, em que esses modos de pensar são mais claros e significativos: 1) Consideram que “subir na vida” é uma questão de competência pessoal?; 2) Avaliam que pobres têm as mesmas chances de ascender socialmente que as demais classes? 3) Pensam que nenhum governo pode solucionar o problema da desigualdade social porque ela é uma consequência da diferença natural entre as pessoas?; 4) Relacionam as causas do desemprego juvenil a questões individuais, individuais e estruturais, ou estruturais?. Essas questões foram formuladas pelo grupo de pesquisa coordenado por Ronsini para classificar a criticidade dos

entrevistados (jovens urbanos de classes popular e média), possibilitando verificar as leituras da classe social.

Tabela 8 – Criticidade acerca da pobreza

	Questão de competência	Chances são as mesmas	Desigualdade e governo	Desemprego juvenil	Criticidade
1. Carol	C	C	C	C	C
2. Raquel	C	C	C	PC	C
3. Letícia	AC	C	C	PC	PC
3. Natiele	AC	C	C	PC	PC
3. Rafaela	AC	C	C	PC	PC
6. Emanuele	AC	C	AC	C	PC
7. Cauane	AC	C	AC	PC	PC
8. Lucielen	AC	AC	AC	C	AC
9. Bruna	AC	AC	AC	PC	AC
9. Camila	AC	AC	AC	PC	AC
11. Natália	AC	AC	AC	AC	AC
11. Paola	AC	AC	AC	AC	AC

Como se nota, uma pequena parte, apenas duas jovens, possui representações críticas da pobreza. Cinco entrevistadas mostram-se pouco críticas em relação aos modos de ler a carência econômica, e outras cinco são acríicas, pois colocam exclusivamente sobre os indivíduos pobres a responsabilidade por sua situação social. A maior parte delas, portanto, reproduz a ideologia do desempenho.

A hipótese expressa em “Muito além do Jardim Botânico”, estudo sobre a recepção do *Jornal Nacional* por trabalhadores, é de que “o conhecimento pessoal dos assuntos tratados no vídeo faz com que o trabalhador apresente um senso crítico mais elaborado em relação à TV especificamente no que se refere àquele assunto.” (LINS DA SILVA, 1985, p. 114). Contudo, caso essa hipótese fosse confirmada neste trabalho, as jovens precisariam ser mais críticas acerca das relações de gênero e, principalmente, no que se refere à pobreza. Apesar da situação de carência econômica que as entrevistadas enfrentam, elas reproduzem o discurso que afirma que, para ascender socialmente, basta haver esforço pessoal. Ao mesmo tempo,

consideram suas famílias, em especial suas mães, batalhadoras. Sendo assim, suas famílias não deveriam não ser pobres? Desse modo, percebe-se que não é o conhecimento acerca da pobreza que faz com que eles exponham ideias críticas sobre as diferenças sociais.

No estudo das apropriações referentes às relações de gênero, temos como referência a reflexão de Mattos sobre a mulher moderna:

A mulher moderna é aquela que se caracteriza por construir sua identidade a partir do trabalho e compreender as relações entre ela e os homens como um fim em si mesmo. [...] O trabalho, tanto na sua dimensão econômica quanto na sua dimensão existencial, seria para a mulher moderna sua principal fonte de reconhecimento social. (MATTOS, 2006, p. 172).

Ademais, tomamos como um pensamento crítico das relações de gênero aquele direcionado à construção de uma relação mais igualitária entre homens e mulheres, em termos de: 1) não realizar uma separação estanque mulher - esfera privada, homem - esfera pública, ou seja, não resume a mulher às funções de mãe e dona de casa, e o homem à função de trabalhador/provedor; e 2) não empregar morais diferentes para o comportamento feminino e o masculino. Para essa análise, são usadas 18 questões respondidas pelas jovens nas entrevistas, que são sintetizadas em quatro categorias: maternidade, trabalho, sexualidade e beleza.

Tabela 9 – Criticidade acerca das relações de gênero

	Maternidade	Trabalho	Sexualidade	Beleza	Criticidade
1. Natiele	C	C	C	PC	C
2. Camila	PC	PC	C	C	C
2. Carol	PC	PC	C	C	C
4. Bruna	PC	C	C	AC	PC
4. Paola	PC	C	C	AC	PC
4. Cauane	C	C	PC	AC	PC
7. Letícia	PC	PC	C	PC	PC
7. Natália	PC	PC	C	PC	PC
9. Lucielen	PC	PC	C	AC	PC
10. Emanuele	PC	PC	PC	AC	AC
10. Raquel	PC	PC	AC	PC	AC
12. Rafaela	AC	PC	PC	AC	AC

As entrevistadas mostram ser mais críticas no que se refere às relações de gênero do que de classe social. Três delas (Natiele, Camila e Carol) são críticas acerca da dominação masculina, seis (Bruna, Paola, Cauane, Letícia, Natália e Lucielen) são pouco críticas e outras três (Emanuele, Raquel e Rafaela) são acríticas. A principal influência para esse resultado é que as garotas não concordam com algumas formas de diferenciação entre homem e mulher, e realizam um julgamento moral semelhante para ambos. Leitura contrária se verifica acerca da beleza, visto que elas concordam que estar bela é uma “obrigação” feminina, mais do que masculina, e que não há problemas nessa diferenciação. Consideram que as mulheres se preocupam tanto com a aparência somente porque gostam e são naturalmente mais vaidosas. Em relação às categorias trabalho e maternidade, é possível inferir que o trabalho é valorizado, mas, como já foi afirmado, não significa independência, uma vez que o provimento da casa cabe ao marido. Quanto à maternidade, é o aspecto mais importante da vida da mulher e deve estar em primeiro plano, “parecendo estranho” quando uma mulher opta por não ser mãe.

Visando a compreender como as vivências se cruzam na conformação das apropriações femininas a respeito das relações de gênero e de classe, fizemos uma tentativa de dividir as entrevistadas em grupos de *família*, *escola* e *classe social*, as mediações empíricas deste estudo. A respeito da família, o que se percebe é que os ensinamentos sobre ser mulher e os exemplos femininos familiares são muito semelhantes, não há diferenças significativas nos relatos sobre os valores da educação familiar que permitam distinguir grupos. Acerca da escola, as experiências das jovens também não diferem de forma destacada, pois todas convivem com um “para e retoma” os estudos, não dedicam muito tempo a estudar fora do horário de aula e estudaram na mesma escola. Em relação à classe, as diferenças econômicas no grupo são pequenas e há salientada instabilidade econômica⁶⁷.

Além da dificuldade de separar as entrevistadas em grupos, visto a relativa homogeneidade entre as entrevistadas, o método qualitativo dificulta esse procedimento. Por exemplo, no caso de um número maior de jovens críticas pertencer a determinado “tipo de família”, poderíamos inferir que as informantes desse grupo familiar são mais críticas. Com o número reduzido da amostra, os resultados poderiam não ser verdadeiramente representativos e “enganar” a interpretação.

⁶⁷ Carol e Natália deixaram de trabalhar ao longo da pesquisa; Paola, Rafaela e Raquel iniciaram em um novo emprego; Camila separou-se do marido, que era pedreiro e colaborava com a renda familiar; o pai de Cauane separou-se da madrasta da jovem, que era cozinheira e recebia mais que o pai da jovem; Emanuele passou a morar sozinha com o marido, diminuindo a renda familiar, que antes contava com a ajuda da mãe e do pai dela.

Com esse contexto em vista, entendemos que em um estudo de etnografia da audiência, em que um pequeno grupo é investigado em profundidade, cada caso merece análise especial. Assim, concluímos que o mais correto é buscar, em uma avaliação detalhada da *socialidade* das entrevistadas, as justificativas para realizarem leituras específicas.

Primeiramente, a entrevistada Carol é a única a mostrar-se crítica acerca da pobreza e da dominação masculina, o que relacionamos a um capital cultural superior ao das demais informantes. Consideramos que a principal influência para que efetue leituras distintas da maior parte das entrevistadas é sua família. A mãe de Carol estudou em uma escola de freiras onde o interesse pela leitura era incentivado, o que a fez desenvolver o gosto por ler e escrever poemas, prática que cultivava até hoje. Carol afirmou que esse é inclusive o principal prazer de sua mãe. Suas irmãs são os únicos familiares (pais ou irmãos), entre as jovens entrevistadas, que concluíram o ensino superior. No que diz respeito à televisão, seus pais mostraram-se os mais participativos, orientando a filha sobre o que é ou não proveitoso assistir, de modo a extrair o que a TV tem de positivo. A jovem é a que menos tempo passa em frente à telinha, dedicando, segundo ela, quase o mesmo tempo ao consumo de livros e de televisão.

As apropriações de Raquel também se destacaram. A jovem mostrou-se crítica acerca da pobreza e acrítica no que se refere às relações de gênero. Foi possível perceber que o discurso da entrevistada estava quase todo marcado pela influência da Igreja. Frequentadora assídua de cultos e participante de diversas atividades da Assembléia de Deus, as palavras dos pastores e da Bíblia são recorrentemente citadas para justificar suas opiniões. Em relação à classe social, sua Igreja ensina que todos podem “mudar de vida”, mas para isso é preciso que recebam oportunidades. A garota considera que o esforço pessoal é importante, mas destaca que as pessoas não possuem as mesmas chances, e por isso não basta força de vontade para ascender socialmente. Valoriza causas estruturais para a desigualdade social. Sobre o comportamento feminino, contudo, salienta que a Bíblia ensina que a mulher deve ser protegida pelo homem, que é o provedor da casa.

Porque na Bíblia tá escrito que o homem é o cabeça, que a mulher tem que tá sob a ordem do marido. [...] Eu acho que a mulher é mais frágil que o homem, né? Acho que isso é uma coisa legal também de sê mulher, de tê o cuidado do teu parceiro, de sentir assim que tu é mais frágil, a mulher tem que sentir isso porque ela é realmente mais frágil. Acho que a mulher tem que se colocá no lugar de mulher mesmo, de esposa, que é de tá debaixo das asas do homem, se deixá sê cuidada pelo homem. (Raquel).

Camila faz leitura contrária, pois é crítica acerca da dominação masculina e acrítica sobre as causas da pobreza. A televisão destaca-se como sua principal fonte para efetuar tais interpretações. Os demais elementos de sua socialidade não se ressaltam em comparação às outras entrevistadas, especialmente em relação à Bruna, sua irmã. Camila vê televisão o dia todo e assiste a todas as telenovelas da Rede Globo, demonstrando grande conhecimento das tramas melodramáticas. O discurso da telenovela, conforme analisado no capítulo anterior, é predominantemente hegemônico no que se refere às classes sociais e negociado quanto a gênero. Em relação às leituras das causas da pobreza, Camila reproduz a ideologia meritocrática da mídia. No que se refere às relações de gênero, apresenta um posicionamento crítico, tomando elementos da telenovela de modo parcial e seletivo para compor sua interpretação.

A terceira jovem crítica acerca das relações de gênero é Natiele. Infere-se que seu posicionamento – contrário à submissão feminina, representada por ela pela maternidade e pelo casamento – está relacionado especialmente a suas vivências familiares. Natiele não foi registrada pelo pai, que não conhece, e perdeu a mãe vítima de AIDS há dois anos. Ademais, refere-se aos exemplos negativos de relações homem-mulher que conheceu na família e que não pretende reproduzir.

Foram relativamente homogêneas as leituras das demais entrevistadas, majoritariamente pouco críticas (Bruna, Cauane, Letícia, Natália e Lucielen) e acríticas (Rafaela e Emanuele) em suas posições sobre as relações de gênero; e pouco críticas (Letícia, Natiele, Rafaela, Emanuele e Cauane) e acríticas (Lucielen, Bruna, Natália e Paola) acerca das causas da pobreza. No que diz respeito às relações de classe social, absorveram o discurso da mídia, da família, da escola e de outras instituições, em que predomina a valorização do mérito pessoal, que acoberta as injustiças sociais, mesmo quando elas próprias são vítimas de tal desigualdade.

Sobre a dominação masculina, percebe-se o mesmo, uma vez que o senso comum ainda apresenta a divisão das tarefas masculinas e femininas como pré-determinadas pela natureza, havendo um apagamento do papel da cultura na conformação das identidades masculinas e femininas. A escola parece pouco influente, não fazendo discernimentos entre homens e mulheres, nem tampouco incentivando a igualdade entre os gêneros. Os pais ensinam suas filhas a serem, prioritariamente, boas mães e boas donas de casa. Batalhar para a manutenção da família é obrigação feminina, e nisso aparece o trabalho feminino, uma ferramenta para colaborar com a sobrevivência e com o conforto da família, e não uma forma de reconhecimento pessoal e autonomia.

Capítulo 5

RITUALIDADE: A RECEPÇÃO DA TELENOVELA

5.1. ESPAÇOS, MODOS DE VER E LER: A TV NO COTIDIANO

O espaço da TV na residência e os modos de ver televisão compõem um ritual de recepção, aspecto que terá incidência sobre a assimilação do produto telenovela. Mesmo antes da noção de ritualidade ser explorada por Martín-Barbero, Leal já empregava noção semelhante com centralidade em sua pesquisa “A leitura social da novela das oito” (1986). Para a autora,

A noção de ritual é aqui a que melhor define a prática regular da reunião de pessoas, onde cada uma ocupa um lugar determinado, observando uma convenção previamente estabelecida e onde há uma mobilização de afetos, emoções e atitudes que correspondem a expectativas criadas pela repetição contínua do próprio evento. (LEAL, 1986, p. 48).

Leal expõe que a TV regula, a partir da exibição das telenovelas, o cotidiano, organizando os horários da rotina diária, como o de jantar, tomar banho e relaxar. A autora também mostra a importância das disposições físicas no ambiente onde a família se reúne para ver a novela, no caso da assistência em família. A oscilação entre os momentos de silêncio e as brechas para comentários também colaboram na compreensão da recepção do produto. Em seu estudo, destaca as divergências entre o modo de ver TV das pessoas de classe popular e, de outro lado, das de classe dominante. A pesquisa que Leal realizou em 1986, permanece atual, uma vez que suas observações sobre a assistência da telenovela pelo grupo popular foram confirmadas nesta pesquisa.

Primeiramente, o próprio ambiente destinado ao aparelho de televisão deve ser levado em consideração. O televisor está sempre na sala e, em dois casos (Paola e Rafaela), também no dormitório do casal. Como se percebe com as fotografias, a TV, assim como os outros aparelhos de mídia, muitas vezes contrastam com o ambiente simples das residências, o que colabora para demonstrar a valorização da mídia para as receptoras e suas famílias, assim como para a classe popular de modo geral, que tem na televisão um símbolo de *status*. “O aparelho de televisão é ostentado como bonito porque ele é modernidade, e ostenta-se com ele o poder aquisitivo da posse a prestações” (LEAL, 1986). Atualmente, o televisor está presente

em quase todas as residências brasileiras, de modo que possuí-lo não é propriamente uma forma de distinção. O que proporcionará uma diferenciação será o modelo do aparelho, em alguns casos, com 29" e tela plana. Os elementos que cercam o televisor também são significativos, tais como símbolos religiosos e fotografias familiares, o que permite que seja inferida uma relação afetiva entre a televisão e a família.



Figuras 15 e 16 – Televisão e aparelhos de som e de DVD de Bruna e Camila



Figura 17 – Televisão e videocassete de Carol



Figura 18 – Televisão, videocassete e computador da casa onde Cauane está morando



Figura 19 – Televisão e aparelho de som de Emanuele



Figuras 20 e 21 – Televisão e aparelhos de som e de DVD de Letícia



Figura 22 – Televisão e aparelho de DVD de Lucielen e Raquel



Figura 23 – Televisão e aparelho de som de Paola



Figuras 24 e 25 – Televisão e aparelho de som de Rafaela

Após assistir à telenovela com quatro famílias, alguns aspectos se ressaltam quanto aos modos de ver o programa. O envolvimento com a trama é notório, seja por uma tímida emoção, perceptível em Carol, com olhos mareados ao iniciar o intervalo após a família de *Gonçalo*, de *A Favorita*, tomar conhecimento da morte do empresário; seja pela participação de Rafaela, sua sogra e seu cunhado, durante capítulo de *Caminho das Índias* em que *Julinha* revê o pai, *Raul*, que pensava estar morto. As chamadas da novela e o desenrolar da trama criaram um ambiente de expectativa na família, que mostrava aguardar com ansiedade o momento em que o reencontro ocorreria.

O envolvimento da família de Rafaela pode ser exemplificado pelas batatas fritas que a sogra deixou passar do ponto, pois não podia ficar na cozinha, precisava estar na sala, em frente à TV, acompanhando as revelações. Nos intervalos, eu e Rafaela íamos a sua casa⁶⁸ para conversarmos mais reservadamente, e éramos prontamente chamadas quando a trilha anunciava que a novela estava de volta.

Na casa de Leticia, o chimarrão era companhia para a telenovela, em uma noite com temperatura inferior a 10°C, o que aumentava a estranheza de receber visita para assistir à telenovela, que acabaria depois das 22h. A jovem e o marido fizeram poucas intervenções sobre a trama, mas se animavam na saída para o intervalo, quando a trilha dava o ritmo à dança do filho de quatro anos. Também durante as propagandas, o marido de Leticia aproveitava para fazer perguntas sobre a pesquisa, pois a esposa não havia detalhado a mesma a ele, e nas outras ocasiões em que estive na casa da família, ele não estava.

A chamada para o *Globo Repórter*, que viria a seguir, e abordaria o tema infidelidade, motivou provocações entre o casal. Falando “mais do que deveria” em alguns momentos, na ótica de Leticia, o marido levou um discreto beliscão, mandando que ele “se comportasse”. O rapaz, brincando, fez questão de salientar a atitude da esposa: “Pra quê me beliscá? Deixa eu falá. Não era pra gente agir como age sempre? Então...”. Antes de eu sair para tomar o ônibus para casa, o casal me alertou para que segurasse firme a bolsa e andasse rápido até a parada, pois “tem uns pivete aí que não dá”.

Já na casa de Camila – irmã de Bruna, que estava na aula no horário da novela – as três crianças da casa, duas irmãs pequenas e o filho de Camila, ditavam a atenção à trama. Em alguns momentos, as crianças ficavam quietas e assistiam à TV com curiosidade. Em outros, faziam diversos pedidos à Camila, obrigando-a a sair da sala e fazer o que lhe pediam, como providenciar a mamadeira. Enquanto assistia à novela, a jovem fazia costumeiras “previsões”

⁶⁸ Como a TV da jovem estava com problemas, assistimos à novela na casa da família do marido. A casa de Rafaela fica junto à da sogra.

sobre o que viria a seguir, bem como reclamava das atitudes de algumas personagens, como a “cobra” Yvone e a “idiota” Nanda (que cai na armadilha de sedução de Mike e Yvone).

É importante destacar que a televisão é o principal meio de comunicação consumido pelas jovens. La Pastina (2006, p. 35) observa que, para muitos telespectadores, a TV “é a principal, se não a única, fonte de informação”. Entre as entrevistadas, a reflexão do autor se confirma. Elas leem pouco jornal, não consomem revistas ou livros (Carol, Cauane e Raquel são exceções, pois leem livros duas vezes por semana ou mais), acessam pouco à internet e, quando o fazem, as páginas mais acessadas são as redes de relacionamento. O rádio, embora concorra com a televisão em tempo de consumo, serve somente para ouvir música, e não se configura num momento de integração familiar, como a TV e, especialmente, a telenovela.

Quem passa menos tempo em frente à telinha é Carol, que dispensa menos de uma hora de seu dia com a TV. As demais assistem à televisão por aos menos duas horas diárias: Bruna, Camila, Letícia, Lucielen e Natiele por mais de cinco horas diárias; Emanuel e Raquel, de quatro a cinco horas por dia; Cauane e Natália, por duas ou três horas; e Paola e Rafaela assistem por duas horas. Em média, o consumo é de cerca de quatro horas por dia. Divergindo com o tempo que dedicam à TV, sete garotas afirmam que o meio de comunicação tem pouca ou nenhuma importância em suas vidas. Cinco, contudo, admitem que o veículo é indispensável. Além disso, a maioria vê televisão na companhia da família, apenas Cauane assiste sozinha.

O canal preferido pelas jovens é, unanimemente, a Rede Globo. Como segunda, terceira, e quarta opções, estão o Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), a Rede Record e a Rede Bandeirantes de Televisão (Band), respectivamente. Foram citados uma vez Rede TV, TVE-RS e MTV. Entre os programas favoritos, destacam-se as telenovelas da Globo⁶⁹, preferência da metade, além de três referências à *Malhação*⁷⁰; os filmes foram destacados por três; *Fantástico*⁷¹, *Domingo Legal*⁷² e *Big Brother*⁷³, por duas; *Vídeo Show*⁷⁴, *Jornal Hoje*⁷⁵,

⁶⁹ Em nenhum momento citaram novelas de outra emissora.

⁷⁰ *Soap opera* apresentada desde 1995 pela Rede Globo, de segunda à sexta-feira às 17h30.

⁷¹ Chamado de “a sua revista eletrônica”, é apresentado pela Rede Globo aos domingos das 20h45 às 23h10. É exibido desde 1973.

⁷² É transmitido nas tardes de domingo pelo SBT. Quando foi citada, o apresentador do programa de auditório era Gugu, e, atualmente, é Celso Portioli.

⁷³ *Reality show* transmitido diariamente, à noite, pela Rede Globo, geralmente de janeiro a março. Está atualmente em sua décima edição.

⁷⁴ Apresentado pela Rede Globo de segunda à sexta-feira às 13h45, desde 1983.

⁷⁵ Telejornal da Rede Globo exibido às 13h15, de segunda-feira a sábado.

*Caldeirão do Huck*⁷⁶, *Ação*⁷⁷, *Globo Repórter*⁷⁸, clipes, *Vida Vitoriosa*⁷⁹ e *Eu, a patroa e as crianças*⁸⁰ (SBT), por uma. Além dessas indicações, ressalta-se a pequena preferência por noticiários, citação de apenas uma jovem (Camila).

Dez entrevistadas afirmam que gostam de televisão e que assistem sempre. Emanuele é uma das duas exceções e diz preferir ouvir música a assistir à TV. Mesmo assim, ela passa de quatro a cinco horas diárias em frente à telinha. Raquel, apesar de assistir a, no mínimo, quatro horas diárias e mostrar conhecimento sobre as novelas, não gosta de televisão porque considera que o conteúdo transmitido vai contra o que lhe é passado pela Igreja.

Fica ali sentado, olhando, sem querê tu tá ouvindo, né? Automaticamente vai entrando na tua mente e fica, não adianta, né? [...] Eles tão ensinando nas novela, né? A novela, na verdade, ela é um ensinamento, querendo ou não, eles tão te ensinando ou a roubá ou a enganá o outro ou a mentir. Eles tão ensinando, de uma forma ou outra, né? Não adianta querê tapá o sol com a peneira que é isso que eles tão fazendo. Eu acho que o ponto negativo é esse, eles ensiná, nas novela, as pessoa serem cada vez pior do que já são. (Raquel).

É consenso no meio acadêmico, e objeto de décadas de estudo, que a mídia possui papel importante na formação de opinião. Percebe-se claramente isso entre as entrevistadas no que diz respeito à reflexão de assuntos da atualidade e na constituição de sonhos, especialmente aqueles relacionados ao consumo. Apenas Emanuele não se recorda de ter refletido sobre algum assunto a partir dos conteúdos televisivos. Para Camila, Cauane, Natiele e Rafaela, pensar sobre drogas a partir do que veem na TV é frequente.

Outros temas debatidos, a partir de conteúdos midiáticos são: a violência; as doenças mentais – discussão presente em *Caminho das Índias*; a violência sexual dentro da família – assunto presente na mídia no período das entrevistas; e o racismo – a cerca do qual Lucielen, uma das três entrevistadas brancas, admite: “Eu era muito racista, ei, pra mim nego era a mesma coisa que uma sujeira ali no chão, agora já não” (Lucielen), mudança que ela atribui à insistência da mídia sobre a questão. Carol assegura que programas como *Globo Repórter* colaboram para formar sua opinião sobre os mais diversos temas. Uma telenovela fez Raquel

⁷⁶ Apresentado por Luciano Huck, está no ar desde 2000 na Rede Globo. O programa de variedade é apresentado às 16h15, aos sábados.

⁷⁷ Programa educativo exibido pela Globo desde 1999, apresentado por Serginho Groisman, aos sábados, às 7h30.

⁷⁸ No ar desde 1973 pela Rede Globo. É exibido às sextas-feiras às 23h.

⁷⁹ *Vida Vitoriosa* é apresentado pelo pastor Silas Malafai, e vai ai ar às 2h30, na Band.

⁸⁰ *Eu, a patroa e as crianças* é uma comédia americana transmitida no Brasil pelo SBT de segunda-feira a sábado às 13h45, e de segunda à sexta-feira às 18h30.

pensar sobre a doença da mãe, ao mostrar uma história muito semelhante a que a família estava passando, “como se tivesse me preparando pra isso”. (Raquel).

Natiele confirma que vários fatos relevantes sobre os quais gostaria de se informar e discutir em casa são abordados na televisão, ajudando a compreensão de temas diversos. Assistindo à televisão, Paola reflete sobre sua vida em comparação a de pessoas que sofrem variadas adversidades. Dessa forma, crê que o melhor é considerar-se satisfeita com o que tem e não reclamar da vida, pois muitas pessoas estão numa situação pior que a sua.

Às vezes tu reclama porque mora numa rua que passa um carro e atira pó pra dentro de casa, reclama que tem que limpá tudo de novo, reclama porque tem que pagá conta, isso e aquilo. E tem gente que não tem nada disso, com um mundo todo que a gente tem, nem sabe, muitas vez, o que é tê uma TV, tomá uma água direto da torneira. (Paola).

De forma semelhante, a TV estimula a imaginação e aguça os sonhos das jovens. Os desejos são variados. Ser aprovada no vestibular foi um sonho que ganhou força para Camila após ela ver, no telejornal, a história de um mendigo aprovado no vestibular na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Natália também procura se inspirar nas vitórias conseguidas através do esforço, costumeiramente transmitidas pela televisão.

Tu vê, tipo, assistindo uma novela, alguma coisa né? Ah aquela pessoa era pobre, ela lutô, quebrô a cara 10 vezes, ela lutô, lutô até conseguir o que ela queria. Então é aquela questão de esforço. Tu vê que de repente com um pouquinho mais de esforço eu posso conseguir isso pra mim, pra minha família de repente. (Natália).

Ganhar a reforma da casa, a partir do envio de carta ao programa *Domingo Legal*, no quadro *Construindo um Sonho*, é o sonho de Paola. Ela mandou seu pedido para o programa, especialmente porque quer dar um quarto novo ao filho. “Vê minha casa pintada, vê ela ajeitadinha, podê comprá o que eu não pude ainda” (Paola). Ao ver pessoas bem sucedidas na televisão, Rafaela pensa em ter um bom emprego. Ter seu próprio negócio é uma aspiração estimulada em Carol pelo exemplo de jovens empreendedores apresentados no programa *Ação*. Bruna e Paola desejam conhecer os lugares que veem na telinha, especialmente as praias. Cauane e Emanuele imaginam-se morando em uma casa/ apartamento como os das novelas. “Sempre penso 'ah, olha só, se eu trabalhá eu posso, se eu estudá, eu posso, eu consigo” (Emanuele). A jovem também deseja ter um filho bonito e saudável, “aquela criança bem limpinha”, como os bebês da TV. Para Letícia, o mais importante seria ter uma família feliz como as dos melodramas. Natiele não cita nenhuma aspiração, pois afirma que não faz planos para o futuro.

5.2. LEITURAS DA TELENÓVELA

O trabalho de entrevistar, acompanhar a assistência da telenovela e compreender o contexto social das jovens relaciona-se à compreensão de que “a recepção é um processo e não um momento, isto é, ela antecede e prossegue o ato de ver televisão. Assim, o sentido primeiro apropriado pelo receptor é por este levado a outros *cenários* em que costumeiramente atua.” (LOPES; BORELLI; RESENDE, 2002, p. 40).

Em medidas variadas, a audiência realiza leituras diversas, que nem sempre irão ao encontro do posicionamento expresso na TV. A existência de um receptor “ativo”, que opera negociações com o texto midiático, é um pressuposto dos estudos de audiência. Conforme aponta Jacks; Menezes; Piedras (2008), – a partir de levantamento que considerou 49 teses e dissertações dos programas de pós-graduação em comunicação que trataram da relação entre meios e audiência, na década de 1990 – o receptor é visto como ativo nesses trabalhos, pois negocia as mensagens que chegam a ele, fazendo uso de seu repertório pessoal e não aceitando passivamente a proposta do emissor. Percebe-se essa “atividade” entre as jovens da pesquisa, uma vez que todas efetuam negociações com o conteúdo da telenovela, ora reproduzindo o discurso, ora decodificando o produto de modo diverso ao apresentado.

Consideramos, contudo, que é preciso haver prudência ao falar da “atividade” do receptor, visto que muitos estudos indicam liberdade total do sujeito na leitura do texto. Nesse aspecto, é válida a reflexão de Ronsini *et al* (2009, p. 119):

Os estudos interpretativos da interação entre mídia e audiências não só abandonaram a preocupação central dos pioneiros dos Estudos Culturais em entender a reprodução do poder hegemônico – ao se concentrarem na experiência dos atores sociais desarticulada das formações mais amplas que a organiza –, como também adotaram a noção de “ativo” sem problematizar os vínculos entre práticas de rejeição e desativação dos discursos/formas culturais midiáticas dominantes e a assimilação de valores e visões de mundo contraditórios e que, por isso mesmo, podem se tornar efetivos.

Em sua pesquisa com jovens urbanos e rurais, Elias (1998) conclui que a telenovela consegue apenas influenciar formas de vestir ou outros aspectos visuais, e também não o faz totalmente, apenas reforça algo preexistente, mostrando a influência mínima da mídia sobre os receptores. A autora considera que as telenovelas, veiculadas por no máximo nove meses, não são apresentadas por um período de tempo suficiente para influenciar modos de pensar e agir. Pensamos, diferentemente de Elias, que, embora cada telenovela se encerre em poucos

meses, elas reproduzem um mesmo modelo, que pouco muda de uma década para outra, há 60 anos. Assim, muitas jovens de 20 anos acompanham telenovelas desde a infância e, apesar de realizarem uma negociação na decodificação desses produtos, são educadas pela telenovela, assim como pela escola, pela família e por outras instituições socializadoras. De tal forma, o gênero possui gramática própria e apresenta basicamente as mesmas representações femininas ao longo de décadas, constituindo importante formador de modelos femininos, e, assim, conformando identidades.

A recepção da telenovela é algo, ao mesmo tempo, particular e compartilhado, uma vez que alguns sentidos são próprios de cada uma das telespectadoras e outros são comuns a elas. Isso pode ser percebido na descrição da cena de novela mais marcante para as entrevistadas. Há poucas combinações: Emanuele e Natália não esquecem a cena de *Senhora do Destino* (2004) em que a vilã *Nazaré* (Renata Sorrah) rouba *Lindalva* (Carolina Dieckmann), ainda bebê, de *Maria do Carmo* (Suzana Vieira). Outra cena, com as mesmas personagens, mas com significado diferente, é destacada por Carol, que recorda o reencontro de *Lindalva* e *Maria do Carmo*, após mais de 20 anos separadas. De *Mulheres Apaixonadas* (2003)⁸¹, Bruna e Natiele foram marcadas pela morte de *Fernanda* (Vanessa Gerbelli), mãe de *Salete* (Bruna Marquezine) e *Lucas* (Victor Curgula), vítima de uma balada perdida, na cidade do Rio de Janeiro. Ainda da mesma novela, os maus tratos da jovem *Dóris* (Regiane Alves) com seus avós idosos é destacado por Cauane, que acrescenta ficar revoltada com essas imagens. Também da trama exibida em 2003, as fortes cenas de *Raquel* (Helena Rinaldi) apanhando do marido *Marcos* (Dan Stupalch) com uma raquete foi marcante para Letícia. No início da década, *Laços de Família* (2000) apresentou a triste doença de *Camila* (Carolina Dieckmann), personagem que, em um dos capítulos, aparece raspando a cabeça por causa da leucemia, cena que é recordada por Paola.

De tramas recentes, proveem as lembranças de Camila, Lucielen e Rafaela. Lucielen sensibilizou-se com a discriminação sofrida por *Angelina* (Sophie Charlotte), na temporada de 2008 de *Malhação*, por causa de sua gravidez, assim como por ser pobre. Importante para Camila foi ver *Lara* atirar na própria mãe, *Flora*, em *A Favorita*. Na mesma novela, a forma como a vilã preparou a morte de *Gonçalo*, espalhando sangue pela casa, impressionou Rafaela.

Aspecto interessante acerca das apropriações compartilhadas da telenovela pode ser notado na comparação com o trabalho de Silva (2008), que entrevistou mulheres chefes de

⁸¹ *Mulheres Apaixonadas* e *Senhora do Destino* foram reprisadas em *Vale a Pena Ver de Novo* em 2008 e 2009, o que facilita a recordação das cenas.

família com idade entre 30 e 55 anos. Apesar da diferença de idade entre as receptoras então estudadas e as que dão vida a este trabalho, os resultados são muito semelhantes em relação às cenas mais marcantes. Assim como o exposto acima, no trabalho de Silva, entre as nove mulheres entrevistadas, duas destacaram a cena em que *Fernanda* é baleada, em *Mulheres Apaixonadas*; uma recorda a violência sofrida por *Raquel*, na mesma novela; e três foram marcadas pelo sequestro de *Lindalva* envolvendo *Nazaré* e *Maria do Carmo*, em *Senhora do Destino*; outra lembra a cena de *Camila* raspando a cabeça, em *Laços de Família*. As únicas lembranças que não coincidem são da novela *Vale Tudo* (1988-1989), que foi ao ar em 1988, quando muitas das entrevistadas deste trabalho ainda nem eram nascidas, e *Esperança* (2002).

Durante da primeira fase de entrevistas, realizada entre dezembro de 2008 e abril de 2009, a telenovela mais vista era *Senhora do Destino*, em *Vale a Pena Ver de Novo*, acompanhada pela metade das entrevistadas (Bruna, Emanuele, Letícia, Lucielen, Natiele e Raquel). Rafaela, quando foi entrevistada, assistia a *Mulheres Apaixonadas*, que estava sendo reprisada, também no *Vale a Pena Ver de Novo*. Outra variação referiu-se às novelas das 18 horas: Camila, Natiele e Rafaela acompanhavam *Negócio da China* (2008-2009), quando as visitei; enquanto Letícia, Lucielen e Raquel seguiam *Paraíso* (2009). Carol, Cauane e Lucielen viam *Malhação* e Camila e Natália, *Três Irmãs* (2008-2009). Paola foi a única a afirmar que não assistia a nenhuma novela no momento, uma vez que tinha aula à noite e à tarde trabalhava. Importante destacar que a audiência de telenovelas entre às 18h e às 22h é dificultada pelo horário de estudo das garotas, pois as cinco que frequentavam a escola tinham aula à noite.

Apenas Carol e Rafaela foram entrevistadas enquanto *A Favorita* estava no ar, e ambas a assistiam. Todas as entrevistadas, no entanto, acompanharam a trama⁸². Nos dois primeiros meses de veiculação de *Caminho das Índias*, apenas Camila, Emanuele e Natiele estavam seguindo o programa. Com o desenvolvimento da história, contudo, todas as entrevistadas passaram a assisti-la, ainda que não diariamente.

Instigadas a falarem sobre *A Favorita*, a síntese mais recorrente (Bruna, Camila, Carol e Lucielen) é a de que o tema central girava em torno do assassinato de *Marcelo Fontini*, do qual *Donatela* (Claudia Raia) e *Flora* eram as suspeitas. Camila ressalta que outro ponto principal foi a amizade da homossexual *Estela* e da ex-dona de casa *Catarina*. Para Lucielen, a história abordou, essencialmente, as adversidades enfrentadas pela família

⁸² Assistir *A Favorita* foi inclusive um critério para a escolha das mulheres. Uma jovem, irmã de Natália, foi entrevistada, mas deixou de ser objeto de análise porque não conhecia a trama.

Fontini. Natiele sintetiza que o enredo tratava de duas cantoras que eram amigas e acabaram tornando-se rivais (*Donatela e Flora*).

Para Emanuele e Raquel, a novela apresentou uma infância (de *Flora*) mal resolvida, que gerou uma obsessão. Paola considera que foi mostrado como pensa e age uma psicopata. Segundo Rafaela, foi exposta a mensagem de que dinheiro e ambição não levam a nada. Outras resumem a novela por meio de palavras-chave: ambição, orgulho, dinheiro, poder, injustiça, inveja, falsidade, traição e ressentimento.

Apenas Letícia diz não ter gostado de *A Favorita*, todavia assistiu à telenovela mesmo assim. Sua opinião parte das pregações do pastor de sua igreja, que considera as novelas prejudiciais a todos e aconselha os fiéis a não consumi-las. Sete mulheres relacionam apenas aspectos positivos à telenovela. Raquel, que também é evangélica e faz diversas críticas à mídia, parabenizou o autor e elogiou a trama, avaliando-a como realista e de qualidade. Para ela, as novelas sempre passam valores bons e ruins, e cabe ao público absorver o que há de positivo. O que mais atraiu Rafaela foi o suspense. Cauane adorava a novela, e diz que, como todas, era uma lição de vida. Carol considera a história realista, com conteúdo educativo, pois transmite a mensagem crítica de que as pessoas fazem tudo por dinheiro.

Hamburger (2005, p. 78) justifica a compreensão da telenovela como parte de uma educação informal para os brasileiros, aspecto enfatizado por algumas entrevistadas. “As novelas eram feitas para atingir uma audiência definida como sendo mais educada que a média da audiência real e, ironicamente, talvez por isso, tenham sido entendidas como tendo uma função pedagógica.”

As outras quatro entrevistadas gostaram da novela, mas salientaram alguns pontos negativos, como o excesso de crueldade (Paola), violência (Emanuele), apelo sexual (Natália) e a confusão da trama (Camila), dificultando o entendimento do enredo.

Na segunda fase da pesquisa de campo, abordou-se a telenovela *Caminho das Índias*. Sobre esta, as receptoras avaliaram que o tema central era a cultura indiana, por meio da apresentação dos costumes e tradições, como o respeito pelos mais velhos, os casamentos arranjados e a vida das viúvas. Para Bruna, Carol e Natiele, a principal questão abordada na trama foi o preconceito das pessoas de casta contra os dalits. A psicopatia de *Yvone*, para Camila, e o problema mental de *Tarso*, conforme Lucielen, também são destacados com centrais.

Embora metade das telespectadoras tenha afirmado que não assistia diariamente à novela (Cauane, Letícia, Lucielen, Natália, Paola e Raquel), apenas Paola não gostava da

novela, o que a jovem relacionou ao pouco envolvimento que teve com a história, uma vez que a assistia pouco, visto que estudava à noite. Carol, Natália e Raquel gostaram, em parte. As duas últimas pensam que a novela trazia representações negativas, como as traições entre casais e a religião dos personagens indianos.

Particularmente, eu não gosto muito, exatamente pela parte da religião, né? Porque eles estão trocando, tão invertendo os deuses, em vez de adorar um deus verdadeiro, eles tão mostrando ali adoração à vaca, né? Que até a vaca é um deus lá na Índia. Adoração a vacas, a estátuas de elefantes, elefantes mesmo. Então eles tão deixando de adorar um deus verdadeiro, de mostrar assim, um deus verdadeiro na televisão, pra mostrar esse tipo de coisa. (Raquel).

Na avaliação de Rafaela, *Caminho das Índias* foi umas das melhores novelas a que já assistiu: “É muito boa, cada cena... é boa! É uma das melhores novelas que eu olhei até agora, pelo menos eu acho. Surpreendente, cada capítulo é um novo dilema”. Conforme Cauane, o programa teve grande repercussão. “Tá bem falada até em outros programas. [...] A gente olha sempre tão falando de *Caminho das Índias*, comentam um monte. Acho que é a novela que tá sendo mais comentada.” Natiele e Lucielen destacaram que aprenderam com a história sobre a cultura indiana e sobre doenças psiquiátricas. Emanuele considerou o final como o ponto alto da novela, especialmente pela valorização do perdão no último capítulo.

A relação ficção-realidade é aspecto relevante para as entrevistadas, determinando, inclusive, a qualidade da novela. Dessa forma, *A Favorita* e *Caminho das Índias* tiveram grande aceitação das mulheres, em grande parte por sua verossimilhança, enfatizada por oito receptoras em cada novela. Como indica Meirelles (2009), para produtores e público da telenovela brasileira, há quase uma obsessão pelo realismo, e representações consideradas distantes do “mundo real” perdem valor e precisam ser desmascaradas.

Cauane e Raquel ponderam que todas as telenovelas mostram algo de realidade. Raquel pensa que, atualmente, todas as novelas retratam a realidade, “porque o que mostra na novela é o que se vive”. Entre as que consideram *A Favorita* verossímil (Bruna, Carol, Cauane, Lucielen, Natália, Natiele, Rafaela e Raquel), os fatores mais reais destacados foram a ambição e a falsidade. Para Camila, Emanuele e Leticia, o melodrama de João Emanuel Carneiro alternou entre o realismo e o exagero. Ainda na opinião de Camila, a representação de *Estela*, que sofreu com *Léo* (Jackson Antunes) espalhando que ela era homossexual, era fidedigna. Deixou de ser fiel à realidade com os exageros cometidos por *Flora*, que passou a cometer assassinatos com frequência, sem ser descoberta. Apenas Paola julga *A Favorita* totalmente desvinculada da verdade, pois considera que maldade não existe nas proporções

apresentadas. “Eu não acho que ninguém vai matá uma pessoa e vai enchê de sangue de galinha por toda casa.” Além disso, ela crê que pessoas que convivem na mesma casa não são enganadas tão seriamente e por tanto tempo.

De acordo com as que avaliam *Caminho das Índias* como realista (Bruna, Camila, Emanuele, Letícia, Lucielen, Natália, Rafaela e Raquel), as melhores representações foram a esquizofrenia de *Tarso* (Lucielen, Rafaela e Raquel), a cultura indiana (Bruna, Emanuele e Rafaela) e os relacionamentos amorosos (Lucielen e Natália), nos quais é comum “tu tê um filho com um, depois casá com outro”. Para Cauane e Paola, a história de *Caminho das Índias* era parcialmente realista. Segundo Paola, a novela mostrou-se realista ao retratar a proteção dos pais de classe média aos erros cometidos por seus filhos (família formada por *Zeca, Ilana e Cesar*). Contudo, na opinião da garota, a novela deixa a desejar no aspecto verossimilhança ao representar apenas os aspectos agradáveis da Índia, exagerando nas celebrações e deixando de mostrar a faceta sofrida.

Na Índia, eu acho que não tem tanta festa, tanta coisa, mostraram bastante festa, a parte boa, não mostraram o sofrimento. A Índia não é bem assim que nem eles tavam mostrando, aquele colorido todo. Eu acho que não era tão realista. A parte do Brasil acho que era real, principalmente aquela parte dos pais protegerem demais, achá tudo que o filho faz bonito, né? Mesmo ele tando errado, maltratando, atirando pedra nos outros, fazendo e acontecendo, coisa que tem muitos assim, que fazem esse tipo de coisa e os pais acham que isso é normal. (Paola).

Conforme Carol e Natiele, *Caminho das Índias* não era realista, pois a representação da Índia e do Brasil era “muito fantasiosa”.

Em *A Favorita*, a personagem predileta das entrevistadas foi a protagonista *Donatela*, escolhida por Camila, Cauane, Letícia, Natália e Raquel. Entre seus predicados estavam a simplicidade e a persistência para provar sua inocência. Outro mencionado mais de uma vez foi *Zé Bob* (Emanuela e Rafaela), pela simpatia, beleza e por não ter deixado de amar e ajudar *Donatela*, quando a heroína mais precisou. Rafaela sintetiza o que pensa do galã: “Que homem!”. Os outros preferidos são: *Halley* (Bruna) – pela interpretação do ator; *Greice* (Carol) – era pobre, mas tinha moral e não aceitava desaforo; *Lara* (Lucielen) – vivia em meio a diversos problemas e, mesmo assim, saiu-se bem; *Flora* (Natiele) – era diferente dos outros; e *Cassiano* (Paola) – continuava simples, mesmo com suas namoradas querendo mudar seu jeito.

De *Caminho das Índias*, metade das jovens destacou *Maya* como a personagem preferida. A razão principal apontada foi sua história e personalidade fortes, e suas trajetórias

de alegria e sofrimento. Para Letícia, é a intérprete de *Maya*, a atriz Juliana Paes, que torna a personagem sua favorita. O intérprete, neste caso Márcio Garcia, também é o motivo para Bruna preferir *Bahuan*. *Duda* é a escolhida de Carol e Emanuele, por ter superado os problemas enfrentados com o fim do relacionamento com *Raj* e ser uma boa mãe. Rafaela gostava de *Chanti* por sua personalidade determinada. A preferida de Camila é *Norminha*, personagem que ela considerava a mais divertida e que proporcionava dinamicidade à história. O marido de *Norminha*, o guarda *Abel*, foi o escolhido de Raquel, pelo humor.

Pode-se relacionar três motivos principais para os personagens se tornarem os prediletos das entrevistadas. A primeira razão é um misto de identificação e admiração pelos personagens, pois *Donatela*, *Maya* e *Duda* são relatadas como mulheres fortes, dedicadas aos filhos e que conseguiram ser felizes e viver o amor novamente, após o fim de um relacionamento. A comicidade justifica a escolha de outros, visto que a telenovela também é vista como uma forma de escape e diversão. O último caso refere-se à admiração pelos intérpretes, que emprestam seu carisma aos personagens. Além desses, no caso de *A Favorita*, também foram escolhidos personagens homens que servem como modelos de par romântico (*Zé Bob*, *Halley* e *Cassiano*). Essa função foi exercida por *Raj*, em *Caminho das Índias*, que teve grande aceitação do público, mas não obteve grande repercussão entre as entrevistadas. Uma hipótese para o destaque de uns mocinhos e não de outro é a vida simples dos três primeiros, pessoas de classe média/ média baixa, enquanto *Raj* era rico.

5.2.1. A recepção das representações femininas

Segundo as garotas entrevistadas, a típica mulher brasileira está representada nas novelas na figura de algumas personagens. A principal delas é *Maria do Carmo*, de *Senhora do Destino*, citada por Emanuele, Natiele, Paola e Raquel. Suas principais características seriam a alegria, a autoestima e o jeito guerreiro, próprio da brasileira.

Pra mim ela é a típica mulher brasileira, né? De onde ela veio, conseguiu crescê na vida, mas não exageradamente, conseguiu o básico pra consegui vivê, né? Que as mulheres elas são guerreira, elas gostam de trabalhá, vão atrás daquilo que querem, conseguem aquilo, que querem, né? Não tem mais aquela história de que só o homem que pode, só o homem que faz. Não, agora é igual mulher e homem, né? O marido deixou ela, criou os filho sozinho, conseguiu educá os filho, estudaram, se formaram, ela conseguiu sê alguém na vida, conseguiu um nome reconhecido, né? (Raquel).

Donatela, de *A Favorita*, é citada por Letícia, Lucielen e Rafaela, pois é sincera, batalhadora e simples. Outras mulheres são *Luciana*⁸³ (Camila Pitanga) e *Helena*⁸⁴ (Christiane Torloni), de *Mulheres Apaixonadas*, esta última por estar sempre correndo para dar conta de tudo; *Cema e Aída*, de *Caminhos das Índias*, ambas por serem mães que se desdobram para dar o melhor para os filhos; e *Suzana*⁸⁵ (Carolina Dieckmann), de *Três Irmãs*, pois o namorado queria obrigá-la a se casar e cumprir suas ordens. Carol não se recorda o nome da personagem, lembra apenas de uma mulher de pescador, de *Mulheres de Areia* (1993), que fazia tudo para seus filhos, além de cuidar da casa e ajudar o marido.

Nota-se que, em comum entre essas mulheres citadas, está o espírito guerreiro, a persistência e a abnegação, características da mulher que vive para os outros. A mulher se ocupa em dar conta, da melhor forma possível, dos mais diversos aspectos de sua própria vida e da de sua família. Entretanto, o que afirmam sete entrevistadas (Bruna, Emanuele, Letícia, Natália, Natiele, Paola e Rafaela) é que as mulheres apresentadas nas novelas proporcionam pequena identificação entre receptoras e personagens. As personagens que geraram reconhecimentos pelas entrevistadas foram⁸⁶: *Catarina*⁸⁷ e *Greice*⁸⁸, de *A Favorita*; *Yasmin*⁸⁹ (Mariana Rios), de *Malhação*; *Edwiges*⁹⁰ (Carolina Dieckmann), de *Mulheres Apaixonadas*; e *Maria do Carmo*⁹¹ (Suzana Vieira), de *Senhora do Destino*.

Camila identifica-se com *Catarina* porque ambas querem trabalhar para não precisar depender do marido: “Porque tá dependendo de homem é ruim” (Camila). Carol e *Greice* têm em comum a luta por um emprego e a vontade de “ser alguém melhor” (em termos

⁸³ Era médica e valorizava sua vida profissional. Relacionou-se com *César* (José Mayer) antes de ficar com o primo *Diogo* (Rodrigo Santoro). Também era boa filha.

⁸⁴ Era diretora de uma escola de ensino médio e dividia-se entre a carreira, o filho e o romance com um antigo amor, concretizado após separar-se do marido.

⁸⁵ Era a mais nova das três irmãs que dão nome à novela, surfista e professora de geografia. O namorado faz chantagens para que ela se case com ele, embora Suzana não queira mais ficar com ele, pois apaixonou-se por outro.

⁸⁶ Questão feita nos dois primeiros meses de exibição de *Caminho das Índias*, o que pode explicar que não apareça nenhuma personagem da novela nas respostas.

⁸⁷ Era uma dona de casa dedicada ao marido e aos filhos que sofria com a violência física e psicológica do esposo. Decidiu começar a trabalhar no restaurante de uma amiga e, logo depois, separou-se do marido. Viveu outro romance, mas terminou a novela sozinha.

⁸⁸ Retirante do nordeste, é uma personagem simples, que em muitos aspectos contrastava com a irmã *Céu*. Trabalhava para seu sustento, mas não tinha grandes ambições. Seu par romântico foi *Damião*, que por a traiu com *Dedina* por algum tempo, mas foi perdoado por *Greice*.

⁸⁹ No início de sua participação em *Malhação*, era vilã. Apesar de ter continuado com seu jeito esnobe, passou a ser mais caracterizada por seu aspecto divertido, disseminando diversos bordões.

⁹⁰ Trabalhava com a mãe, que cuidava da cantina da Escola Ribeiro Alves, e para ganhar um dinheiro extra era babá de cachorros. Casa-se, virgem, com um jovem rico.

⁹¹ É um modelo entre as receptoras por seu espírito guerreiro de mulher que deixou o nordeste em busca de uma situação social melhor no sudeste, empregada na qual teve êxito. Também era mãe amorosa e rígida com os filhos.

financeiros) sem deixar de ser uma boa pessoa. Cauane reconhece-se em *Ediwiges* “em tudo”, especialmente no relacionamento com o namorado. Para Lucielen, tanto ela quanto *Yasmin* são “loucas da cabeça”. Raquel identifica-se com *Maria do Carmo* porque, como ela, considera-se uma mulher firme e batalhadora.

Como destaca Messa (2006, p. 30), não é necessária uma correspondência total entre telespectadoras e personagens para haver reconhecimento, sendo os contrastes entre o melodrama e a vida real considerados em parte. Segundo a autora, “o principal mecanismo de identificação dessas mulheres com a *soap opera* é o modo como as personagens resolvem os conflitos e dilemas diários, forma com que, na verdade, estes programas perpetuam uma ideologia de feminilidade.” Não é sempre necessária a coincidência entre estilos de vida, pois elas identificam-se com o que pode ser universal do ser humano: a luta, o sofrimento, o amor, etc.

Uma distinção entre as mulheres “verdadeiras” e as da ficção é o comportamento, especialmente o sexual. Para oito entrevistadas (Bruna, Camila, Cauane, Emanuele, Lucielen, Natália, Rafaela e Raquel), as mulheres que conhecem são mais “liberais” que as personagens das telenovelas.

Porque as que eu conheço, bá! Deus o livre. Tem umas aí que... Bá! Deus o livre. (Cauane).

Eu conheço pessoas bem piores. (Emanuele).

Elas, se tivé, vamo usá bem o português, se tivé que dá ali prum cara porque ela saiu pra fazê aquilo, ela vai fazê, não interessa aonde, se tem ou se não tem gente. É até um desrespeito pra quem vai em certos lugares pra se diverti, pra sair um pouco da rotina. (Natália).

Mas na vida real são bem soltas. (Rafaela).

Nos pontos de vista de Carol, Letícia, Natiele e Paola, as mulheres que aparecem na TV têm um comportamento mais “avançado”, enquanto as de seu convívio não agem de forma tão “liberada”, seja em relação à roupa, às conversas ou ao sexo.

É, na novela. Ibope, né? Se elas forem mais conservadoras não tem, não tem Ibope pra eles. Então não vão lucrá em nada. Acho que não tem tanta coisa, assim, ter tem, né? Mas não é tão exagerado assim como na TV.

L: Tipo o que assim? Em que sentido liberal?

P: Assim, liberal assim pro lado de, das roupa, né? Até mesmo o jeito delas se vesti, de conhece o namorado ali, na hora já tão transando. (Paola).

Leal reflete que esse posicionamento diferenciando mulheres corretas de “liberadas” refere-se a uma justificativa intelectual para o comportamento sexual:

A diferença entre ser *liberada* ou *puta* se estabelece, aqui, pela capacidade de dar justificativas intelectuais para uma prática sexual não exclusiva, e esta racionalização é uma prática simbólica de um universo de representações onde estão presentes outros parâmetros de intelectualização. (LEAL, 1986, p. 76).

Entre suas conhecidas, em grande parte membros das camadas populares, grupo com que as entrevistadas relacionam-se preponderantemente, não há essa racionalização e a troca de parceiros é vista como uma atitude depravada. Além disso, na telenovela, há o cuidado para o sexo – feminino – sempre ser vinculado ao amor e, desse modo, deixa de ser imoral. Caso contrário, representarão a mulher “safada”, como *Norminha*. Essa mesma obrigação não existe entre os personagens masculinos da telenovela. Enquanto *Lara* era fiel a seus namorados, *Halley* e *Cassiano*, e o sexo para ela estava sempre ligado ao amor, os garotos mantinham relações sexuais em busca de prazer, ou seja, mesmo que amassem somente *Lara*, suas parceiras sexuais eram variadas.

Uma análise específica da recepção de algumas personagens femininas de *Caminho das Índias*, citadas pelas entrevistadas, permite a explicitação mais detalhada das opiniões delas sobre a mulher na telenovela. *Maya* tem avaliação positiva de 11 entrevistadas, que admiram sua resistência ao sofrimento e seu amor ao filho. Apenas Carol vê a personagem negativamente, pois a descreve como “muito dramática, muito mocinha sofredora, não tem iniciativa”. Nessa perspectiva, a personagem *Maya* iria contra os valores que as receptoras elevam nas personagens femininas, recorrentemente referidos como um espírito “guerreiro”. As outras informantes, apesar de destacarem os mesmos valores que Carol, fazem outra leitura sobre *Maya*, julgando-a um exemplo de mulher que fez tudo pelo filho e que buscou sua felicidade sempre, embora, em alguns momentos, demonstrasse fraqueza.

Ainda sobre a protagonista, sua atitude de casar-se com *Raj* fazendo todos crerem que estava grávida do marido, não revelando o envolvimento que tivera com *Bahuan*, é avaliado de forma divergente. Cinco jovens (Bruna, Cauane, Letícia, Natiele e Raquel) afirmam que ela errou ao não contar, sendo *culpada* por esse erro. Por outro lado, Camila, Lucielen e Rafaela pensam que ela foi *vítima*, pois suas atitudes tiveram sempre a intenção de não prejudicar o filho. Emanuele, Natália, Natiele e Paloma ficam no meio termo, pois consideram que *Maya* foi, ao mesmo tempo, vítima e culpada.

Contrastando com *Maya*, *Melissa*, do núcleo ocidental, teve suas atitudes reprovadas pelas telespectadoras. Apenas Cauane e Raquel aprovaram a personagem, pois consideraram que ela foi uma “mulher de atitude, decidida”. Ambas se confessam, em outras questões, vaidosas, e não se importaram com os cuidados permanentes de *Melissa* com a beleza. Bruna, Camila e Letícia mostram simpatia pela personagem, embora tenham criticado suas atitudes. Além das qualidades ressaltadas por Cauane e Raquel, Camila e Letícia a consideraram divertida, o que se refere aos frequentes exageros e extravagâncias da “madame”.

Ainda a respeito de *Melissa*, Carol, Emanuele, Lucielen, Natália, Natiele, Paola e Rafaela destacaram apenas os pontos negativos: sua futilidade, seu egoísmo e sua insensibilidade com as necessidades do filho esquizofrênico (*Tarso*), questões inadmissíveis para as sete jovens.

A Melissa é o tipo da mulher fútil, só pensa em beleza, em roupa, em joia, bem mulher fútil, bem sem noção, sem cultura, sem estrutura, sem inteligência, mulher bem que gosta de banalidade. Enquanto o filho dela tá com problema, ela tá pensando em botox, em cabelo, em roupa, joia, perfume, viagem, bem a madame mesmo. (Carol).

Aquilo lá é uma loucura, escondê que o filho dela tava doente e precisava de ajuda, ela simplesmente dizia que não. Aquilo lá pra mim é sem noção, vendo que o filho precisava de ajuda... (Natália)

A Melissa era muito fútil, ela só pensava nela, não via o problema do filho dela, não via nada, ela só olhava pra si mesma, pra beleza dela, e não se preocupava com os outros que tava na volta dela. (Natiele).

Eu acho que ela era mais doente do que o filho né? Porque quem era doente em tudo ali era ela, ela que não aceitava o tratamento pro filho. Ela teria que se colocá mais no lugar de mãe, não querê que o filho fosse o bonito da capa da revista, o perfeito. (Paola).

Ela é muito louca (risos), muito louca, ei! Ela só qué creminho, ela não tem noção do que acontece com o filho dela, ela só qué sabê de gastá dinheiro, sabe? (Rafaela).

Desse modo, fica claro que para as entrevistadas é papel principal de uma mulher ser uma mãe dedicada e atenta a seu filho. Na ótica delas, o egoísmo é uma grande falha moral, incompatível com a maternidade, ainda mais quando o aspecto colocado em relevo é a vaidade.

Por outro lado, para algumas entrevistadas, *Camila* “pecou pelo excesso”. A jovem largou sua vida no Brasil e decidiu casar com *Ravi* e morar na Índia com a família do marido.

Algumas entrevistadas (Carol, Cauane, Emanuele e Rafaela) consideraram-na romântica e determinada a fazer tudo por amor.

A Camila eu acho que lutô por aquilo que ela queria, né? Ela queria se casá com ele, ela acreditô no amor deles e ela foi até o final, né? Teve aquela briguinha entre eles, mas o amor deles foi maior. Então eu acho que ela lutô pelo amor que ela achava que era verdadeiro. (Emanuele).

A maior parte (Bruna, Camila, Letícia, Natália, Natiele, Paola e Raquel), porém, julgou-a infantil e precipitada. Seus momentos de indecisão e suas reclamações para *Ravi* e para a mãe e a irmã, no Brasil, não foram aprovadas.

Ai, é muito mimosa. Não gosto muito de olhá ela. Ai, ela não age como gente grande, parece uma criança, tudo ela reclama. (Bruna).

De maneira geral, percebe-se que há uma coerência entre aquilo que as entrevistadas julgam certo para suas vidas e a avaliação que fazem das personagens. É preciso pensar na família, colocar o filho na frente de tudo, mas é também necessário prestar atenção em si mesma, cuidar-se, zelar por sua felicidade, “ter atitude” e ser independente, o que não combina com ser submissa ou “largar tudo para ir atrás dum homem” (Natália).

O aspecto cômico da telenovela teve como um de seus principais representantes a personagem de *Norminha*. Ao mesmo tempo em que o modo como sua infidelidade foi representada divertiu as entrevistadas, suas traições foram criticadas (Bruna, Cauane, Lucielen, Natiele, Paola e Rafaela).

A Norminha, tá loco! Nem tem o que falá da Norminha. Norminha, tá loco! [...] Mais engraçada que todos da novela. (Lucielen).

A Norminha era legal (risos)... era legal. Eu gostava mais quando ela dava o leitinho pro Abelzinho (risos). Era legal, só que, por um lado, ela era errada, porque ela era casada, não devia fazê o que ela fazia, mas era divertido o papel dela. (Natiele).

Carol, Emanuele, Letícia, Natália e Raquel desaprovaram completamente a personagem, pois era “sem vergonha” (Emanuele), “falsa” (Natália e Raquel), “santinha”, “barraqueira” e “vileira” (Carol).

A Norminha é aquela mulher escandalosa, barraqueira, bem da vida mesmo, que traiu o marido, não tem educação, assim, não é uma mulher de fraquejo, é bem aquela mulher vileira mesmo, de vida, eu acho pelo menos. Ela é uma mulher leviana, que não mede as consequências das coisas que faz. (Carol).

Expressando um ponto de vista menos comum, Camila avalia que *Norminha* representava grande parte das mulheres brasileiras e era uma personagem positiva para as mulheres, pois “tá mostrando o que a mulher pode fazê, né?”

Suellen não teve nenhuma avaliação negativa, sendo destacada como uma mulher liberal, alegre, espontânea e determinada. A decisão por continuar trabalhando como balconista, mesmo após casar-se com um médico que poderia sustentá-la, foi a atitude de *Suellen* mais aplaudida pelas receptoras, sendo citada positivamente por todas, pois representou uma mulher independente e sem interesses financeiros no casamento. “Eu achei bem legal da parte dela continuá trabalhando, ela não se escorou no doutor” (Paola). A atitude destacada em *Suellen* pelas informantes alude ao que Mattos afirma sobre os relacionamentos amorosos de mulheres modernas, que veem o romance como um fim em si mesmo.

Todavia, *Suellen* também foi considerada intempestiva, “cabeça-dura” e preconceituosa. As primeiras características estão relacionadas com a atitude que a personagem tomou quando estava a caminho do casamento e decidiu não se casar com o *Dr. Castanho*, que organizara uma festa surpresa na clínica psiquiátrica. Ao optar por não casar, ela o fez evidenciou seu preconceito com doentes mentais. Isso ocasionou opiniões negativas das telespectadoras.

De forma mais geral, as leituras das informantes identificam a mulher de *Caminho das Índias* como prioritariamente dedicada à casa, filhos e marido. Essa imagem destaca-se no núcleo indiano, mas também é comum entre as representações de mulheres brasileiras. Entre as entrevistadas que não diferenciam a representação da mulher indiana a da brasileira, é salientado, o cuidado da casa (Bruna, Camila, Cauane, Lucielen e Rafaela), a mulher com atitude (Emanuele) e a trabalhadora (Letícia).

Acho que mais em casa, porque muito pouco se trabalha ali, mas é em casa, no serviço de casa que eles mostram mais. Na Índia é tudo bem dizê da casa, não trabalham fora. E no Brasil, a Sílvia não trabalha, a Yvone não trabalha, a Melissa não trabalha, aquilo é só comprando, né? Então eu acho que é mais dona de casa. (Camila).

As mulheres, elas tinham atitude, né? Com atitude, elas iam em frente naquilo que elas queriam, a Melissa era uma delas, né? Elas iam em frente, a Maya também. (Emanuele).

Bem na realidade assim, algumas das mulheres, porque a maioria das mulheres não precisa dependê do homem pra sustentá, tem que procurá um serviço pra trabalhá e se virá sozinha. E a mulher não é aquela coisa que era antigamente, que lugar de mulher era dentro de casa fazendo comida e lavando roupa, não, a mulher tem que se virá, tem que trabalhá pra tê alguma coisa. (Natiele).

As demais informantes distinguem as características da mulher que vive no Brasil das da que vive na Índia. Enquanto as brasileiras são independentes (Natiele e Paola), as indianas são submissas e vivem apenas para fazer as vontades do marido e da família deste (Carol e Paola).

Era mostrada na parte da Índia como a mãe, a dona de casa, deveria ficá só em volta dos filhos, do marido, eu acho que ali era mais a empregada da casa. Tinha tudo, tinha joia, mas ela teria que fazê tudo, ela não poderia trabalhá, não poderia estudá, não poderia fazê nada, só vivê em volta dos filhos e do marido. Já aqui, na parte do Brasil, tinha a parte legal da Duda, que ficô cuidando do filho sozinha, da mãe da Camila, que tomava conta das duas filha, trabalhava bastante, bem legal, mostrá pra mulher que ela pode tomá conta duma casa, tomá conta das filha sem dependê de ninguém. Achei bem legal. (Paola).

A novela ensinaria às mulheres, na perspectiva das jovens, valores modernos, relacionados a sua liberdade pessoal. Os principais ensinamentos são assim analisados: serem independentes (Lucielen, Natiele e Raquel), característica que está relacionada à vida profissional; terem atitude (Bruna e Emanuele), que diz respeito a não serem submissas; agirem da forma que desejarem, pois ninguém pode julgá-la (Camila e Natália); e serem guerreiras, que se refere a lutar por seus objetivos, pessoais e profissionais, mesmo que as circunstâncias dificultem que eles sejam alcançados.

Ser mulher nas novelas tem sido a mulher independente, tem mostrado muito a mulher independente, a mulher dona de seu nariz, a mulher que não precisa do homem. Eu acho errado colocar que a mulher não precisa do homem, né? Porque se a mulher não precisasse do homem, Deus teria feito só a mulher então. Então não tem lógica a mulher dizer que não precisa do homem, ou o homem dizê que não precisa da mulher, ambos, um tem que completar o outro na verdade. Eu acho assim, na área do trabalho, eu até entendo que a mulher seja independente, que a mulher tenha profissão, que ela siga sua carreira, independente do homem. Mas pessoalmente a mulher precisa do homem, é errado ela dizê que não. A novela tem mostrado esse lado, que a mulher não precisa de nada, é auto-suficiente. (Raquel).

Mostra que mulher trabalha, tem sua casa, tem sua vida, não precisa dependê só do homem. (Natiele).

Por outro lado, a telenovela também ensinaria as mulheres a “se preservarem”, mostrando sua dignidade moral (Cauane), e ofereceriam exemplos de mulheres submissas, que se importam apenas com casar e agradar o marido (Carol e Rafaela). “Na novela, mostra que a mulher tem que tá agradando o homem, mas, na minha opinião, acho que os dois tem

que sê tratado igual.” (Rafela). Há ainda a avaliação de Paola, que considera que a novela não ensina nada às telespectadoras.

Através dos apontamentos acerca da recepção da telenovela, percebemos que o programa dá indícios do que seriam relações mais igualitárias entre os gêneros. A telenovela faz chegar, de forma esparsa, uma ideologia da igualdade de gêneros, que, mesmo sendo problemática, é maior do que na realidade que as cerca. Entre as mediações empíricas estudadas – família, escola, classe social e telenovela – é a ficção seriada a que propõe um discurso feminino mais inovador. Esse discurso pouco se concretiza em prática, todavia, mesmo assim, é fundamental, pois também constitui a identidade feminina.

CONCLUSÃO

Estudar a identidade feminina é, primeiramente, buscar entender o que torna as mulheres seres específicos. Seu sexo importa, especialmente por legitimar as diferenças entre homens e mulheres, com as quais ambos conviverão durante a vida. Porém, é na cultura do cotidiano – da classe social, da família, da escola, da mídia, da igreja, do bairro – que as identidades são conformadas, negociadas, reajustadas. Importante atentar, no entanto, que, mesmo enquanto mulheres, não constituem um grupo homogêneo, isto é, não basta nascer mulher para constituir a identidade feminina.

Nesta pesquisa, buscamos compreender quais são e como atuam as fontes que farão parte dessa construção social do ser mulher. Recebe destaque especial o estudo do papel da telenovela nessa conformação: quisemos compreender em que medida o discurso da telenovela transmite um modelo de mulher, qual é esse modelo, e de que forma as entrevistadas apropriam-se dele.

A fim de sistematizar os resultados aqui apresentados, buscaremos responder – ou, ao menos, tecer apontamentos – às questões propostas ao longo do trabalho, tais como:

- 1) Quais as representações de gênero e de classe social apresentadas na telenovela?;
- 2) Quais as representações das entrevistadas acerca dos gêneros feminino e masculino e das classes sociais?;
- 3) Qual o papel das mediações *família, escola, classe social e telenovela* na conformação da identidade feminina?;
- 4) Como o discurso da telenovela é apropriado pelas garotas?

Primeiramente, as representações femininas na telenovela não têm variado significativamente ao longo dos tempos. Entre outros, o estudo de Jane Sarques, “A Ideologia Sexual dos Gigantes” (1986), apresenta uma análise que corrobora para comprovar essa padronização do modelo de mulher nas últimas décadas. Os resultados acerca da novela *Os Gigantes*, exibida há 30 anos, salientam a valorização do casamento e da maternidade para as mulheres, que, caso não se comportem como boas mães e esposas, ou decidam não se casar ou não ter filhos, serão castigadas. Em 2009, ainda se percebe destacada valorização do casamento e da maternidade, prêmios das mocinhas de *Caminho das Índias*. O papel da vida afetiva é expressivamente mais importante que o da vida profissional, tanto que as mulheres

de classes alta e média que trabalhavam antes do casamento largaram o emprego para se dedicarem exclusivamente à família.

Embora saibamos que a valorização do amor é, historicamente, protagonista do melodrama, essas representações apresentam aos receptores modelos, e ensinam – em conjunto com outras instituições – que o lugar da mulher casada é em casa, cuidando dos filhos e do marido. Permanece o ideal de felicidade feminina relacionado à esfera dos sentimentos, enquanto o homem encontra realização e reconhecimento na profissão – como *Bahuan*, que preferiu realizar-se profissionalmente a estar com *Maya*.

Desse modo, as representações hegemônicas dos gêneros, na telenovela, ainda relacionam *mulher – esfera privada* e *homem – esfera pública*. Há, contudo, exemplos de codificações negociadas e opositivas em *Caminho das Índias*. Respondem por essas representações alternativas as jovens *Leinha*, *Inês* e *Chanti*. As três foram solteiras e felizes durante toda a história, e colocavam o trabalho e o estudo em destaque, encontrando a realização através do sucesso profissional. Cabe destacar que as garotas eram secundárias na trama.

Na análise da categoria sexualidade, é mais comum, hoje, haver representações alternativas, sendo essa a maior diferença entre *Caminho das Índias* e *Os Gigantes*, uma vez que a última pregava a importância da virgindade e o sexo restrito ao casamento. *Norminha*, *Duda*, *Gabi*, *Tônia* e *Maya* são exemplos de personagens com atitudes mais modernas quanto à sexualidade. Apenas *Norminha*, entretanto, pode ser classificada como opositiva nesse aspecto, pois seu comportamento sexual coincidia com aquele que costuma ser atribuído aos homens: tinha um casamento feliz e, mesmo assim, traía em busca de prazer. Ademais, não foi castigada por sua infidelidade, continuando casada e traindo. A representação das demais personagens é negociada, pois, se, por um lado, mantinham relações sexuais antes do casamento, por outro, o sexo era restrito às relações amorosas, não lhes sendo permitido fazer sexo sem amor. Nesse aspecto, há uma divergência com a forma como os homens são ligados à sexualidade, sendo usual, para eles, separar o sentimento do prazer físico.

No tocante às representações das classes sociais, o hegemônico é ainda mais destacado. Assim, confirma-se a hipótese, expressa na introdução, de que a telenovela “apresenta uma codificação predominantemente preferencial no que diz respeito às relações entre as classes, mas negociada no tocante aos costumes.” (RONSINI *et al.*, 2009, p. 127). Podemos considerar negociadas as representações das relações de gênero ao levarmos em conta a existência de representações opositivas e negociadas, ao lado das majoritárias exposições hegemônicas. É importante salientar que a apresentação de comportamentos

negociados e opositivos serve como uma “via alternativa”, sem, todavia, ameaçar a preponderância das representações hegemônicas – tanto pela predominância quantitativa destas, quanto porque o alternativo é apresentado por personagens secundárias e por aquelas que não servem como exemplos de mulheres. Acerca da classe social, nem mesmo há uma “via alternativa”.

As representações das relações de classe social, em *Caminho das Índias*, seguem basicamente duas ideologias hegemônicas: a meritocrática, que afirma que a ascensão social depende exclusivamente do esforço pessoal; e a de dissimulação das diferenças de classe – mesmo ao mostrar o sistema de castas indiano, pois, contrastivamente, ressaltava a “ausência” de tal discriminação no Brasil. Ambas acobertam as desigualdades e as injustiças sociais.

Analisando a criticidade das entrevistadas acerca das representações de gênero e classe, apenas duas mostram-se críticas sobre as causas da pobreza. Cinco exibem leituras pouco críticas, e outras cinco, acríicas, pois colocam exclusivamente sobre os indivíduos pobres a responsabilidade por sua situação social. A maior parte delas, portanto, reproduz a ideologia do desempenho.

No que concerne às representações de gênero, demonstram maior criticidade do que acerca das causas da pobreza. Três jovens são críticas, seis são pouco críticas e outras três são acríicas acerca da dominação masculina. Ressalta-se que as garotas realizam um julgamento moral para com os dois gêneros que se assemelha, uma vez que não concordam com determinadas diferenciações entre homens e mulheres. Por outro lado, consideram que estar bela é uma obrigação feminina, mais que masculina, e avaliam que as mulheres se preocupam tanto com a aparência somente porque gostam e porque são naturalmente vaidosas.

O trabalho, para as garotas, é elemento importante para a realização pessoal, porém, não almejam a independência financeira. Pensam a profissão como um modo de estar fora de casa, convivendo com outras pessoas que não as de suas famílias, e o salário como forma de terem um dinheiro próprio para fazerem suas compras pessoais, sem necessitar pedi-lo ao marido. Pode-se refletir que esse pensamento refere-se ao contexto social em que estão inseridas, no qual o homem é o provedor e a mulher apenas contribui para a renda familiar. Quando a mulher é a responsável pelo sustento da casa, geralmente é devido à falta de um homem, o que não é o desejo delas. Preferem estar casadas e ter a proteção masculina.

Por seu turno, a maternidade é considerada o aspecto mais importante na vida de uma mulher, “parecendo estranho” quando uma mulher opta por não ser mãe. Cinco entrevistadas têm filhos, o que não ocorreu com o objetivo de realizar o sonho de ser mãe, visto que todas afirmaram que a gravidez não foi planejada. Todavia, sendo coerentes com o julgamento que

fazem de que a maternidade deve ser prioridade na vida de uma mulher, tiveram suas vidas transformadas após o nascimento dos filhos e dedicam-se à criação deles. Embora todas as jovens mostrem-se maduras para as idades que têm, isso se ressalta entre as que são mães, pois se viram obrigadas a assumir novas responsabilidades.

Apesar das informantes, com idade entre 16 e 24 anos, encontraram-se na faixa etária que o IBGE determina como juventude, suas leituras da televisão não diferem, significativamente, das de adultos, apresentadas em outros estudos. Suas vivências determinam as responsabilidades e os modos de encarar a vida. Sete informantes já não vivem na casa dos pais, sendo que apenas duas delas mudaram-se por motivos diferentes do casamento. Uma passou a residir na casa de uma amiga para ficar mais perto da escola e distanciar-se do ex-namorado. Outra, após perder a mãe, mudou-se para a casa dos tios e, em 2009, passou a morar com uma amiga. As demais saíram de casa, com 20 anos ou menos, para viver com os companheiros, sendo que somente uma não tomou a decisão por estar grávida.

Ter 20 anos hoje, contudo, possui especificidades que o cotidiano delas não apaga. Fazem parte de uma “geração midiática”, que cresceu cercada pelos meios de comunicação, como televisão, rádio, celular e videocassete/DVD. Apesar do uso da internet não se destacar entre as entrevistadas, recebem as influências desse meio, através do contato com outras pessoas ou mesmo através dos outros veículos de comunicação, como a TV. Além disso, quando comparadas com seus pais, ressalta-se o maior nível de escolaridade das jovens, permitido pelo crescimento do incentivo à educação formal no Brasil nas últimas duas décadas. São cerca de quatro anos a mais de estudo da geração atual, visto que a maioria dos pais parou de estudar por volta da quarta série do ensino fundamental. E, se o desejo das garotas se concretizar, essa diferença aumentará, já que todas ambicionam concluir, no mínimo, o ensino médio.

Ainda acerca das representações femininas efetuadas pelas informantes, um pensamento que se destaca entre as jovens é o desejo de “dar conta de tudo”, entendido por elas como ser boa mãe, boa esposa, boa dona de casa, trabalhar, estudar, “cuidar de si” e divertir-se. Conforme Mattos (2006) reflete, esse é um modelo feminino da classe média, que chega de forma residual a essas jovens, sendo, porém, apropriado de modo diferente. Entre as mulheres com melhores situações econômicas, é menor a importância de ser dona de casa, e aumenta o valor do trabalho, que será refletido, dentre outras formas, na busca por um salário maior. O “cuidar de si” também difere entre as classes. As entrevistadas falam em estar “ajeitadas”, “cheirosas” e “felizes com o que veem no espelho”, com cobranças menores em

relação à pele, ao cabelo e mesmo ao corpo. É menos comum entre as informantes, e pode-se dizer que para a classe popular em geral, a obsessão pela magreza – muitas vezes obtida, entre as mulheres com poder aquisitivo elevado, por meio de cirurgias plásticas –, o consumo de variados cosméticos e os cuidados diversos com a alimentação e a saúde.

Realizada essa síntese sobre as representações femininas das entrevistadas, buscaremos indicar como as mediações empíricas *família, escola, classe social e telenovela*, salientadas neste trabalho, contribuem para a conformação do comportamento e do modelo de mulher das jovens.

As mães são os exemplos de mulher, pelo espírito batalhador. Primeiramente, é importante destacar que essa é uma escolha natural, visto que o modelo feminino elementar é, geralmente, o materno. Ademais, admiram a garra das mães, que vivem com as dificuldades da classe popular e se sacrificam pela felicidade da família, valor passado às filhas. No entanto, apesar de considerarem exemplos, não querem viver como as mães. Ambicionam estudar mais, usufruir de uma condição financeira mais confortável, ter menos filhos e contar com um marido mais colaborativo.

A família, seja pelos exemplos ou pelas orientações explícitas, ensina as garotas a cuidarem de seu lar. Desempenhar bem as funções de mãe, dona de casa e esposa é o que os pais mais valorizam na educação das filhas. As jovens, assim como seus companheiros, cresceram vendo os homens pouco ou nada contribuírem nas tarefas domésticas, mesmo nas famílias em que as mães trabalham fora. Por isso, torna-se difícil não reproduzir uma sistemática em que a mulher realiza jornada dupla ou tripla (como no caso de Paola, que trabalha fora, estuda e cuida da casa, sem a ajuda do marido). Há, contudo, um ideal de relações domésticas mais igualitárias, que, como abordaremos adiante, tem a televisão como principal fonte.

Os recursos financeiros limitados das famílias, todavia, têm papel central na configuração das identidades. Destacamos que os modos de ser mulher estão atravessados de forma pungente pela classe social. É por pertencerem à classe popular que as jovens aprendem que:

- a mulher *tem que* cuidar da casa, já que não poderão ter empregada doméstica, e, por isso, desde cedo aprendem a cozinhar, lavar roupa e limpar a casa;
- o trabalho feminino dificilmente significará um reconhecimento social, pois não possuem uma carreira ou uma profissão, e, sim, um trabalho, muitas vezes temporário e mal-remunerado;

- a gravidez na adolescência é mais comum do que em classes abastadas, e acarreta transformações drásticas;
- a chance de pararem de estudar antes de completarem o ensino médio é grande, seja pela maternidade, pela necessidade de trabalhar – em casa, cuidando dos mais velhos e das crianças, ou fora, para contribuir com a renda doméstica –, pela discriminação escolar, pelo ensino básico deficiente – que poderá dificultar o acompanhamento da turma em uma escola de ensino médio do centro da cidade –, ou pela falta de exemplos de dedicação ao estudo;
- o casamento civil não é exigência, sendo, na verdade, exceção, visto a burocracia e os gastos envolvidos, optando-se por somente morar junto;
- as chances de não terem os pais presentes (física e/ou afetivamente) aumentam⁹², como é o caso da metade das entrevistadas;
- a televisão é a principal forma de lazer, dedicando-se, diariamente, muitas horas a seu consumo, em contraste a outras programações, como cinema e viagens, raridades entre as entrevistadas.

Retomando a ideia de Castells (2000) – em que relaciona as transformações ocorridas na vida feminina às instâncias economia e mercado de trabalho, crescimento dos movimentos sociais, cultura globalizada e controle da mulher sobre seu corpo –, é possível refletir sobre as mudanças vividas por mulheres de classe média/ alta e classe popular.

Em termos de mercado de trabalho, as mulheres de classe popular permanecem excluídas, mais que as mulheres de classe média e mais que os homens de classe popular. Essa exclusão se dá de três formas: ficam em casa, cuidando do lar e dos filhos; alternam períodos de trabalho e desemprego de forma mais acentuada que o homem da mesma classe; são exploradas em empregos com cargas horárias pesadas e salários baixos.

No que se refere a movimento sociais, é praticamente inexistente o envolvimento feminino com esses grupos de reivindicação pela igualdade de gênero. Ainda, as jovens de classe popular nem mesmo possuem conhecimento sobre esses movimentos e, ao discorrerem sobre as causas sociais pelas quais lutariam, não é mencionada a questão de gênero. É a

⁹² Toma-se a reflexão de Mattos (2006, p. 182) como referência para destacarmos a importância da presença dos pais no ambiente doméstico para a conformação identitária, e a ausência mais comum dos pais na classe popular. A autora afirma: “Ainda que a classe média esteja convivendo com mudanças na estrutura familiar, o que vem ocorrendo é a formação de novas configurações de família, e não a desagregação familiar, muito mais frequente na classe baixa. Mesmo que os pais de classe média não vivam juntos, isso não implica a perda de suporte e da referência de ambos os pais para os filhos”.

pobreza que recebe a atenção dessas mulheres como problema central, seja delas mesmas ou da população brasileira de forma geral. Com maior nível de instrução, é possível supor que a classe média tenha mais conhecimento sobre a causa feminista.

Em relação à cultura globalizada, que poderia levar a elas conhecimentos que colaborassem para sua “libertação”, seu acesso se dá pela televisão, que, como se analisou, transmite essa mensagem de modo discreto. A cultura da internet, por exemplo, mais plural em seu conteúdo, é menos democrática que a televisão em termos de consumo, e não faz parte do cotidiano de todas as entrevistadas. Contrasta, assim, com o contato com a cultura global permitido à classe média.

Por fim, entre as instâncias citadas por Castells, é a ciência, por meio da popularização de métodos de controle sobre o corpo feminino, que mais chega às entrevistadas. Embora quatro delas tenham engravidado com até 18 anos, há o conhecimento das possibilidades de contracepção, e é recorrente a preocupação para que outras, ou primeiras, gravidezes não ocorram. Mesmo assim, é maior o número de adolescentes grávidas entre os grupos menos favorecidos economicamente. Portanto, destacam-se as especificidades de ser mulher em um contexto de carência econômica, confirmando o que Mattos afirma: as conquistas femininas chegam de forma residual às classes mais baixas.

Se, de um lado, a classe social impõe restrições ao feminino⁹³, ensinadas pela família e confirmadas pela escola e outras instituições, de outro, a telenovela dá indícios do que seriam relações mais igualitárias entre os gêneros, influenciando, principalmente, os discursos femininos. A telenovela faz chegar, de forma esparsa, uma ideologia da igualdade de gêneros, que, mesmo sendo problemática, é maior do que na realidade que as cerca. Apesar desse discurso pouco se concretizar em prática, é fundamental, pois também constitui a identidade feminina. Segundo Charles,

As mulheres veem a rádio e a televisão como sua única possibilidade de somarem-se ao mundo, de conhecer outras realidades, outras maneiras de viver a vida e de enfrentar os problemas. Isso é sumamente valioso porque permite a elas contrastar e confrontar o que veem e escutam com seu próprio contexto e com sua vida. (CHARLES, 1996, p. 44).

Na novela, diferentes tipos de mulher se somam. Elas são mães e esposas, como *Maya*, que apresenta um exemplo de boa mãe, que é universal; são trabalhadoras, como

⁹³ Não estamos afirmando que para as mulheres de classe média as relações entre os gêneros são igualitárias, mas que, para além da submissão feminina que alcança todas as mulheres, as pobres sofrem ainda outras restrições.

Cema, mãe dedicada, chefe de família e pertencente à mesma classe social das entrevistadas, o que permite identificação pela proximidade social; são mães solteiras e têm nova chance no amor, como *Duda*, sendo essas características comuns as das entrevistadas; são alegres, festivas e bonitas, como *Suellen*, que ilustra a imagem da jovem mulher de classe popular.

Nesse sentido, o realismo, aspecto aspirado e alcançado nas telenovelas, na ótica das entrevistadas, permite que as jovens tenham uma aproximação entre o que veem na telinha e o que se deparam na vida real, servindo, assim, como lição de vida e exercendo uma função pedagógica. O papel socializador da TV é destacado por Ronsini (2000), que afirma que a televisão ensina como atuar em público, como falar e como se comportar diante de outras classes.

A identificação com as personagens das novelas, mesmo que parcial, existe. Mulheres “guerreiras” e humildes são o que há em comum entre as da ficção e elas. No entanto, o que mais se ressalta é uma projeção, não propriamente uma identificação. Querem ser o que veem, mas não são. Não se sabe até que ponto o mundo da TV serve como alento, mostrando representações felizes, ou como angústia, alimentando frustrações.

Enfim, considero que o esforço aqui empreendido não foi modesto. Refiro-me especialmente à tentativa de desenvolver o modelo de mediações de Martín-Barbero (1998), que, se levado ao extremo, significa o estudo de cada instância midiática. Por um lado, quanto mais abrangente, mais difícil obter-se êxito nos objetivos propostos e coerência no estudo como um todo, falha a que esse trabalho pode ter incorrido. Mais do que cumprir um objetivo feminino, característico do século XXI, de querer “dar conta de tudo”, ao qual eu, Carol, Natália, Paola (...) nos filiamos, este trabalho ensaia um modo de estudar a recepção e pensar a comunicação, que, esperamos, seja proveitoso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Heloisa Buarque de. **Telenovela, consumo e gênero**: “muitas mais coisas”. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

ANG, Ien. **Watching Dallas**: soap opera and melodramatic imagination. London/New York: Routledge, 1985.

_____. Feminist desire and female pleasure: on Janice Radway's Reading the Romance. In: **Living Room Wars**: rethinking media audiences for a postmodern world, p. 98-108. London: Routledge, 1996.

ASSIS, Regina de, TAVARES, Marcus. A criança e a TV no Brasil. **Rio Mídia**, 2007. Disponível em: <<http://www.multirio.rj.gov.br/portal/riomidia>>. Acesso em: 10 nov. 2007.

AZEVEDO, Camila *et al.* **Autores**. Histórias da Teledramaturgia. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2009.

BADINTER, Elizabeth. **Um amor conquistado**: O mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. 7 ed. 2 v. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BORELLI, Silvia Helena Simões. Telenovela brasileira: balanços e perspectivas. In: **XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação**. Campo Grande, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

_____. **Cultura y Comunicación**: entre lo global y lo local. La Plata: Ediciones de Periodismo y Comunicación, 1997.

_____. **La globalización imaginada.** Buenos Aires, Paidós, 2001.

CAPPARELLI, Sérgio; LIMA, Venício A. **Comunicação & televisão.** Desafios da pós-globalização. Rio de Janeiro: Hacker, 2004.

CARNEIRO, João Emanuel. João Emanuel Carneiro, autor de 'A Favorita': 'O telespectador não perdoa os ricos'. Entrevistadora: Patrícia Kogut. **O Globo - Revista da TV**, Rio de Janeiro, 16 ago. 2008.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

CHARLES, Mercedes. El espejo de Venus: Una mirada a la investigación sobre mujeres y medios de comunicación. **Signo y pensamiento**, n. 28, p. 37-50, 1996.

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e resistência.** Aspectos da cultura popular no Brasil. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.

DIAS, Valton Neto Chaves. **O consumo de música regional como mediador da identidade.** Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2009.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e a família burguesa. In: PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

ELIAS, Maria de Fátima. O adolescente diante da telenovela. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 11, 1998.

ENGELS, Friedrich. A família monogâmica. In: CANEVACCI, Massimo. **Dialética da Família:** Gênese, estrutura e dinâmica de uma instituição repressiva. 5 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. A Contribuição do Olhar Feminista. **Revista InTexto**, Porto Alegre, n. 3, 1998.

_____. **Cartografia dos Estudos Culturais.** Uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. Os estudos de recepção e as relações de gênero: algumas anotações provisórias. **Ciberlegenda**, Rio de Janeiro, v. 7, 2002.

_____. Circuitos de cultura/ circuitos de comunicação: um protocolo analítico de integração da produção e da recepção. **Comunicação, Mídia e Consumo**. São Paulo, v. 4, n. 11, p. 115-135, Nov. 2007.

_____. Quando a recepção já não alcança: Por uma revisão no objeto e método. In: **XVII Encontro da Compós**. São Paulo, 2008.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina; MESSA, Márcia Rejane. Os estudos de gênero na pesquisa em comunicação no Brasil. In: ESCOSTEGUY, Ana Carolina (Org.). **Comunicação e gênero** [recurso eletrônico]: a aventura da pesquisa. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

FELIPPI, Ângela C. T. **Jornalismo e identidade cultural**: construção da identidade gaúcha em Zero Hora. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2008.

FONSECA, Claudia. Mulher, mãe e pobre. In: PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

_____. Classe e a recusa etnográfica. In: BRITES, Jurema; FONSECA, Claudia (Orgs.). **Etnografias da participação**. Santa Cruz: EDUNISC, 2006.

FRANCHETTO, Bruna; CAVALCANTI, Maria Laura; HEILBORN, Maria Luiza. Antropologia e feminismo. In: FRANCHETTO, Bruna et al. (Org.) **Perspectivas antropológicas da mulher**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

GALEANO, Eduardo. A caminho de uma sociedade da incomunicação? In: MORAES, Dênis (Org.). **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.

GIDDENS, Anthony. **As transformações da intimidade**. Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Unesp, 1993.

GOMES, Itania M. **Efeito e Recepção**. A interpretação do processo receptivo em duas tradições de investigação sobre os media. Rio de Janeiro: E-papers Serviços Editoriais, 2004.

HALL, Stuart. The work of representation. In: Stuart Hall (Org). **Representation: Cultural representations and signifying practices**. London: Sage, 1997a, p. 13-64.

_____. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais de nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, 1997b.

_____. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomas Tadeu da. (Org.). **Identidade e diferença**. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000a.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000b.

HALL, Stuart; SOVIK, Liv (Org.). **Da diáspora**. Identidade e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HAMBURGER, Esther. **O Brasil Antenado**. A sociedade da novela. Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 2005.

_____. A expansão do "feminino" no espaço público brasileiro: novelas de televisão nas décadas de 1970 e 80. **Revista Estudos Feministas**, v. 15, n. 1, p. 153-175, 2007.

HARAWAY, Donna. "Gênero" para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 22, p. 201-246, 2004.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 10 out. 2007.

JACKS, Nilda. **Querência: Cultura Regional como Mediação Simbólica – um estudo de recepção**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

JACKS, Nilda; ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Comunicação e Recepção**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

JACKS, N. A.; MENEZES, Daiane; PIEDRAS, Elisa. **Meios e Audiências**. A emergência dos estudos de recepção no Brasil. Porto Alegre: Editora Sulina, 2008.

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, Estudos Culturais? In: Silva, T. T. **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Estudos Culturais: identidades e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru: Editora do Sagrado Coração, 2001.

KIM, Sujeong. Rereading David Morley's The 'Nationwide' Audience. **Cultural Studies**, v.18, n.1, p. 84-108, 2004.

LA PASTINA, Antonio C. Etnografia de audiência. Uma estratégia de envolvimento. In JACKS, Nilda; PIEDRAS, Elisa (Org.). **O que sabemos sobre as audiências?: estudos latino-americanos**. Porto Alegre: Armazém Digital, p.27-43, 2006.

LEAL, Ondina Fachel. **A leitura social da novela das oito**. Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. Etnografia da audiência: uma discussão metodológica. In: SOUSA, Mauro Wilton de (Org.) **Sujeito, o lado oculto do receptor**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2002.

LINS DA SILVA, Carlos Eduardo. **Muito além do Jardim Botânico**: Um estudo sobre a audiência do Jornal Nacional. São Paulo: Summus Editorial, 1985.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. Prefácio. In: JACKS, Nilda. **Querência**: Cultura Regional como Mediação Simbólica – um estudo de recepção. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

_____. Para uma revisão das identidades coletivas em tempo de globalização. In: LOPES, Maria Immacolata Vassalo de (Org.). **Telenovela**. Internacionalização e Interculturalidade. São Paulo: Loyola, 2004. p. 121-137.

_____. **Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2005.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de; BORELLI, Silvia Helena Simões; RESENDE, Vera da Rocha. **Vivendo com a telenovela**: mediações, recepção, teleficcionalidade. São Paulo: Summus, 2002.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **De los medios a las mediaciones**: comunicación, cultura y hegemonía. Barcelona: Gustavo Gili, 1987.

_____. De los medios a las practicas. In: **Cuadernos de Comunicación y prácticas sociales**, n. 1, p. 9-18, 1990.

_____. **Pré-Textos**. Calí: Centro Edit. Univ. del Valle, 1995.

_____. Prefácio à 5ª Edição Castelhana. In: **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2008 [1998].

_____. Recepción de medios y consumo cultural: travesías. In: SUNKEL, Guillermo. **El consumo cultural en América Latina**. Construcción teórica y líneas de investigación. Santafé de Bogotá: Convejo Andrés Bello, 1999.

_____. Prefácio. In: LOPES, Maria Immacolata Vassalo de; BORELLI, Silvia Helena Simões; RESENDE, Vera da Rocha. **Vivendo com a telenovela**: mediações, recepção, teleficcionalidade. São Paulo: Summus, 2002a.

_____. **Oficio de cartógrafo**. Travesías latinoamericanas de la comunicación en la cultura. Santiago de Chile: Fondo de Cultura Económica, 2002b.

_____. Uma aventura epistemológica. Entrevista a Maria Immacolata Vassalo de Lopes. **Matrizes**, ano 2, n. 2, 2009a.

_____. As formas mestiças da mídia. Pesquisador fez da América Latina laboratório de uma original teoria da comunicação no mundo globalizado. Entrevista a Mariluce Moura. **Pesquisa Fapesp**, 2009b.

MATA, Maria Cristina. Género, lenguaje, comunicación. **Signo y pensamiento**, n. 28, Universidad Javeriana: Facultad de comunicación y lenguaje, p. 67-74, 1996.

MATTOS, Laura. "Caminho das Índias" marca retorno das "licenças poéticas" de Gloria Perez. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 18 jan, 2009. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u491052.shtml>>. Acesso em: 18 jan. 2009.

MATTOS, Patrícia. A mulher moderna numa sociedade desigual. In: SOUZA, Jessé (Org.). **A invisibilidade da desigualdade brasileira**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

McANANY, Emile; LA PASTINA, Antonio. Pesquisa sobre audiência de telenovelas na América Latina: Revisão teórica e metodológica. **Revista Brasileira de Comunicação**, vol. XVII, n. 2, p. 17-37, 1994.

McROBBIE, Angela. Post-feminism and popular culture: Bridget Jones and the new gender regime. In: CURRAN, James; MORLEY, David. **Media and Cultural Theory**. London/New York: Routledge, 2006, p. 59-69.

MEIRELLES, Clara Fernandes. **Prazer e resistência**: A legitimação do melodrama nos contextos acadêmicos. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

MEMÓRIA GLOBO. **Dramaturgia**. Novelas. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,5273-p-19357,00.html>>. Acesso em 21 jan. 2010.

MESSA, Márcia Rejane Postiglioni. **As mulheres só querem ser salvas**: Sex and the City e o pós-feminismo. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, Porto Alegre, 2006.

_____. Os estudos feministas de mídia: Uma trajetória anglo-americana. In: ESCOSTEGUY, Ana Carolina (Org.). **Comunicação e gênero** [recurso eletrônico]: a aventura da pesquisa. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

MILIBAND, Ralph. Analisis de Clases. In: GIDDNES, Anthony et al. (Org.). **La teoría social, hoy**. Madrid: Alianza Editorial, 1990.

MORLEY, David. **Televisión, audiencias y estudios culturales**. Buenos Aires: Amorrortu, 1996.

_____. Unanswered questions in audience research. **Revista e-Compós**, ed. 6, 2006.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 9-41, 2000.

OROZCO, Guillermo. La audiencia frente a la pantalla. Una exploración del proceso de recepción televisiva. **Diálogos de la comunicación**, n. 30, FELAFACS, Lima, Peru, p. 54-62, 1991.

_____. Recepção televisiva y mediaciones. La construcción de estrategias por la audiencia. In: **Cuadernos de comunicación y prácticas sociales**, n. 2, p. 69-88, 1994.

_____. **La investigación en comunicación desde la perspectiva cualitativa**. La Plata: Universidad Nacional de la Plata, 1997.

_____. **Televisión, audiencias y educación**. Buenos Aires: Norma, 2001.

ORTIZ, Renato; BORELLI, Silvia Helena Simões; RAMOS, José Mário Ortiz. **Telenovela, história e produção**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

PEDRO, Joana Maria. Mulheres do Sul. PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

PEREZ, Glória. Glória Perez. Entrevistadora: Ana Paula Goulart *et al.* In: AZEVEDO, Camila *et al.*, **Autores**. Histórias da Teledramaturgia. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2009a.

_____. Dias de Glória. Glória Perez, a mais polêmica romancista brasileira, fala sobre TV e como superar a morte. Entrevistador: Ricardo Calil. **Revista Trip**, São Paulo, 10 ago. 2009b. Disponível em: <<http://revistatrip.uol.com.br/revista/180/paginas-negras/dias-de-gloria/page-2.html>>. Acesso em: 21 jan. 2010.

PERUZZOLO, Adair Caetano. **A Comunicação como encontro**. Bauru, Sp: EDUSC, 2006.

QUADROS, Waldir J. de; ANTUNES, Davi J. N. Classes sociais e distribuição de renda no Brasil dos anos noventa. **Cadernos do CESIT**, n. 30, 2001.

RADWAY, Janice. **Reading the Romance: Women, Patriarchy and Popular Literature**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1984.

RONSINI, Veneza Mayora. **Entre a capela e a caixa de abelhas: identidade cultural de gringos e gaúchos**. Tese (Doutorado em Sociologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP. São Paulo, 2000.

_____. **Mercadores de sentido: consumo de mídia e identidades juvenis**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

RONSINI, Veneza Mayora; SIFUENTES, Lírian; NEVES, Marco Antonio. Recepção das representações televisivas da pobreza. In: IX **Seminário Internacional de Comunicação**. Porto Alegre: PUC/RS, p. 150-160, 2007.

RONSINI, Veneza Mayora *et al.* Estudos de audiência e de recepção da telenovela: a juventude em cena. In: LOPES, Maria Immacolata Vassalo de (Org.). **Ficção televisiva no Brasil**: temas e perspectivas. São Paulo: Globo, 2009.

SANTA MARIA (RS). Prefeitura. **Aspectos Sociais e Economia**. Santa Maria, 2009. Disponível em <<http://www.santamaria.rs.gov.br>>. Acesso em: 4 mai. 2009.

SARQUES, Jane Jorge. **A ideologia sexual dos Gigantes**. Goiânia: Editora da Universidade Federal de Goiás, 1986.

SCOTT, Joan. Gender: a useful category of historical analysis. **The American Historical Review**, v. 91, n. 5, p. 1053-1075, 1986.

SEMPRINI, Andrea. **Multiculturalismo**. Bauru/SP: EDUSC, 1999.

SIGNATES, Luiz. Estudo sobre o conceito de mediação e sua validade como categoria de análise para os estudos de comunicação. In: SOUSA, Marcos Wilton de. **Recepção mediática e espaço público**. Novos Olhares. São Paulo: Paulinas, 2006.

SILVA, Renata Córdova da. **A telenovela através do olhar de chefes de família**. Monografia (Graduação em Comunicação). Universidade Federal de Santa Maria: Santa Maria, 2008.

SOUZA, Clovis Schimitt. **Estratégias de distinção entre moradores de periferia urbana: uma análise do caso da Vila Urlândia, Santa Maria/RS – Brasil**. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UFRGS. Porto Alegre, 2006.

SOUZA, Jessé. Por uma teoria da ação social da modernidade periférica. Um diálogo crítico com Florestan Fernandes. In: SOUZA, Jessé (Org.). **A invisibilidade da desigualdade brasileira**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

STOLKE, Verena. La mujer es puro cuento: la cultura del género. **Estudios Feministas**, Florianópolis, v.12, n.2, p. 77-105, 2004.

THOMPSON, John B. **A Mídia e a Modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 1998.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Teses e Dissertações em Comunicação no Brasil. Porto Alegre, 2009. Disponível em: <<http://www6.ufrgs.br/infotec/teses.htm>>. Acesso em 12 dez. 2009.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomas Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

APÊNDICE A – Entrevista aplicada I

Data: _____ Local: _____ Duração: _____
Nome: _____ Nome fantasia: _____

Juventude

1. O que é ser jovem?
2. Como é sua rotina?
3. Quais os principais assuntos que você conversa com suas amigas?
4. O que você costuma fazer nas horas de lazer? A que locais você vai?
5. Assinale as características que pertencem ao seu grupo de amizade:
 não dá bola pra roupa
 se vestem bem
 gostam de televisão
 estudam muito
 gostam do mesmo tipo de música
 são de classe média alta
 são de classe média
 são de classe média baixa
 são de classe baixa
 não têm relacionamentos sérios
6. Três coisas mais difíceis na vida de um jovem (por ordem)?
 escolher a profissão
 iniciar a vida sexual
 fazer vestibular
 conflitos familiares
 conflitos com amigos
 medo do desemprego
 dificuldades financeiras na família
 divórcio dos pais
 crise de depressão ou tristeza profunda
 morte de um amigo
 morte de um familiar
 fim do namoro
7. O que você mais aprecia em um homem (1º ao 7º)?
 corpo
 beleza do rosto
 simpatia
 educação
 sensibilidade
 ser um profissional bem sucedido
 bom gosto no vestir

Família

8. Conte um pouco da história de sua família:
9. Qual o maior aprendizado que a sua família lhe passa?
10. Como é sua relação com seus pais?
11. Que tipo de assuntos vocês costumam conversar?
12. Como é sua relação com seus irmãos?
13. Que tipo de assuntos você costumam conversar?
14. Quais programas de televisão você assiste com sua família?
15. Seus pais costumam comentar alguma coisa sobre os programas que você assiste?
16. Você costuma viajar com sua família? Para onde?
17. Os seus pais e irmãos se preocupam com as pessoas que vivem com dificuldades econômicas?
18. Como é a divisão de tarefas em sua casa?
19. Qual a diversão preferida do seu pai?
20. Qual a diversão preferida da sua mãe?
21. O que seus pais querem para seu futuro?

Educação

22. Conte um pouco da sua história na escola:
23. Qual foi o acontecimento mais marcante que você viveu na escola?
24. Coisas que atrapalham você na escola/universidade:
 - () não poder variar as roupas
 - () ser tímido
 - () morar em um bairro que as pessoas acham que é violento
 - () o corpo
 - () tirar boas notas
 - () tirar notas ruins
 - () não ser bem visto pelos professores
 - () ser mulher
25. Você acha que a tendência é o jovem, na escola/universidade, procurar conviver com pessoas do mesmo grupo social que o dele ou de um grupo diferente?
26. Os professores discutem a pobreza no Brasil? Como?
27. Por que os jovens estudam tão pouco?
28. O que o estudo representa para o seu futuro?
29. Que carreira você pretende seguir?

Classe social

30. Marque C se você concordar com a afirmação, e D se você discordar:

- () A classe média quer imitar o modo de vida dos ricos
- () Os pobres no Brasil têm as mesmas chances de subir na vida que as demais classes
- () Nenhum governo pode solucionar o problema da desigualdade econômica porque ela é consequência da diferença natural entre as pessoas
- () A televisão retrata com realismo os conflitos entre ricos e pobres
- () Ter dinheiro é uma questão de competência pessoal
- () Subir na vida é uma questão de competência pessoal
- () Os pobres são discriminados
- () As pessoas humildes não são bem aceitas nas relações sociais e acabam se separando da classe média e média-alta

31. Descreva o dia-a-dia de um jovem pobre:

32. Descreva o dia-a-dia de um jovem rico:

33. Que locais os jovens pobres e os jovens ricos costumam freqüentar em Santa Maria?

34. Por que alguns jovens não conseguem emprego?

35. É possível saber a origem social de uma pessoa sem conhecê-la?

36. Se você decidisse participar de algum tipo de organização ou movimento social, qual seria ou, pelo menos, qual objetivo ele teria?

37. Qual é a causa da pobreza no Brasil?

38. Como você se relaciona com pessoas de outras classes sociais?

Televisão

39. Qual o meio de comunicação que você mais usa?

40. Qual a importância da televisão na sua vida?

41. Você conseguiria viver sem televisão? E sem internet?

42. Você lembra da TV ter lhe ajudado a:

Refletir sobre algum assunto

Sonhar com algo

43. Quais seus programas de TV preferidos?

44. Qual foi a cena de telenovela que mais lhe marcou?

45. Você lê alguma revista ou acessa sites sobre novela?

46. Você assiste quais novelas atualmente?

47. Com que frequência você conversa sobre assuntos da telenovela com outras pessoas?

48. Do que trata a telenovela A Favorita/Caminho das Índias?

49. O que você acha da novela?

50. Qual seu personagem preferido? Por quê?

51. Você acha a novela realista?
52. Em A Favorita/Caminho das Índias, quais são os personagens pobres mais realistas e quais os menos realistas?
53. E quais são os personagens ricos mais realistas e quais os menos realistas da novela?
54. Como você gostaria que os pobres aparecessem nas telenovelas?
55. Você concorda com a imagem da mulher brasileira que é passada na televisão?
56. Como a mulher é retratada em A Favorita/Caminho das Índias?
57. Qual personagem de telenovela que você considera a típica mulher brasileira?
58. Você se identifica com a mulher que é retratada nas telenovelas?
59. O que você acha das cenas de sexo que aparecem nas telenovelas?
60. Você acha que as mulheres nas telenovelas são mais conservadoras ou mais liberais que as mulheres que você conhece?
61. Como você acha que a mulher que trabalha fora e a mulher dona de casa são retratadas nas novelas?
62. Qual seu ídolo da televisão? Por quê?

Gênero

63. Você já se sentiu discriminada? Por que motivo?
64. Para você, como é ser mulher hoje?
65. Como é a mulher brasileira?
66. Quais as melhores coisas de ser mulher?
67. E quais as piores coisas de ser mulher?
68. Qual sua opinião sobre virgindade?
69. O que você acha da mulher que trabalha fora e da mulher dona de casa?
70. Pensando no mundo de hoje, quais são as principais diferenças entre homens e mulheres?
71. Qual é o seu maior sonho?
72. Como você imagina sua vida daqui a 10 anos?

APÊNDICE B – Entrevista Aplicada II***Novela***

1. Do que trata a telenovela Caminho das Índias?
2. O que você acha da novela?
3. Qual seu personagem preferido? Por quê?
4. Você acha a novela realista?
5. O que você acha da Maya?
6. O que você acha da Melissa?
7. O que você acha da Norminha?
8. O que você acha da Camila?
9. O que você acha da Suellen?
10. Como a mulher é mostrada em Caminho das Índias?

Identidade feminina

11. O que é ser mulher para você?
12. Como deve ser uma mulher?
13. O que a sua família ensinou sobre ser mulher?
14. O que a escola ensina sobre as diferenças de ser homem e mulher?
15. O que a novela mostra sobre o que é ser mulher?
16. Qual seu exemplo de mulher?
17. Acha que existe uma obrigação de ser bonita? O que acha disso?
18. O que acha do homem que trai? E da mulher?
19. Já traiu ou já pensou em trair?
20. O que mais te incomoda ou te incomodaria em um homem?
21. Você gosta de ser mulher?
22. O que acha das mulheres que optam por não ser mãe? Conseguiria fazer isso?
23. O que você acha das mulheres que colocam o trabalho na frente de tudo? Faria isso?
24. Qual deve ser a prioridade de uma mulher?
25. Como é sua relação com seu pai? Com marido?
26. Acredita que o sofrimento faz parte da vida amorosa das mulheres mais que dos homens?
27. Você acha que aprende com a televisão? O quê?
28. Qual a melhor coisa da sua vida? Qual a pior?

APÊNDICE C – Formulário Sociocultural

Data: _____ Local: _____ Duração: _____
 Entrevistado: _____ Idade: _____ Telefone: _____

1. Equipamentos Bairro - Locais de serviços e lazer:

	Oferecidos	Freqüentados
CTG	()	()
Praça	()	()
Shoppings	()	()
Centro comunitário	()	()
Posto de Saúde	()	()
Escola	()	()
Supermercado	()	()
Bar	()	()
Armazém	()	()
Banco	()	()
Consultório médico	()	()

2. Residência - quantidade de itens de conforto

Freezer	_____	Celular	_____
Máquina de lavar louça	_____	Videogame	_____
Máquina de lavar roupa	_____	Banheiro	_____
Câmera Fotográfica	_____	Quarto	_____
Câmera filmadora	_____	Divide o quarto?	_____
Computador	_____	Sala de estar	_____
Microondas	_____	Sala de jantar	_____
Televisor	_____	Sala de TV	_____
Rádio	_____	Garagem	_____
Som com CD	_____	Churrasqueira	_____
Assinatura de TV	_____	Pátio	_____
Video cassete	_____	Carro	_____
DVD	_____	Casa/ Apartamento	_____
MP3/MP4	_____		

3. Renda familiar

Renda pai: _____ Renda mãe: _____
 Renda irmãos: _____ Renda pessoal: _____

4. Escolaridade

Pai: _____
 Mãe: _____

LAZER

5. Frequência das atividades semanais no tempo livre

Atividade	Nunca	Às vezes	Sempre
Visitas parentes			
Visitas amigos			
Rádio			
Jornal			
Revistas			
TV			
Internet			
DVD/Vídeo			
Cinema			
Teatro			
Show			
Esporte			
Bar			
Clube			
CTG			
Livros			

6. Frequência a shoppings

- diariamente
 de 2 a 3 vezes por semana
 1 vez por semana
 raramente

7. Motivo pelo qual vai ai shopping (1° ao 5°)

- compras
 cinema
 conversar com os amigos
 praça de alimentação
 namorar/paquerar

8. Frequência a espetáculos artísticos

Espectáculo	Semanalmente	Mensal	Quinzenal	Anual	Raramente	Nunca
Teatro						
Balé/ dança						
Exposições						
Shows						
Outro						

9. A maioria das pessoas do Brasil não vai ao teatro por quê?

- se sentiriam mal naquele ambiente
 não teriam roupas adequadas para ir
 não tem dinheiro para o ingresso
 Vão achar chato o espetáculo
 não saberiam se comportar
 seriam discriminados pelos ricos

10. Você conhece algum desses pintores

- Van Gogh
- Goya
- Kandinsky
- Andy Warhol
- Di Cavalcanti
- Salvador Dali
- Picasso

TELEVISÃO

11. Tempo de exposição à TV

Tempo	
Mais de 5 horas	
De 4 a 5 horas	
De 2 a 3 horas	
De 1 a 2 horas	
Menos de 1 hora	

12. Gêneros de programa que mais gosta

- desenho
- documentário
- esporte
- entrevista
- filme
- humorístico
- auditório
- musical
- noticiário
- telenovela
- talk-show

13. Que companhia costuma ter quando assiste TV

- Toda família
- Pais
- Irmãos
- Sozinho
- Namorado(a), noivo(a)
- Amigos

14. Canais mais assistidos (escolher três – marcar o preferido)

- | | |
|--|------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Globo | <input type="checkbox"/> Sony |
| <input type="checkbox"/> SBT | <input type="checkbox"/> TNT |
| <input type="checkbox"/> Bandeirantes | <input type="checkbox"/> Universal |
| <input type="checkbox"/> Record | <input type="checkbox"/> Warner |
| <input type="checkbox"/> Rede TV | <input type="checkbox"/> NatGeo |
| <input type="checkbox"/> MTV | <input type="checkbox"/> GNT |
| <input type="checkbox"/> Cartoon | <input type="checkbox"/> Telecines |
| <input type="checkbox"/> Discovery | <input type="checkbox"/> HBO |
| <input type="checkbox"/> Globo News | <input type="checkbox"/> CNN |
| <input type="checkbox"/> People and arts | <input type="checkbox"/> Fox |

CONSUMO CULTURAL/ MÍDIA

15. Hábito de leitura de revistas

Nome da revista: _____

- diariamente
 de 2 a 3 vezes por semana
 1 vez por semana
 raramente

16. Que revista gostaria de assinar? _____

17. Leitura de livros extra-escolares

Títulos e autores preferidos: _____

- diariamente
 de 2 a 3 vezes por semana
 1 vez por semana
 raramente

18. Qual o último livro que vocês leu? Quando foi? _____

19. Quantos livros você lê por ano? _____

20. Existe alguém na família que está sempre lendo ou que tem muitos livros? Quem? _____

21. Hábito de leitura de jornais

Nome do jornal: _____

- diariamente
 de 2 a 3 vezes por semana
 1 vez por semana
 raramente

22. Hábito de ouvir rádio

Emissora preferida: _____

- diariamente
 de 2 a 3 vezes por semana
 1 vez por semana
 raramente

23. Estilos musicais preferidos (escolher três)

- | | |
|-----------------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> axé | <input type="checkbox"/> sertanejo |
| <input type="checkbox"/> clássica | <input type="checkbox"/> gaúcha |
| <input type="checkbox"/> dance | <input type="checkbox"/> hiphop |
| <input type="checkbox"/> forró | <input type="checkbox"/> punk |
| <input type="checkbox"/> funk | <input type="checkbox"/> pop rock nacional/internacional |
| <input type="checkbox"/> pagode | <input type="checkbox"/> heavy metal |
| <input type="checkbox"/> samba | <input type="checkbox"/> reggae |

24. Hábito de ir ao cinema

Filmes que lembra: _____

- 1 vez por semana
 1 vez por mês
 raramente

25. Hábito de locar fitas DVD ou Vídeo

- algumas vezes por semana
 1 vez por semana
 quinzenalmente
 1 vez por mês
 raramente

26. Gêneros de filmes prediletos (escolher três)

- ação musicais
 aventura pornográfico
 comédia terror
 documentário suspense
 drama romance
 ficção científica

INTERNET

27. Hábito de usar o computador

- diariamente
 de 2 a 3 vezes por semana
 1 vez por semana
 fim de semana
 raramente

28. Tempo de exposição à Internet:

Tempo	
Mais de 5 horas	
De 4 a 5 horas	
De 2 a 3 horas	
De 1 a 2 horas	
Menos de 1 hora	

29. Atividades de uso do computador

- trabalho notícia
 trabalho de aula jogos
 Orkut vida de celebridades
 MSN cinema, shows, festas
 música empregos

30. Local de acesso do computador

- trabalho
 casa
 locais públicos
 escola
 casa de amigos

CONSUMO / CASA

31. Qual seu sonho de consumo de modo que possa usufruí-lo na/no/com:

casa _____
 trabalho _____
 festas _____

32. Marca de tênis que mais aprecia _____
33. Marca de tênis que mais usa _____
34. Marcas de roupas que mais aprecia _____
35. Marcas de roupas que mais usa _____
36. Produtos de marca são caros porque são de boa qualidade:
concorda () discorda ()
37. O importante para que você se sinta bem com uma roupa é que:
() seja diferente do que todos estão usando no momento
() siga a tendência da moda para não se sentir fora do seu tempo ou do grupo
38. Qual o produto que mais gostaria de comprar? _____
39. Qual o produto que compra com mais frequência? _____

40. Itens mais importantes em uma casa (escolher três)

- () limpeza
() mobília
() tamanho
() decoração
() ordem
() praticidade

41. Os móveis existentes na casa de pessoas ricas são:

- () comprados em lojas de antiguidades () difíceis de limpar
() de bom gosto () cheio de detalhes
() luxuosos () confortáveis

42. Quais as tarefas domésticas que realiza?

- () limpar o quarto () limpar a casa
() arrumar o guarda-roupa () limpar o jardim
() lavar a louça () recolher o lixo
() cozinhar () pagar contas

43. Ser bem sucedido profissionalmente depende de (escolher três):

- () saber falar corretamente () ter experiência de trabalho
() ter boa formação escolar () ter um diploma universitário
() conhecer pessoas importantes () ter sido aluno com notas excelentes na escola e na faculdade
() falar uma língua estrangeira () ter boa aparência
() ter conhecimentos de informática
() ter um parente/amigo influente

CORPO

44. Cuidados com a beleza

- () controla uso do açúcar () pratica esporte
() controla alimentos gordos () compra muitos produtos para tratar a pele e o cabelo
() vai ao cabeleireiro regularmente

45. Atividades físicas que pratica (x) e as que gostaria de praticar (y):

- () musculação () caminhadas
() natação () outro
() futebol Qual? _____
() vôlei

APÊNDICE D – Ficha técnica de telenovelas citadas nas entrevistas

A Favorita

Autoria: João Emanuel Carneiro
Direção geral: Ricardo Waddington
Período de exibição: 02/06/2008 – 16/01/2009
Horário: 21h
Nº de capítulos: 197

Caminho das Índias

Autoria: Glória Perez
Direção geral: Marcos Schechtman
Período de exibição: 19/01/2009 – 12/09/2009
Horário: 21h

Senhora do Destino

Autoria: Aguinaldo Silva
Direção geral: Wolf Maya
Período de exibição: 28/06/2004 – 12/03/2005. Reprisada em 2009
Horário: 21h
Nº de capítulos: 220

Mulheres Apaixonadas

Autoria: Manoel Carlos
Direção geral: Ricardo Waddington
Período de exibição: 17/02/2003 – 11/10/2003. Reprisada em 2008-2009
Horário: 21h
Nº de capítulos: 203

Três Irmãs

Autoria: Antonio Calmon
Direção geral: Dennis Carvalho
Período de exibição: 15/09/2008 – 11/04/2009
Horário: 19h
Nº de capítulos: 179

Negócio da China

Autoria: Miguel Falabella
Direção geral: Mauro Mendonça Filho
Período de exibição: 06/10/2008 – 16/03/2009
Horário: 18h
Nº de capítulos: 136

Paraíso

Autoria: Benedito Rui Barbosa
Direção geral: Mauro Mendonça Filho
Período de exibição: 16/03/2009 – 28/08/2009 (previsão)
Horário: 18h

Malhação

Autoria: Patrícia Moretzsohn
Direção geral: Marcos Paulo
Período de exibição: 17/04/1995 -
Horário: 17h30

Laços de Família

Autoria: Manoel Carlos
Direção geral: Ricardo Waddington, Rogério Gomes e Marcos Schechtman
Período de exibição: 05/06/2000 - 02/02/2001. Reprisada em
Horário: 21h
Nº de capítulos: 209

Mulheres de Areia

Autoria: Ivani Ribeiro
Direção geral: Wolf Maya
Período de exibição: 01/02/1993 – 25/09/1993. Reprisada em 2005
Horário: 18h
Nº de capítulos: 201

ANEXOS

ANEXO A – “A Favorita’ é fenômeno de audiência no Sul”

"A Favorita" é fenômeno de audiência no Sul, diz Daniel Castro
14 de julho de 2008

Apesar do desempenho abaixo da média histórica no eixo Rio-São Paulo, a novela "A Favorita", da TV Globo, vai bem no Ibope no Sul. Em Porto Alegre, é fenômeno de audiência e repercussão, onde tem até agora 52 pontos (é vista em 52% dos domicílios da região metropolitana), número dos sonhos de todo autor de novela.

A informação é da coluna Outro Canal, de Daniel Castro, publicada na Folha desta segunda-feira (14). O conteúdo completo da coluna está disponível apenas para assinantes do UOL e da Folha.

Segundo Castro, a trama escrita por João Emanuel Carneiro e dirigida por Ricardo Waddington também tem bom desempenho em Florianópolis (46 pontos) e Curitiba (42). Sua média nacional é de 37. Em SP e no Rio, tem 35.

A coluna afirma ainda que a principal explicação para o sucesso de "A Favorita" no Sul é econômica - os mais ricos adoram a novela, enquanto os mais pobres estão migrando para as tramas da Record.

Florianópolis, Curitiba e Porto Alegre estão entre as cinco capitais com maior incidência de classes A e B na população.

Fonte: Folha online

Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u422076.shtml>>

Acesso em: 14 jul. 2008

ANEXO B – “A vida sexual das heroínas”

Elas hoje são bem mais liberadas que nos primórdios das novelas. Mas persiste o tabu: ir para a cama com um homem, só por amor

- Marcelo Marthe

Lara (Mariana Ximenes), a patricinha da novela *A Favorita*, já bancou uma noitada num motel para o ex-namorado, o operário Cassiano. Com sua paixão atual, o golpista Halley (Cauã Reymond), viveu cenas tórridas no chuveiro de um vestiário. Os pombinhos dormem juntos e, nos próximos capítulos, passarão uns dias aos amassos num sítio. Lara, seus dois homens e a prostituta Céu (Deborah Secco) formam um quadrilátero amoroso. Entre eles, a palavra "preservativo" inexistente – o mesmo Halley que vai para a cama com Lara engravidou Céu. A personagem diz muito sobre a evolução sexual das mocinhas das novelas. Lara teve mais de um parceiro. Tudo o que faz é normal para os familiares. "Para uma paulistana de sua geração, ela é até casta", diz o roteirista João Emanuel Carneiro. Mas uma heroína tão soltinha seria impensável nas novelas de antigamente.

Nos anos 60, o sexo fora do casamento era pecado grave nos folhetins. Por engravidar solteira, a Maria Helena (Nathalia Timberg) de *O Direito de Nascer* (1964) sofreu um castigo: teve de virar freira. Até os anos 70, havia também os problemas com a censura. Em *Selva de Pedra* (1972), a vilã Fernanda (Dina Sfat) deitou-se com três homens – e terminou louca, pois os censores exigiram punição. Para as mocinhas, o sexo era ainda mais proibitivo. Só em 1979 a figura da donzela que fazia sexo apenas depois de casada (e de forma velada) foi questionada. Foi o ano do seriado *Malu Mulher* – em que Regina Duarte, ex-namoradina do Brasil, causou escândalo como uma mulher separada e liberal. Foi também o ano de *Pai Herói*, folhetim de Janete Clair que trazia uma heroína com um quê feminista. A bailarina Carina (Elizabeth Savala) chocou o público quando revelou ao homem com o qual se casara que tinha uma filha de uma relação anterior. "Carina foi o ponto de mutação das heroínas", diz o doutor em teledramaturgia Mauro Alencar. "Elas conquistaram definitivamente o direito de ter mais de um parceiro."

Dos anos 80 para cá, as novelas ganharam em realismo. Em *Vale Tudo* (1988), a mocinha interpretada por Lídia Brondi não só se permitiu ter mais de um homem: ela também arranjou um filho em esquema de "produção independente". Mesmo assim, a vida sexual das heroínas até aí era mais sugerida que explicitada. Isso mudou para valer só nos anos 90. A partir de então, tornou-se comum a coexistência de reprimidas e liberadas numa mesma novela. Em *Laços de Família* (2000), Vera Fischer envolvia-se com três parceiros, enquanto sua filha se mantinha fiel a um único amor.

Apesar das mudanças, as novelas atuais continuam a pagar pedágio aos velhos folhetins num aspecto: ainda é vedado às heroínas usar o sexo como arma. A manipulação do desejo é atributo negativo – e, como tal, terreno preferencial das vilãs. Tudo bem se uma maluca como a Nazaré de *Senhora do Destino* fosse sadomasoquista: era o que se esperava dela. A atual trama das 8 da Globo tem outro caso interessante: Dedina (Helena Ranaldi), a primeira-dama que trai o marido prefeito com um fortão. Embora ela não seja movida pela maldade, as espectadoras a veem como megera. Para evitarem a repulsa, as heroínas têm de seguir regras. Só podem ir para a cama por amor. Trair, nem pensar. Lara se entregou a Halley apenas depois de ver o ex com outra. "Não fosse assim, ela seria vista como desleal", diz Carneiro. Ou, como pondera o roteirista Silvio de Abreu: "A Lara provou, comparou e escolheu entre dois namorados. Mas fez isso com dignidade".

Fonte: Veja – Edição de 08/10/2008

ANEXO C – “Marido e monstro”

Léo, o pai de família violento de *A Favorita*, causa asco no público. Acabará humilhado por uma lésbica

- Marcelo Marthe

Divulgação TV Globo



CARA A BATER

Léo fustiga a mulher: o ator apanhou na rua

Numa cena que irá ao ar daqui a algum tempo na novela *A Favorita*, Léo – o marido machista e violento interpretado por Jackson Antunes – levará um fora de Stela (Paula Burlamaqui), a vizinha boazuda que ele vem azarando sem pudor diante dos filhos e da mulher, Catarina (Lilia Cabral). "Stela vai lhe dizer: 'Eu gosto é da Catarina, não de você'", adianta o roteirista João Emanuel Carneiro. O autor ainda não definiu no que vai dar essa investida lésbica ("Por enquanto, só consigo ver a Catarina como hétero"). Mas não deixa dúvida quanto ao destino do brutamonte: ele sofrerá uma punição severa. Léo é um personagem que causa asco no público. Ele trata a mulher como escrava e não perde a chance de humilhá-la. Ao flagrá-la dançando forró na casa do sogro (o dinossauro comunista Copola, interpretado por Tarcísio Meira), ordenou que a "vadia" voltasse para casa. Também não perdoou quando Catarina, cujo visual combina meio branco com chinelo, resolveu se arrumar um pouco: "Você, uma mulher bonita? Você bebeu?". O mais angustiante são as cenas em que Léo surra a mulher e os filhos: o menor perdeu a fala de tanto apanhar e a mais velha, a adolescente Mariana (Clarice Falcão), já levou um tabefe numa discussão. Na semana passada, depois de saber que a garota está grávida, a besta-fera proclamou: "A partir de hoje, não tenho mais filha".

Maridos violentos não são novidade nas novelas da Globo. Em *Mulheres Apaixonadas* (2003), de Manoel Carlos, o ator Dan Stulbach fazia um sujeito com pinta de galã e mente de psicopata que aplicava nada menos que raquetadas na mulher, vivida por Helena Rauldi. Manoel Carlos usou o tema para uma das suas campanhas de "merchandising social", dando voz a entidades que denunciavam a violência contra a mulher. Embora não pretenda fazer esse tipo de militância, Carneiro também expõe o problema com contundência. Catarina é uma mulher que se nega a ver a realidade.

Pode até ensaiar suas esperneadas, mas no fim abaixa a cabeça e volta para a "casinha", como diria Léo. Carneiro diz se inspirar nos dramas de duas ex-empregadas domésticas suas. "Uma delas contava que era empregada minha e do seu marido. A diferença é que, na minha casa, ela não apanhava", afirma.

Semanas atrás, Jackson Antunes pagou um preço por encarnar o monstro: um sujeito mais enfezado o agrediu e o ator sofreu uma trombose na perna esquerda. "Caí na gargalhada quando ele começou a me xingar, pois pensei que fosse uma pegadinha da turma do *Pânico*. E acabei levando um empurrão", diz. O mineiro de 48 anos tem outros tipos violentos no currículo – o matador Damião, de *Renascer* (1993), é um deles. Quando está "à paisana", curiosamente, Antunes é o antípoda disso, já que exibe um jeitão de caipira simpático (ele mora num sítio e adora plantas e bichos). Seu segredo é "se entregar loucamente", como diz, ao personagem. Para viver Léo, o ator engordou 14 quilos. "Não queria que as mulheres dissessem: 'Quero apanhar desse caboclo gostoso'", ele explica. Consciência social é isso aí.

Fonte: Veja – Edição de 03/09/2008

ANEXO D – “União de Maya e Raj aumenta ibope de ‘Caminho das Índias’”

União de Maya e Raj aumenta ibope de "Caminho das Índias"
18 de março de 2009

Amor proibido parece não ser mais fórmula de sucesso para as novelas. Pelo menos é o que vem mostrando a audiência recente de "Caminho das Índias", novela das 21h da Globo. A trama mostra nesta semana os preparativos do casamento --arranjado pelos pais-- entre Maya (Juliana Paes) e Raj (Rodrigo Lombardi).

Desde a última sexta-feira (13), a novela tem registrado audiência média de 36 pontos por dia. O número retoma o ibope da semana de estreia. O ibope chegou a cair para 33 pontos nas semanas seguintes. Cada ponto equivale a 60.000 residências da Grande São Paulo.

Os primeiros capítulos exploraram o relacionamento entre Maya e Bahuan (Marcio Garcia), que por ser de uma casta inferior à da jovem não poderia ficar com ela. Mas não foram só os deuses que rejeitaram a união, o público também não aprovou.

Sondagem recente da Globo mostrou que os telespectadores preferem o par formado por Maya e Raj --que também tem um amor proibido com uma brasileira, Duda (Tânia Kalil).

Se antes se estranhavam, agora, Maya e Raj demonstram disposição em aceitar a vontade dos pais. Ela confessou ao noivo que perdeu a virgindade. Ele não se importou com a revelação, só não sabe ainda que ela está grávida de Bahuan. No Brasil, sua ex-namorada também está grávida.

Quanto ao desprezado Bahuan, fica a dúvida para um destino consolador. Nos próximos capítulos, ele tentará em vão impedir o casamento, mas no final terá uma surpresa. Na tentativa de raptar Maya, encontrará outra mulher.

Fonte: Folha online

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u536761.shtml>

Acesso em: 18 mar. 2009

ANEXO E – “Globo estreia grade em alta; ‘Caminho das Índias’ bate recorde”

Globo estreia grade em alta; "Caminho das Índias" bate recorde
14 de abril de 2009

A Globo estreou nesta segunda-feira (13) a sua programação para este ano com bom resultado no Ibope.

A novela "Caminho das Índias", de Gloria Perez, conseguiu 42 pontos de audiência segundo dados consolidados, estabelecendo novo recorde da trama desde sua estreia.

"Caminho das Índias" já havia chegado aos 39 pontos, inclusive durante sua estreia, no dia 19 de janeiro, que foi a pior para uma novela de Perez. Ontem, a novela foi exibida de 20h56 a 22h14.

O recorde de audiência da novela, que também registrou uma alta participação de 61% dos televisores ligados sintonizados no canal, se beneficiou de uma noite especialmente boa para a Globo.

Exibida na "Tela Quente", a comédia "Se Eu Fosse Você", com Glória Pires e Tony Ramos, marcou 32 pontos de média e 55% de participação durante sua exibição, que foi de 22h14 a 0h10.

Ontem também foi a estreia de "Caras e Bocas", com Malvino Salvador e Flávia Alessandra, que ficou com 33 pontos de média. O remake de "Paraíso", de Benedito Ruy Barbosa, que andava entre 20 e 22 pontos de média, também registrou uma audiência melhor, de 25 pontos.

Fonte: Folha online

Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u550441.shtml>>

Acesso em: 14 abr. 2009.

ANEXO F – “Você não vale nada, mas eu gosto de você!”

“Você não vale nada, mas eu gosto de você!”

- Roberto DaMatta

26 de agosto de 2009

Toda novela diz muito. A de Gloria Perez, Caminho das Índias, tem uma música que é a mais perfeita fórmula para este Brasil que nos irrita, mas enreda e que, por isso mesmo e apesar de tudo, jamais tiramos da cabeça e do coração. Quando a Argentina chega ao auge de uma crise, eles largam o país afirmando que a grande nação do tango é "una mierda"! Nós, no período da hiperinflação, da moratória, do sequestro da poupança, do mensalão e das grandes roubalheiras, rasgávamos nossos passaportes e decidíamos ficar. Tal como os personagens da novela - o guarda de trânsito Abel, marido da traidora Norminha -, nós tínhamos de esperar "para ver no que dava". Para termos certeza de que o Brasil era mesmo um país sem solução; ou para sentirmos o dragão inflacionário nos devorar. Vivíamos, ao pé da letra, a letra da música do Dorgival Dantas, gravada por Calcinha Preta, que registra graficamente o drama entre Norminha e Abel: "Você não vale nada, mas eu gosto de você. (Mas) Tudo o que eu queria era saber por quê, tudo o que eu queria era saber por quê!"

Aí está, numa fórmula popular e abstrata, o que os grandes intérpretes do Brasil - Silvio Romero, Nina Rodrigues, Paulo Prado, Euclides da Cunha, Oliveira Viana, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Jr., Raymundo Faoro, Florestan Fernandes, Vianna Moog, Celso Furtado e quem mais você quiser - tentaram explicar ou compreender: as razões pelas quais este país tão erradamente construído (de nobres, escravos e capitalistas sem competição, impostos e mercado), tão malformado por "raças inferiores", tão desprovido de elites honradas e de estruturas legais, financeiras e de uma economia e vida política capaz de gerar equidade e honestidade; tão afeito a éticas anti-igualitárias como a da condescendência, do nepotismo e da malandragem, não se autodestruiu ou inspirava somente ódio, mas interpolava, entre o "você não vale nada, mas eu gosto de você", essa cláusula de todas as redenções: esse arrebataador, porque paradoxal e compassivo - "Tudo o que eu queria era saber por quê; tudo o que eu queria era saber por quê!"

Sim, porque enquanto houver o desejo de compreender o elo entre o traidor e o traído, enquanto existir a busca para as razões do comportamento de uma Norma sem normas (ou limites) e o puro pastor Abel (guarda de trânsito) que a deixou viver sem essa consciência de fronteiras, fonte de todas as sinceridades e foco indispensável de uma vida honesta, há que se ter consciência do que já experimentamos e realizamos. Refiro-me ao fato concreto de livrar o Brasil de alguns dos seus males ditos crônicos e seculares. Não foi o que fizemos quando, por exemplo, o tiramos da escravidão e do autoritarismo dos militares? Não foi o que realizamos quando, com o Plano Real, liquidamos o invencível dragão inflacionário? E não é o que hoje experimentamos neste governo do PT e do Lula que seria diferente, ideológico; que não roubava e deixava roubar; mas no qual vivemos uma extraordinária convergência não só de políticas econômicas, mas de estilos de governar no qual as coalizões espúrias e as ambições pessoais, a mentira e a mendacidade se repetem?

A desgraça é que o Brasil, como a Norminha, tem muitas faces. Há a que se livrou da hiperinflação com mais democracia, e há também a que corre o risco de liquidar-se no neocaudilhismo com a destruição de um partido ideológico, o PT, justamente pelo seu líder mais importante, o Lula, na sua sofreguidão de fazer um sucessor. Eu não tenho a menor simpatia pelo radicalismo petista, mas estimo instituições. Tenho certeza de que o Brasil revela uma enorme carência de equilíbrio entre personalidades e valores internalizados indispensáveis ao seu bem-estar social. Entre nós, basta um sujeito virar o "cara" para ele usar o execrável "Você sabe com quem está falando?" que, como eu (e não Gilberto Freyre, Caio Prado Jr. ou Sérgio Buarque de Holanda) mostrei há 30 anos, coloca de quarentena as reflexões mais inocentes sobre a implantação da "cidadania" moderna, inseparável do liberalismo. É necessário fazer como os estudiosos do Brasil que não o abandonaram à sua sorte de país errado ou falido, mas amorosamente procuraram saber onde estava o elo entre o enganado e o enganador. O amor, a esperança e a eventual transformação está na tentativa de saber por quê.

A beleza do laço entre Abel e Norminha reside no fato de que eles sabem que só se muda o que se ama. A tese do quanto pior melhor, que tanto animou a nossa esquerda, não funciona porque o conserto (ou a cura) é, entre os humanos, o limite. Não se trata somente de apontar a mendacidade do

governo ou de enterrar o senador Mercadante. Não! É preciso descobrir, como manda o Dorgival, o porquê desse nosso amor por um tipo de poder que faculta a hipocrisia, a chantagem emocional, a roubalheira, a incúria administrativa e todos esses outros monstros que conhecemos tão bem. Se esses caras não valem mesmo nada, não basta execrá-los. É preciso saber por que nós - estão aí as estatísticas - os amamos tão apaixonadamente.

Fonte: Caderno 2 - Estadão

Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/arteelazer,voce-nao-vale-nada-mas-eu-gosto-de-voce,424844,0.htm>>

Acesso em: 28 dez. 2009.